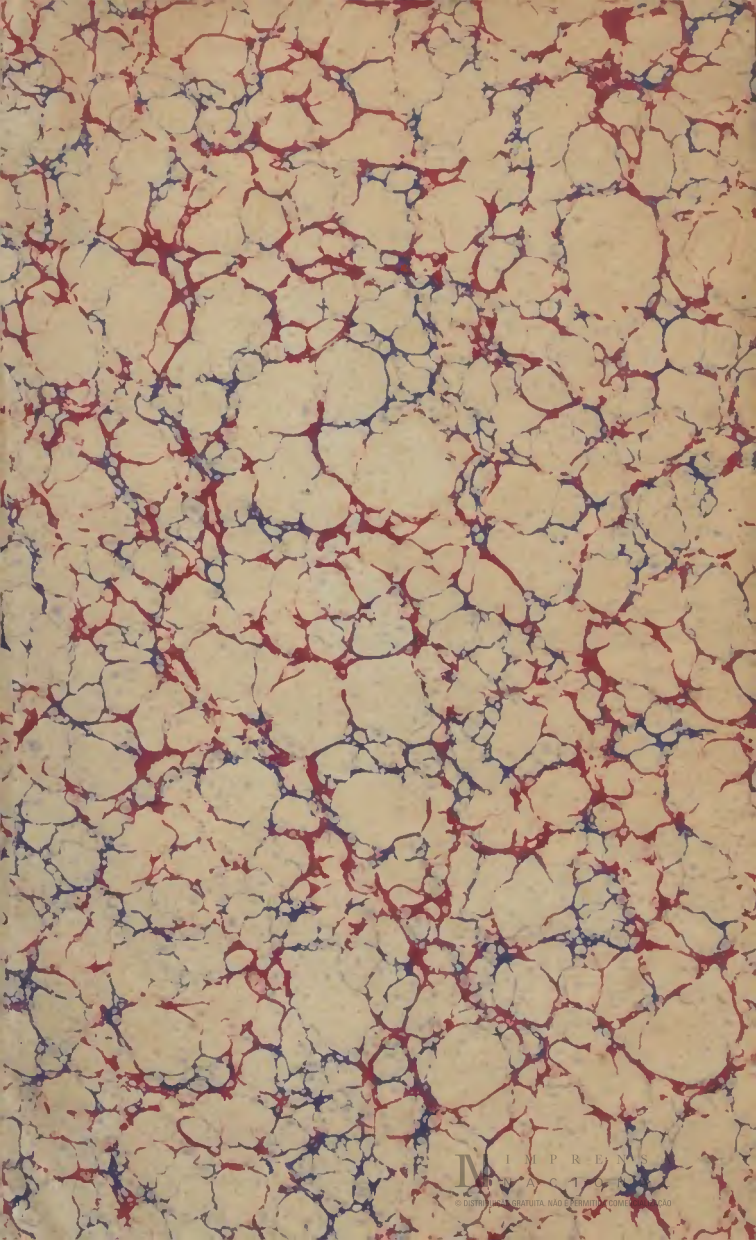


MIMPRESSA
NACIONAL
L

1960 - 1961 - 1962 - 1963 - 1964 - 1965 - 1966 - 1967 - 1968 - 1969 - 1970 - 1971 - 1972 - 1973 - 1974 - 1975 - 1976 - 1977 - 1978 - 1979 - 1980 - 1981 - 1982 - 1983 - 1984 - 1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 - 2005 - 2006 - 2007 - 2008 - 2009 - 2010 - 2011 - 2012 - 2013 - 2014 - 2015 - 2016 - 2017 - 2018 - 2019 - 2020 - 2021 - 2022 - 2023 - 2024 - 2025

IMPRESSÃO E PERMISSÃO DE REPRODUÇÃO



IMPRESSA
LITOGRAFICA

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, NÃO É PERMITIDA A CÓPIA

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO





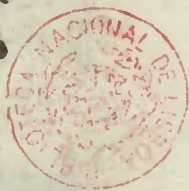
G. F. Machado f.

IMPRENSA
NACIONAL No Frontispício

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

DA ASIA
DE
JOÃO DE BARROS
E DE
DIOGO DE COUTO
NOVA EDIÇÃO
OFFERECIDA
A SUA MAGESTADE
D. MARIA I.
RAINHA FIDELISSIMA

&c. &c. &c.



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVIII.

Com Licença da Real Mesa Censoria, e Privilegio Real.

BIBLIOTECA DO POLITÉCNICO REPUBLICANO
THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

OFERTA

281304

2
72443

SENHORA

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ



O mesmo Real Decre-
to, por que o Senhor

REY D. JOSÉ I. Augusto Pai de
VOSSA MAGESTADE, foi servido

* ii

cre-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

crear a Regia Officina Typografica, foi tambem sabiamente ordenado, que nella se fossem reimprimindo os Authores mais classificados, e mais bem reputados da Historia Portugueza. Porque sendo toda a Historia, como observou Tullio, a directora da vida, e a mestra dos costumes; na Portugueza, onde se acham tão heroicos exemplos de virtude, honra, e valor, teriam os Vassalios util instrucção, a Patria especial gloria. Deo-se principio ao Real Projecto pelos Commentarios do governo, e acções do grande Afonso d'Albuquerque na India; pois que além de ser esta huma Obra mais pequena em volume, pareceo de mais a mais justo, que se dêsse a primazia da Impressão a quem a tivera no mere-

recimento. Seguíram-se as Decadas do insigne João de Barros, que agora tenho a honra de oferecer a VOSSA Magestade; e seguir-se-hão brevemente as de Diogo de Couto, que são continuação humas das outras.

He João de Barros sem controversia o Escriitor mais grave que tem a Historia Portugueza, ou se considere a grandeza da materia, ou a do estylo. A materia são os gloriosos descobrimentos de novas terras, e de novos climas, que os Capitães Portuguezes fizeram no espaço de cem annos, que decorrêram desde o Senhor REY D. JOÃO I. Fundador sempre memoravel da Serenissima Casa de Bragança, até o Senhor REY D. MANOEL seu benefico Ampliador, e Exaltador. Des-

cu-

cubrimentos tão ousados na empreza, tão vastos nos Dominios, tão felices no successo, que sem hyperbole se póde dizer, que á vista delles foi pouco quanto os antigos Gregos, e Romanos fizeram nas suas expedições militares do mar, e da terra. A grandeza do estilo he em tudo igual á dos feitos; de forte que na narração das Conquistas Portuguezas he João de Barros justamente comparado com Tito Livio entre os Latinos; não só por dividir em Decadas toda a sua Obra, mas tambem pelo igualar no modo grave, e fizado com que as escreveo.

Oh! se entre as urgentissimas, e contínuas occupações, que he forçoso executem cada dia as attensões de huma RAY-
NHA

NHA HEREDITARIA , quizesse a
boa ventura dar a VOSSA MAGES-
TADE alguns breves intervallos de
ocio para passar pelos olhos algu-
mas folhas das Decadas de João
de Barros, assim como os teve o
Senhor REY D. MANOEL para ou-
vir ler alguns cadernos do seu
Clarimundo!

Primeiramente no anno de
1420, admiraria VOSSA MAGES-
TADE a hum João Gonçalves Zar-
co dando princípio, com o descu-
brimento das Ilhas do mar Atlan-
tico, á navegação, e commercio
da Ethiopia, desde Guiné até os
Abixins. Admiraria, no anno de
1423, a hum Bartholomeu Dias
pondo varios Padrões do nome
Portuguez no grande Cabo de
Boa Esperança em distancia de
mil e quinhentas leguas do por-
to

to de Lisboa. Admiraria, no anno de 1497, a hum Vasco da Gama passando com hum Armada Real além do mesmo Cabo outras mil e quinhentas leguas, até ir arrostar a potencia, e soberba do Camorim de Calecut; assentar Tratados de commercio com os Reys de Cochim, Cananor, e Coulaõ; voltar a Lisboa carregado das especiarias, e drogarias do rico Malabar. Admiraria, no anno de 1500, a hum Pedralvares Cabral descobrindo nas Terras de Santa Cruz, ou do Brasil hum novo Mundo, de cujo ouro, e diamantes abunda hoje toda Europa. Admiraria, no anno de 1505, a hum Dom Francisco d'Almeida mettendo debaixo do jugo Portuguez os Reynos de Quiloa, e Mombaça;

ça; a seu filho D. Lourenço desbaratando as Armadas de Calecut; passando a Ceilão, e dando vista ás Maldivas. Admiraria finalmente desde o anno de 1508, até 1514, a hum Affonso d'Albuquerque fazendo tributarios á Coroa de Portugal os Reynos de Ormuz, Goa, e Malaca, e obrigando todo o Oriente a pagar pareas em pérolas, e rubins ao Senhor REY D. MANOEL.

Pela mesma lição recordaria VOSSA Magestade com que fundamento o Senhor REY D. JOÃO II. ajuntou aos antigos Titulos de REY de Portugal, e dos Algarves, o de *Senhor de Guiné*: Com que fundamento tambem o Senhor REY D. MANOEL accrescentou ao Titulo de *Senhor de Guiné* o outro ainda mais pom-
po-

poso , *da Conquista , Navegação ,
e Commercio da Ethiopia , Ara-
bia , Persia , e India.*

Pela mesma lição se faria pre-
sente a VOSSA MAGESTADE qual
fosse o princípio , e motivo das
muitas Doações , Honras , e Mer-
cês , com que os ditos Senhores
Reys agalardoáram os avultadif-
simos serviços daquelles Heroes ,
de que com razão se prezam de
ser Netos os que hoje fórmam a
Corte a VOSSA MAGESTADE.

Este he em somma , AUGUSTA
RAYNHA , o assumpto das De-
cadas de João de Barros , desem-
penhado por elle com huma exac-
ção , e pontualidade , que lhe
conciliam fé , e credito de Au-
thor original. Por aqui compre-
hende já VOSSA MAGESTADE qual
seja a importancia da Obra ; qual

a

a utilidade, que se póde esperar da sua reimpressão. Póde-se dizer, que estas Decadas são para VOSSA MAGESTADE os Titulos dos seus Dominios Ultramarinos: são para os Grandes do Reyno as provas dos seus illustres Avoengos.

Entre tanto, por mais esmerada que fosse a diligencia que puz em que huma tal Obra, tanto no affeio do papel, como na elegancia dos caracteres: tanto no bem tirado das effigies, como na exacção dos mappas, sahisse digna de apparecer na Real Presença de VOSSA MAGESTADE, eu reconheço, e confesso, que não he outro o meu merecimento, que o de obedecer ao que se me mandou. Ainda assim as experiencias que tenho da inna-
ta

ta Clemencia, e Real Grandeza de VOSSA Magestade me animam a confiar, que este mesmo desempenho do que era estreita obrigação minha, mo reputará VOSSA Magestade em serviço, para me continuar em todo o tempo os benignos effeitos da sua Real beneficencia; e protecção.

DE VOSSA Magestade

Lisboa 25 de Fevereiro de 1778.

Humilissimo servo
Nicoláo Pagliarini
Diretor geral da Regia Officina Typ.

DA ASIA
DE
JOÃO DE BARROS

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS
TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA PRIMEIRA

PARTE PRIMEIRA.

AO MUITO PODEROSO,

E

CHRISTIANISSIMO PRINCIPE

ELREY DOM JOAO

NOSSO SENHOR,

DESTE NOME

O TERCEIRO DE PORTUGAL

PROLOGO

DE JOÃO DE BARROS

EM AS PRIMEIRAS QUATRO DECADAS

DA SUA ASIA

Dos feitos que os Portuguezes fizeram no
descubrimto, e conquista dos mares,
e terras do Oriente.

TODALAS cousas, MUITO PO-
DEROSO REY, E SENHOR NOSSO,
tem tanto amor á conservação de seu
proprio ser, que quanto lhe he possi-
vel trabalham em seu modo por se fa-
zerem perpétuas. As naturaes, em que
sómente obra a Natureza, e não a in-
dustria humana, cada huma dellas em
si

P R O L O G O .

si mesma tem huma virtude generativa , que quando Divinamente são dispostas , ainda que periguem em sua corrupção , essa mesma Natureza as torna renovar em novo ser , com que ficam vivas , e conservadas em sua propria especie. E as outras cousas , que não são obras da Natureza , mas feitos , e actos humanos , estas porque não tinham virtude animada de gerar outras semelhantes a si , e por a brevidade da vida do homem , acabavam com seu author : os mesmos homens por conservar seu nome em a memoria dellas , buscáram hum Divino artificio , que representasse em futuro o que elles obravam em presente. O qual artificio , pero que a invenção delle se dê a diversos Authores , mais parece per Deos inspirado , que inventado per algum humano entendimento. E que bem como lhe aprouve , que mediante o padar , lingua , dentes , e beiços , hum respiro de ar movido dos bofes ; causado de huma potencia , a que os Latinos chamam *assatus* ,

P R O L O G O .

assistencia , e as fazem passar em futuro com sua multiplicação de annos em annos per modo mais excellente do que faz a Natureza ; pois vemos , que esta Natureza pera gerar alguma cousa , corrompe , e altera os elementos de que he composta ; e as letras , sendo elementos de que se compõe , e fórma a significação das cousas , não corrompem as mesmas cousas , nem o entendimento , (posto que seja passivo na intelligencia dellas pelo modo de como vem a elle ;) mas vam-se multiplicando na parte memorativa per uso de frequentação tão espirital em habito de perpetuidade , que per meio dellas no fim do Mundo tão presentes serão áquelles que então forem , nossas pessoas , feitos , e ditos , como hoje per esta custodia literal he vivo o que fizeram , e disseram os primeiros , que foram no principio delle . E porque o fruto destes actos humanos he mui differente do fruto natural , que se produz da semente das cousas , por este natural fenecer

no

P R O L O G O .

no mesmo homem ; perã cujo uso todas foram creadas ; e o fruto das obras delles he eterno ; pois procede do entendimento ; e vontade , onde se fabricam , e acceptam todas , que , por serem partes espirituaes , as fazem eternas : fica daqui a cada hum de nós huma natural , e justa obrigação , que assi devemos ser diligentes , e sollicitos em guardar em futuro nossas obras , pera com ellas aproveitarmos em bom exemplo , como promptos , e constantes na operação presente dellas pera commum , e temporal proveito de nossos naturaes . E vendo eu que nesta diligencia de commendar as cousas á custodia das letras , (conservadores de todas as obras ,) a Nação Portuguez he tão descuidada de si , quão prompta , e diligente em os feitos , que lhe competem per milicia , e que mais se préza de fazer , que dizer ; quiz nesta parte usar ante do officio de estrangeiro , que da condição de natural : Despoendo-me a escrever o que elles fizeram no descobrimento , e

P R O L O G O .

conquista do Oriente, por se não perderem da memoria dos homiens, que vierem depois de nós, tão gloriosos feitos, como vemos serem perdidos de vossos progenitores, maiores em louvor, do que lêmos em suas Chronicas, (segundo mostram alguns fragmentos de particulares escrituras.) E na acceptação deste trabalho, é perigo a que me dispuzo, antes quero ser tido por tão ousado, como foi o derradeiro dos trinta, e tantos Escritores, que escrevêram a passagem, e expedição, que Alexandre fez em Asia, o qual temeo pouco o que d'elle podiam dizer, tendo tantos ante si, que imitar o descuido de muitos, a quem este meu trabalho per officio, e profissão competia. Pois havendo cento e vinte annos, (por que de tantos trata esta escritura,) que vossas armas, e padrões de victorias têm tomado posse não sómente de toda a terra maritima de Africa, e Asia, mas ainda de outros maiores Mundos, do que Alexandre lamentava, por não

P R O L O G O .

ter noticia delles , não houve alguém ,
que se antremetteſſe a ſer primeiro neſ-
te meu trabalho , ſómente Gomes Eanes
de Zurara Chroniſta mór deſtes Rei-
nos em as couſas do tempo do Infãte
D. Henrique : (do qual nós confeſſamos
tomar a maior parte dos ſeus funda-
mentos , por não roubar o ſeu a cujo
he.) No commetter do qual trabalho,
vendo eu a mageſtade, e grandeza da
obra , não fui tão atrevido , que logó
como iſto deſejei puzeſſe mãos a ella,
antes tomei por cautela deſte commet-
timento uſar do modo , que tem os ar-
quitectores , os quaes primeiro que po-
nham mão na obra , a traçam , e debu-
xam , e de ſi apresentam eſtes deline-
amentos de ſua imaginação ao Senhor ,
de cujo ha de ſer o edificio ; porque
como eſta materia , de que eu queria
tratar , era dos triumphos deſte Reino,
dos quaes não ſe podia fallar ſem licen-
ça do Authór delles , que naquelle tem-
po deſte meu propoſito era El Rey Voſ-
ſo Padre , de glorioſa memoria : eſtando
Sua

P R O L O G O .

Sua Alteza em Evora o anno de quinhentos e vinte , lhe apresentei hum debuxo feito em nome de Vossa Alteza , porque com este titulo ante Elle fosse accepto : o qual debuxo não era alguma Batrachomimachia , guerra de rãs , e ratos , como fez Homero por exercitar seu ingenho ante que escrevesse a guerra dos Gregos , e Troyanos ; mas foi huma pintura metaphorica de exercitos , e victorias humanas , nesta figura racional do Emperador Clarimundo , titulo da traça , (conforme a idade , que eu então tinha ,) a fim de aparar o estilo de minha possibilidade pera esta Vossa Asia . A qual pintura , por ser em nome de Vossa Alteza , alli contentou a ElRey Vosso Padre , depois que soube ser imagem desta que ora trato , que logo me pagou meu trabalho , dizendo haver dias , que desejava estas cousas das partes do Oriente serem postas em escriptura ; mas que nunca achára pessoa de que o confiasse : que se me eu atrevia a esta Obra , (como

502

o de-

P R O L O G O .

o debuxo mostrava,) o meu trabalho não seria ante elle perdido. Por a qual confiança lhe beijei a mão per ante pessoas, que hoje são vivas, por a prática ser hum pouco alta, lendo-lhe eu hum, ou dous capitulos da mostra, e debuxo. E estando pera abrir os alicerces deste grande edificio, com o fervor da idade, e favor das palavras de confiança, que se de mim tinha, aprouve a Deos levar a ElRey Vosso Padre áquelle celestial assento, que se dá aos Catholicos, e Christianissimos Príncipes, com que fiquei suspenso desta empreza. Succedendo tambem logo prover-me Vossa Alteza dos officios de Thesoureiro da Casa da India, e Mina, e depois de Feitor das mesmas Casas; carregos, que com seu pezo fazem acurvar a vida, pois levam todos os dias della, e com a occupação, e negocio de suas Armadas, e Commercios afogam, e cativam todo liberal engenho. Mas parece que assi estava ordenado de fima, que não sómente me coubesse per
for-

P R O L O G O .

forte da vida os trabalhos de feitorizar os Commercios de Africa, e Asia; mas ainda escrever os feitos, que Vossos vassallos na milicia, e conquista dellas fizeram; porque correndo o tempo, e achando eu antre algumas cartas, que ElRey Vosso Padre ante da minha offerta tinha escrito a D. Francisco d'Almeida, e a Affonso d'Albuquerque, que conquistáram, e governáram a India, encommendando-lhe que miudamente lhe escrevessem as cousas, e feitos daquellas partes com tenção de as mandar poer em escrito, e que Vossa Alteza com a mesma tenção o anno de quinhentos trinta e hum tambem o escreveo a Nuno da Cunha, que naquelle tempo a governava, mandando-lhe sobre isto Regimentos feitos per Lourenço de Cáceres, a quem tinha encommendado a escritura destas partes, o que não houve effeito, e seria per ventura por elle falecer: determinci, por se não dilatar este desejo, que Vossa Alteza tinha, e eu pagar a confiança, que

P R O L O G O .

que ElRey Vosso Padre de mim teve, repartir o tempo da vida, dando os dias ao officio, e parte das noites a esta escriptura da Vossa Asia, e assi cunpri com o Regimento do officio, e com o desejo, que sempre tive desta empreza. E como os homens pela maior parte são mais prompts em dar de si frutos voluntarios, que os encommendados, imitando nisto a terra sua madre, a qual he mais viva em dar as sementes, que nella jazem per natureza, que as que lhe encommendamos per agricultura: parece que me obrigou ella a que patrizasse, e que per diligencia prevalecesse mais em mim a natureza, que della tenho, que quanto outros tem recebido per obrigação de officio, profissão de vida, e agricultura de beneficios; pois não tendo eu outra causa mais viva pera tomar esta empreza, que hum zelo da gloria, que se deve a Vossas armas, e fama a meus naturaes, que militando nellas vertêram seu sangue, e vida: fui o primeiro, que

P R O L O G O.

que brotei este fruto de escriptura desta
Vossa Asia, se he licito, por ser de ar-
vore agreste, rustica, e não agricultura-
da, poder merecer este nome de fruto
anté Vossa Real Magestade.

IN-

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÊM

NESTA PARTE I.

DA DECADE I.

LIVRO I.

- C**AP. I. *Como os Mouros vieram tomar Hespanha; e depois que Portugal foi intitulado em Reyno, os Reys delle os lançaram além mar, onde os foram conquistar, assi nas partes de Africa, como na de Asia: e a causa do titulo desta escritura.* Pag. 1.
- C**AP. II. *Das causas, que o Infante Dom Henrique teve pera descobrir a costa Occidental da terra de Africa: e como João Gonçalves, e Tristão Vaz descobriram a Ilha do Porto Sancto, por razão de hum temporal, que os alli levou.* 16.
- C**AP. III. *Como João Gonçalves, e Tristão Vaz, partido Bertolameu Perestrello, descobriram a Ilha, a que ora chamam da Madeira, a qual o Infante D. Henrique repartio em duas Capitánias: huma chamada do Funchal, que deo a João Gonçalves; e a outra Machico, que houve Tristão Vaz.* 29.
- C**AP. IV. *Das murmurações, que o povo do Reyno fazia contra este descobrimento:*

I N D I C E

to: e como havendo doze annos que nelle se proseguia , hum Gileanes passou o Cabo Bojador tão temeroso na opinião das gentes. 36.

CAP. V. Como o Infante mandou Afonso Gonçalves Baldaya seu Copeiro por Capitão de hum barinel , e Gilianes , o que passou o Cabo Bojador , em sua barca: e como tornáram segunda vez no anno seguinte: e da peleja que houveram com hums Alarves dous moços , que sabíram em terra. 43.

CAP. VI. Como Antão Gonçalves foi fazer matança de lobos marinhos: e das sabidas que fez em terra per si , e com Nuno Tristão , que depois se ajuntou com elle , em que tomáram doze almas : e do mais que passou Nuno Tristão. 48.

CAP. VII. Da supplicação , que o Infante fez ao Papa , e lhe concedeo: e da doação dos quintos , que lhe o Infante Dom Pedro seu irmão regente deste Reyno deo em nome delRey : e do que Antão Gonçalves , e Nuno Tristão passáram em a viagem que cada hum fez. 57.

CAP. VIII. Dos louvores , que o povo do Reyno dava ao Infante por este descobrimento: e como por sua licença os moradores de Lagos armáram seis caravelas: e do que passáram nesta ida. 65.

CAP.

DOS CAPITULOS

CAP. IX. Como Gonçalo de Sintra com outros foi morto na Angra, que se ora chama do seu nome: e da ida, que Antão Gonçalves fez ao rio do Ouro, e depois Nuno Tristão, onde tomou huma aldeia de Mouros: e como Diniz Fernandes passou a terra dos Negros, e descobrio o Cabo, a que agora chamamos Verde. 70.

CAP. X. Como Antão Gonçalves per mandado do Infante tornou a buscar João Fernandes, que ficou per sua vontade entre os Mouros: e do que passou nesta viagem, e assi os navios que com elle foram. 75.

CAP. XI. Da viagem, que fez Diniseanes com as caravelas, que de Lisboa foram em sua companhia: e do que fez o Capitão Lançarote com as quatorze caravelas de Lagos de sua capitania, em a qual viagem matáram, e cativáram muitos Mouros á custa da vida d'alguns nossos: e como Soeiro do Costa, tendo-se visto nos mais illustres feitos de Hespanha, nesta ida se fez Cavalleiro. 83.

CAP. XII. Como as Ilhas, a que ora chamam Canareas, foram descobertas per hum Fidalgo Francez, chamado Monsior João de Betancor: e depois o Infante D. Henrique teve o senhorio dellas, e converteo á Fé a maior parte dos seus po-

I N D I C E

- povoadores , e d'alguns costumes delles. 98.
- CAP. XIII. Como o Capitão Lançarote, depois que leixou estas caravelas de sua conserva , que se vieram pera o Reyno, com as outras que o seguiram , descobrio o grande rio ; a que ora chamamos Canagá , e dahi foi ter a huma ilheta pegada com o Cabo Verde. 108.
- CAP. XIV. Como Nuno Tristão , e dezoito homens foram mortos com herua das frechadas , que houveram em huma peleja com os negros em hum rio de Guiné , em que cntráram : e como passou Alvaro Fernandes além do Cabo Verde cem leguas : e do que tambem aconteceu a sinco caravelas, que foram a este descobrimento. 118.
- CAP. XV. Como o Infante mandou Gomes Pires ao rio do Ouro , onde cativou oitenta almas : e assi mandou a Diogo Gil assentar trato em Meça , e Antão Gonçalves ao mesmo rio do Ouro : e como veio a este Reyno hum gentil-homem da Casa del Rey de Dinamarca , com desejo de ver as cousas de Guiné , e o Infante o mandou em hum navio , e lá pereceo. 125.
- CAP. XVI. Das feições da pessoa do Infante D. Henrique : e dos costumes , que teve em todo o decurso de sua vida. 131.

DOS CAPITULOS

LIVRO II.

CAP. I. Como ElRey D. Afonso o Quinto deste nome houve posse da governança deste Reyno, por sabir da tutoria em que estava; però que o Infante Donz Henrique em quanto viveo profeguiu neste descubrimento, continuamos a historia com ElRey, e não com elle: e das causas que houve, porque não escrevemos mais feitos do tempo deste Rey. Pag. 136.

CAP. II. Como ElRey arrendou o resgate de Guiné a Fernão Gomes per tempo de cinco annos, com obrigação que neste tempo havia de descubrir quinhentas leguas de costa: e porque descobrio o resgate do ouro da Mina, foi dado a Fernão Gomes appellido da Mina com Armas desta nobreza. 141.

LIVRO III.

CAP. I. Como ElRey D. João, succedendo no Reyno per falecimento del Rey D. Afonso seu Pai, mandou logo huma grande Armada ás partes de Guiné a fazer o Castello, que agora chamamos de S. Forge da Mina, da qual Armada foi Capitão mór Diogo d'Azambuja: e

CO-

I N D I C E

- como se vio com Caramança Senhor daquelle lugar. Pag. 152.
- CAP. II. Do que respondeo o Principe Caramança ás palavras de Diogo d'Azambuja : e do consentimento que deo a se fazer a fortaleza , com a qual ficou a troco do Commercio assentado em paz até hoje. 162.
- CAP. III. Como foi descoberto o Reyno de Congo por Diogo Cam Cavalleiro da casa delRey : e além delle descobrio duzentas , e tantas leguas , em o qual descobrimento assentou tres Padrões , que foram os primeiros de pedra , das quaes terras trouxe algumas pessoas , que foram baptizadas por ElRey : e tambem foi descoberto o Reyno de Benij. 170.
- CAP. IV. Como ElRey , pelo que soube de João Afonso d'Aveiro , e assi dos Embaixadores , que elle trouxe do Reyno de Benij , mandou Bartholomeu Dias , e João Infante a descobrir , na qual viagem descobriram o grande Cabo de Boa Esperança. 181.
- CAP. V. Como ElRey mandou per terra dous criados seus , hum a descobrir os portos , e navegação da India , e outro com cartas ao Preste João : e como de Roma foi enviado a ElRey hum Abexij Religioso daquellas partes , por meio do qual

DOS CAPITULOS

qual elle tambem enviou algumas cartas
ao Preste. 193.

CAP. VI. Como hum Principe das partes
de Guiné chamado Bemoij veio a este Rey-
no, por causa de huma guerra que teve,
em que perdeu seu estado: e como ElRey
por o grande conbecimento que tinha del-
le, o recebeu, fazendo-lhe muita hon-
ra. 200.

CAP. VII. Como o Principe Bemoij recebeu
agua de Baptismo, e houve nome Dom
João Bemoij: e das festas, que ElRey
por sua causa mandou fazer: e assi fo-
ram feitos Christãos todos os outros que
vieram em sua companhia. 210.

CAP. VIII. Em que se descreve a terra,
que jaz entre os dous rios Canagá, e
Gambia, e do curso delles: e como Pero
Vaz Bisagudo, que levou o Principe Dom
João Bemoij, o matou mal, dizendo que
armava traição, a qual morte ElRey
muito sentio. 213.

CAP. IX. Como ElRey mandou o Embai-
xador, e moços, que vieram de Congo
em tres navios, de que era Capitão Gon-
çalo de Sousa Fidalgo de sua casa, em
companhia, do qual hiam Religiosos, e
Sacerdotes pera a conversão da gente
daquella parte, e da obra que fizeram té
a tornada dos navios. 224.

Tom. I. P. I.

CAP.

I N D I C E

- CAP. X. Como entre ElRey D. João de Congo, e seu filho o Principe D. Afonso houve algumas differenças, que se acabáram per falecimento do dito Rey: e ficou por herdeiro pácifico do Reyno este Principe D. Afonso, o qual té fim de seus dias fez obras de Chistianissimo Principe. 236.
- CAP. XI. Como a este Reyno veio ter hum Christovão Colom, o qual vinha de descubrir as Ilhas Occidentaes, a que agora chamamos Antilhas, por ser lá ido per mandado delRey D. Fernando de Castella: e do que ElRey D. João sobre isso fez, e depois per o tempo em diante succedeo sobre este caso. 245.
- CAP. XII. Do que succedeo por causa da grande Armada, que ElRey mandou em ajuda do Principe D. João Bemoiij, assinas lianças, e amizades, que ElRey teve com alguns Senhores do Sertão d'aquelle Guiné, como no descobrimento que teve delle per alguns homens, que lá mandou té o Nosso Senhor levar desta vida. 255.

CAP.

L I

DOS CAPITULOS

LIVRO IV.

- C**AP. I. Como ElRey D. Manuel no segundo anno do seu reinado mandou Vasco da Gama com quatro vélas ao descubrimento da India. Pag. 267.
- C**AP. II. Como Vasco da Gama partio de Lisboa : e do que passou té chegar ao Padrão, que Bartholomeu Dias poz além do Cabo de Boa Esperança. 276.
- C**AP. III. Como Vasco da Gama foi ferido em huma revolta, que os Negros da baia de Sancta Helena fizeram: e seguindo sua viagem, descobrio alguns rios notaveis té chegar a Mocambique. 284.
- C**AP. IV. Como depois que Vasco da Gama assentou paz com o Xequé de Moçambique, e elle lhe prometter Piloto pera o levar á India, se rompeo a paz: e do que sobre isso succedeo. 295.
- C**AP. V. Como o Xequé veio em concerto com Vasco da Gama, e lhe deo hum Piloto, que o levou té a Cidade Mombaça, donde fugio, a tempo que os Mouros da mesma Cidade lhe tinham ordenado huma traição, de que escapou, e dahi foi ter a Melinde. 305.
- C**AP. VI. Como Vasco da Gama chegou á Villa de Melinde, onde assentou paz com o Rey

I N D I C E

- o Rey della, e poz hum Padrão; e havido Piloto, se partio pera a India, aonde chegou. 313.
- CAP. VII. Em que se descreve o sitio da terra, a que propriamente chamamos India dentro do Gange, na qual se contém a Provincia chamada Malavar, hum dos Reynos da qual he o em que está a Cidade Calecut, onde Vasco da Gama aportou. 322.
- CAP. VIII. Como Vasco da Gama mandou recado a ElRey de Calecut, que era chegado ao porto de sua Cidade: e depois per sua licença se vio com elle duas vezes. 328.
- CAP. IX. Da consulta, que os principaes Mouros de Calecut tiveram sobre a ida de Vasco da Gama áquellas partes: e como o Camorij por causa delles o espedio. 340.
- CAP. X. Como per industria dos Mouros Vasco da Gama, e os que com elle estavam, foram retcudos: E depois de recolhido aos navios, e posto em terra Diogo Dias, e Alvaro de Braga, tambem foram presos, té que o Camorij mandou prover nisso, e os espedio de todo. 351.
- CAP. XI. Como Vasco da Gama se partio do porto de Calecut, e foi ter á Ilha Anchediva, onde veio hum Judeo, o qual Vas-

DOS CAPITULOS

Vasco da Gama prendeo, e elle se fez
Christão: e do mais que passou na sua
viagem té chegar ao Reyno. 358.

CAP. XII. Como ElRey D. Manuel em lou-
vor de Nossa Senhora fundou na sua Er-
mida de Bethlem, que estava em Rastel-
lo, hum sumptuoso Templo, que depois
tomou por jazigo de sua sepultura. 372.

L I V R O V.

CAP. I. Como ElRey por razão da no-
va, que D. Vasco da Gama trouxe
da India, mandou fazer hum Armada
de treze vélas, da qual foi por Capitão
mór Pedralvares Cabral. Pag. 378.

CAP. II. Como partido Pedralvares teve
hum temporal na paragem do Cabo Ver-
de; e seguindo sua derrota, descobrio a
grande terra, a que communmente cha-
mamos Brasil, á qual elle poz nome
Sancta Cruz: e como ante de chegar a
Moçambique, passou hum temporal, em
que perdeu quatro vélas. 386.

CAP. III. Como Pedralvares Cabral se vio
com ElRey de Quiloa; e do pouco que
acabou com elle, e depois foi ter a Me-
linda, onde ElRey o recebeu com muito
prazer, e dahi se partio pera a India. 398.

CAP. IV. Como Pedralvares chegou á Ilha
de

I N D I C E

de Anchediva , onde esteve alguns dias
 repairando-se do uccessario , e dahi che-
 gou a Calecut , onde per recados que te-
 ve com ElRey , concertáram ambos que
 se vissem. 407.

CAP. V. Como passáram as vistas entre
 ElRey , e Pedralvares Cabral : e a re-
 presaria , que per fim dellas houve de
 huma parte a outra por razão de huns
 arrefens : e per derradeiro concertados ,
 sabio Aires Correa em terra a fazer
 negocio. 414.

CAP. VI. Das paixões , e competencias ,
 que havia entre dous Mouros principaes
 de Calecut , donde se causou os nossos irem
 tomar huma não carregada de Elefantes ,
 que vinham de Cochij , e do que nisso
 passou. 424.

CAP. VII. Como por causa de huma não
 dos Mouros , que os nossos tomáram , a
 qual estava no porto de Calecut , cuidan-
 do estar carregada de pimenta , saltou
 todo o Gentio da Cidade com o favor dos
 Mouros , e matáram Aires Correa na
 casa da Feitoria com a maior parte dos
 que estavam com elle : e do que Pedral-
 vares fez sobre isso. 433.

CAP. VIII. Como Pedralvares Cabral foi
 ter a Cochij , onde o Rey da terra lhe
 deo carga de especiaria ; e estando já no
 fim

DOS CAPITULOS

fim della , veio sobre ella huma grossa Armada do Çamorij de Calecut , e o que nisso fez.

440.

CAP. IX. *Como Pedralvares foi ter a Cananor , onde ElRey lhe mandou dar a mais especiaria , que havia mister ; e repartido dalli , fez sua viagem pera Portugal : e do que passou no caminho té chegar a elle.*

453.

CAP. X. *Como , ante que Pedralvares chegasse a Portugal o Março daquelle anno , tinha ElRey enviado huma Armada de quatro ndos : e o que passáram nesta viagem , e na India , onde carregáram de especiaria.*

463.

DE-

IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



J.C. Silva f.

N IMPRENSA
NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

DA ASIA
DE
JOÃO DE BARROS
E DE
DIOGO DE COUTO
NOVA EDIÇÃO
OFFERECIDA
A SUA MAGESTADE
D. MARIA I.
RAINHA FIDELISSIMA

&c. &c. &c.



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVIII.

Com Licença da Real Mesa Censoria, e Privilegio Real.

BIBLIOTECA DO POLITÉCNICO REPUBLICANO
THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ
IMPRESSA
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

OFERTA

281304

79443
L

SENHORA

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ



O mesmo Real Decre-
to, por que o Senhor

REY D. JOSÉ I. Augusto Pai de
VOSSA MAGESTADE, foi servido

* ii

cre-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

crear a Regia Officina Typografica, foi tambem sabiamente ordenado, que nella se fossem reimprimindo os Authores mais classificados, e mais bem reputados da Historia Portugueza. Porque sendo toda a Historia, como observou Tullio, a directora da vida, e a mestra dos costumes; na Portugueza, onde se acham tão heroicos exemplos de virtude, honra, e valor, teriam os Vassalios util instrucção, a Patria especial gloria. Deo-se principio ao Real Projecto pelos Commentarios do governo, e acções do grande Afonso d'Albuquerque na India; pois que além de ser esta huma Obra mais pequena em volume, pareceo de mais a mais justo, que se dêsse a primazia da Impressão a quem a tivera no me-
re-

recimento. Seguíram-se as Decadas do insigne João de Barros, que agora tenho a honra de oferecer a VOSSA Magestade; e seguir-se-hão brevemente as de Diogo de Couto, que são continuação humas das outras.

He João de Barros sem controversia o Escriitor mais grave que tem a Historia Portugueza, ou se considere a grandeza da materia, ou a do estilo. A materia são os gloriosos descobrimentos de novas terras, e de novos climas, que os Capitães Portuguezes fizeram no espaço de cem annos, que decorrêram desde o Senhor REY D. JOÃO I. Fundador sempre memoravel da Serenissima Casa de Bragança, até o Senhor REY D. MANOEL seu benefico Ampliador, e Exaltador. Des-

cu-

cubrimentos tão ousados na empreza, tão vastos nos Dominios, tão felices no successo, que sem hyperbole se póde dizer, que á vista delles foi pouco quanto os antigos Gregos, e Romanos fizeram nas suas expedições militares do mar, e da terra. A grandeza do estilo he em tudo igual á dos feitos; de forte que na narração das Conquistas Portuguezas he João de Barros justamente comparado com Tito Livio entre os Latinos; não só por dividir em Decadas toda a sua Obra, mas tambem pelo igualar no modo grave, e fizado com que as escreveo.

— Oh! se entre as urgentissimas, e contínuas occupações, que he forçoso executem cada dia as attensões de huma RAY-
NHA

NHA HEREDITARIA , quizeſſe a
boa ventura dar a VOSSA MAGES-
TADE alguns breves intervallos de
ocio para paſſar pelos olhos algu-
mas folhas das Decadas de João
de Barros , aſſim como os teve o
Senhor REY D. MANOEL para ou-
vir ler alguns cadernos do ſeu
Clarimundo !

Primeiramente no anno de
1420 , admiraria VOSSA MAGES-
TADE a hum João Gonçalves Zar-
co dando princípio , com o deſcu-
brimento das Ilhas do mar Atlan-
tico , á navegação , e commercio
da Ethiopia , deſde Guiné até os
Abixins. Admiraria , no anno de
1423 , a hum Bartholomeu Dias
pondo varios Padrões do nome
Portuguez no grande Cabo de
Boa Esperança em diſtancia de
mil e quinhentas leguas do por-
to

to de Lisboa. Admiraria, no anno de 1497, a hum Vasco da Gama passando com hum Armada Real além do mesmo Cabo outras mil e quinhentas leguas, até ir arrostar a potencia, e soberba do Camorim de Calcut; assentar Tratados de commercio com os Reys de Cochim, Cananor, e Coulaõ; voltar a Lisboa carregado das especiarias, e drogarias do rico Malabar. Admiraria, no anno de 1500, a hum Pedralvares Cabral descobrindo nas Terras de Santa Cruz, ou do Brasil hum novo Mundo, de cujo ouro, e diamantes abunda hoje toda Europa. Admiraria, no anno de 1505, a hum Dom Francisco d'Almeida mettendo debaixo do jugo Portuguez os Reynos de Quiloa, e Mombaça;

ça ; a feu filho D. Lourenço des-
baratando as Armadas de Cale-
cut ; passando a Ceilão, e dan-
do visita ás Maldivas. Admiraria
finalmente desde o anno de 1508,
até 1514, a hum Affonso d'Al-
boquerque fazendo tributarios á
Coroa de Portugal os Reynos
de Ormuz, Goa, e Malaca, e
obrigando todo o Oriente a pa-
gar pareas em pérolas, e rubins
ao Senhor REY D. MANOEL.

Pela mesma lição recordaria
VOSSA Magestade com que fun-
damento o Senhor REY D. JOÃO
II. ajuntou aos antigos Titulos
de REY de Portugal, e dos Al-
garves, o de *Senhor de Guiné*:
Com que fundamento tambem o
Senhor REY D. MANOEL accres-
centou ao Titulo de *Senhor de*
Guiné o outro ainda mais pom-
po-

poso, *da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India.*

Pela mesma lição se faria presente a VOSSA MAGESTADE qual fosse o princípio, e motivo das muitas Doações, Honras, e Mercês, com que os ditos Senhores Reys agalardoáram os avultadifsimos serviços daquelles Heroes, de que com razão se prezam de ser Netos os que hoje fórmam a Corte a VOSSA MAGESTADE.

Este he em somma, AUGUSTA RAYNHA, o assumpto das Decadas de João de Barros, desempenhado por elle com huma exactão, e pontualidade, que lhe conciliam fé, e credito de Author original. Por aqui comprehende já VOSSA MAGESTADE qual seja a importancia da Obra; qual

a

a utilidade, que se póde esperar da sua reimpressão. Póde-se dizer, que estas Decadas são para VOSSA MAGESTADE os Titulos dos seus Dominios Ultramarinos: são para os Grandes do Reyno as provas dos seus illustres Avoengos.

Entre tanto, por mais esmerada que fosse a diligencia que puz em que huma tal Obra, tanto no asseio do papel, como na elegancia dos caracteres: tanto no bem tirado das effigies, como na exacção dos mappas, sahisse digna de apparecer na Real Presença de VOSSA MAGESTADE, eu reconheço, e confesso, que não he outro o meu merecimento, que o de obedecer ao que se me mandou. Ainda assim as experiencias que tenho da inna-
ta

ta Clemencia, e Real Grandeza de VOSSA Magestade me animam a confiar, que este mesmo desempenho do que era estreita obrigação minha, mo reputará VOSSA Magestade em serviço, para me continuar em todo o tempo os benignos effeitos da sua Real beneficencia, e protecção.

DE VOSSA Magestade

Lisboa 25 de Fevereiro de 1778.

Humilissimo servo
Nicoláo Pagliarini
Director geral da Regia Officina Typ.

AO MUITO PODEROSO,

CHRISTIANISSIMO PRINCEPE

EL REY DOM JOAO

NOSSO SENHOR,

DESTE REYNO

DA ASIA

DE

JOÃO DE BARROS

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS
TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA PRIMEIRA

PARTE PRIMEIRA.

ta Clemência, e Real Grandeza
de Vossa Magestade me mandam
e confiar, que elle me foy delem-
penho de que se foy obrigado
a fazer, e a cumprir, e a obedecer
a Vossa Magestade, e a cumprir
o que me mandou, e a cumprir
o que me mandou, e a cumprir

DA ASIA
D'ESTE REINO

JOÃO DE BARRROS

DOS REINHOS, QUE OS PORTUGUEZES TIVERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS
TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA PRIMERA
PARTE PRIMERA

AO MUITO PODEROSO,

E

CHRISTIANISSIMO PRINCIPE

ELREY DOM JOAO

NOSSO SENHOR,

DESTE NOME

O TERCEIRO DE PORTUGAL

PROLOGO

DE JOÃO DE BARROS

EM AS PRIMEIRAS QUATRO DECADAS

DA SUA ASIA

Dos feitos que os Portuguezes fizeram no
descubrimto, e conquista dos mares,
e terras do Oriente.

TODALAS cousas, MUITO PO-
DEROSO REY, E SENHOR NOSSO,
tem tanto amor á conservação de seu
proprio ser, que quanto lhe he possi-
vel trabalham em seu modo por se fa-
zerem perpétuas. As naturaes, em que
sómente obra a Natureza, e não a in-
dustria humana, cada huma dellas em
fi

PROLOGO.

si mesma tem huma virtude generativa, que quando Divinamente são dispostas, ainda que periguem em sua corrupção, essa mesma Natureza as torna renovar em novo ser, com que ficam vivas, e conservadas em sua propria especie. E as outras cousas, que não são obras da Natureza, mas feitos, e actos humanos, estas porque não tinham virtude animada de gerar outras semelhantes a si, e por a brevidade da vida do homem, acabavam com seu author: os mesmos homens por conservar seu nome em a memoria dellas, buscáram hum Divino artificio, que representasse em futuro o que elles obravam em presente. O qual artificio, pero que a invenção delle se dê a diversos Authores, mais parece per Deos inspirado, que inventado per algum humano entendimento. E que bem como lhe aprouve, que mediante o padar, lingua, dentes, e beiços, hum respiro de ar movido dos bofes, causado de huma potencia, a que os Latinos chamam *affatus*,

P R O L O G O .

assistencia , e as fazem passar em futuro com sua multiplicação de annos em annos per modo mais excellente do que faz a Natureza ; pois vemos , que esta Natureza pera gerar alguma cousa , corrompe , e altera os elementos de que he composta ; e as letras , sendo elementos de que se compõe , e fórma a significação das cousas , não corrompem as mesmas cousas , nem o entendimento , (posto que seja passivo na intelligencia dellas pelo modo de como vem a elle ;) mas vam-se multiplicando na parte memorativa per uso de frequentação tão espirital em habito de perpetuidade , que per meio dellas no fim do Mundo tão presentes serão áquelles que então forem , nossas pessoas , feitos , e ditos , como hoje per esta custodia literal he vivo o que fizeram , e disseram os primeiros , que foram no principio delle . E porque o fruto destes actos humanos he mui differente do fruto natural , que se produz da semente das cousas , por este natural fenecer

no

PROLOGO.

no mesmo homem ; pera cujo uso todas foram creadas ; e o fruto das obras delles he eterno , pois procede do entendimento , e vontade , onde se fabricam , e acceptam todas , que , por serem partes espirituaes , as fazem eternas : fica daqui a cada hum de nós huma natural , e justa obrigação , que assi devemos ser diligentes , e sollicitos em guardar em futuro nossas obras , pera com ellas aproveitarmos em bom exemplo , como promptos , e constantes na operação presente dellas pera commum , e temporal proveito de nossos naturaes. E vendo eu que nesta diligencia de commendar as cousas á custodia das letras , (conservadores de todas as obras ,) a Nação Portuguez he tão descuidada de si , quão prompta , e diligente em os feitos , que lhe competem per militia , e que mais se préza de fazer , que dizer ; quiz nesta parte usar ante do officio de estrangeiro , que da condição de natural : Despoendo-me a escrever o que elles fizeram no descobrimento , e

P R O L O G O .

conquista do Oriente, por se não perderem da memoria dos homens, que vierem depois de nós, tão gloriosos feitos, como vemos serem perdidos de vossos progenitores, maiores em louvor, do que lêmos em suas Chronicas, (segundo mostram alguns fragmentos de particulares escrituras.) E na acceptação deste trabalho, e perigo a que me dispuz, antes quero ser tido por tão ousado, como foi o derradeiro dos trinta, e tantos Escritores, que escrevêram a passagem, e expedição, que Alexandre fez em Asia, o qual temeo pouco o que d'elle podiam dizer, tendo tantos ante si; que imitar o descuido de muitos, a quem este meu trabalho per officio, e profissão competia. Pois havendo cento e vinte annos, (porque de tantos trata esta escritura,) que vossas armas, e padrões de victorias tem tomado posse não sómente de toda a terra maritima de Africa, e Asia, mas ainda de outros maiores Mundos, do que Alexandre lamentava, por não

P R O L O G O .

ter noticia delles , não houve alguem ,
que se antremetteffe a ser primeiro nes-
te meu trabalho , sómente Gomes Eanes
de Zurara Chronista mór destes Rei-
nos em as cousas do tempo do Infante
D. Henrique : (do qual nós confeffamos
tomar a maior parte dos seus funda-
mentos , por não roubar o seu a cujo
he.) No commetter do qual trabalho,
vendo eu a magestade, e grandeza da
obra , não fui tão atrevido , que logo
como isto desejei puzesse mãos a ella,
antes tomei por cautela deste commet-
timento usar do modo , que tem os ar-
quitectores , os quaes primeiro que po-
nham mão na obra , a traçam , e debu-
xam , e de si apresentam estes delinea-
mentos de sua imaginação ao Senhor ,
de cujo ha de ser o edificio ; porque
como esta materia , de que eu queria
tratar , era dos triunfos deste Reino,
dos quaes não se podia fallar sem licen-
ça do Author delles , que naquelle tem-
po deste meu proposito era ElRey Vof-
so Padre , de gloriosa memoria : estando

Sua

PROLOGO.

Sua Alteza em Evora o anno de quinhentos e vinte, lhe aprefentei hum debuxo feito em nome de Vossa Alteza, porque com este titulo ante Elle fosse accepto: o qual debuxo não era alguma Batrachomiomachia, guerra de rans, e ratos, como fez Homero por exercitar seu engenho ante que escrevesse a guerra dos Gregos, e Troyanos; mas foi huma pintura metaphorica de exercitos, e victorias humanas, nesta figura racional do Emperador Clarimundo, titulo da traça, (conforme a idade, que eu então tinha,) a fim de aparar o estilo de minha possibilidade pera esta Vossa Asia. A qual pintura, por ser em nome de Vossa Alteza, alli contentou a ElRey Vosso Padre, depois que foubeser imagem desta que ora trato, que logo me pagou meu trabalho, dizendo haver dias, que desejava estas cousas das partes do Oriente serem postas em escritura; mas que nunca achára pessoa de que o confiasse: que se me eu atrevia a esta Obra, (como

o de-

P R O L O G O .

o debuxo mostrava,)-o meu trabalho não feria ante elle perdido. Por a qual confiança lhe beijei a mão per ante pessoas, que hoje são vivas, por a pratica fer hum pouco alta, lendo-lhe eu hum, ou dous capitulos da mostra, e debuxo. E estando pera abrir os alicerces deste grande edificio, com o fervor da idade, e favor das palavras de confiança, que se de mim tinha, aprouve a Deos levar a ElRey Vosso Padre áquelle celestial assento, que se dá aos Catholicos, e Christianissimos Principes, com que fiquei suspenso desta empreza. Succedendo tambem logo prover-me Vossa Alteza dos officios de Thesoureiro da Casa da India, e Mina, e depois de Feitor das mesmas Casas; carregos, que com seu pezo fazem acurvar a vida, pois levam todos os dias della, e com a occupação, e negocio de suas Armadas, e Commercios afogam, e cativam todo liberal engenho. Mas parece que assi estava ordenado de fima, que não sómente me coubesse per
for-

P R O L O G O .

forte da vida os trabalhos de feitorizar os Commercios de Africa, e Asia; mas ainda escrever os feitos, que Vossos vassallos na milicia, e conquista dellas fizeram; porque correndo o tempo, e achando eu antre algumas cartas, que ElRey Vosso Padre ante da minha offerta tinha escrito a D. Francisco d'Almeida, e a Affonso d'Albuquerque, que conquistáram, e governáram a India, encommendando-lhe que miudamente lhe escrevessem as cousas, e feitos daquellas partes com tenção de as mandar poer em escrito, e que Vossa Alteza com a mesma tenção o anno de quinhentos trinta e hum tambem o escreveo a Nuno da Cunha, que naquelle tempo a governava, mandando-lhe sobre isto Regimentos feitos per Lourenço de Caceres, a quem tinha encommendado a escritura destas partes, o que não houve effeito, e seria per ventura por elle falecer: determinei, por se não dilatar este desejo, que Vossa Alteza tinha, e eu pagar a confiança, que

P R O L O G O .

que ElRey Vosso Padre de mim teve, repartir o tempo da vida, dando os dias ao officio, e parte das noites a esta escriptura da Vossa Asia, e assi cumpri com o Regimento do officio, e com o desejo, que sempre tive desta empreza. E como os homens pela maior parte são mais promptos em dar de si frutos voluntarios, que os encommendados, imitando nisto a terra sua madre, a qual he mais viva em dar as sementes, que nella jazem per natureza, que as que lhe encommendamos per agricultura: parece que me obrigou ella a que patrizasse, e que per diligencia prevalecesse mais em mim a natureza, que della tenho, que quanto outros tem recebido per obrigação de officio, profissão de vida, e agricultura de beneficios; pois não tendo eu outra causa mais viva pera tomar esta empreza, que hum zelo da gloria, que se deve a Vossas armas, e fama a meus naturaes, que militando nellas vertêram seu sangue, e vida: fui o primeiro, que

PROLOGO.

que brotei este fruto de escriptura desta
Vossa Asia, se he licito, por ser de ar-
vore agreste, rustica, e não agriculta-
da, poder merecer este nome de fruto
ante Vossa Real Magestade.

IN-

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM

NESTA PARTE I.

DA DECADEA I.

LIVRO I.

- C**AP. I. *Como os Mouros vieram tomar Hespanha; e depois que Portugal foi intitulado em Reyno, os Reys delle os lançaram além mar, onde os foram conquistar, assi nas partes de Africa, como na de Asia: e a causa do titulo desta escritura.* Pag. 1.
- C**AP. II. *Das causas, que o Infante Dom Henrique teve pera descobrir a costa Occidental da terra de Africa: e como João Gonçalves, e Tristão Vaz descobriram a Ilha do Porto Sancto, por razão de hum temporal, que os alli levou.* 16.
- C**AP. III. *Como João Gonçalves, e Tristão Vaz, partido Bertolameu Perestrello, descobriram a Ilha, a que ora chamam da Madeira, a qual o Infante D. Henrique repartio em duas Capitánias: huma chamada do Funchal, que deo a João Gonçalves; e a outra Machico, que houve Tristão Vaz.* 29.
- C**AP. IV. *Das murmurações, que o povo do Reyno fazia contra este descobrimento:*

I N D I C E

to: e como havendo doze annos que nelle se proseguia, hum Gileanes passou o Cabo Bojador tão temeroso na opinião das gentes. 36.

CAP. V. Como o Infante mandou Afonso Gonçalves Baldaya seu Copeiro por Capitão de hum barinel, e Gilianes, o que passou o Cabo Bojador, em sua barca: e como tornáram segunda vez no anno seguinte: e da peleja que houveram com huns Alarves dous moços, que sabíram em terra. 43.

CAP. VI. Como Antão Gonçalves foi fazer matança de lobos marinhos: e das sabidas que fez em terra per si, e com Nuno Tristão, que depois se ajuntou com elle, em que tomáram doze almas: e do mais que passou Nuno Tristão. 48.

CAP. VII. Da supplicação, que o Infante fez ao Papa, e lhe concedeo: e da doação dos quintos, que lhe o Infante Dom Pedro seu irmão regente deste Reyno deo em nome delRey: e do que Antão Gonçalves, e Nuno Tristão passáram em a viagem que cada hum fez. 57.

CAP. VIII. Dos louvores, que o povo do Reyno dava ao Infante por este descobrimento: e como por sua licença os moradores de Lagos armáram seis caravelas: e do que passáram nesta ida. 65.

CAP.

DOS CAPITULOS

CAP. IX. Como Gonçalo de Sintra com outros foi morto na Angra, que se ora chama do seu nome: e da ida, que Antão Gonçalves fez ao rio do Ouro, e depois Nuno Tristão, onde tomou huma aldea de Mouros: e como Diniz Fernandes passou a terra dos Negros, e descobrio o Cabo, a que agora chamamos Verde. 70.

CAP. X. Como Antão Gonçalves per mandado do Infante tornou a buscar João Fernandes, que ficou per sua vontade entre os Mouros: e do que passou nesta viagem, e assi os navios que com elle foram. 75.

CAP. XI. Da viagem, que fez Diniseanes com as caravelas, que de Lisboa foram em sua companhia: e do que fez o Capitão Lançarote com as quatorze caravelas de Lagos de sua capitania, em a qual viagem matáram, e cativáram muitos Mouros á custa da vida d'alguns nossos: e como Soeiro do Costa, tendo-se visto nos mais illustres feitos de Hespanha, nesta ida se fez Cavalleiro. 83.

CAP. XII. Como as Ilhas, a que ora chamam Canareas, foram descobertas per hum Fidalgo Francez, chamado Monsior João de Betancor: e depois o Infante D. Henrique teve o senhorio dellas, e converteo á Fé a maior parte dos seus
po-

I N D I C E

povoadores , e d'alguns costumes del-
les. 98.

CAP. XIII. Como o Capitão Lançarote ,
depois que leixou estas caravelas de sua
conserua , que se vieram pera o Reyno ,
com as outras que o seguiram , descobrio
o grande rio , a que ora chamamos Ca-
nagá , e dahi foi ter a huma ilha pe-
gada com o Cabo Verde. 108.

CAP. XIV. Como Nuno Tristão , e dezoito
homens foram mortos com herua das fre-
chadas , que houveram em huma peleja
com os negros em hum rio de Guiné , em
que entraram : e como passou Alvaro Fer-
nandes além do Cabo Verde cem leguas :
e do que tambem aconteceu a cinco cara-
velas , que foram a este descobrimento. 118.

CAP. XV. Como o Infante mandou Gomes
Pires ao rio do Ouro , onde cativou oi-
tenta almas : e assi mandou a Diogo Gil
assentar trato em Meça , e Antão Gon-
çalves ao mesmo rio do Ouro : e como
veio a este Reyno hum gentil-homem da
Casa delRey de Dinamarca , com desejo
de ver as cousas de Guiné , e o Infante
o mandou em hum navio , e lá pereceo. 125.

CAP. XVI. Das feições da pessoa do In-
fante D. Henrique : e dos costumes , que
teve em todo o decurso de sua vida. 131.

LIVRO II.

CAP. I. Como ElRey D. Afonso o Quinto deste nome houve posse da governança deste Reyno, por sabir da tutoria em que estava; però que o Infante Dom Henrique em quanto viveo proseguio neste descubrimento, continuamos a historia com ElRey, e não com elle: e das causas que houve, porque não escrevemos mais feitos do tempo deste Rey. Pag. 136.

CAP. II. Como ElRey arrendou o resgate de Guiné a Fernão Gomes per tempo de cinco annos, com obrigação que neste tempo havia de descubrir quinhentas leguas de costa: e porque descobrio o resgate do ouro da Mina, foi dado a Fernão Gomes appellido da Mina com Armas desta nobreza. 141.

LIVRO III.

CAP. I. Como ElRey D. João, succedendo no Reyno per falecimento del Rey D. Afonso seu Pai, mandou logo huma grande Armada ás partes de Guiné a fazer o Castello, que agora chamamos de S. Forge da Mina, da qual Armada foi Capitão mór Diogo d'Azambuja: e

CO-

como se vio com Caramançã Senhor daquelle lugar. Pag. 152.

CAP. II. Do que respondeo o Principe Caramançã ás palavras de Diogo d'Azambuja : e do consentimento que deo a se fazer a fortaleza , com a qual ficou a troco do Commercio assentado em paz até hoje. 162.

CAP. III. Como foi descoberto o Reyno de Congo por Diogo Cam Cavalleiro da casa delRey : e além delle descobrio duzentas , e tantas leguas , em o qual descobrimento assentou tres Padrões , que foram os primeiros de pedra , das quaes terras trouxe algumas pessoas , que foram baptizadas por ElRey : e tambem foi descoberto o Reyno de Benij. 170.

CAP. IV. Como ElRey , pelo que soube de João Afonso d'Aveiro , e assi dos Embaixadores , que elle trouxe do Reyno de Benij , mandou Bartholomeu Dias , e João Infante a descobrir , na qual viagem descobriram o grande Cabo de Boa Esperança. 181.

CAP. V. Como ElRey mandou per terra dous criados seus , hum a descobrir os portos , e navegação da India , e outro com cartas ao Preste João : e como de Roma foi enviado a ElRey hum Abexij Religioso daquellas partes , por meio do qual

DOS CAPITULOS

qual elle tambem enviou algumas cartas
ao Preste. 193.

CAP. VI. Como hum Principe das partes
de Guiné chamado Bemoij veio a este Rey-
no, por causa de huma guerra que teve,
em que perdeu seu estado: e como ElRey
por o grande conhecimento que tinha del-
le, o recebeu, fazendo-lhe muita hon-
ra. 200.

CAP. VII. Como o Principe Bemoij recebeu
agua de Baptismo, e houve nome Dom
João Bemoij: e das festas, que ElRey
por sua causa mandou fazer: e assi fo-
ram feitos Christãos todos os outros que
vieram em sua companhia. 210.

CAP. VIII. Em que se descreve a terra,
que jaz entre os dous rios Canagá, e
Gambia, e do curso delles: e como Pero
Vaz Bisagudo, que levou o Principe Dom
João Bemoij, o matou mal, dizendo que
armava traição, a qual morte ElRey
muito sentio. 213.

CAP. IX. Como ElRey mandou o Embai-
xador, e moços, que vieram de Congo
em tres navios, de que era Capitão Gon-
çalo de Sousa Fidalgo de sua casa, em
companhia, do qual hiam Religiosos, e
Sacerdotes pera a conversão da gente
daquella parte, e da obra que fizeram té
a tornada dos navios. 224.

Tom. I. P. I.

CAP.

CAP. X. Como entre ElRey D. João de Congo, e seu filho o Principe D. Afonso houve algumas differenças, que se acabáram per falecimento do dito Rey: e ficou por herdeiro pacífico do Reyno este Principe D. Afonso, o qual té fim de seus dias fez obras de Christianissimo Principe. 236.

CAP. XI. Como a este Reyno veio ter hum Christovão Colom, o qual vinha de descubrir as Ilhas Occidentaes, a que agora chamamos Antilhas, por ser lá ido per mandado delRey D. Fernando de Castella: e do que ElRey D. João sobre isso fez, e depois per o tempo em diante succedeo sobre este caso. 245.

CAP. XII. Do que succedeo por causa da grande Armada, que ElRey mandou em ajuda do Principe D. João Bemoiij, assinas lianças, e amizades, que ElRey teve com alguns Senhores do Sertão d'aquelle Guiné, como no descobrimento que teve delle per alguns homens, que lá mandou té o Nosso Senhor levar desta vida. 255.

DOS CAPITULOS

LIVRO IV.

- C**AP. I. Como ElRey D. Manuel no segundo anno do seu reinado mandou Vasco da Gama com quatro vélas ao descobrimento da India. Pag. 267.
- C**AP. II. Como Vasco da Gama partio de Lisboa : e do que passou té chegar ao Padrão, que Bartholomeu Dias poz além do Cabo de Boa Esperança. 276.
- C**AP. III. Como Vasco da Gama foi ferido em huma revolta, que os Negros da baia de Sancta Helena fizeram : e seguindo sua viagem, descobrio alguns rios notaveis té chegar a Mocambique. 284.
- C**AP. IV. Como depois que Vasco da Gama assentou paz com o Xequé de Moçambique, e elle lhe prometter Piloto pera o levar á India, se rompeo a paz : e do que sobre isso succedeo. 295.
- C**AP. V. Como o Xequé veio em concerto com Vasco da Gama, e lhe deo hum Piloto, que o levou té a Cidade Mombaça, donde fugio, a tempo que os Mouros da mesma Cidade lhe tinham ordenado huma traição, de que escapou, e dahi foi ter a Melinde. 305.
- C**AP. VI. Como Vasco da Gama chegou á Villa de Melinde, onde assentou paz com o Rey

I N D I C E

- o Rey della, e poz hum Padrão; e havido Piloto, se partio pera a India, aonde chegou. 313.
- CAP. VII. Em que se descreve o sitio da terra, a que propriamente chamamos India dentro do Gange, na qual se contém a Provincia chamada Malavar, hum dos Reynos da qual he o em que está a Cidade Calecut, onde Vasco da Gama aportou. 322.
- CAP. VIII. Como Vasco da Gama mandou recado a ElRey de Calecut, que era chegado ao porto de sua Cidade: e depois per sua licença se vio com elle duas vezes. 328.
- CAP. IX. Da consulta, que os principaes Mouros de Calecut tiveram sobre a ida de Vasco da Gama áquellas partes: e como o Camorij por causa delles o espedio. 340.
- CAP. X. Como per industria dos Mouros Vasco da Gama, e os que com elle estavam, foram reteudos: E depois de recolhido aos navios, e posto em terra Diogo Dias, e Alvaro de Braga, tambem foram prezos, té que o Camorij mandou prover nisso, e os espedio de todo. 351.
- CAP. XI. Como Vasco da Gama se partio do porto de Calecut, e foi ter á Ilha Anchediva, onde veio hum Judeo, o qual Vas-

DOS CAPITULOS

Vasco da Gama prendeo , e elle se fez
Christão : e do mais que passou na sua
viagem té chegar ao Reyno. 358.

CAP. XII. Como ElRey D. Manuel em lou-
vor de Nossa Senhora fundou na sua Er-
mida de Bethlem , que estava em Rastel-
lo , hum sumptuoso Templo , que depois
tomou por jazigo de sua sepultura. 372.

LIVRO V.

CAP. I. Como ElRey por razão da no-
va , que D. Vasco da Gama trouxe
da India , mandou fazer hum Armada
de treze vélas , da qual foi por Capitão
mór Pedralvares Cabral. Pag. 378.

CAP. II. Como partido Pedralvares teve
hum temporal na paragem do Cabo Ver-
de ; e seguindo sua derrota , descobrio a
grande terra , a que communmente cha-
mamos Brasil , á qual elle poz nome
Sancta Cruz : e como ante de chegar a
Moçambique , passou hum temporal , em
que perdeo quatro vélas. 386.

CAP. III. Como Pedralvares Cabral se vio
com ElRey de Quiloa , e do pouco que
acabou com elle , e depois foi ter a Me-
linde , onde ElRey o recebeu com muito
prazer , e dahi se partio pera a India. 398.

CAP. IV. Como Pedralvares chegou á Ilha
de

de Anchediva , onde esteve alguns dias
 reparando-se do necessario , e dahi che-
 gou a Calecut , onde per recados que te-
 ve com ElRey , concertáram ambos que
 se vissem. 407.

CAP. V. Como passáram as vistas entre
 ElRey , e Pedralvares Cabral : e a re-
 presaria , que per fim dellas houve de
 huma parte a outra por razão de huns
 arrefens : e per derradeiro concertados ,
 sabio Aires Correa em terra a fazer
 negocio. 414.

CAP. VI. Das paixões , e competencias ,
 que havia entre dous Mouros principaes
 de Calecut , donde se causou os nossos irem
 tomar huma não carregada de Elefantes ,
 que vinham de Cochij , e do que nisso
 passou. 424.

CAP. VII. Como por causa de huma não
 dos Mouros , que os nossos tomáram , a
 qual estava no porto de Calecut , cuidan-
 do estar carregada de pimenta , saltou
 todo o Gentio da Cidade com o favor dos
 Mouros , e matáram Aires Correa na
 casa da Feitoria com a maior parte dos
 que estavam com elle : e do que Pedral-
 vares fez sobre isso. 433.

CAP. VIII. Como Pedralvares Cabral foi
 ter a Cochij , onde o Rey da terra lhe
 deo carga de especiaria ; e estando já no
 fim

DOS CAPITULOS

fim della , veio sobre ella huma grossa Armada do Çamorij de Calecut , e o que nisso fez.

440.

CAP. IX. *Como Pedralvares foi ter a Cananor , onde ElRey lhe mandou dar a mais especiaria , que havia mister ; e repartido dalli , fez sua viagem pera Portugal : e do que passou no caminho té chegar a elle.*

453.

CAP. X. *Como , ante que Pedralvares chegasse a Portugal o Março daquelle anno , tinba ElRey enviado huma Armada de quatro náos : e o que passaram nesta viagem , e na India , onde carregáram de especiaria.*

463.

DE-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



J.C. Silva f.

N IMPRENSA
NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

DA ASIA
DE
JOÃO DE BARROS
E DE
DIOGO DE COUTO
NOVA EDIÇÃO
OFFERECIDA
A SUA MAGESTADE
D. MARIA I.
RAINHA FIDELISSIMA

&c. &c. &c.



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVIII.

Com Licença da Real Mesa Censoria, e Privilegio Real.

BIBLIOTECA DO POLITÉCNICO REPUBLICANO
THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ
IMPRESSA
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

OFERTA

281304

79443
L

SENHORA

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ



O mesmo Real Decre-
to, por que o Senhor

REY D. JOSÉ I. Augusto Pai de
VOSSA MAGESTADE, foi servido

* ii

cre-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

crear a Regia Officina Typografica, foi tambem sabiamente ordenado, que nella se fossem reimprimindo os Authores mais classicos, e mais bem reputados da Historia Portugueza. Porque sendo toda a Historia, como observou Tullio, a directora da vida, e a mestra dos costumes; na Portugueza, onde se acham tão heroicos exemplos de virtude, honra, e valor, teriam os Vassalios util instrucção, a Patria especial gloria. Deo-se principio ao Real Projecto pelos Commentarios do governo, e acções do grande Affonso d'Albuquerque na India; pois que além de ser esta huma Obra mais pequena em volume, pareceo de mais a mais justo, que se dêsse a primazia da Impressão a quem a tivera no me-
re-

recimento. Seguíram-se as Decadas do insigne João de Barros, que agora tenho a honra de oferecer a VOSSA Magestade; e seguir-se-hão brevemente as de Diogo de Couto, que são continuação humas das outras.

He João de Barros sem controversia o Escritor mais grave que tem a Historia Portugueza, ou se considere a grandeza da materia, ou a do estilo. A materia são os gloriosos descobrimentos de novas terras, e de novos climas, que os Capitães Portuguezes fizeram no espaço de cem annos, que decorrêram desde o Senhor REY D. JOÃO I. Fundador sempre memoravel da Serenissima Casa de Bragança, até o Senhor REY D. MANOEL seu benefico Ampliador, e Exaltador. Des-

cu-

cubrimentos tão ousados na empreza, tão vastos nos Dominios, tão felices no successo, que sem hyperbole se póde dizer, que á vista delles foi pouco quanto os antigos Gregos, e Romanos fizeram nas suas expedições militares do mar, e da terra. A grandeza do estilo he em tudo igual á dos feitos; de forte que na narração das Conquistas Portuguezas he João de Barros justamente comparado com Tito Livio entre os Latinos; não só por dividir em Decadas toda a sua Obra, mas tambem pelo igualar no modo grave, e fizado com que as escreveo.

— Oh! se entre as urgentissimas, e contínuas occupações, que he forçoso executem cada dia as attensões de huma RAY-
NHA

NHA HEREDITARIA , quizeſſe a
boa ventura dar a VOSSA MAGES-
TADE alguns breves intervallos de
ocio para paſſar pelos olhos algu-
mas folhas das Decadas de João
de Barros , aſſim como os teve o
Senhor REY D. MANOEL para ou-
vir ler alguns cadernos do ſeu
Clarimundo !

Primeiramente no anno de
1420 , admiraria VOSSA MAGES-
TADE a hum João Gonçalves Zar-
co dando princípio , com o deſcu-
brimento das Ilhas do mar Atlan-
tico , á navegação , e commercio
da Ethiopia , deſde Guiné até os
Abixins. Admiraria , no anno de
1423 , a hum Bartholomeu Dias
pondo varios Padrões do nome
Portuguez no grande Cabo de
Boa Esperança em diſtancia de
mil e quinhentas leguas do por-
to

to de Lisboa. Admiraria, no anno de 1497, a hum Vasco da Gama passando com hum Armada Real além do mesmo Cabo outras mil e quinhentas leguas, até ir arrostar a potencia, e soberba do Camorim de Calecut; assentar Tratados de commercio com os Reys de Cochim, Cananor, e Coulaão; voltar a Lisboa carregado das especiarias, e drogarias do rico Malabar. Admiraria, no anno de 1500, a hum Pedralvares Cabral descobrindo nas Terras de Santa Cruz, ou do Brasil hum novo Mundo, de cujo ouro, e diamantes abunda hoje toda Europa. Admiraria, no anno de 1505, a hum Dom Francisco d'Almeida mettendo debaixo do jugo Portuguez os Reynos de Quiloa, e Mombaça;

ça; a seu filho D. Lourenço desbaratando as Armadas de Calecut; passando a Ceilão, e dando vista ás Maldivas. Admiraria finalmente desde o anno de 1508, até 1514, a hum Affonso d'Alboquerque fazendo tributarios á Coroa de Portugal os Reynos de Ormuz, Goa, e Malaca, e obrigando todo o Oriente a pagar pareas em pérolas, e rubins ao Senhor REY D. MANOEL.

Pela mesma lição recordaria VOSSA Magestade com que fundamento o Senhor REY D. JOÃO II. ajuntou aos antigos Titulos de REY de Portugal, e dos Algarves, o de *Senhor de Guiné*: Com que fundamento tambem o Senhor REY D. MANOEL accrescentou ao Titulo de *Senhor de Guiné* o outro ainda mais pom-
po-

poso, *da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India.*

Pela mesma lição se faria presente a VOSSA MAGESTADE qual fosse o princípio, e motivo das muitas Doações, Honras, e Mercês, com que os ditos Senhores Reys agalardoáram os avultadifsimos serviços daquelles Heroes, de que com razão se prezam de ser Netos os que hoje fórmam a Corte a VOSSA MAGESTADE.

Este he em somma, AUGUSTA RAYNHA, o assumpto das Decadas de João de Barros, desempenhado por elle com huma exactão, e pontualidade, que lhe conciliam fé, e credito de Author original. Por aqui comprehende já VOSSA MAGESTADE qual seja a importancia da Obra; qual

a

a utilidade, que se póde esperar da sua reimpressão. Póde-se dizer, que estas Decadas são para VOSSA MAGESTADE os Titulos dos seus Dominios Ultramarinos: são para os Grandes do Reyno as provas dos seus illustres Avoengos.

Entre tanto, por mais esmerada que fosse a diligencia que puz em que huma tal Obra, tanto no asseio do papel, como na elegancia dos caracteres: tanto no bem tirado das effigies, como na exacção dos mappas, sahisse digna de apparecer na Real Presença de VOSSA MAGESTADE, eu reconheço, e confesso, que não he outro o meu merecimento, que o de obedecer ao que se me mandou. Ainda assim as experiencias que tenho da inna-
ta

ta Clemencia, e Real Grandeza de VOSSA Magestade me animam a confiar, que este mesmo desempenho do que era estreita obrigação minha, mo reputará VOSSA Magestade em serviço, para me continuar em todo o tempo os benignos effeitos da sua Real beneficencia, e protecção.

DE VOSSA Magestade

Lisboa 25 de Fevereiro de 1778.

Humilissimo servo
Nicoláo Pagliarini
Director geral da Regia Officina Typ.

AO SEU MUITO PODEROSO,

CHRISTIANISSIMO PRINCEPE

EL REY DOM JOAO

NOSSO SENHOR,

DESTE REINO

DA ASIA

DE

JOÃO DE BARROS

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS
TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA PRIMEIRA

PARTE PRIMEIRA.

ta Clemência, e Real Grandeza
de Vossa Magestade, me mandam
e confiar, que elle me foy delem-
penho de que se foy obrigado
a fazer, e a cumprir, e a obedecer
a Vossa Magestade, e a cumprir
o que me mandou, e a cumprir
o que me mandou, e a cumprir

DA ASIA
D'ESTE REINO

JOÃO DE BARRROS

DOS REINHOS, QUE OS PORTUGUEZES TIVERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS
TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA PRIMIRA
PARTE PRIMIRA

AO MUITO PODEROSO,

E

CHRISTIANISSIMO PRINCIPE

ELREY DOM JOAO

NOSSO SENHOR,

DESTE NOME

O TERCEIRO DE PORTUGAL

PROLOGO

DE JOÃO DE BARROS

EM AS PRIMEIRAS QUATRO DECADAS

DA SUA ASIA

Dos feitos que os Portuguezes fizeram no
descubrimento, e conquista dos mares,
e terras do Oriente.

TODALAS cousas, MUITO PO-
DEROSO REY, E SENHOR NOSSO,
tem tanto amor á conservação de seu
proprio ser, que quanto lhe he possi-
vel trabalham em seu modo por se fa-
zerem perpétuas. As naturaes, em que
sómente obra a Natureza, e não a in-
dustria humana, cada huma dellas em
fi

PROLOGO.

si mesma tem huma virtude generativa, que quando Divinamente são dispostas, ainda que periguem em sua corrupção, essa mesma Natureza as torna renovar em novo ser, com que ficam vivas, e conservadas em sua propria especie. E as outras cousas, que não são obras da Natureza, mas feitos, e actos humanos, estas porque não tinham virtude animada de gerar outras semelhantes a si, e por a brevidade da vida do homem, acabavam com seu author: os mesmos homens por conservar seu nome em a memoria dellas, buscáram hum Divino artificio, que representasse em futuro o que elles obravam em presente. O qual artificio, pero que a invenção delle se dê a diversos Authores, mais parece per Deos inspirado, que inventado per algum humano entendimento. E que bem como lhe aprouve, que mediante o padar, lingua, dentes, e beiços, hum respiro de ar movido dos bofes, causado de huma potencia, a que os Latinos chamam *affatus*,

P R O L O G O .

assistencia , e as fazem passar em futuro com sua multiplicação de annos em annos per modo mais excellente do que faz a Natureza ; pois vemos , que esta Natureza pera gerar alguma cousa , corrompe , e altera os elementos de que he composta ; e as letras , sendo elementos de que se compõe , e fórma a significação das cousas , não corrompem as mesmas cousas , nem o entendimento , (posto que seja passivo na intelligencia dellas pelo modo de como vem a elle ;) mas vam-se multiplicando na parte memorativa per uso de frequentação tão espirital em habito de perpetuidade , que per meio dellas no fim do Mundo tão presentes serão áquelles que então forem , nossas pessoas , feitos , e ditos , como hoje per esta custodia literal he vivo o que fizeram , e disseram os primeiros , que foram no principio delle . E porque o fruto destes actos humanos he mui differente do fruto natural , que se produz da semente das cousas , por este natural fenecer

no

PROLOGO.

no mesmo homem ; pera cujo uso todas foram creadas ; e o fruto das obras delles he eterno , pois procede do entendimento , e vontade , onde se fabricam , e acceptam todas , que , por serem partes espirituaes , as fazem eternas : fica daqui a cada hum de nós huma natural , e justa obrigação , que assi devemos ser diligentes , e sollicitos em guardar em futuro nossas obras , pera com ellas aproveitarmos em bom exemplo , como promptos , e constantes na operação presente dellas pera commum , e temporal proveito de nossos naturaes. E vendo eu que nesta diligencia de commendar as cousas á custodia das letras , (conservadores de todas as obras ,) a Nação Portuguez he tão descuidada de si , quão prompta , e diligente em os feitos , que lhe competem per milicia , e que mais se préza de fazer , que dizer ; quiz nesta parte usar ante do officio de estrangeiro , que da condição de natural : Despoendo-me a escrever o que elles fizeram no descobrimento , e

P R O L O G O .

conquista do Oriente, por se não perderem da memoria dos homens, que vierem depois de nós, tão gloriosos feitos, como vemos serem perdidos de vossos progenitores, maiores em louvor, do que lêmos em suas Chronicas, (segundo mostram alguns fragmentos de particulares escrituras.) E na acceptação deste trabalho, e perigo a que me dispuz, antes quero ser tido por tão ousado, como foi o derradeiro dos trinta, e tantos Escritores, que escrevêram a passagem, e expedição, que Alexandre fez em Asia, o qual temeo pouco o que d'elle podiam dizer, tendo tantos ante si; que imitar o descuido de muitos, a quem este meu trabalho per officio, e profissão competia. Pois havendo cento e vinte annos, (porque de tantos trata esta escritura,) que vossas armas, e padrões de victorias tem tomado posse não sómente de toda a terra maritima de Africa, e Asia, mas ainda de outros maiores Mundos, do que Alexandre lamentava, por não

PROLOGO.

ter noticia delles, não houve alguém, que se antremetteffe a ser primeiro neste meu trabalho, sómente Gomes Eanes de Zurara Chronista mór destes Reinos em as cousas do tempo do Infante D. Henrique: (do qual nós confessamos tomar a maior parte dos seus fundamentos, por não roubar o seu a cujo he.) No commetter do qual trabalho, vendo eu a magestade, e grandeza da obra, não fui tão atrevido, que logo como isto desejei puzesse mãos a ella, antes tomei por cautela deste commettimento usar do modo, que tem os architectores, os quaes primeiro que ponham mão na obra, a traçam, e debuxam, e de si apresentam estes delineamentos de sua imaginação ao Senhor, de cujo ha de ser o edificio; porque como esta materia, de que eu queria tratar, era dos triunfos deste Reino, dos quaes não se podia fallar sem licença do Author delles, que naquelle tempo deste meu proposito era ElRey Vosso Padre, de gloriosa memoria: estando

Sua

PROLOGO.

Sua Alteza em Evora o anno de quinhentos e vinte, lhe aprefentei hum debuxo feito em nome de Vossa Alteza, porque com este titulo ante Elle fosse accepto: o qual debuxo não era alguma Batrachomiomachia, guerra de rans, e ratos, como fez Homero por exercitar seu engenho ante que escrevesse a guerra dos Gregos, e Troyanos; mas foi huma pintura metaphorica de exercitos, e victorias humanas, nesta figura racional do Emperador Clarimundo, titulo da traça, (conforme a idade, que eu então tinha,) a fim de aparar o estilo de minha possibilidade pera esta Vossa Asia. A qual pintura, por ser em nome de Vossa Alteza, alli contentou a ElRey Vosso Padre, depois que foubeser imagem desta que ora trato, que logo me pagou meu trabalho, dizendo haver dias, que desejava estas cousas das partes do Oriente serem postas em escriptura; mas que nunca achara pessoa de que o confiasse: que se me eu atrevia a esta Obra, (como
o de-

P R O L O G O .

o debuxo mostrava,) o meu trabalho não feria ante elle perdido. Por a qual confiança lhe beijei a mão per ante pessoas, que hoje são vivas, por a pratica fer hum pouco alta, lendo-lhe eu hum, ou dous capitulos da mostra, e debuxo. E estando pera abrir os alicerces deste grande edificio, com o fervor da idade, e favor das palavras de confiança, que se de mim tinha, aprouve a Deos levar a ElRey Vosso Padre áquelle celestial assento, que se dá aos Catholicos, e Christianissimos Principes, com que fiquei suspenso desta empreza. Succedendo tambem logo prover-me Vossa Alteza dos officios de Thesoureiro da Casa da India, e Mina, e depois de Feitor das mesmas Casas; carregos, que com seu pezo fazem acurvar a vida, pois levam todos os dias della, e com a occupação, e negocio de suas Armadas, e Commercios afogam, e cativam todo liberal engenho. Mas parece que assi estava ordenado de fima, que não sómente me coubesse per
for-

P R O L O G O .

forte da vida os trabalhos de feitorizar os Commercios de Africa, e Asia; mas ainda escrever os feitos, que Vossos vassallos na milicia, e conquista dellas fizeram; porque correndo o tempo, e achando eu antre algumas cartas, que ElRey Vosso Padre ante da minha offerta tinha escrito a D. Francisco d'Almeida, e a Affonso d'Albuquerque, que conquistáram, e governáram a India, encommendando-lhe que miudamente lhe escrevessem as cousas, e feitos daquellas partes com tenção de as mandar poer em escrito, e que Vossa Alteza com a mesma tenção o anno de quinhentos trinta e hum tambem o escreveo a Nuno da Cunha, que naquelle tempo a governava, mandando-lhe sobre isto Regimentos feitos per Lourenço de Caceres, a quem tinha encommendado a escritura destas partes, o que não houve effeito, e seria per ventura por elle falecer: determinei, por se não dilatar este desejo, que Vossa Alteza tinha, e eu pagar a confiança, que

P R O L O G O .

que ElRey Vosso Padre de mim teve, repartir o tempo da vida, dando os dias ao officio, e parte das noites a esta escriptura da Vossa Asia, e assi cumpri com o Regimento do officio, e com o desejo, que sempre tive desta empreza. E como os homens pela maior parte são mais promptos em dar de si frutos voluntarios, que os encommendados, imitando nisto a terra sua madre, a qual he mais viva em dar as sementes, que nella jazem per natureza, que as que lhe encommendamos per agricultura: parece que me obrigou ella a que patrizasse, e que per diligencia prevalecesse mais em mim a natureza, que della tenho, que quanto outros tem recebido per obrigação de officio, profissão de vida, e agricultura de beneficios; pois não tendo eu outra causa mais viva pera tomar esta empreza, que hum zelo da gloria, que se deve a Vossas armas, e fama a meus naturaes, que militando nellas vertêram seu sangue, e vida: fui o primeiro, que

P R O L O G O .

que brotei este fruto de escriptura desta
Vossa Asia, se he licito, por ser de ar-
vore agreste, rustica, e não agriculta-
da, poder merecer este nome de fruto
ante Vossa Real Magestade.

IN-

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM

NESTA PARTE I.

DA DECADEA I.

LIVRO I.

- C**AP. I. *Como os Mouros vieram tomar Hespanha; e depois que Portugal foi intitulado em Reyno, os Reys delle os lançaram além mar, onde os foram conquistar, assi nas partes de Africa, como na de Asia: e a causa do titulo desta escritura.* Pag. 1.
- C**AP. II. *Das causas, que o Infante Dom Henrique teve pera descobrir a costa Occidental da terra de Africa: e como João Gonçalves, e Tristão Vaz descobriram a Ilha do Porto Sancto, por razão de hum temporal, que os alli levou.* 16.
- C**AP. III. *Como João Gonçalves, e Tristão Vaz, partido Bertolameu Perestrello, descobriram a Ilha, a que ora chamam da Madeira, a qual o Infante D. Henrique repartio em duas Capitánias: huma chamada do Funchal, que deo a João Gonçalves; e a outra Machico, que houve Tristão Vaz.* 29.
- C**AP. IV. *Das murmurações, que o povo do Reyno fazia contra este descubrimento:*

I N D I C E

to: e como havendo doze annos que nelle se proseguia, hum Gileanes passou o Cabo Bojador tão temeroso na opinião das gentes. 36.

CAP. V. Como o Infante mandou Afonso Gonçalves Baldaya seu Copeiro por Capitão de hum barinel, e Gilianes, o que passou o Cabo Bojador, em sua barca: e como tornáram segunda vez no anno seguinte: e da peleja que houveram com huns Alarves dous moços, que sabíram em terra. 43.

CAP. VI. Como Antão Gonçalves foi fazer matança de lobos marinhos: e das sabidas que fez em terra per si, e com Nuno Tristão, que depois se ajuntou com elle, em que tomáram doze almas: e do mais que passou Nuno Tristão. 48.

CAP. VII. Da supplicação, que o Infante fez ao Papa, e lhe concedeo: e da doação dos quintos, que lhe o Infante Dom Pedro seu irmão regente deste Reyno deo em nome delRey: e do que Antão Gonçalves, e Nuno Tristão passáram em a viagem que cada hum fez. 57.

CAP. VIII. Dos louvores, que o povo do Reyno dava ao Infante por este descobrimento: e como por sua licença os moradores de Lagos armáram seis caravelas: e do que passáram nesta ida. 65.

CAP.

DOS CAPITULOS

CAP. IX. Como Gonçalo de Sintra com outros foi morto na Angra, que se ora chama do seu nome: e da ida, que Antão Gonçalves fez ao rio do Ouro, e depois Nuno Tristão, onde tomou huma aldea de Mouros: e como Diniz Fernandes passou a terra dos Negros, e descobrio o Cabo, a que agora chamamos Verde. 70.

CAP. X. Como Antão Gonçalves per mandado do Infante tornou a buscar João Fernandes, que ficou per sua vontade entre os Mouros: e do que passou nesta viagem, e assi os navios que com elle foram. 75.

CAP. XI. Da viagem, que fez Diniseanes com as caravelas, que de Lisboa foram em sua companhia: e do que fez o Capitão Lançarote com as quatorze caravelas de Lagos de sua capitania, em a qual viagem matáram, e cativáram muitos Mouros á custa da vida d'alguns nossos: e como Soeiro do Costa, tendo-se visto nos mais illustres feitos de Hespanha, nesta ida se fez Cavalleiro. 83.

CAP. XII. Como as Ilhas, a que ora chamam Canareas, foram descobertas per hum Fidalgo Francez, chamado Monsior João de Betancor: e depois o Infante D. Henrique teve o senhorio dellas, e converteo á Fé a maior parte dos seus
po-

I N D I C E

povoadores , e d'alguns costumes delles. 98.

CAP. XIII. Como o Capitão Lançarote , depois que leixou estas caravelas de sua conserva , que se vieram pera o Reyno , com as outras que o seguiram , descobrio o grande rio , a que ora chamamos Canagá , e dahi foi ter a huma ilha pegada com o Cabo Verde. 108.

CAP. XIV. Como Nuno Tristão , e dezoito homens foram mortos com herua das frechadas , que houveram em huma peleja com os negros em hum rio de Guiné , em que entraram : e como passou Alvaro Fernandes além do Cabo Verde cem leguas : e do que tambem aconteceu a cinco caravelas , que foram a este descobrimento. 118.

CAP. XV. Como o Infante mandou Gomes Pires ao rio do Ouro , onde cativou oitenta almas : e assi mandou a Diogo Gil assentar trato em Meça , e Antão Gonçalves ao mesmo rio do Ouro : e como veio a este Reyno hum gentil-homem da Casa delRey de Dinamarca , com desejo de ver as cousas de Guiné , e o Infante o mandou em hum navio , e lá pereceo. 125.

CAP. XVI. Das feições da pessoa do Infante D. Henrique : e dos costumes , que teve em todo o decurso de sua vida. 131.

LIVRO II.

CAP. I. Como ElRey D. Afonso o Quinto deste nome houve posse da governança deste Reyno, por sabir da tutoria em que estava; però que o Infante Dom Henrique em quanto viveo proseguio neste descubrimento, continuamos a historia com ElRey, e não com elle: e das causas que houve, porque não escrevemos mais feitos do tempo deste Rey. Pag. 136.

CAP. II. Como ElRey arrendou o resgate de Guiné a Fernão Gomes per tempo de cinco annos, com obrigação que neste tempo havia de descubrir quinhentas leguas de costa: e porque descubrio o resgate do ouro da Mina, foi dado a Fernão Gomes appellido da Mina com Armas desta nobreza. 141.

LIVRO III.

CAP. I. Como ElRey D. João, succedendo no Reyno per falecimento del Rey D. Afonso seu Pai, mandou logo huma grande Armada ás partes de Guiné a fazer o Castello, que agora chamamos de S. Forge da Mina, da qual Armada foi Capitão mór Diogo d'Azambuja: e

CO-

como se vio com Caramançã Senhor daquelle lugar. Pag. 152.

CAP. II. Do que respondeo o Principe Caramançã ás palavras de Diogo d'Azambuja : e do consentimento que deo a se fazer a fortaleza , com a qual ficou a troco do Commercio assentado em paz té hoje. 162.

CAP. III. Como foi descoberto o Reyno de Congo por Diogo Cam Cavalleiro da casa delRey : e além delle descobrio duzentas , e tantas leguas , em o qual descobrimento assentou tres Padrões , que foram os primeiros de pedra , das quaes terras trouxe algumas pessoas , que foram baptizadas por ElRey : e tambem foi descoberto o Reyno de Benij. 170.

CAP. IV. Como ElRey , pelo que soube de João Afonso d'Aveiro , e assi dos Embaixadores , que elle trouxe do Reyno de Benij , mandou Bartholomeu Dias , e João Infante a descobrir , na qual viagem descobriram o grande Cabo de Boa Esperança. 181.

CAP. V. Como ElRey mandou per terra dous criados seus , hum a descobrir os portos , e navegação da India , e outro com cartas ao Preste João : e como de Roma foi enviado a ElRey hum Abexij Religioso daquellas partes , por meio do qual

DOS CAPITULOS

qual elle tambem enviou algumas cartas
ao Preste. 193.

CAP. VI. Como hum Principe das partes
de Guiné chamado Bemoij veio a este Rey-
no, por causa de huma guerra que teve,
em que perdeu seu estado: e como ElRey
por o grande conhecimento que tinha del-
le, o recebeu, fazendo-lhe muita hon-
ra. 200.

CAP. VII. Como o Principe Bemoij recebeu
agua de Baptismo, e houve nome Dom
João Bemoij: e das festas, que ElRey
por sua causa mandou fazer: e assi fo-
ram feitos Christãos todos os outros que
vieram em sua companhia. 210.

CAP. VIII. Em que se descreve a terra,
que jaz entre os dous rios Canagá, e
Gambia, e do curso delles: e como Pero
Vaz Bisagudo, que levou o Principe Dom
João Bemoij, o matou mal, dizendo que
armava traição, a qual morte ElRey
muito sentio. 213.

CAP. IX. Como ElRey mandou o Embai-
xador, e moços, que vieram de Congo
em tres navios, de que era Capitão Gon-
çalo de Sousa Fidalgo de sua casa, em
companhia, do qual hiam Religiosos, e
Sacerdotes pera a conversão da gente
daquella parte, e da obra que fizeram té
a tornada dos navios. 224.

Tom. I. P. I.

CAP.

CAP. X. Como entre ElRey D. João de Congo, e seu filho o Principe D. Afonso houve algumas differenças, que se acabáram per falecimento do dito Rey: e ficou por herdeiro pacífico do Reyno este Principe D. Afonso, o qual té fim de seus dias fez obras de Christianissimo Principe. 236.

CAP. XI. Como a este Reyno veio ter hum Christovão Colom, o qual vinha de descubrir as Ilhas Occidentaes, a que agora chamamos Antilhas, por ser lá ido per mandado delRey D. Fernando de Castella: e do que ElRey D. João sobre isso fez, e depois per o tempo em diante succedeo sobre este caso. 245.

CAP. XII. Do que succedeo por causa da grande Armada, que ElRey mandou em ajuda do Principe D. João Bemoiij, assinas lianças, e amizades, que ElRey teve com alguns Senhores do Sertão d'aquelle Guiné, como no descobrimento que teve delle per alguns homens, que lá mandou té o Nosso Senhor levar desta vida. 255.

DOS CAPITULOS

LIVRO IV.

- C**AP. I. Como ElRey D. Manuel no segundo anno do seu reinado mandou Vasco da Gama com quatro vélas ao descobrimento da India. Pag. 267.
- C**AP. II. Como Vasco da Gama partio de Lisboa : e do que passou té chegar ao Padrão, que Bartholomeu Dias poz além do Cabo de Boa Esperança. 276.
- C**AP. III. Como Vasco da Gama foi ferido em huma revolta, que os Negros da baia de Sancta Helena fizeram : e seguindo sua viagem, descobrio alguns rios notaveis té chegar a Mocambique. 284.
- C**AP. IV. Como depois que Vasco da Gama assentou paz com o Xequé de Moçambique, e elle lhe prometter Piloto pera o levar á India, se rompeo a paz : e do que sobre isso succedeo. 295.
- C**AP. V. Como o Xequé veio em concerto com Vasco da Gama, e lhe deo hum Piloto, que o levou té a Cidade Mombaça, donde fugio, a tempo que os Mouros da mesma Cidade lhe tinham ordenado huma traicão, de que escapou, e dahi foi ter a Melinde. 305.
- C**AP. VI. Como Vasco da Gama chegou á Villa de Melinde, onde assentou paz com o Rey

I N D I C E

- o Rey della, e poz hum Padrão; e havido Piloto, se partio pera a India, aonde chegou. 313.
- CAP. VII. Em que se descreve o sitio da terra, a que propriamente chamamos India dentro do Gange, na qual se contém a Provincia chamada Malavar, hum dos Reynos da qual he o em que está a Cidade Calecut, onde Vasco da Gama aportou. 322.
- CAP. VIII. Como Vasco da Gama mandou recado a ElRey de Calecut, que era chegado ao porto de sua Cidade: e depois per sua licença se vio com elle duas vezes. 328.
- CAP. IX. Da consulta, que os principaes Mouros de Calecut tiveram sobre a ida de Vasco da Gama áquellas partes: e como o Camorij por causa delles o espedio. 340.
- CAP. X. Como per industria dos Mouros Vasco da Gama, e os que com elle estavam, foram reteudos: E depois de recolhido aos navios, e posto em terra Diogo Dias, e Alvaro de Braga, tambem foram prezos, té que o Camorij mandou prover nisso, e os espedio de todo. 351.
- CAP. XI. Como Vasco da Gama se partio do porto de Calecut, e foi ter á Ilha Anchediva, onde veio hum Judeo, o qual Vas-

DOS CAPITULOS

Vasco da Gama prendeo , e elle se fez
Christão : e do mais que passou na sua
viagem té chegar ao Reyno. 358.

CAP. XII. Como ElRey D. Manuel em lou-
vor de Nossa Senhora fundou na sua Er-
mida de Bethlem , que estava em Rastel-
lo , hum sumptuoso Templo , que depois
tomou por jazigo de sua sepultura. 372.

LIVRO V.

CAP. I. Como ElRey por razão da no-
va , que D. Vasco da Gama trouxe
da India , mandou fazer hum Armada
de treze vélas , da qual foi por Capitão
mór Pedralvares Cabral. Pag. 378.

CAP. II. Como partido Pedralvares teve
hum temporal na paragem do Cabo Ver-
de ; e seguindo sua derrota , descobrio a
grande terra , a que communmente cha-
mamos Brasil , á qual elle poz nome
Sancta Cruz : e como ante de chegar a
Moçambique , passou hum temporal , em
que perdeo quatro vélas. 386.

CAP. III. Como Pedralvares Cabral se vio
com ElRey de Quiloa , e do pouco que
acabou com elle , e depois foi ter a Me-
linde , onde ElRey o recebeu com muito
prazer , e dahi se partio pera a India. 398.

CAP. IV. Como Pedralvares chegou á Ilha
de

de Anchediva , onde esteve alguns dias
 repairando-se do necessario , e dahi che-
 gou a Calecut , onde per recados que te-
 ve com ElRey , concertáram ambos que
 se vissem. 407.

CAP. V. Como passáram as vistas entre
 ElRey , e Pedralvares Cabral : e a re-
 presaria , que per fim dellas houve de
 huma parte a outra por razão de huns
 arrefens : e per derradeiro concertados ,
 sabio Aires Correa em terra a fazer
 negocio. 414.

CAP. VI. Das paixões , e competencias ,
 que havia entre dous Mouros principaes
 de Calecut , donde se causou os nossos irem
 tomar huma não carregada de Elefantes ,
 que vinham de Cochij , e do que nisso
 passou. 424.

CAP. VII. Como por causa de huma não
 dos Mouros , que os nossos tomáram , a
 qual estava no porto de Calecut , cuidan-
 do estar carregada de pimenta , saltou
 todo o Gentio da Cidade com o favor dos
 Mouros , e matáram Aires Correa na
 casa da Feitoria com a maior parte dos
 que estavam com elle : e do que Pedral-
 vares fez sobre isso. 433.

CAP. VIII. Como Pedralvares Cabral foi
 ter a Cochij , onde o Rey da terra lhe
 deo carga de especiaria ; e estando já no
 fim

DOS CAPITULOS

fim della , veio sobre ella huma grossa Armada do Çamorij de Calecut , e o que nisso fez.

440.

CAP. IX. *Como Pedralvares foi ter a Cananor , onde ElRey lhe mandou dar a mais especiaria , que havia mister ; e repartido dalli , fez sua viagem pera Portugal : e do que passou no caminho té chegar a elle.*

453.

CAP. X. *Como , ante que Pedralvares chegasse a Portugal o Março daquelle anno , tinba ElRey enviado huma Armada de quatro náos : e o que passaram nesta viagem , e na India , onde carregáram de especiaria.*

463.

DE-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

em della, pois sobre ella tinha grossa
 a grande do Cantão de Calcutta, e que
 villo foy...
 Como Pedra de...
 onde Filly...
 mais especaria...
 porido dalle...
 tugal: e do que...
 gar y elle...
 AP. X. Como...
 Raste a Portugal...
 up, timo Filly...
 de quatro...
 vagem, e na India...
 de especaria...

CAP. VII. Como...
 das...
 qual...
 de...
 favor...
 parte...
 que...
 parte...

CAP. VIII. Como...
 ter a...
 de...
 DE



N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



J.C. Silva f.

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



DECADA PRIMEIRA.

LIVRO I.

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram
no descobrimento, e conquista dos
mares, e terras do Oriente.

CAPITULO I.

Como os Mouros vieram tomar Hespanha; e depois que Portugal foi intitulado em Reyno, os Reis delle os lançaram além mar, onde os foram conquistar, assi nas partes de Africa, como na de Asia: e a causa do titulo desta escriptura.



LEVANTADO em a terra de Arabia aquelle grande Anti-christo Mafamede, quasi nos annos de quinhentos noventa e tres de nossa Redempção, alli lavrou a furia de seu ferro, e fogo de sua infernal Secta per meio de seus Capitães, e Calyfas, que em espaço de cem annos conquistaram

Tom. I.

A

em



IMPRENSA
NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

2 ASIA DE JOÃO DE BARROS

em Asia toda Arabia, e parte da Syria, e Persia, e em Africa todo Egypto daquém, e dalém do Nilo. E segundo escrevem os

- ① Arabios no seu Larigh, que he hum Sumario dos feitos, que fizeram os seus Calyfas na conquista daquellas partes do Oriente, neste mesmo tempo de lá se levantáram, e vieram grandes exames delles povoar estas do Ponente, a que elles chamam Algarb, e nós corruptamente Algarve dalém mar; os quaes á força de armas devastando, e aforlando as terras, se fizeram senhores da maior parte da Mauritania, Tingitania, em que se comprehendem os Reynos de Féz, e Marrocos, sem até este tempo a nossa Europa sentir a perseguição desta praga. Però vindo o tempo, te o qual Deos quiz dissimular os peccados de Hespanha, esperando sua penitencia ácerca das heresias de Arrio, Elvidio, e Pelagio, de que ella andou mui iscada, (posto que já per Sanctos Concilios nella celebrados fossen desterradas,) em lugar de penitencia, accrescentou outros mui graves, e publicos peccados, e que mais acabáram de encher a medida de sua condemnação, que a força feita á Cava filha do Conde Julião, (ainda que esta foi a causa ultima, e accidental, segundo querem alguns Escritores.) Com as quaes cousas provocada a Justiça de Deos, usou de seu Divino, e antigo juizo, que

que sempre foi castigar publicos, e geracs peccados com publicos, e notaveis peccadores; e permittir que hum hereje seja açoute d'outro, vingando-se per esta maneira de seus inimigos per outros maiores inimigos. E como naquelle tempo estes Arabios eram os mais notaveis que elle tinha, infestando o Imperio Romano, e perseguindo sua Catholica Igreja, primeiro que per elles castigasse Hespanha, os quiz castigar na sua heresia, accendendo antre elles hum fogo de competencia, sobre quem se assentaria na cadeira do pontificado de sua abominação, com este titulo de Calyfa, que naquelle tempo era a maior dignidade da sua Secta. E depois de Arabia, Syria, e parte da Persia arderem com guerras de confusão a quem pervaleceria neste estado, em que morreo grande numero delles, tendo cada parentela enlegido Calyfa antre si, vieram alguns naquella parte interior de Arabia, onde está situada a Cidade Cufa, per concordia de sua scisma bylonica, enleger por Calyfa a hum Arabio chamado Cafa, dizendo, que a elle pertencia aquelle pontificado, por ser o mais chegado parente de Mafamede: cá elle vinha per linha direita de Abaz seu tio, a linhagem do qual Abaz elles chamam Abazcion. E porque quando o alevantáram por seu Calyfa foi com lhe darem juramento, que ha-

A ii

via

4 ASIA DE JOÃO DE BARROS

via de ir destruir o Calyfa, que então residia na Cidade Damasco, que era da linhagem, a que elles chamam Maraunion, em a qual havia muitos annos que andava o Calyfado per modo de tyrannia mais que per eleição, e por isso era esta geração mui favorecida antre a maior parte dos Arabios: ordenou logo este novo Calyfa hum seu parente per nome Abedelá ben Alle, que com grande numero de gente de cavallo fosse sobre o Calyfa de Damasco; o qual Abedelá, sendo com este exercito junto do rio Eufrates, topou o mesmo Calyfa, que hia buscar, que vinha de dar huma batalha a outro Calyfa novamente alevantado nas partes da Mesopotamia; e rompendo ambos seus exercitos, houve antre elles huma mui crua batalha, em que o Calyfa de Damasco foi vencido; e temendo elle a furia deste seu inimigo Abedelá, quiz-se recolher na Cidade Damasco, de que tantos tempos fora senhor; mas os moradores della lhe fecháram as portas, sem o quererem receber, com que lhe conveio fugir pera a Cidade do Cayro, onde achou peor gazalhado, dizendo todos os Cidadões, que Deos os tinha livrado de hum tão máo homem, como elle sempre fora. Vendo-se elle em totalas partes tão mal recebido, já desamparado dos seus, como homem desesperado do adjutorio delles, quiz-se

se passar aos Gregos; e indo com hum escravo seu, foi ter a huma Ilha, onde, sendo conhecido, o matáram, no qual acabáram todolos Calyfas de Damasco. Abedelá seu imigo tanto que o venceo, e soube quão mal recebido era dos proprios seus, seni o querer mais perseguir, foi-se directamente a Damasco; e tomada posse da Cidade, a primeira cousa que fez, foi mandar desenterrar o Calyfa Yázit, que era dos primeiros, que alli foram daquella linhagem Maraunion, havendo já muitos annos que era falecido, os ossos do qual com hum aucto público mandou queimar; porque sendo Dócem neto de Masamede seu Legislador, filho de sua filha Aixa, e de Alle seu sobrinho, directamente enlegido por Calyfa, como fora seu pai, elle Yázit não sómente lhe não quizera obedecer, mas ainda teve modo como Dócem fosse morto, tudo por elle Yázit se levantar com o Calyfado, o qual possuiu tyrannicamente, e assi todolos de sua linhagem per muitos tempos. E não contente este Abedelá com tomar tal vingança deste Yázit, geralmente a toda sua parentela mandava matar com mil generos de tormentos, e lançar seus corpos no campo ás feras, e aves delle, dizendo serem todos excommungados, e dignos de não ter sepultura, pois eram do sangue daquelle pessimo homem, que

6 ASIA DE JOÃO DE BARRÓS

que mandou detramar o do justo Dócem, ungido naquella dignidade de Calyfa per o testamento de seu avô Mafamede; da furia, e fogo das quaes cruezas, que este Abedelá fazia, saltou hum faísca, que veio abraçar toda Hespanha; e o caso procedeo per esta maneira. Antre alguns desta linhagem Marañion, que este Capitão Abedelá perseguia, havia hum homem poderoso chamado Abed-Ramon, filho de Mauhyá, e neto de Doxon, e bisneto de Abbedelmalec, o qual avô, e bisavô em tempo passado foram tambem Calyfas daquella Cidade Damasco. E vendo elle a perseguição de sua linhagem, e as cruezas, que Abedelá nella fazia, temendo receber outros taes em sua pessoa, recolheo pera si os mais parentes que pode, com outra gente solta, cuja vida era andar em guerras, e roubos, e feito hum grande exercito de gente por authorizar sua pessoa, meio fugindo veio tẽr a estas partes do Ponente. Onde, assi por ser da linhagem dos Calyfas de Damasco, como por ser homem valeroso, e cavalleiro de sua pessoa, foi mui bem recebido; e concorreo a elle tanta gente Arabia da que já eá andava nestas partes dos Algarves dalẽm mar, que vendo-se tão poderoso em gente, e opinião de Secta, tomou ousadia a se intitular com novo nome, chamando-se Principe dos Crentes nesta pa-
la-

lavra Arabia Miralmuminim, a que nós corruptamente chamamos Miramulim, e isto quasi em opprobrio, e reprovação dos Calyfas da linhagem de Abaz, que novamente foram levantados na Arabia, por cuja causa elle se desterrou daquellas partes de Damasco. E não se contentando ainda com este novo, e soberbo nome, fundou a Cidade Marrocos pera cadeira de seu estado, e Metropoli daquella região, (posto que algumas Chronicas dos Arabios querem que a edificou José filho Jestim, e outros que outro Principe, como veremos em a nossa Geografia.) A causa da fundação da qual Cidade, dizem alguns delles, que não foi tanto por gloria, que este Abed-Ramon teve da memoria do seu nome, quanto em reprovação d'outra, que ouvio dizer que fundava o Calyfa Bujafar, irmão, e successor do Calyfa Çafa, que foi causa de se elle vir a estas partes. A qual Cidade, que este Bujafar fundou tambem, era pera cadeira, onde havia sempre de residir o seu pontificado de Calyfa: e he aquella, a que ora os Mouros chamam Bagodad, situada na Provincia de Babylonia nas correntes do rio Eufrates. E segundo escrevem os Parseos, e Arabios no seu Larigh, que allegamos, o qual temos em nosso poder em lingua Parsea, foi esta Cidade Bagodad fundada per conselho de

de hum astrologo gentio per nome Nobach, e tem por ascendente o Signo Sagittario, e acabou-se em quatro annos, e custou dezoi-
to contos d'ouro, da qual em a nossa Geo-
grafia faremos maior relação. Pois estando
este novo Miralimuminim com potencia em
estado, e numero de gente, feito outro Na-
buchodonosor pera castigo do povo de Hes-
panha, totalmente feu filho Ulid, que o suc-
cedeo em nome, e poder, se fez senhor del-
la per Mussa, e per outros seus Capitães,
em tempo delRey D. Rodrigo, o derradeiro
dos Godos. Mas aprouve á Divina miseri-
cordia, que este açoute de sua justiça tornasse
logo atrás daquelle impeto de vitorias, que
per espaço de trinta mezes teve, dando ani-
mo, e favor áquelle bemaventurado Princí-
pe D. Pelayo, com que logo começou ga-
nhar as terras, que já estavam subditas ao fer-
ro, e cruezas destes Alarves. E procedendo
estas vitorias em recobrar Hespanha per dis-
curso de trezentos quarenta e tantos annos,
vieram ter a ElRey D. Afonso o sexto del-
te nome, dalcunha o Bravo, que tomou To-
ledo aos Mouros; o qual querendo satisfa-
zer aos serviços, e ajudas, que lhe o Cor-
de D. Henrique nesta guerra dos Mouros ti-
nha feito, e dado, não achou cousa mais
digna de sua pessoa, nem de maior galar-
dão, que aceitallo por filho, dando-lhe per
mu-

mulher a sua filha D. Tareija; e em dote, todas as terras, que naquelle tempo eram tomadas aos Mouros nesta parte da Lusitania, que ora he Reyno de Portugal, com todas as mais que elle pudesse conquistar delles; em que entravam algumas de Andaluzia, porque em todas estas elle, e seu filho El-Rey D. Afonso Henriques vertêram seu sangue por as ganhar das mãos, e poder dos Mouros, (como se verá em a outra parte da nossa escriptura chamada Europa;) o qual dote, e herança parece que foi dado com tal benção per este Catholico Rey D. Afonso, que todos os seus descendentes, que a herdassem, sempre tivessem contínua guerra com esta perfida gente dos Arabios; porque começando deste tempo té o presente, que he discurso de quatrocentos e tantos annos de idade deste Reyno de Portugal, depois que apartado da Coroa de Hespanha teve este nome, assi permaneceu em contínua guerra destes infieis, que com verdade se póde dizer por elle, ter vestido mais armas que pelotes. Donde podemos affirmar, que esta casa da Coroa de Portugal está fundada sobre sangue de Martyres, e que Martyres a dilatam, e estendem per todo o Universo: se este nome podem merecer aquelles, que militando pola Fé, offerecem suas vidas a Deos em sacrificio, e dotam suas fazendas a sumptuosos

fos Templos, que fundáram: como vemos que fez ElRey D. Afonso Henriques primeiro Fundador desta Casa Real, e o Conde D. Henrique seu Padre, e toda a Nobreza, e Fidalguia, que os seguia nesta confissão, e defensão da Fé, da qual verdade são testemunho mui dotados, e magníficos Templos deste Reyno. E passados os primeiros annos da infancia d'elle, que foi todo o tempo, que esteve no berço, em que nasceo, limitado na costa do mar Oceano, (porque o mais do sertão da terra ficou na Coroa de Castella, e a elle lhe não coube mais em forte nesta nossa Europa:) todo o trabalho daquelles Principes, que então o governavam, foi alimpar a casa desta infiel gente dos Arabios, que lha tinham occupada do tempo da perdição de Hespanha, té totalmente a poder de ferro os lançarem além mar, com que se intituláram Reys de Portugal, e do Algarve. E assi estava limpa delles no tempo delRey D. João o primeiro, que desejando elle derramar seu sangue na guerra dos infieis, por haver a benção de seus avôs, esteve determinado de fazer guerra aos Mouros do Reyno de Grada: e por alguns inconvenientes de Castella, e assi por maior gloria sua, passou além mar em as partes de Africa, onde tomou aquella Metropoli Cepta Cidade tão cruel competidor de Hespanha,

nha, como Cartago foi de Italia; da qual
 Cidade se logo intitidou por senhor, como
 quem tomava posse daquella parte de Afri-
 ca, e leixava porta aberta a seus filhos, e
 netos pera irem mais avante. O que elles
 mui bem cumpriram, porque não sómente
 tomáram Cidades, Villas, e Lugares nos
 principaes portos, e forças dos Reynos de
 Féz, e Marrocos, restituindo á Igreja Ro-
 mana a jurisdicção, que naquellas partes ti-
 nha perdida depois da perdição de Hespanha,
 como obedientes filhos, e primeiros Capitães
 pola Fé nestas partes de África; mas ainda
 foram despregar aquella divina, e real ban-
 deira da Milicia de Christo, que elles fundá-
 ram pera esta guerra dos infieis, nas partes
 Orientaes da Asia, em meio das infernaes
 mesquitas da Arabia, e Persia, e de todos
 pagódes da gentildade da India daquém, e
 dalém do Gange: partes, onde, segundo Es-
 critores Gregos, e Latinos, excepto a illustre
 Semirames, Bacio, e o grande Alexan-
 dre, ninguem ousou commetter. Com as
 quaes vitorias, que os Reys deste Reyno hou-
 veram nestas tres partes da terra, Europa,
 Africa, e Asia, ganhando Reynos, e esta-
 dos, accrescentáram sua Coroa com novos,
 e illustres titulos, que lhe deram, com mais
 justiça do que alguns Principes desta nossa
 Europa tem nos estados, de que se intitua-
 lam,

lam , dos quaes está em posse esta barbara
 gente de Mouros , sem os poderem vindicar
 per lei de armas. E os Reys deste Reyno ,
 sendo senhores do Reyno de Ormuz , cujo
 estado tem boa parte , e a melhor da terra
 maritima da Arabia , e da Persia , e senhores
 do Reyno de Cambaya com lhe ter tomado
 o maritimo delle , e senhores do Reyno de
 Goa , com as terras , e Ilhas a ella adjacen-
 tes , e senhores da riquissima Maláca , situa-
 da na Aurea Chersoneso tão celebrada dos
 Geografos , e senhores das Ilhas Orientaes
 de Maluco , Bãnda , &c. sómente se intitu-
 lam por Reys de Portugal , e dos Algarves
 daquém , e dalém mar , senhores de Guiné ,
 e da Conquista , Navegação , e Commercio
 da Ethiopia , Arabia , Persia , e India , como
 se estoutros Reynos , e senhorios nomeados
 não se governassem per suas Leys , e Or-
 denações , e lhe não pagassem tributos , e
 rendas , e elles lhe não tivessem o pesçoço
 debaixo do escabello de seus pés. Mas co-
 mo de cada huma destas partes em seu lugar
 mais copiosamente fazemos relação , ao pre-
 sente , leixadas ellas , pera se melhor entender
 o fundamento desta nossa Asia , convem que
 saibamos como no titulo da Real Coroa des-
 tes Reynos se comprehendem tres cousas dis-
 tintas huma da outra , posto que entre si se-
 jam tão correlativas , que huma não pôde
 ser

fer sem adjutorio da outra, communicando-se pera sua conservação. A primeira he Conquista, a qual trata de Milicia; a segunda Navegação, a que responde a Geografia; e a terceira Commercio, que convem á Mercadoria: das quaes partes querendo nós escrever successivamente como ellas se foram adquirindo, e ajuntando á Coroa deste Reyno, em lugar, e tempo, por não confundir os meritos de cada huma das materias, com adjutorio Divino, que pera isso imploramos, per este modo trataremos dellas. Quanto á parte da Conquista, que he propria da Milicia, esta porque foi em totalas partes da terra, fazemos della quatro partes de escriptura, (posto que em seis em a nossa Geografia dividamos todo o Universo.) Á primeira parte desta Milicia chamamos Europa, começando do tempo, que os Romanos conquistáram Hespanha, na qual guerra os Portuguezes per feitos illustres tiveram grão nome ácerca delles, e dahi viremos fazendo discurso per os tempos té o Conde D. Henrique, e per ElRey D. Afonso Henriques, e seus successores. Á segunda parte chamamos Africa, cujo princípio he a tomada de Cepta. Á terceira, que he esta, que temos antre as mãos, o seu nome he Asia, por tratar do descobrimento, e conquista das terras, e mares do Oriente, começando do tempo

po do Infante D. Henrique, que foi o primeiro inventor desta Milicia Austral, e Oriental. E á quarta, porque assi chamamos em
 a nossa Geografia á terra do Brasil, haverá nome Sancta Cruz, nome proprio posto por Pedrealvares Cabral, quando o anno de mil e quinhentos, indo pera a India, a descobrio, e aqui terá seu princípio. E de todas estas quatro partes da Milicia, esta Oriental fenece ao presente no anno de mil e quinhentos e trinta e nove, onde acabamos de cerrar numero de quarenta livros, que compõem quatro Decadas, que quizemos tirar á luz por mostra do nosso trabalho, té que venha outro curso de annos, que seguirá a estes na mesma ordem de Decadas, dando-nos Deos vida, e lugar pera o poder fazer. Quanto ao titulo da Navegação, a este respondemos com huma universal Geografia de todo o descoberto, assi em gradução de taboas, como de commentario sobrellas, applicando o moderno ao antigo, a qual não soffre com postura em linguagem, e por isso irá em Latim. A parte do Commercio, porque elle geralmente andava per todas as gentes, sem lei, nem regras de prudencia, sómente se governava, e regia pelo impeto da cubiça, que cada hum tinha, nós o redutzimos, e puzemos em arte com regras universaes, e particulares, como tem todas as sciencias, e

artes activas pera boa policia, onde particularmente se verão todas as cousas, de que os homens tem uso, ora sejam naturaes, ora artificiaes, com a natureza, e qualidade de cada huma dellas, (segundo o que podemos alcançar,) com as mais partes de pesos, medidas, & cetera, que a esta materia convem. E Deos he testemunha, que em cada huma destas tres partes, Conquista, Navegação, e Commercio fizemos a diligencia possivel a nós, e mais do que a occupação do officio, e profissão de vida nos tem dado lugar. E quando em alguma dellas desfalecermos na diligencia, e eloquencia, que conzinha á verdade, e magestade da mesma cousa, esse Deos, onde estam todas as verdades, ordene que venha alguem menos occupado, e mais docto do que eu sou, pera que emende meus defeitos, os quaes bem se podem recompensar com o zelo, e amor, que tenho á patria, por tirar a infamia d'algumas fabulas, e ignorancias, que andam na boca do vulgo, e per papeis escritos dignos de seus Auctores. Leixados meus defectos, e assi esta geral preparação de toda a obra quasi em modo de argumento, e divisão della, venhamos ás causas, que o Infante D. Henrique teve pera tomar tão illustre empreza, como foi o descobrimento, e conquista, que deo fundamento a esta nossa Asia;

dos

dos feitos , que os Portuguezes fizeram no descobrimento , e conquista das terras , e mares do Oriente , como diz o titulo desta nossa escritura.

CAPITULO II.

Das causas , que o Infante D. Henrique teve pera descobrir a costa Occidental da terra de Africa : e como João Gonçalves , e Tristão Vaz descobriram a Ilha do Porto Sancto , por razão de hum temporal , que os alli levou.

DEpois que ElRey D. João de gloriosa memoria , o primeiro deste nome em Portugal , per força d' armas tomou a Cidade Cepta aos Mouros na passagem , que fez em Africa , ficou o Infante D. Henrique seu filho terceiro genito muito mais deseioso de fazer guerra aos infieis ; porque se accrescentou á natural inclinação , que sempre teve de exercitar este officio de Milicia por exaltamento da Fé Catholica , não sómente a gloriosa victoria , que seu Padre com tanto louvor de Deos , e gloria da Coroa deste Reyno alcançou na tomada desta Cidade Cepta , de que elle Infante foi parte mui principal , (segundo escrevemos em a outra nossa parte intitulada Africa , de que neste prece-

den-

dente Capitulo fizemos menção;) mas ainda foi ácerca d'elle outra causa muito mais efficaz, que era a obrigação do cargo, e administração que tinha de Governador da Ordem da Cavalleria de Nosso Senhor Jesus Christo, que ElRcy D. Diniz seu tresavô pera esta guerra dos infieis ordenou, e novamente constituiu. E se antes da tomada de Cepta não poz em obra este seu natural desejo, foi porque já em seu tempo neste Reyno não havia Mouros, que conquistar; porque os Reys seus avôs, segundo dissemos, a poder de ferro os tinham lançado além mar em as partes de Africa. E pera os elle lá ir buscar a cumprir o que lhe ficára por avoengo, e convinha per officio, era necessario passar tão poderosamente, como fez seu Padre na tomada de Cepta, pera que lhe conveo poer grande parte de seu estado, e ainda com tanto segredo, industria, e cautelas, como nisso teve. Quanto mais, que a mesma passagem, que seu Padre per muito tempo trazia guardada no peito, lhe foi maior impedimento: cá nunca quiz que os Mouros fossem encetados com entradas, e saltos, que os esperassem, e elle perdesse huma tão grande empreza, como foi o commettimento, e tomada daquella Cidade Cepta. E posto que com a posse della parecia este negocio de con-

Tom. I.

B

quis-

quistar os Mouros muito leve, por a entrada, e porta, que per aqui estava aberta, o Infante D. Henrique pera seu proposito achava tudo ao contrario. Porque vendo elle como os Mouros do Reyno de Féz, e Marrocos ficavam per conquista mettidos na coroa destes Reynos, por o novo titulo que seu Pai tomou de Senhor de Cepta, e que per esta posse Real a empreza daquella guerra era propria dos Reys deste Reyno, e elle não podia entrevir nisso, como Conquistador, mas como Capitão enviado, em o processo da qual guerra elle havia de seguir a vontade delRey, e a disposição do Reyno, e não a sua, assentou em mudar esta conquista pera outras partes mais remotas de Hespanha, do que eram os Reynos de Féz, e Marrocos. Com que a despeza deste caso fosse propria d'elle, e não taxada per outrem; e os meritos de seu trabalho ficassem mettidos na ordem da Cavalleria de Christo, que elle governava, de cujo thesouro podia dispender; e tambem porque ácerca dos homens lhe ficasse nome de primeiro Conquistador, e descobridor da gente idólatra, empreza, que té o seu tempo nenhum Principe tentou. Com o qual fundamento, pera que este seu proposito houvesse effecto, era mui diligente, e curioso na inquisição das terras, e seus moradores,

e de

e de todas as cousas, que pertenciam á Geografia, dando-se muito a ella. Donde affina tomada de Cepta, como as outras vezes que lá passou, sempre inquiria dos Mouros as cousas de dentro do sertão da terra, principalmente das partes remotas aos Reynos de Féz, e Marrocos. A qual diligencia lhe respondeo com o premio, que elle desejava, porque veio saber per elles não sómente das terras dos Alarves, que são vizinhos aos desertos de Africa, a que elles chamam Çahará, mas ainda das que habitam os povos Azenegues, que confinam com os negros de Jalof, onde se começa a região de Guiné, a que os mesmos Mouros chamam Guinauhá, dos quaes recebemos esse nome. Pois tendo o Infante esta informação aprovada per muitos, que concorriam em huma mesma cousa, começou a poer em execução esta obra, que tanto desejava, mandando cada anno dous, e tres navios, que lhe fossem descobrindo a costa além do Cabo de Nam, que he adiante do Cabo da Guillo obra de doze leguas. O qual Cabo de Nam era o termo da terra descuberta, que os navegantes de Hespanha tinham posto á navegação daquellas partes. E dado que por causa das diligencias, e modos, que nisto teve, ante que armasse os primeiros navios, elle estava bem informado das cou-

B ii

fas

fas de toda a costa da terra, que os Mouros habitavam, per meio delles: alguns quizeram affirmar, que como era Principe Catholico, e de vida mui pura, e religiosa, esta empreza mais lhe fora revelada, que per elle movida. Porque estando em huma Villa, que novamente fundava no Reyno do Algarve na angra de Sagres, a que poz nome *Terçanabal*, e ora se chama a Villa do Infante: hum dia em se levantando, sem precederem mais cousas que as diligencias que fazia pera ter informação das terras, mandou com tanta diligencia armar dous navios, que foram os primeiros, como se naquella noite lhe fora dito, que sem mais dilação, nem inquirição do que perguntava, mandasse descubrir. E não sómente per conjectura desta pressa, mas ainda per outras, que os seus notaram, dizem ser elle exhortado per Oraculo divino, que logo o fizesse. Mas os navios, que daquella vez, e d'outras foram, e vieram, não descobriram mais que té o Cabo Bojador, que se verá davante de Cabo de Nam obra de sessenta leguas, e alli paravam todos, sem algum ousar de commetter a passagem delle. Porque como este Cabo começa de incurvar a terra de mui longe, e ao respecto da costa, que atrás tinham descuberta, lança, e boja pera Alocste perto de quarenta leguas,

(dour

(donde deste muito bojar lhe chamáram bojador,) era pera elles cousa mui nova apartar-se do rumo, que levavam, e seguir outro pera Aloeste de tantas leguas. Principalmente porque no rosto do Cabo achavam huma restinga, que lançava pera o mesmo rumo da Loeste obra de seis leguas; onde por razão das aguas, que alli correm naquelle espaço, o baixo as move de manci-ra, que parecem saltar, e ferver: a vista das quaes era a todos tão temerosa, que não ousavam de as commetter, e mais quando viam o baixo. O qual temor cegava a todos, pera não entenderem, que affastando-se do Cabo o espaço das seis leguas, que occupava o baixo, podiam passar além; porque como eram costumados ás navegações, que então faziam de Levante a Ponente, levando sempre a costa na mão por rumo d'agulha, não sabiam cortar tão largo que salvassem o espaço da restinga, sómente com a vista do ferver destas aguas, e baixo que achavam, concebiam que o mar dalli por diante era todo aparcellado, e que não se podia navegar; e que esta fora a causa, por que os povoadores desta parte da Europa não se estendêram a navegar contra aquellas regiões. Alguns, que entendiam ácerca das cousas naturaes, queriam dar causa, porque o mar daquellas terras quentes não era tão pro-

profundo, como o das terras frias, dizendo que o Sol queimava tanto as terras que jaziam debaixo do seu curso, que com justa causa estava assentado per todos os Filozofos serem terras, onde se não podia habitar por razão do ardor d'elle; e que este ardor era o que consumia as aguas doces, que geralmente se produzem do coração da terra, e as salgadas eram das que o mar frio espraiaua naquellas praias quentes; de maneira, que a navegação das taes regiões eram mais praias cubertas de baixos, que mar navegavel. Os Capitães, que o Infante enviava a este descobrimento, quando se tornavam pera este Reyno, parecendo-lhes que o compraziam por saberem que sua natureza, e inclinação era fazer guerra aos Mouros, vinham-se pela costa da Berberia até o estreito, onde faziam algumas entradas, e saltos nas povoações delles, com que se apresentavam antelle alegres de suas victorias. Mas o desejo do Infante com estas taes prezas não ficava satisfeito, porque tendo estava posto na esperança que lhe o escripto promettia, se proseguisse naquella empreza, da qual algumas vezes desistia, porque os negocios do Reyno, e as passagens, que fez aos lugares de Africa, o impediam a não levar o fio deste descobrimento tão continuado, como elle desejava. E vindo do

do grande cerco de Cepta ; (como se na parte de Africa contém ,) depois que estes negocios algum tanto lhe deram lugar , falláram-lhe dous Cavalleiros de sua casa , que naquellas idas dalém o tinham mui bem servido , pedindo-lhe muito , que pois Sua Mercê armava navios pera descobrir a costa de Berberia , e Guiné , lhe aprouvesse irem elles em algum navio a este descubrimento , cá sentiam em si que nelle o poderiam bem servir. O Infante vendo suas boas vontades , e conhecendo delles serem homens pera qualquer honrado feito pela experiencia que tinha de seus serviços , mandou-lhes armar hum navio , a que chamavam Barcha naquelle tempo : e deo-lhes regimento , que corressem a costa de Berberia té passarem aquelle temeroso Cabo Bojador , e d'hi fossem descobrindo o que mais achassem ; a qual terra , segundo mostravam as tavoas de Tholomeu , e assi pela informação , que tinha dos Alarves , sabia ser continua huma a outra , té se metter debaixo da linha equinocial , però que não tevesse noticia da navegação da sua costa. Nosso Senhor como por sua misericordia queria abrir as portas de tanta infidelidade , e idolatria pera salvação de tantas mil almas , que o Demónio no centro daquellas regiões , e provincias barbaras tinha cativas , sem noticia dos meritos da nos-

sa

fa Redempção: partidos estes dous Cavalheiros em sua barca, começou nesta viagem obrar seus mysterios, demonstrando-nos, e descobrindo a grandeza dos Mundos, e terras, que pera nós tinha creado, com tantos theouros, e riquezas, como em si continham. As quaes terras havia tantos mil annos que por nossos peccados, ou pelas enormes, e torpes idolatrias de seus moradores, ou per outro qualquer juizo occulto, estavam cerradas, e de nós bem esquecidas, sem haver Principe, ou Rey de quantos foram em Hespanha, que este descobrimento commettesse, como lemos que tomáram outras empresas, que não trouxeram tanto louvor á Igreja de Deos, nem á suas coroas tanta gloria, e accrescentamento, como lhe esta podia dar. Parece que assi como em o velho Testamento lemos, que Deos não consentio que David, sendo a elle tão accepto, lhe edificasse templo por ser barão, que trazia as mãos tintas de sangue humano das guerras, que teve, e quiz que este templo material lhe edificasse Salamão seu filho por ser Rey pacífico, e limpo deste sangue: assi permittio estar esta parte do Mundo tantas centenas de annos encuberta, e escondida. Porque tão grande cousa, como era a edificação da sua Igreja nestas partes da idolatria, convinha que fosse per hum

hum barão tão puro , tão limpo , e de co-
 ração tão virginal , como foi este Infante
 D. Henrique , que abriu os alicerces della ,
 e per outro tão Christianissimo , e zelador
 da Fé , e honra de Deos , como foi ElRey
 D. Manuel seu sobrinho , e neto adoptivo :
 que depois , como adiante veremos , muito
 trabalhou na edificação desta Igreja Orien-
 tal , mettendo grande parte do povo idóla-
 tra em o curral do Senhor , e como hum
 novo Apostolo , levou o seu nome per to-
 dalas gentes. E assi permittio , que este des-
 cubrimento pela magestade delle passasse pe-
 la lei , que tem as grandes cousas , as quaes
 quando se querem mostrar a nós , tem huns
 principios trabalhosos , e caços não pensa-
 dos , e de tanto perigo , como passáram es-
 tes dous Cavalleiros , que o Infante man-
 dou descubrir. Porque antes que chegassem
 á costa de Africa , saltou com elles tamanho
 temporal com força de ventos contrarios á
 sua viagem , que perdêram a esperança das
 vidas , por o navio ser tão pequeno , e o
 mar tão grosso , que os comia , correndo a
 arvore secca á vontade delle. E como os
 marinheiros naquelle tempo não eram cof-
 tumados a se engolfar tanto no pégo do
 mar , e toda sua navegação era per sangra-
 duras sempre á vista de terra , e segundo
 lhes parecia eram mui affastados da costa
 des-

deste Reyno, andavam todos tão torvados, e fóra do seu juizo pelo temor lhes ter tornado a maior parte delle, que não sabiam calgar em que paragem eram. Mas aprouve a piedade de Deos, que o tempo cessou; e posto que os ventos lhes fizeram perder a viagem que levavam, segundo o regimento do Infante, não os desviou de sua boa fortuna: descobrido a Ilha, a que agora chamamos Porto Santo, o qual nome lhe elles então puzeram, porque os seguiu do perigo, que nos dias da fortuna passáram. E bem lhe pareceo que terra em parte não esperada, não sómente lha deparava Deos pera sua salvação, mas ainda pera bem, e proveito destes Reynos, vendo a disposição, e sitio della: e mais não ser povoada de tão féra gente, como naquelle tempo eram as Ilhas Canareas, de que já tinham noticia. Com a qual nova, sem ir mais avante, se tornáram ao Reyno, de que o Infante recebeo o maior prazer, que téquelle tempo desta sua impreza tinha visto, parecendo-lhe que era Deos servido della, pois já começava ver o fruto de seus trabalhos. E accrescentava mais a este seu prazer, dizerem aquelles dois Cavalleiros, a hum dos quaes chamavam João Gonçalves Zarco da Cunha, e ao outro Tristão Vaz, que vinham tão contentes dos ares, sitio, e fresquidão da

da terra, que se queriam lá tornar a povoalla, por verem que era mui grossa, e azada pera frutificar todaslas sementes, e plantas de proveito. E não sómente elles; e os outros de sua companhia que a víram, mas ainda muitos polo que della ouviam, e tambem por comprazer ao Infante, se offerecêram a elle com este proposito de a povoar: antre os quaes foi huma pessoa notavel chamado Bertolameu Perestrello, que era Fidalgo da casa do Infante D. João seu irmão. Vendo elle Infante D. Henrique o alvoroço, com que se já os homens despunham a este negocio, convertia-se a Deos, dando-lhe muitas graças, pois lhe aprouvera ser elle o primeiro que descobrisse a este Reyno, principio de outros, em que o coração da gente Portuguez se estendesse pera seu serviço. Pera a qual ida logo com muita diligencia mandou armar tres navios, hum dos quaes deo a Bertolameu Perestrello, e os outros dous a João Gonçalves, e a Tristão Vaz primeiros descobridores indo mui apercebidos de todaslas sementes, e plantas, e outras cousas, como quem esperava de povoar, e assentar na terra. Antre as quaes era huma coelha, que Bertolameu Perestrello levava prenhe mettida em huma gaiola, que pelo mar acertou de parir, de que todos houeram muito prazer: e tiverám

por

por bom prognostico, pois já pelo caminho começavam dar fruto as sementes que levavam, e aquella coelha lhes dava esperança da grande multiplicação que haviam de ter na terra. E certo que esta esperança da multiplicação da coelha os não enganou, mas foi com mais pezar que prazer de todos; porque, chegados á Ilha, e solta a coelha com seu fruto, em breve tempo multiplicou em tanta maneira, que não semeavam, ou plantavam cousa que logo não fosse roida. O que foi em tanto crescimento per espaço de dous annos que alli estiveram, que quasi importunados daquella praga, começou de aborrecer a todos o trabalho, e modo de vida que alli tinham, donde Bertolameu Perestrello determinou de se vir pera o Reyno, ou per qualquer outra necessidade que pera isso teve.

CA-

CAPITULO III.

Como João Gonçalves, e Tristão Vaz, partido Bertolameu Perestrello, descobri-ram a Ilha, a que ora chamam da Madeira, a qual o Infante D. Henrique repartio em duas Capitánias: huma chamada do Funchal, que deo a João Gonçalves; e a outra Machico, que houve Tristão Vaz.

João Gonçalves, e Tristão Vaz, como eram chamados pera melhor fortuna, e mais prosperidade, não se quizeram vir pera o Reyno, nem menos fazer assento naquella Ilha; mas partido Bertolameu Perestrello, determináram de ir ver se era terra huma grande sombra que lhe fazia a Ilha, a que ora chamamos da Madeira, na qual havia muitos dias que se não determinavam, porque por razão da grande humidade que enfi continha com a espessura do arvoredó, sempre a viam afumada daquelles vapores, e parecia-lhes serem nuvens grossas; e outras vezes affirmavam que era terra, porque demarcando aquelle lugar com a vista, não o viam desassombrado como as outras partes. Assi que movidos deste desejo, em dous barcos que fizeram da madeira da Ilha em que estavam, vendo o mar pera isso disposto, passáram-se a ella, á qual chamáram da

Ma-

30 ASIA DE JOÃO DE BARROS

Madeira por causa do grande, e mui espelso arvoredo de que era cuberta. Nome já mui celebrado, e sabido per toda a nossa Europa, e assi em muitas partes de Africa, e Asia por os frutos da terra de que todas participam; e ella tão nobre, fertil, e generosa em seus moradores, que tirando Inglaterra mui antiquissima em povoação, e illustre com a magestade dos seus Reys, em todo o mar Oceano Occidental a esta nossa Europa ella se póde chamar princeza de todas. O que a fama tem da ida destes dous Capitães, e sua sahida em terra, e que João Gonçalves com o seu barco sahio onde ora chamam Camara de Lobos junto do Funchal, e Tristão Vaz sahio na ponta de Tristão, a que elle então deo nome; e que da sahida que cada hum fez nestes lugares lhe coube a sorte da terra, que lhe foi dada pelo Infante em capitania. Os herdeiros de João Gonçalves tem escritura mui particular deste descobrimento, e querem que toda a honra, e trabalho d'elle lhe seja dada, dizendo, que Tristão Vaz não era homem de tanta idade, nem qualidade, como João Gonçalves, sómente que era chegado a elle per amizade, e companhia, e que como homem mancebo, e desta conta sempre era nomeado por Tristão, os quaes chegando ambos em hum bar-

barco do mesmo João Gonçalves, sahiram naquelle lugar chamado ora a ponta de Tristão, e alli o leixou João Gonçalves, dizendo, que em quanto elle hia no batel dar huma volta á Ilha buscar outro porto, que entrasse elle ver a terra per dentro. E que ficando alli Tristão, elle viera em seu barco ter á parte a que ora chamam o Funchal, do qual sitio, e disposição de terra, quanto de fóra se podia julgar, elle ficou contente; e tornando onde leixára Tristão, lhe deo toda aquella terra, que lhe depois foi dada em capitania, isto em nome do Infante, por trazer regimento, e commissão sua pera o poder fazer. Gomezeanes de Zurara, que foi Chronista destes Reynos, de cuja escriptura nós tomamos quasi todo o processo do descobrimento de Guiné, (como se adiante verá,) em soma diz, que ambos estes Cavalleiros descobriram esta Ilha; però sempre nomea a Tristão Vaz por Tristão, como pessoa menos principal. Nós leixado o particular desta precedencia, basta pera nossa historia saber como ao tempo, que João Gonçalves sahio em terra, era ella tão cuberta de espesso, e forte arvoredado, que não havia outro lugar mais descoberto que huma grande lapa, ao modo de camara abobodada, que se fazia debaixo de huma terra soberba sobre o mar. O chão da qual
la-

lapa estava mui sovado dos pés dos lobos marinhos, que alli vinham retouçar, ao qual lugar elle chamou Camara de Lobos; e tornou este appellido em memoria, que naquelle lugar foi a primeira entrada de sua povoação. O qual appellido ficou a todos seus herdeiros, e alguns se chamam da Camara sómente: e perô todos trazem por armas, se são as que deram a João Gonçalves, hum escudo verde, e huma torre de menagem de prata cuberta, e dous lobos de sua côr pegados nella, e na ponta do curucho da torre huma cruz d'ouro. O Infante depois que estes Capitães vieram ao Reyno com a nova desta Ilha, per consentimento delRey D. João seu Padre, a repartio em duas capitaniás: a João Gonçalves deo a que chamamos do Funchal, onde está a Cidade nomeada deste lugar com as demarcações que a ella pertencem, de que ora seus herdeiros são Capitães de juro, e herdade, segundo se contém em suas doações. E a Tristão Vaz deo a outra, onde está a povoação de Machico, cujos successores a tiveram té o anno de quinhentos e quarenta, onde se quebrou seu legitimo herdeiro, segundo tinham per sua doação, da qual ElRey D. João o terceiro Nosso Senhor neste mesimo tempo fez doação della de juro, e herdade a Antonio da Silveira de

de Menezes , filho de Nuno Martins da Silveira Senhor de Goes em satisfação dos serviços , que fez na India em o cerco da Cidade de Diu do Reyno Guzarate , onde estava por Capitão , quando foi cercado per Soleimão Bassá Capitão mór d'Armada do Turco , (como se verá em seu lugar.) E a fóra o merito , que estes Capitães tiveram naquelle descobrimento pera lhes ser feita mercê daquellas capitaniás , havia outros de suas pessoas , e serviço , per que cabia nelles toda honra ; porque em as idas dalém , principalmente em o cerco de Cepta , quando foi o desbarato dos Mouros no dia da chegada , onde se elles acháram , e assi no cerco de Tangere , ambos o fizeram honradamente , e o Infante os armou Cavalleiros. E que nesta parte os meritos dambos fossem communs , em João Gonçalves particularmente havia os da nobreza do seu sangue , o que parece responder a lhe ser dada maior parte na repartição da Ilha , sempre depois precedeo em honra aos Capitães de Machico. Porém quanto aos trabalhos , que cada hum teve em povoar o que lhe coube em forte , ambos são dignos de muito louvor ; e começaram esta obra da povoação no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatrocentos e vinte. No principio da qual povoação poendo

Tom. I.

C

João

João Gonçalves fogo naquella parte, onde se ora chama o Funchal, em huma roça que fez pera descobrir a terra do arvoredo, e rama, que tinha per baixo, e nella lançar algumas sementes, assi tomou o fogo posse da roça, e do mais arvoredo, que sete annos andou vivo no bravio daquellas grandes matas, que a natureza tinha creado havia tantas centenas de annos. A qual destruição de madeira, posto que foi proveitosa pera os primeiros povoadores, logo em breve começaram lograr as novidades da terra: os presentes sentem bem este danno por a falta que tem de madeira, e lenha; porque mais queimou aquelle primeiro fogo, do que dentão té ora poderá decapar força de braço, e machado. Couza que o Infante muito sentio, e parece que como profecia vio esta necessidade presente que a Ilha tem de lenha; porque dizem que mandava que todos plantassem matas, polo negocio dos açucars, de que a Ilha logo deo mostra gastar tanta, que era certo vir a esta necessidade. E a primeira Igreja, que o Infante mandou fundar, foi Nossa Senhora do Calháo; e depois que a Ilha começou a multiplicar em povoações, se fundou Nossa Senhora da Assumpção, que ora he Sé Cathedral Arcebispado Primaz das Indias. Depois no anno de mil quatrocent-

centos trinta e tres em a Villa de Sintra a vinte e seis de Setembro ElRey D. Duarte irmão deste Infante lhe fez doação della em dias de sua vida , e no anno seguinte em a mesma Villa a vinte seis e Doctubro deo todo o espirital della á Ordem de Christo: As quaes doações depois lhe foram confirmadas per ElRey D. Affonso seu sobrinho o anno de mil quatrocentos e trinta e nove. E por as cousas desta Ilha serem a nós já mui manifestas , e sabidas , leixamos de escrever da fertilidade della : sómente se pôde notar ser cousa tão grossa , que alguns annos rendeo o quinto dos açucares ao Mestre de Christo passante de sessenta mil arrobas : e esta novidade se havia em terra , que occupava pouco mais de tres leguas. A Ilha do Porto Santo deo o Infante a Bertolameu Perestrello que a povoasse , o que lhe foi mui trabalhosa cousa por causa dos coelhos , que os moradores não podiam vender , dos quaes ainda hoje em hum ilheo , que está pegado a ella , he tanta a multidão que parecem bichos , e passou já de tres mil huma matança que se nelles fez. Tambem houve outra causa de se esta Ilha não povoar como a da Madeira , e foi por não haver nella ribeiras de regadio pera as fazendas dos moradores , com que Bertolameu Perestrello ficou com menos forte que

os outros Capitães, cuidando o Infante naquelle tempo que lhe ficava a melhor.

C A P I T U L O IV.

Das murmurações, que o povo do Rey no fazia contra este descobrimento: e como havendo doze annos que nelle se proseguia, hum Gileanes passou o Cabo Bojador tão temeroso na opinião das gentes.

COM o descobrimento destas duas Ilhas começou o Infante a se esforçar mais em o seu principal intento, que era descobrir a terra de Guiné, por liaver já doze annos que trabalhava nisso contra parecer de muitos, sem achar algum final pera satisfação daquelles, que haviam este negocio por cousa sem fruto, e mui perigosa a todos, que andavam nesta carreira, por este commun proverbio, que traziam os mareantes: *Quem passar o Cabo de Nam, ou tornará, ou não.* E era tão assentado o temor desta passagem no coração de todos, por herdarem esta opinião de seus avós, que com muito trabalho achava o Infante quem niffo o quizesse servir, però que já o descobrimento da Ilha da Madeira desse algum animo aos navegantes. Porque diziam muitos, que como se havia de passar hum cabo, que os mareantes de Hespanha puzeram por

por termo , e fim da navegação daquellas partes , como homens que sabiam não se poder navegar o mar , que estava além del- le , assi por as grandes correntes , como por ser mui aparcelado , e com tanto fervor das aguagens , que sorvia os navios. E mais ; que a terra que o Infante mandava buscar não era terra , mas huns areaes , como os desertos de Lybia , de que fallavam os Es- critores , por ella ser huma parte a mais Oc- cidental della , de que já tinha experiencia em as sessenta leguas de costa , que estavam ante do Cabo Bojador. E não sómente os mareantes , mas ainda outras pessoas de mais qualidade , diziam : *Certamente nós não sa- bemos que opinião foi esta do Infante , nem que fruto elle espera deste seu descobrimen- to , senão perdição de quanta gente vai em os navios , pera ficarem muitos orfãos , e viúvas no Reyno , além da despeza de suas fazendas , pois o perigo , e o gasto ambos estão manifestos , e o proveito tão incerto , como todos sabemos. Porque sempre abi houve Reys , e Principes em Hespanha de- sejosos de grandes empresas , e tão cubiço- sos de buscar , e descobrir novos estados , como o Infante ; e não vemos , nem lemos em suas Chronicas , que mandassem descobrir esta terra , tendo-a por tão vizinha. Mas como cousa de que não esperavam honra ,*
ou

ou proveito algum, leixáram de a descobrir, contentando-se com a terra, que ora temos, a qual Deos deo por termo, e habitação dos homens; e se alguma houver, onde o Infante diz, devemos crer que elle a leixou pera pasto dos brutos. Cá, segundo os antigos escrevêram das partes do Mundo, todos affirmão que esta, per que o Sol anda, a que elles chamam torrida Zona, não he habitada. Ora onde o Infante manda descobrir, he já tanto dentro no fervor do Sol, que de brancos que os homens são, se lá for algum de nós, ficará, (se escapar,) tão negro, como são os Guineos vizinhos a esta quentura. Se ao Infante parece que como ora achou estas duas Ilhas, que o tem mais elevado neste descubrimento, póde achar outras terras hermas, grossas, e fertiles, como dizem que ellas são, terras, e maninhos ha no Reyno pera romper, e aproveitar sem perigo de mar, nem despezas desordenadas. E mais temos exemplos contrarios a esta sua opinião, porque os Reys passados deste Reyno sempre dos Reynos alheios pera o seu trouxeram gente a este a fazer novas povoações; e elle quer levar os naturaes Portuguezes a povoar terras hermas per tantos perigos de mar, de fome, e sede, como vemos que passam os que lá vam. Certo que outro exemplo he deo

deo seu Padre poucos dias ha , dando os maninhos de Lavra junto de Coruche a Lambert de Orches Alemão , que os rompesse , e povoasse , com obrigação de trazer a elle moradores estrangeiros d'Alemanha ; e não mandou seus vassallos passar além mar romper terras , que Deos deo por pasto dos brutos. E bem se vio quanto mais naturaes são pera elles , que pera nós , pois em tão poucos dias huma coelha multiplicou tanto , que os lançou fóra da primeira Ilha , quasi como amoestação de Deos , que ha por bem ser aquella terra pastada de alimarias , e não habitada per nós. E quando quer que nestas terras de Guiné se achasse tanta gente , como o Infante diz , não sabemos que gente he , nem o modo de sua peleja ; e quando fosse tão barbara , como sabemos que he a das Canareas , a qual anda de penedo em penedo , como cabras ás pedradas contra quem os quer offender , nós que proveito podemos ter de terra tão esterele , e aspera , e cativar gente tão mesquinha ? Certo nós não sabemos outro , senão virem elles encarentar o mantimento da terra , e comerem nossos trabalhos ; e por cobrarmos hum comedor destes , perdermos os amigos , e parentes. Estas , e outras cousas dizia a gente naquelle tempo , vendo com quanto fervor , e desejo o Infante procedia neste des-

cu-

cubrimto de Guiné, a qual conquista durou per espaço de doze annos, sem neste tempo algum, de quantos navios mandou, ousar passar o Cabo Bojador. Porém quando os Capitães tornavam, faziam algumas entradas na costa de Berberia, (como atrás dissemos,) com que elles refaziam parte da despeza, o que o Infante passava com sofrimento, sem por isso mostrar aos homens descontentamento de seu serviço, dado que não cumprissem o principal a que eram enviados. Porque como era Principe Catholico, e todalas suas cousas punha em as mãos de Deos, parecia-lhe que não era merecedor que per elle fosse descoberto, o que tanto tempo havia que estava escondido aos Principes passados de Hespanha. Com tudo, porque sentia em si hum estimulo de virtuosidade perfia, que o não leixava descansar em outra cousa, parecia-lhe que era ingratição a Deos dar-lhe estes movimentos, que não desistisse da obra, e elle ser a isso negligente. As quaes inspirações assi o incitavam, que mandou armar huma barca, a capitania da qual deo a hum Gilianes seu criado natural da Villa de Lagos, que já o anno passado fora a este descobrimento; e por lhe os tempos não terçarem bem, se foi ás Canareas, e em alguns saltos que fez tornou certos cativos, com que se tornou pe-

ra

ra o Reyno. E porque o Infante se mostrou mal servido delle por este feito, ficou tão descontente de si, que nesta segunda viagem determinou de offerecer a vida a todos os perigos, e não vir ante o Infante sem mais certo recado do que trouxera o anno passado. E a este seu proposito se ajuntou a boa fortuna, ou por melhor dizer, a hora, em que Deos tinha limitado o curso de tanto receio, como todos tinham de passar aquelle Cabo Bojador, o qual nome lhe elle então poz pelas razões que atrás dissemos, não tendo té aquelle tempo algum ácerca de nós; e segundo a sua situação, podemos dizer ser aquelle o Cabo, a que Ptholomeu chama Ganaria promontorio. E posto que a obra desta passagem não foi grande em si, quanto agora, então lhe foi contada por hum grande feito, e houveram que era igual a hum dos trabalhos de Hercules, porque com esta passagem desfez a vã opinião, que toda Hespanha tinha, e deo animo áquelles, que não ousavam seguir este descobrimento. Tornado Gilianes ao Reyno com esta nova, foi recebido do Infante com aquelle prazer, que se tem das cousas tão desejadas, e per tanto tempo, e trabalho riqueridas, como eram aquellas, e agalardoou sua pessoa, e assi os da sua companhia com honra, e mercê. E o que mais ani-

animou o Infante a esta empreza, foi contar-lhe Gilianes como sahira em a terra sem achar gente, ou povoação alguma, e que lhe parecêra mui fresca, e graciosa; e que em final de não ser tão esterele, como as gentes diziam, trazia alli a Sua Mercê em hum barril cheio de terra humas hervas, que se pareciam com outras, que cá no Reyno tem flores, a que chamam rosas de Santa Maria. As quaes sendo trazidas ante o Infante elle as cheirava, e tanto se gloriava de as ver, como se fora algum fruto, e mostra da terra de promissão, dando muitos louvores a Deos: e pedia a Nossa Senhora, cujo nome aquellas hervas tinham, que encaminhasse as cousas daquelle descobrimento pera louvor, e gloria de Deos, e acrescentamento de sua Santa Fé. E não somente o Infante, cuja era esta empreza, mas ainda ElRey D. Duarte seu irmão, que então reinava, ficou mui contente deste feito, tanto pela honra do Infante, por saber as murmurações que andavam no Reyno desta sua empreza, como por o proveito, que elle, e os seus naturaes nisso podiam ter. O qual logo publicamente quiz mostrar este contentamento, porque estando em a Villa de Sintra, onde lhe foi dada pelo Infante esta nova, elle fez doação de todo o espirital das Ilhas da Madeira, Porto Santo,

to, e Deserta ao Mestrado de Christo, de que elle Infante era Governador, e disso lhe passou Carta a vinte e seis de Outubro da era de mil quatrocentos trinta e tres annos, pedindo nella ao Papa que o confirmasse. E no mesmo tempo lhe fez mercê a elle Infante das ditas Ilhas em dias de sua vida, com toda jurifdicção de Civel, e Crime, segundo em a doação se contém.

C A P I T U L O V.

Como o Infante mandou Afonso Gonçalves Baldaya seu Copeiro por Capitão de hum barinel, e Gilianes, o que passou o Cabo Bojador, em sua barca: e como tornáram segunda vez no anno seguinte: e da peleja que houveram com huns Alarves dous moços, que sabiram em terra.

O Anno seguinte de trinta e quatro, como o Infante estava informado per Gilianes da maneira da terra, e da navegação ser menos perigosa do que se dizia, mandou armar hum barinel, que foi o maior navio, que té então tinha enviado, por já estar fóra da suspeita, que se tinha dos baixos, e parcel, que diziam haver além do Cabo. A capitania do qual deo a Afonso Gonçalves Baldaya seu Copeiro, e em sua companhia foi Gilianes em sua barca, os quaes

quaes com bom tempo, além do Cabo já descoberto, corrêram obra de trinta leguas. E sahidos em terra, acháram rasto de homens, e camellos, como que passavam em cafila de huma parte á outra; e sem mais outra cousa, depois de notarem a maneira, e disposição da terra, ou porque assi lhe fora mandado, ou per qualquer outra necessidade, que a isso os obrigou, se tornáram pera o Reyno, e ficou nome áquelle lugar, onde chegáram, Angra dos Ruinos pola grande pescaria que alli fizeram delles. O Infante sabendo per elles o que acháram, no seguinte anno os tornou enviar, encomendando-lhes que trabalhassem por passar mais avante, té chegar á terra povoada, onde pudessem ver lingua pera se informar della. Nesta segunda viagem, como já navegavam com menos temor, em breve tempo passáram além do que tinham descoberto doze leguas, onde lhe a terra pareceo chá, e descuberta, lançáram fóra dous cavallos, quo o Infante mandára levar pera aquelle mister, em os quaes Afonso Gonçalves mandou cavalgar dous moços, e por os não cansarem pera qualquer corrida, se lhe necessario fosse, não consentio que levassem armas defensivas. E tambem por lhes não dar nellas confiança pera poderem pelear, sómente leváram lanças, e espadas,

e re-

e recado que não fizessem mais que descubrir a terra, e isto sem se apartar hum do outro, nem menos se apeassem; e porém vendo alguma pessoa, que elles sem seu perigo pudessem prender, que o fizessem. Seria cada hum destes mancebos de quinze e dezefete annos, e bem mostráram no accommettimento deste feito quem depois haviam de ser, porque com tanto animo partíram ao que lhe Afonso Gonçalves mandava, como se foram passear a hum campo mui sabido, e seguro. E quiz Deos que a este seu esforço não desfaleceo bom acontecimento; porque sendo já passada a maior parte do dia da menhaã que partíram, acháram juntos dezenove homens cada hum com seu dardo na mão á maneira de azagaias. E como deram de subito sobre elles, sem ter lugar pera não serem vistos, e se tornar ao navio dar esta nova, però que lhe era defezo commetterem tal cousa, houveram que caiam mais em culpa de suas honras, se lhe fugissem, que em desobediencia de seu Capitão, se os commettessem. Com o qual proposito remettêram a elles, cuidando que os pudessem alancear; mas os Mouros tiveram melhor cuidado de si, porque tanto que os víram, espantados de tamanha novidade, primeiro que se elles determinassem, se acolheram a huma furna, que estava debaixo de

46 ASIA DE JOÃO DE BARROS

de huns penedos. Os mancebos vendo que se não podiam ajudar delles á sua vontade, depois que pelejáram hum bom pedaço, e feríram alguns, e hum delles tambem ficou ferido em hum pé de huma azagaia de remesso, leixáram-os de todo, e vieram em busca do navio, que por serem mui apartado já delles, não puderam tomar senão ao outro dia pela menhaã. Onde foram recebidos com grande festa, e honra, de que elles eram merecedores, cá não foi este seu caso tão pequeno, que não possa ser estimado por hum honrado feito. Porque quem considerar a idade delles, e a estranheza de terra, e quanta fabula a gente de Hespanha della dizia, e ostemores, que tinham concebido do que nella havia, averá que foi obra de generoso, e esforçado animo entrar per ella tão longe, quanto mais commetter dezenove homens de figura tão disforme, que sómente esperar a vista delles era assás ousadia. Mas isto he proprio da virtude, e nobreza do sangue, em qualquer idade logo se mostra, ainda que seja nos maiores perigos da vida. E por não ficarem sem o merito, que se deve áquelles, que á custa do seu suor, e sangue servem a Deos, e a seu Rey, e mais pois estes foram os primeiros, que por estas duas causas o deram áquellas partes, he bem que se

fai-

saiba que a hum chamavam Heçtor Homem, e a outro Diogo Lopes Dalmeida, ambos homens Fidalgos, e especiaes Cavalleiros creados na escola da nobreza, e virtude daquelle tempo, que foi a casa deste excellente Principe Infante D. Henrique. Afonso Gonçalves informado per elles do lugar, onde ficavam os Mouros, determinou com gente de os ir buscar: però todo seu trabalho se converteo em trazer o despojo, que aquella gente barbara com temor leixou na furna da contenda, o qual despojo de pobreza foi mais por final da vitoria daquelles novees Cavalleiros, que por sua valia. Com o qual feito, além do nome que elles ganháram pera si, tambem o deram com a sua fallida áquelle lugar, que ora chama a Angra dos cavallos; que com mais razão se podia chamar dos primeiros Cavalleiros naquella parte de Lybia deserta. Partido dali Afonso Gonçalves, obra de doze leguas foi dar em hum rio, a entrada do qual em huma coroa, que se fazia no meio, víram jazer tanta multidão de lobos marinhos, que foram assomados em numero de cinco mil, dos quaes matáram boa somma, de que trouxeram as pelles por naquelle tempo ser cousa mui estimada. Mas como nenhuma destas cousas contentava a Afonso Gonçalves, pois não levava ao Infante hum da-

quel-

quelles Mouros, com desejo de achar outros passou mais adiante té huma ponta, a que ora chamam a Pedra de Galé, nome, que lhe elle então poz, por a semelhança que mostra a quem a vê de longe, no qual lugar achou humas redes de pescar, que parecia ser feito o fiado dellas do entrecasco d'algun páo, como ora vemos o fiado da palma, que se faz em Guiné. E porque aquelles eram sinas da terra povoada, fez pera aquella costa algumas sahidas, sem achar povoação, nem poder haver o que desejava levar ao Infante; e sem mais outro feito, por ter os mantimentos gastados, se tornou pera o Reyno.

C A P I T U L O VI.

*Como Antão Gonçalves foi fazer man-
tança de lobos marinhos: e das sahidas
que fez em terra per si, e com Nuno Tris-
tão, que depois se ajuntou com elle, em
que tomáram doze almas: e do mais que
passou Nuno Tristão.*

TÉ o anno de trinta e nove não achamos cousa notavel, que se fizesse neste descobrimento, porque em este meio tempo faleceo ElRey D. Duarte irmão do Infante D. Henrique, e leixou o Principe Dom Afonso seu filho, que reinou em idade de seis

seis annos ; e por causa das suas tutorias
houve tantas dissensões , e differenças no
Reyno , que cessáram todas cousas deste
descubrimento té o anno de quarenta , em
que o Infante mandou duas caravelas , as
quaes per tempos contrarios , e aconteci-
mentos não muito prosperos se tornáram ao
Reyno sem cousa digna deste lugar. E no
seguinte anno , por as cousas do Reyno an-
darem já mais em algum asfocego , e o In-
fante livre pera poder entender nesta sua
empreza , mandou armar hum navio peque-
no , em que foi por Capitão Antão Gon-
çalves seu Guardaroupa , que ainda era ho-
mem mancebo: A fim que quando não pu-
desse haver alguma lingua da terra , carre-
gasse o navio de courama das pelles dos
lobos marinhos no lugar que dissemos, que
Afonso Gonçalves fez a matança delles. Pe-
ró Antão Gonçalves como era homem , a
quem a honra mais obrigava que a cubiça
da courama , e azeite de lobos , dado que
em breve tempo tanto que chegou fez sua
matança , com que se pudera tornar bem
carregado , chamou a hum Afonso Gote-
rez , moço da Camara do Infante , que hia
por Escrivão do navio , e assi toda a mais
companhia delle , que seriam per todos vin-
te huma pessoa , e disse-lhes: *Amigos , nós*
temos feito parte daquillo , a que somos

Tom. I.

D

in-
N IMPRENSA
NACIONAL

inviados, que era carregar este navio; e dado que os servos muito mereçam em acabar os mandados de quem os invia, maior louvor será se fizermos o que o Infante mais deseja, que he levar-lhe alguma lingua desta terra; porque a sua tenção neste descobrimento não he a fim da mercadoria que levamos, mas buscar gente desta terra tão remota da Igreja, e a trazer ao Baptismo, e depois ter com elles communicação, e commercio pera honra, e proveito do Reyno. E pois isto a todos he mui notorio, justa cousa me parece trabalharmos por levar algum dos moradores desta terra; porque a meu ver se Afonso Gonçalves per esta Comarca, per onde este rio vem, achou gente, buscando-nos bem per força devemos achar alguma povoação. Acerca do qual caso me parece que sería bem sabirmos esta noite dez, ou doze homens em terra daquelles, que mais dispostos se achassem pera isso; e espero em Nosso Senhor que com vossa ajuda nos iremos desta terra mais honrados, que quantos té ora vieram a ella. Afonso Goterez, e toda a companhia do navio louvou esta determinação de Antão Gonçalves, mas não approvaram fahir elle em terra por ser Capitão, a quem convinha ficar em o navio pera o que succedesse; e depois que nisto altercáram, e deba-

têram hum bom pedaço, por as muitas razões que Antão Gonçalves pera isso deo, foi hum dos nove, que aquella noite entráram pela terra. E sendo já bêm tres leguas alongados do navio, víram atravessar hum homem nú com dous dardos na mão tangendo hum camello, que levava ante si. O qual tanto que ouviu o estrupido dos nossos, e os vio correr contra si, assi ficou cortado de medo sem se bulir, que ante de tomar outro animo, era já com elle Afonso Goterez por ser homem mancebo, ligeiro, e bêm despachado nestes negocios. Feita esta preza, que foi pera todos de grande prazer, começaram caminhar contra o navio, porque entrelles não havia quem no entendesse pera tomarem informação da terra, e irem mais avante. E tendo andado hum bom pedaço, acháram a gente, cujo rasto elles traziam, que seriam té quarenta pessoas, da companhia dos quaes era este cativo, e assi huina Moura, que tambem tomáram á vista delles. Os quaes tanto que víram os nossos, sahíram-se do caminho pera hum tezo, e ali se apinhoáram todos a olhar tamanha novidade. Os mais dos nossos desejosos de se revolver com elles, foram em conselho que os commettessem no outeiro onde estavam; mas Antão Gonçalves però que homem mancebo fosse cubiço-

fo de ganhar honra; e a isso era alli vindo, obedeceo mais ao officio de Capitão, que aos desejos de sua idade; e disse, que não lhe parecia bein commettellos por ser já o Sol posto, e mui grão pedaço do navio, e tão cansados, e sequeiosos de grande calma, que sómente o caminho que tinham por andar bastava por trabalho, que affás os commettiam, pois na face dellés lhe tomáram aquella mulher, que podia ser d'algum, que seu voto era fazer seu caminho pera o navio: E que quando os Mouros os viessem commetter, então ahi lhe ficava fazer cada hum seu officio de cavalleiros, e o mais lhe parecia liviandade, e não cousa de homens prudentes, e obrigados a dar conta a quem os enviava, cujo regimento tinham em contrario do que lhes parecia. Nesta detença, que Antão Gonçalves fez de palavras, os Mouros però, que barbaros eram per natureza, o temor os fez prudentes pera entenderem que o apinhoar dos nossos, e detença que fizeram sem se mover, fora consulta ácerca de os commetterem, ou não; e como gente que tinha mais conta com a vida que com a honra, viráram-lhes as costas, escoando-se contra a outra parte do tezo pera se encubrirem dos nossos; aos quaes Antão Gonçalves não quiz seguir, porque houve que servia mais o Infante na preza dos

dos cativos que levava, que aventurar a vida d'alguns da companhia por levar mais hum cativo. Tornado ao navio, e estando já pera se partir ao seguinte dia, chegou outro navio do Reyno, em que vinha por Capitão hum cavalleiro da casa do Infante chamado Nuno Tristão, que elle creára na sua camara de moço pequeno, e era assi ardidado, e tanto de sua pessoa, que o mandava o Infante, que lhe passasse a ponta da pedra da Galé, e trabalhasse por lhe haver alguma lingua da terra. O qual sabendo o feito de Antão Gonçalves, e movido de hum virtuosa inveja, trabalhou tanto com elle, que essa noite fossem ambos em busca dos Mouros que acháram, que concedeo Antão Gonçalves em seu requerimento, partindo logo tanto que anoiteceo, em cuja companhia hiam Diogo de Valladares, que depois foi Alcaide mór da Villa-Franca, e Gonçalo de Cintra, cujo esforço se verá nesta conquista. E foi tal sua boa ventura, que foram dar com os Mouros, onde jaziam recolhidos, ora fossem os que Antão Gonçalves achou, ou quaesquer outros: chegando aos quaes começaram com grande grita dizer: *Portugal, Portugal, Sant-Iago*. Quando aquella barbara gente ouviu vozes não costumadas, como cousa tão nova, e espantosa a elles, bem puderam tomar

mar

mar estas vozes por sonho, se juntamente com ellas naquella escuridade da noite não sentíram que os nossos lhe punham as mãos asperamente pera os prender. E porém alguns delles, dado que o medo lhe quebrasse a ousadia, a dor do mal que recebiam lhe fazia acudir, defendendo-se com sua coragem, a qual lhe manifestava as armas de páo, pedra, dentes, e unhas, porque tudo alli servia. E como o negocio era feito áquellas horas, nisto eram conhecidos huns dos outros, andarem elles nús, e os nossos vestidos; e que a batalha não fosse crua, todavia foi perigosa por ser em tal tempo; e se os nossos não falláram, e bradáram em final de quem eram, sempre huns dos outros recebêram damno. E prouve a Deos que todo perigo cahio sobre os Mouros, porque ficáram logo alli estirados tres, e cativáram dez. E dos mortos hum delles matou Nuno Tristão com grande perigo de sua pessoa, vindo a braços; porque como o Mouro era nervudo, e forçoso, e tinha ventage na luta por andar nú, senão foram as armas, sempre Nuno Tristão padecêra mal. E outro, que tambem se houve esforcadamente neste negocio, foi hum Gomes Vinagre moço da Camara do Infante, em que mostrou quem depois havia de ser, com a qual vitoria se tornáram pera os navios

vios já algum tanto de dia. E ante que entrassem em os navios, pediram todos a Antão Gonçalves, que em memoria daquelle feito, que se fizera com tanta honra sua, lhe approuvesse dar nome áquelle lugar com se armar alli Cavalleiros. Antão Gonçalves però, que não quizera acceptar a tal honra de cavalleria, negando ser merecedor della, por comprazer a todos, foi armado Cavalleiro per mão de Nuno Tristão, com que o lugar, segundo lhe todos diziam, ficou com o nome, que hoje tem, que he Porto do Cavalleiro. Recolhidos os Capitães a seus navios, acertou que entre os cativos vinha hum da casta dos Alarves, que se entendeo com o Mouro lingua, que Nuno Tristão levava; e pela prática, que com elle tiveram, pareceo bem aos Capitães lançarem a Moura em terra, e com ella o Mouro lingua, para por meio delles virem alguns Mouros resgatar daquelles cativos. Como de feito aconteceo, porque d'hi a dous dias, que lançaram estes fóra, acudiram ao porto obra de cento e cincoenta homens antre de cavallo, e camellos, os quaes na primeira vista quizeram usar de huma sagacidade, mandando tres, ou quatro diante, que provocassem os nossos a sahir em terra, e os mais ficavam detrás de huns medãos em cilada. Però vendo que os nossos

não

não sahiram do batel tão prestes, como elles cuidavam, parecendo-lhes serem entendidos, começaram a se descobrir, trazendo consigo prezo o Mouro lingua, o qual logo avisou os Capitães que em nenhuma maneira sahissem fóra, porque aquella gente vinha mui indinada contra elles, como logo começaram mostrar, tirando ás pedradas aos bateis, depois que foram defenganados que os nossos não queriam sahir em terra. Os Capitães dissimulando com a furia delles por cumprir com o regimento do Infante, tornáram-se aos navios sem lhes fazer damno; e havido conselho do que fariam, assentáram que Antão Gonçalves se tornasse pera o Reyno com os cativos, que lhe coubessem á sua parte; e Nuno Tristão, porque o Infante lhe mandava ir mais avante, deo quarena á caravela, e depois de espalmada, começou fazer seu caminho seguindo a costa, té chegar a hum Cabo, que per a semelhança delle lhe poz nome Branco. E posto que alli achou rasto de homens com redes de pescar, e per muitas vezes fizesse entradas na terra, sem poder haver á mão alguma lingua della, porque a costa começava alli tomar outro rumo á maneira de enseada pera onde as aguas corriam, temendo que na volta do Cabo por razão desta corrente gastasse todo o mantimento por já

já estar desfalecido delle, sem ir mais avante, nem fazer cousa alguma digna deste lugar, se tornou pera o Reyno, onde já achou Antão Gonçalves, a quem o Infante assi per outros serviços, como polos deste descobrimento, deo a Alcaidaria mór de Thomar, e huma Commenda, e o fez Escrivão de sua puridade.

C A P I T U L O VII.

Da supplicação, que o Infante fez ao Papa, e lhe concedeo: e da doação dos quintos, que lhe o Infante D. Pedro seu irmão regente deste Reyno deo em nome delRey: e do que Antão Gonçalves, e Nuno Tristão passáram em a viagem que cada hum fez.

O Infante como seu principal intento em descobrir estas terras era attrahir as barbaras nações ao jugo de Christo, e de si a gloria, e louvor destes Reynos, com accrescentamento do patrimonio Real, sabendo per os cativos que Antão Gonçalves, e Nuno Tristão trouxeram as cousas dos moradores daquellas partes, quiz mandar esta nova ao Papa Martinho V. que então presidia na Igreja, como primicias que a elle eram devidas por serem obras feitas em louvor de Deos, e accrescentamento da Fé de Chri-

Christo: Pedindo-lhe, que por quanto havia tantos annos que elle continuava este descobrimento, em que tinha feito grandes despezas de sua fazenda, e alli os naturaes deste Reyno que nelle andavam, lhe aprouvesse conceder perpétua doação á Coroa destes Reynos de toda a terra, que se descobrisse per este nosso mar Oceano do Cabo Bojador té as Indias *inclusivè*. E pera aquelles, que na tal conquista perecessem, indulgencia plenaria pera suas almas; pois Deos o puzera na Cadeira de S. Pedro, pera alli dos bens temporaes, que estavam em poder de injustos possuidores, como dos espirituaes do thesouro da Igreja pudesse repartir per seus fieis. Porque a gente Portugueza, alli nos feitos desta parte da Europa, como depois que entráram na de Africa em a tomada de Cepta, e de si no descobrimento, e conquista da Ethiopia, tinham merecido o jornal diurno, que se dá áquelles obreiros, que bem trabalham nesta vinha militante do Senhor. Com o qual negocio por ser de tanta importancia, mandou hum Cavalleiro da Ordem de Christo, per nome Fernão Lopes d'Azevedo, do Conselho del-Rey, e homem de grande prudencia, e authoridade, que depois foi Commendador mór da dita Ordem. E nesta ida que fez, não sómente foi concedida ao Infante esta sua

pe-

petição, mas ainda Bulla pera Sancta Maria de Africa, que elle fundára em Cepta, e affi outras muitas graças, e privilegios, que a Ordem tem: tanto estimou o Papa, e o Collegio dos Cardeaes a nova deste descobrimento. Depois o Papa Eugenio IV. e o Papa Nicoláo V. té o Papa Sixto, á supplicação delRey D. Afonso, e delRey Dom João seu filho, concedêram a elles, e a seus successores per suas Bullas doação perpétua de tudo o que descobrissem per este mar Oceano, demarcando do Cabo Bojador té a Oriental plaga da India *inclusivè*, com todos Reynos, senhorios, terras, conquistas, portos, ilhas, tratos, resgates, pescarias, sob innumeraveis, e graves excommunhões, defezas, e interdictos, que outros alguns Reys, Principes, Senhorios, ou Communidades não entrem, nem possam entrar em as taes partes, e mares adjacentes, segundo se mais largamente contém em suas Bullas. E onde este Papa Sixto IV. mais corroborou a doação geral deste descobrimento foi no fim das pazes, que houve entre ElRey D. Fernando de Castella, e ElRey D. Afonso de Portugal, em que foram apontadas por parte deste Reyno o descobrimento que ora temos, começando do Cabo de Nam té a India *inclusivè*, &c. como se contém na Chronica do mesmo Rey D.

D. Afonso, e mais copiosamente na propria confirmação, ratificação, e corroboração de pazes se pôde ver per a Bulla do dito Papa Sixto dada *ad perpetuam rei memoriam*. Tambem em satisfação dos trabalhos, e despezas, que o Infante D. Henrique tinha feito neste descubrimto, o Infante D. Pedro seu irmão, que então era regente destes Reynos por ElRey D. Afonso seu sobrinho, em seu nome lhe fez doação do quinto, que pertencia a ElRey desta conquista; e mais lhe passou Carta, que nenhuma pessoa pudesse lá ir sem sua especial licença. Com as quaes graças, e doações, que seguráram ao Infante no premio de seus trabalhos, e tambem vendo que já na opinião da gente do Reyno estava julgada esta empreza por cousa proveitosa, e de maior louvor do que se dava a elle Infante no principio della, começou dobrar os navios, e despezas. E porque Antão Gonalves lhe disse, que o Mouro principal, que tomára em companhia dos outros, dizia que se o tornassem á sua terra daria por si seis, ou sete escravos de Guiné, e tambem que na companhia daquelles cativos estavam dous moços filhos de dous homens principaes daquella terra, que dariam pola mesma maneira outro tal resgate, ordenou o Infante de o despachar logo em hum navio,

vio, fazendo fundamento, que quando Antão Gonçalves não pudesse haver tantos negros a troco destes tres Mouros, já de quantos quer que fossem ganhava almas, porque se converteriam á Fé, o que elle não podia acabar com os Mouros; e tambem por serem do sertão daquellas terras, (dos ardores, das quaes a gente tanto fabulava,) podia per elles ter verdadeira informação. E aconteceu, que ao tempo que se fazia prestes este navio, em que havia de ir Antão Gonçalves, estava em casa do Infante hum gentil homem da casa do Emperador Federico III. a que chamavão Balthazar, o qual com desejo de ganhar honra viera dirigido pelo mesmo Emperador ao Infante, pera o mandar a Cepta fazer Cavalleiro, como de feito se fez pelos meritos de sua pessoa. E porque este Balthazar era homem curioso, e que desejava ver novas terras, e neste tempo per toda Europa se fallava neste descobrimento de Guiné, como na mais nova cousa que se podia dizer, e os homens que o seguiam eram estimados em preço de Cavalleiros, e de grande animo, pediu ao Infante que houvesse por bem ir elle em companhia de Antão Gonçalves, porque desejava de se ver em huma grande tormenta de mar, pera depois poder contar em sua terra: cá, segundo lhe diziam os mareantes

def-

desta carreira, as tormentas, e mares daquellas partes eram mui differentes destes nobres. O qual desejo elle Balthazar cumprio, porque partido Antão Gonçalves teve no caminho hum temporal tão grande, que dizia Balthazar que já vira o que desejava, mas não sabia se o poderia contar: tão incerta tinha a esperança de sua vida, de maneira que arribou Antão Gonçalves a este Reyno. E depois que se refez dos mantimentos, e cousas que alijou, feito bom tempo, tornou a sua viagem, e Balthazar com elle, dizendo, que pois já tinha visto as tormentas do mar, tambem queria levar nova da terra. Chegado Antão Gonçalves aonde os Mouros haviam de vir fazer o resgate, porque assi lhe era mandado pelo Infante, lançou em terra o proprio Mouro que o alli fez vir, cuidando que pelo bom tratamento, que lhe o Infante mandára fazer, seria fiel em suas promessas; mas elle como se vio livre, lembrou-se mal da fé que deixava empenhada. Sómente parece que deo nova nas povoações da chegada do navio, e como trazia os moços pera resgatar; porque sendo já passados oito dias, vieram mais de cem pessoas ao resgate delles, por serem filhos dos mais nobres daquelles Alarves. A troco dos quaes deram dez negros de terras differentes, e huma boa quantidade

de d'ouro em pó, que foi o primeiro, que se nestas partes resgatou, donde ficou a este lugar por nome Rio do Ouro, sendo sómente hum esteiro d'agua salgada, que entra pela terra obra de seis leguas. Ouve-se mais em este resgate huma adarga de couro danta crú, e muitos ovos de hema, os quaes tornado Antão Gonçalves a este Reyno, sem fazer mais outra cousa foram apresentados á meza do Infante tão frescos, que os estimou elle por a melhor iguaria do Mundo. E pelas novas que lhe Antão Gonçalves deo das cousas da terra, segundo o tinha sabido dos Alarves, e principalmente pela quantidade d'ouro que ouve, que era final de muito que ao diante se podia descubrir, despachou logo a Nuno Tristão, que, como atrás fica, foi o que chegou ao Cabo Branco. O qual Nuno Tristão desta viagem passou avante té huma Ilha, cujo nome per os da terra se chama Adeger, que he huma das a que nós ora chamamos de Arguim. Sendo a vista da qual, vio que da terra firme parella, por lhe ser mui vizinha, atravessavam obra de vinte cinco almadias, e sobre cada huma dellas hiam tres, e quatro homens nús escanchados de maneira, que as pernas lhes ficavam em lugar de remos, que pera os nossos foi cousa de admiração; e ante que houvessem co-

nhe-

N IMPRENSA
NACIONAL

nhecimento do que era, pareceo-lhes serem aves marinhas. Però depois que víram o que era, como levavam batel fóra, saltáram nelle sete homens, e despacháram-se também, que houveram á mão quatorze, com que enchêram o batel; e os outros, posto que escapáram no mar, foram tomados no ilheo, porque o batel leixando estes no navio, foi buscar os outros, que se acolhêram a elle. Feita esta preza, com que o ilheo ficou despejado, passáram-se a outra Ilha junto desta, a que puzeram nome das Garças, por as muitas que alli acháram: e assi outras aves, que se parecem com ellas, as quaes se ajuntavam alli por ser tempo da sua creação; e como não eram traquejadas de gente, ás mãos tomáram tanta quantidade dellas, que ficou por refresco ao navio. E nos dias que Nuno Tristão alli esteve, fez algumas entradas na terra firme, mas não pode haver mais preza que aquella primeira do mar; e por a terra já andar muito alvoroçada, se tornou pera o Reyno o anno de quatrocentos e quarenta e tres.

CA-

CAPITULO VIII.

Dos louvores , que o povo do Reyno dava ao Infante por este descubrimento: e como por sua licença os moradores de Lagos armáram seis caravelas: e do que passáram nesta ida.

Chegado Nuno Tristão com tão honrada preza, sem fazer a demora, que os outros navios faziam, e passar vinte e tantas leguas além donde os outros chegáram, e achar ilhas, e todalas cousas mui diferentes da opinião que a gente tinha quando o Infante começou este descubrimento, trocáram as murmurações, e juizos, que lançáram sobre este negocio: E já não diziam por elle que mandára descobrir terras hermas, e desertas com perdição dos naturaes do Reyno, mas louvavam seus feitos, dizendo, que elle fora o primeiro, que abriu novos caminhos aos Portuguezes de ganhar muita honra, e thesouros, que nunca foram descubertos depois da creação do Mundo, e que por isto merecia terem-lhe as gentes mais amor que a nenhum dos Principes passados, pois com tanta de sua despeza, sem oppressão dos naturaes, lhe búfcára novo modo de vida. Porque das guerras passadas entre este Reyno, e o de Castel-

Tom. I.

E

tel-

tella, e alli idas de Cepta, Tangere, e outras despezas, e lançamentos de fintas, estava a gente tão necessitada, que com grande trabalho se podia manter. Accrescentava tambem neste louvor verem que aquelles, que seguiam esta carreira, se engrossavam em substancia com os retornos, e escravos, que traziam daquellas partes, de maneira, que o geral do Reyno estava movido com nova cubiça pera seguir este caminho de Guiné. O Infante a este tempo estava no Algarve em a Villa de Terçanabal, que novamente fundava, como já dissemos; e esta vivenda assentou alli depois da vinda de Tangere, o qual caso foi azo de alguns dias se apartar da Corte, e negocios della. E porque todos os navios, que vinham de Guiné por esta causa descarregavam em Lagos, os primeiros que moveram partido ao Infante pera ir lá á sua propria custa, foram os moradores desta Villa, com partido de pagarem hum tanto do que trouxessent a elle Infante, segundo o tinha per doação delRey. O principal dos quaes, que moveo esta ida, foi hum escudeiro, que se chama Lançarote, que fora moço da camara do mesmo Infante, ao qual elle dera o Almoraxarifado de Lagos, e alli estava casado; e os outros eram Gilianes, que foi o primeiro, que passou o Cabo Bojador, e hum Eite-

tevão Afonso, que depois morreo em as Canarcas na conquista dellas, e Rodrigalva- res, e João Dias, todos homêns honrados, com que fizeram numero de seis caravelas, de que elle Lançarote per ordenação do Infante foi por Capitão mór. A frota partida de Lagos o anno de quatrocentos e quarenta e quatro chegou á Ilha das Garças vespera de Corpo de Deos, onde os Capitães fizeram grão matança, por ser no tempo da erecção dellas: e assi tiveram conselho sobre o modo de darem primeiro em a Ilha Nar, porque era mui perto dalli: cá, seguindo os Mouros, que Nuno Tristão levou, informáram o Infante, haveria nella mais de duzentas almas. E foi assentado per o Capitão Lançarote, que por quanto podiam ser vistos destes Mouros, indo todos navios á vista da Ilha, Martin Vicente, e Gil Vasques, que já foram junto dellas, rem homens, que já foram junto dellas, sómente com gente que os remasse, a espiar os Mouros; e deviam ir em os bateis, enviassem hum delles depois que lá fossem, mettessem entre com recado, e os outros se mettessem entre a Ilha, e a terra firme, porque querendo os Mouros passar a ella, achassem o caminho tomado, té elles chegarem com os navios, e darem juntamente nelles. Approvado este conselho, partíram Martin Vicen-

E ii

te,

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

te , e Gil Vafques , aos quaes succedeo o negocio mui differente do que cuidáram , porque não puderam chegar á Ilha senão a tempo que o Sol rompia ; e parecendo-lhes que podiam ser vistos de huma povoação , que estava junto da praia , e que o tempo , e disposição do lugar dava azo a fazerem hum honrado feito , o qual podiam perder , tornando com recado aos navios , deram de subito sobre a povoação , onde tomáram cento e sincoenta e sinco almas , e outras pereceram em se defender. E como elles eram sómente trinta homens , de que os mais vinham pera remar , e os cativos eram tantos , que os não podiam todos recolher nos bateis , ficáram delles em terra com alguns , e os outros leváram aos navios , onde foram recebidos com muita festa , posto que antre todos havia huma tristeza por se não acharem em aquelle feito. O Capitão Lançarote com desejo d'empregar sua pessoa em as taes emprezas , mandou logo a grão pressa concertar os bateis , porque soube daquelles cativos que na outra Ilha , que ahí estava perto , a que chamavam Tider , podia fazer outra tal preza ; mas nesta ida não fez cousa alguma por achar a Ilha despejada. E porque hum daquelles Mouros , segundo seu parecer , o fez lá ir maliciosamente , o metteo a tor-
men-

mento, té que lhe prometteo de o levar a outra Ilha, onde emendasse o erro que fizera; mas quando lá chegaram houve tanta detença por dúvidas se era engano, ou verdade, não se fiando do Mouro, que tiveram os da Ilha tempo de se passarem á terra firme, e com tudo ainda preáram alguns. E em dous dias, que per alli andáram de Ilha em Ilha, e assi em alguns saltos, que fizeram na terra firme, tomáram quarenta e cinco almas, com que se tornáram aos navios, que ficavam atrás cinco leguas. Parece que a ventura de Lançarote, e dos outros esteve por aquella vez no mar, porque em muitas entradas, que depois fizeram na terra firme, andavam já os Mouros tão traquejados, que sómente houveram em huma aldeia huma moça, que ficou dormindo; e no Cabo Branco, fazendo sua volta pera o Reyno, tomáram quinze pescadores. E porque os mantimentos com os muitos cativos lhe começáram desfalecer, tornáram-se pera o Reyno, onde o Capitão Lançarote foi recebido com tanta honra do Infante, que per sua pessoa o armou Cavalleiro com accrescentamento de mais nobreza, e assi gratificou os outros, que o bem serviam naquella jornada. Porque huma das cousas, que o Infante naquelle tempo trazia ante os olhos, e em que o mais

po-

podiam comprazer, e servir, era em aquelle descubrimento, por ser cousa, que elle plantára, e creára com tanta industria, e despeza.

C A P I T U L O IX.

Como Gonçalo de Sintra com outros foi morto na Angra, que se ora chama do seu nome: e da ida, que Antão Gonçalves fez ao rio do Ouro, e depois Nuno Tristão, onde tomou huma aldea de Mouros: e como Diniz Fernandes passou a terra dos Negros, e descobrio o Cabo, a que agora chamamos Verde.

E Ste anno de quatrocentos quarenta e cinco mandou o Infante armar hum navio, a capitania do qual deo a hum Gonçalo de Sintra escudeiro de sua casa, que segundo diziam já o servira de moço despóras; mas por ser homem pera muito, e cavalleiro de sua pessoa, sempre o trouxe em cargos honrados. Este Gonçalo de Sintra com desejo de se aventajar dos outros, que lá eram idos, partido do Reyno, per conselho de hum Mouro Azenegue, que levava comsigo pera lhe servir de lingua, se foi á Ilha de Arguim, que está avante do Cabo Branco obra de doze leguas, prometendo-lhe o Mouro grandes prezas em terra.

ra. Mas isto succedeo bem ao contrario do que elle esperava, porque ante que chegafsem ao Cabo Branco em huma angra, a que elle deo nome, como veremos, fugio-lhe esta lingua, e assi lhe fugio hum Mouro velho, que se veio lançar com elle, dizendo, que pelos navios passados foram alli cativos certos Mouros seus parentes, e por o amor que lhes tinha, ante com elles queria morrer em cativeiro, que sem elles na liberdade de sua propria terra. O que era grande falsidade, cá sua tenção era sómente vir ver as cousas do navio a que era enviado; e com estas palavras seguiu tanto Gonçalo de Sintra, que se tornou pela terra. E vendo elle que estes descuidos o culpavam, deseioso de os emendar com algum honrado feito, metteo-se aquella noite em hum batel com doze homens para passar a terra firme, e dar em alguma aldeia. Mas quiz sua má fortuna que se foi metter em hum esteiro, que quando a maré vafou ficou em secco; e vinda a manhã, em que o batel foi visto pelos Mouros, acudiram obra de duzentos, onde Gonçalo de Sintra por se defender, naquella vasa pereceo com estes sete homens, Lopo Caldeira, Lopo Dalvellos, ambos moços da camara do Infante, Jorge moço despóras, e Alvaro Gonçalves Piloto com tres

ma-

marinheiros, e os mais, que hiam no bachel por saberem nadar, se salváram. E como na caravela não havia pessoa, que governasse a outra gente, e todos eram homens do mar, tornáram-se pera o Reyno com duas Mouras, que tinham tomado naquella costa, que custáram a vida destes homens, os primeiros, que naquella terra morreram a ferro, e deram nome ao lugar de sua sepultura, cá se chama ora a Angra de Gonçalo de Sintra, que será além do rio do Ouro quatorze leguas. O Infante posto que isto muito sentio por ser a primeira perda de homens, que naquellas partes houve, não leixou logo no seguinte anno de mandar tres caravelas, cujos Capitães eram Antão Gonçalves, de que já fallámos, e Diogo Afonso, e Gomes Pires patrão del-Rey; o qual mandava o Infante D. Pedro, que então era regente destes Reynos, levando todos por regimento que entrassem no rio do Ouro, e trabalhassem por converter á Fé de Christo aquella barbara gente, e quando não recebessem o baptisimo, assentassem com elles paz, e trato, das quaes cousas não acceptáram alguma. Vendo os Capitães que seu trabalho neste negocio era perdido, ou porque lhes assi foi mandado, ou por qualquer outra causa, se tornáram ao Reyno, sómente com hum negro, que alli hou-

houveram per resgate , e hum Mouro velho , que por sua propria vontade quiz vir ver o Infante , o qual depois o mandou tornar a sua terra. E assi como este Mouro desejou vir ao Reyno por ver as cousas delle , o mesmo desejo teve hum escudeiro , a que chamam João Fernandes , pera particularmente ver as cousas daquelle sertão , que habitavam os Azenegues , e dellas dar razão ao Infante , confiado na lingua delles que sabia , o qual depois tornou ao Reyno , como veremos. E neste mesmo tempo fez Nuno Tristão outra viagem , e em huma aldea , que entrou além deste rio do Ouro , tomou vinte almas , com que em breve tempo se tornou ao Reyno. Tambem neste anno Diniz Fernandes morador em Lisboa escudeiro delRey D. João , movido per os favores , e mercês , que lhe o Infante fez , por ser homem abastado , e de honrados feitos , armou hum navio pera ir a este descubrimto , propondo de passar o termo aonde os outros Capitães tinham chegado , como de feito fez ; porque passado o rio , que se ora chama Sanagá , o qual divide a terra dos Mouros Azenegues dos primeiros negros de Guiné chamados Jalo-fos , houve vista de humas almadias , em que andavam a pescar huns negros , das quaes com o batel , que levava per popa , al-

alcançou huma com quatro delles, que foram os primeiros que a este Reyno vieram. E posto que Diniz Fernandes achasse alli muitos sinaes de povoação, como seu proposito mais era descubrir terra por servir o Infante, que trazer cativos pera seu proprio proveito, não se quiz alli deter em saltos, e tomadias descravos, mas passou avante até chegar a hum notavel Cabo, que a terra lança contra o Ponente, ao qual elle chamou Cabo Verde por causa da mostra, e parecer, com que então se mostrou; o qual Cabo, e nome he ao presente dos mais notaveis, e celebrados, que temos neste grande Oceano Occidental, e de que em a nossa Geografia copiosamente tratamos. E como este grande Cabo já fazia outros tempos na volta delle, os quaes empediram a Diniz Fernandes não proseguir mais adiante, como elle desejava, contentou-se por então de fahir em huma ilha, que está pegada nelle, onde fizeram grão matança em muitas cabras, que alli acharam, que lhe foi mui bom refresco, e sem mais outra cousa se tornou ao Reyno, onde foi recebido pelo Infante com muita honra, e mercê que lhe fez; porque a novidade da terra que descobrio, e a gente que trouxe não resgatada das mãos dos Mouros, como eram os outros negros vindos ao Reyno, mas to-

mados em suas proprias terras, assi contentáram ao Infante, que sempre lhe parecia pouco o que fazia aquelles, que lhe vinham com estas mostras, e sinaes d'outra maior esperauça que elle tinha.

CAPITULO X.

Como Antão Gonçalves per mandado do Infante tornou a buscar João Fernandes, que ficou per sua vontade entre os Mouros: e do que passou nesta viagem, e assi os navios que com elle foram.

A Este tempo eram já passados sete mezes que Antão Gonçalves viera do rio do Ouro, onde leixára João Fernandes, que, como dissemos, per sua propria vontade quiz ficar entre os Mouros pera saber as cousas do sertão. E parecendo ao Infante que já teria sabido muitas, porque o espirito o não leixava assocegar nestas, que desejava saber daquellas partes, tornou a mandar o mesmo Antão Gonçalves em busca d'elle, e em sua companhia foram Garcia Mendes, e Diogo Afonso cada hum em sua caravela, dos quaes com hum temporal que tiveram, o primeiro que chegou ao Cabo Branco, que foi Diogo Afonso, por dar sinal aos companheiros, mandou arvo-
rar huma grande Cruz de páo, que depois
du-

durou naquelle lugar muitos annos, e pafou adiante aos ilheos de Arguim, porque naquelle tempo pera fazer algum proveito todos os hiam demandar; e tinha por certo que haviam elles de ir dar com elle, por fer aquella costa, e os ilheos a mais povoada parte de quantas té então tinham descoberto. E a causa de ser mais povoada, era por razão da pescaria, de que aquella miſera gente de Mouros Azenegues se mantinha, porque em toda aquella costa não havia lugar mais abrigado do impeto dos grandes mares, que quebram nas suas praias, senão na paragem daquellas Ilhas de Arguim, onde o pescado tinha alguma acolheita, e lambugem da povoação dos Mouros, posto que as Ilhas em si não são mais que huns ilheos escaldados dos ventos, e rocio da agua das ondas do mar. Os quaes ilheos seis, ou sete que elles são, cada hum per si tinha o nome proprio per que nesta escriptura os nomeamos, posto que ao presente todos se chamam per nome commum os Ilheos de Arguim, por causa de huma fortaleza, que ElRey D. Afonso, como adiante veremos, mandou fundar em hum delles chamado Arguim. Diogo Afonso, em quanto os companheiros não vinham, posto que fez algumas entradas na terra firme, logo como dobrou o Cabo Branco, não

não preou cousa alguma ; sómente com a vinda delles na Ilha de Arguim , por os Mouros terem já sentido os navios , houveram hum moço , e hum velho ; e per industria delle , vendo que aldea era dalli levantada , em bateis se passáram a terra firme pera darem em outra aldea. E porque suspeitavam que o Mouro se leixára alli ficar com tenção de os levar a esta aldea , onde os metteria em alguma cilada , detiveram-se tanto em determinar se iriam , ou não , que quando já chegáram á aldea era alto dia , e os Mouros postos em salvo. Com tudo houveram á mão huns vinte e cinco quasi tomados acofo , dos que se escondêram nas fraldas da aldea ; porque andavam elles já tão escozidos das armas dos nossos , que a sua guerra , (se o podiam fazer ,) era pôrem-se em fugida , sem esperar dar , e tomar , o qual modo de vitoria foi aos nossos mui trabalhoso por irem já mui cansados do caminho. E quem se melhor houve nesta corrida , e caso , foi hum Lourenço Dias morador em Setubal , porque elle só tomou sete Mouros por ser mui ligeiro. No fim do qual trabalho por a vitoria ser de maior prazer , e festa , quando tornáram acháram João Fernandes , que elles vinham buscar , o qual havia dias que acudia á praia per aquella costa que tinha dito , esperando se

via

via algum navio que o tomasse, e trouxesse daquelle desterro voluntario, em que se elle poz. Em o qual desterro elle se houve tão sezudamente com aquelles barbaros que tratou, que quando se delles partio mostraram ter sentimento de sua partida, e vieram alguns com elle por o segurar dos pescadores, e tambem a resgatar com os navios, dos quaes Antão Gonçalves houve nove negros, e assi hum pouco d'ouro em pó; e por causa deste resgate, que se então alli fez, tem aquelle lugar por nome o Cabo do Resgate. É como a principal cousa, que os alli trouxe, era virem buscar João Fernandes, que já tinham achado com o mais que dissemos, de que não estavam pouco contentes, por celebrar mais esta festa, foi alli armado Cavalleiro hum Fernão Tavares, homem nobre, e de idade, o qual se tinha visto em honrados feitos de armas, e em nenhuma parte quiz acceitar esta honra se não nesta terra novamente descuberta, (tão gloriosa cousa era poer os pés nella,) o qual acabou depois em Religião catholicamente. Antão Gonçalves, tornando-se pera este Reyno, veio pelo Cabo Branco, onde em huma entrada que fez em huma aldeia tomou sincoenta e sinco almas, a fóra outras, que perecêram em seu defendimento, com a qual preza rota batida se fez via do Rey-

Reyno, aonde chegou a salvamento. O Infante posto que estas noventa almas, e ouro, que Antão Gonçalves trazia, era coufa de preço, e muito pera estimar, tudo havia que era pouco em comparação de ver ante si João Fernandes são, e salvo, e cheio de tanta novidade, e estranheza da terra como elle contava, d'algumas das quaes coufas faremos relação por memoria dos trabalhos de João Fernandes, porque em a nossa Geografia, por ser mais proprio lugar, tratamos desta terra, e dos seus moradores mais copiosamente, do que então alcançou João Fernandes. Segundo elle disse, os Mouros, em cuja companhia ficou, eram pastores, e parentes do Mouro, que veio pera o Reyno com Antão Gonçalves. Estes, depois que o leváram pela terra dentro, a primeira honra, e gazalhado que lhe fizeram, foi esbulharem-no de quanto levava, assi de vestido, e roupa, como de hum pouco de biscouto, trigo, e legumes de seu comer; e em satisfação disto lhe deram hum alquicé roto pera cubrir suas carnes, que foi diferente entrada da que o Infante fez ao seu parente, quando chegou ao Reyno; e tal, que ainda se não quiz vir com Antão Gonçalves, quando tornou buscar João Fernandes, porque em casa do Infante se achava livre, e na sua patria cativo destas

mi-

miserias, que ora diremos. Mas como João Fernandes hia offerecido a todos trabalhos, em quanto lhe não tocavam na vida, però que per força lhe apanharam tudo, não resistio muito em o defender, nem menos que ficava por isso escandalizado, e dalli em diante ficou naquella triste vida, que todos tem; porque o seu comer era huma pouca de semente, que o campo per si dá, que se parece com Painço de Hespanha, e assi raizes, e gomos d'algumas poucas de hervas, e não ainda em abundança; e toda maneira de immundicia de lagartixas, e gafanhotos torrados áquella fervura do Sol, que sempre reina naquelle Solsticio do Tropico de Cancro, que passa per cima daquella região. E os mais mezes do anno seu certo comer, (porque estoutro ás vezes lhe falece com os temporaes,) he leite do gado que pastoram, que tambem lhes serve de beber, por a terra ser tão esterele, que não tem mais aguas, que em certos lugares alguns poços meios salobros, dos quaes, quando se apartam por levar o gado a outro pasto, o leite lhes fica em lugar de agua, das quaes cousas ainda não são muito abastados. Carne, se alguma comem, he de galezas, e muitas veações, e aves que matam, e no gado não tocam senão por festa no macho, e nunca no outro, por lhes dar leite, que he toda sua

fua vida , e estes são os de dentro do ser-
 tão , porque os da costa do mar pescado he
 o seu geral comer secco sem sal , e o fres-
 co muitas vezes por ser mais humido , e
 lhes fazer menos sede. Ainda que agora com
 a nossa fortaleza de Arguim são já mais mi-
 mosos por viverem della , e do trigo , que
 lhes mandamos ; e em tudo todos quando
 per caso lhes vai ter á mão hum pouco , assi
 o comem á mão , como nós comemos os
 confeitos. A terra em si he meio areal , a
 mais viçosa he como a mais pobre , e rasa
 charneca , que cá temos , onde ha algumas
 palmeiras , e arvores , que querem parecer
 ás figueiras , que cá chamamos do Inferno ;
 e destas ainda tão poucas , segundo o gran-
 de espaço de terra , porque estam derrama-
 das , que parecem postas á mão pera dar
 sombra , o que ellas não fazem por a pou-
 ca rama que tem , (tão pobremente cria as
 arvores.) O sitio desta terra todo he chão ,
 e tão máo de conhecer , por não ser notavel
 per montes , arvoredos , e outras differen-
 ças que a boa terra tem , que poucos em
 caminho de muito espaço de terra podem
 atinar o lugar aonde vam. Sómente per es-
 tas cousas seguiam no caminhar pelos ven-
 tos , per estrella , e pelas aves , que andam
 no ar , principalmente corvos , abuteres , e
 outras , que seguem as immundicias do po-

-Tom. I.

F

voa-

N I M P R E N S A
 N A C I O N A L

voado, porque estas demostram as povoações, (ou por melhor dizer o lugar, onde andam aquellas cabildas,) por ser a terra tal, que como pastam hum dia hum folha, ao outro se mudam a outra, e assás de boa he a terra que os detem oito dias em a pastar. Suas casas são tendilhões, e o trajo commum couros do gado que guardam, e os mais honrados Alquicés: e os principaes de todos, pannos de melhor sorte; e assi nos cavallos, como concertos delles tem a mesma ventage. O geral officio de todos he pastorar o seu gado, porque nelle está toda sua fazenda, e substancia da vida. A sua lingua, e escritura não he commum com os Alarves da Berberia; e però em tudo quasi tem hum conveniencia, como nós temos com os Castelhanos. Antrelles não ha Rey, ou Principe, tudo são cabildas de parentelas, e assi andam apartados; e o de maior poder he o maioral que os governa; e muitas vezes entre si estas cabildas humas com as outras tem guerra, e contenda sobre o pastar desta triste terra, e beber dos poços. E quando esta não he a causa, a natureza humana dá outras pera sempre contender com os vizinhos; e quando os não tem, toma assi mesma por contenda. Esta vida, e policia vio João Fernandes hum pouco de tempo entre aquelles pastores, e depois, an-

dando em hum aduar de hum principal Mou-
 ro daquelles Azenegues, a que chamavam
 Huáde Meimon, homem, que se tratava
 de sua pessoa mui bem, e que tratou a João
 Fernandes com tanta verdade, que o leixou
 vir buscar os nossos navios, mandando com
 elle alguns homens, o qual quando chegou
 a elles, como já dissemos, però que vinha
 Azenegue no trajo, e no carão dos couros,
 parece que a natureza se contentou com co-
 mer, e beber leite, porque elle veio bem
 pensado, e gordo.

CAPITULO XI.

*Da viagem, que fez Diniseanes com as
 caravelas, que de Lisboa foram em sua
 companhia: e do que fez o Capitão Lan-
 çarote com as quatorze caravelas de La-
 gos de sua capitania, em a qual viagem
 matáram, e cativáram muitos Mouros d'
 custa da vida d'alguns nossos: e como Soei-
 ro da Costa, tendo-se visto nos mais illus-
 tres feitos de Hespanha, nesta ida se fez
 Cavalleiro.*

HAvia em Lisboa, ao tempo que estas
 cousas procediam em bem, hum ho-
 mem honrado, que fora criado do Infante
 D. Henrique já aposentado, com officio de
 Thesoureiro mór da Casa de Cepta, a que
 cha-

chamavam Gonçalo Pacheco, o qual como era homem de grossa fazenda, e que armava navios pera algumas partes, houve licença do Infante pera mandar hum navio a este descobrimento. A capitania do qual deo a hum Dinizeanes da Grãa escudeiro do Infante D. Pedro, e sobrinho no primeiro grão da mulher d'elle Gonçalo Pacheco; em companhia do qual foram Alvaro Gil Enfiador da Moeda de Lisboa, e Mafaldo morador em Setubal, cada hum em sua caravela. E porque naquelle tempo todos hiam demandar o Cabo Branco, chegados a elle, acháram hum escrito de Antão Gonçalves posto em hum sinal notavel, em que amoestava a todos, que não tomassem trabalho por sahir em terra em busca da aldeia que alli estava, por quanto elle a tinha destruido pela maneira que atrás fica. Com o qual aviso, per conselho de hum João Gonçalves gallego Piloto, se foram á Ilha de Arguim, onde tomáram sete almas, e per ardil de hum daquelles Mouros cativos deo o Capitão Mafaldo em huma aldeia na terra firme, de cujo conselho pendeo todo aquelle feito, em que tomáram quarenta e sete almas. Depois sahiram algumas vezes sem poder haver mais que hum Mouro velho, o qual trouxeram mais por elle receber salvação mediante o Baptismo, que es-

perarem de suas forças algum serviço. E porque os Mouros per suas atalaias andavam já com o olho nelles, forani-se pela costa adiante obra de oitenta leguas; e na ida, e vinda té tornar á Ilha das Garças fazer carnagem, per vezes que sahíram na terra firme tomáram sincoenta almas, que custáram humia batelada de sete homens dos nossos, que per desastre de ficarem em secco morrêram ás mãos dos Mouros. E nesta Ilha das Garças acháram hum Lourenço Dias com hum navio, o qual vinha em companhia d'outros, que ainda não eram chegados, a causa da vinda dos quaes era esta. Os moradores da Villa de Lagos, porque o Infante fazia alli todas suas armações, e nisto, e em outras cousas recebia delles serviço, houveram licença sua, que armassem pera estas partes de Guiné, pera o qual negocio se fizeram prestes com quatorze caravelas em hum corpo. A capitania mór das quaes deo o Infante a Lançarote, de que atrás fallámos, por ser homem mui experimentado nesta viagem, e bem affortunado nella: però que em sua companhia hiam homens Fidalgos por Capitães dos navios, e alguns delles mui approvados em feitos d'armas. Assi como Soeiro da Costa, sogro do mesmo Lançarote, o qual em sua mocidade fora moço da camara delRey Dom Du-

Duarte, e depois indo fóra deste Reyno se achou na batalha de Monuedro com El Rey D. Fernando de Aragão contra os de Valença, e no cerco de Balanguer, onde se fizeram honrados feitos, e andou com El Rey Luiz de Proença em toda a sua guerra, e assi se achou na batalha de Ajancurt, que foi entre os Reys de França, e Inglaterra, e foi na batalha de Valamont, e na de Montseguro, e na tomada de Sansões, e no cerco de Ras, e além no de Cepta, em as quaes cousas sempre se mostrou valente homem d'armas. E assi hia em outro navio Alvaro de Freitas Commendador de Aljazur, homem bem Fidalgo, e que nos Mouros de Grada, e Ballamarim tinha feito grandes prezas. Os outros Capitães eram Rodrigueanes Travaços criado do Infante D. Pedro, e Palaçano, que na guerra dos Mouros tinha empregado o mais de sua vida, e Gomes Pires patrão del Rey, e assi outras pessoas honradas de Lagos. E além destes quatorze navios foram da Ilha da Madeira, Tristão Vaz Capitão de Machico, e Alvaro Dornelas, cada hum em sua caravela; mas estes antes de chegar ao Cabo Branco se tornáram com tempo. O que não fez Alvaro Fernandes com outra caravela de seu tio João Gonçalves Capitão do Funchal na mesma Ilha da Madeira; antes nel-

nesta viagem, como veremos, foi avante de todos. E os outros Capitães eram Diniz Fernandes, o primeiro que passou á terra dos negros em huma caravela de D. Alvaro de Castro Camarceiro mór delRey D. Afonso, que depois foi Conde de Monsanto; e João de Castilha em outra caravela de Alvaro Gonçalves de Taíde Aio delRey, que também foi Conde da Touguia, e outras caravelas, que per todas fizeram numero de vinte e seis, a fóra a fusta, em que hia Palaçano, e cada huma partio do porto onde se armou. As quatorze, que eram de Lagos, partíram juntas a dez de Agosto de quatrocentos quarenta e cinco annos; mas em sahindo da costa do Algarve hum temporal, que deo nellas, as apartou. O Capitão Lançarote como tinha provido, que acontecendo tal caso, todos fizessem sua via á Ilha das Garças, onde se haviam de juntar, o primeiro que tomou esta Ilha foi hum Lourenço Dias, de que atrás fizemos menção, o qual alli estava fazendo aguada, quando Dinizeanes da Grãa chegou com as tres caravelas; o qual Dinizeanes sabendo per elle da grãa frota que vinha atrás com tenção de destruir aquellas Ilhas de Arguim, onde lhe a elle matáram os sete homens, determinou esperar a vinda das caravelas pera vingar a morte dos que perdêra. E
 quiz

quize sua dita que dahi a dous dias chegou o Capitão Lançarote, e em sua companhia Soeiro da Costa, Alvaro de Freitas, Rodrigo Canes, Gomes Pires o Picanço, e outros, com que fizeram numero de nove caravelas. Assentado o que haviam de fazer logo, ante que a terra houvesse vista de tanto navio, segundo a informação que Dinizzeanes deo do estado da terra, per muita cautela que nisso tiveram, os Mouros se passaram todos á terra firme, e elles acharam na Ilha de Arguim doze almas sómente, quatro que tomáram, e oito que morreram por se não quererem render, do qual feito hum dos nossos ficou tão mal ferido, que a poucos dias morreo. E posto que o feito não foi igual aos em que Soeiro da Costa se tinha achado, como ora dissemos, achou elle em sua consciencia, que não merecia honra de cavalleria em guerra contra Christãos, e que no cerco de Cepta não fizera cousa, per que lha dessem; e que nella parte, assi por ser com Mouros, como polo que aqui fez, e principalmente em terra tão estranha, era merecedor que Alvaro de Freitas Commendador de Aljezur, o armasse Cavalleiro, como armou, com grande prazer, e solemnidade de todos, vendo que engeitára aquella honra entre tão poderosos Principes, e aqui se havia por mais hon-

honrado della. Em companhia do qual foi tambem armado Cavalleiro Dinizeanes de Grãa, com que ficou algum tanto satisfeito do defastre, que lhe alli acontecêra. E porque depois que este caso foi feito, chegaram as outras caravelas da companhia de Lançarote, e elle Dinizeanes tinha já despezo quasi todos os mantimentos, tornou-se pera o Reyno com as suas tres caravelas, com que partira. Lançarote com os outros Capitães, que ficáram em sua companhia, poz logo em conselho tornar a entrar a Ilha Tider, e ordenou, que tres caravelas se mettessem entre ella, e a terra firme, em hum passo, per que se os Mouros baldeavam de huma parte a outra. Mas elles andavam tão escosidos das armas dos nossos, que de noite se passáram todos a terra firme sem o elles sentirem, de maneira, que quando veio pela manhã, vendo elles que se tornáram os nossos como quem não acháram a preza, que hiam buscar á Ilha, começaram na praia á vista delles dar huma grande grita em modo de zombaria. Havia neste passo antre a Ilha, e terra firme, obra de hum tiro de pedra, que se não podia passar a váo; e outro tanto espaço, que de baixamar dava a agua per o giolho, onde estavam as tres caravelas, que Lançarote alli mandou pera tolher a passagem, em huma

ma das quaes estava hum moço da camara do Infante, a que chamavam Diogo Gonçalves, que com huma ardidez de espirito, que lhe moveo a ir contra os Mouros, pelas algazaras, e desprezos, que lhes faziam, disse a hum Pedro Alemão natural de Lagos, que se queria saltar com elle em terra vingar aquellas injurias, que lhe os Mouros estavam fazendo? Ao que Pedro Alemão respondeo, que de mui boa vontade; e sem o mais praticar com alguma pessoa, tomando as armas, que lhe eram necessarias pera offender, lançáram-se a nadar. Os Mouros, quando os víram vir, vieram-se a elles com huma grita, que fez espertar aos outros da caravela que sabiam nadar, porque movidos de huma virtuosa inveja, começaram de os seguir; os primeiros dos quaes foram Gil Gonçalves escudeiro do Infante, e Lionel Gil filho do Alferes da bandeira da Cruzada; os quaes juntos em hum corpo com os primeiros, elles por tomarem a terra, e os Mouros por lha defender, (como quem tinha consigo mulheres, e filhos,) foi antre todos huma tão travada peleja, que no meio daquella vasa ficáram doze Mouros enterrados, e depois em terra outros, e cativos foram cincoenta e sete. E com tudo este trabalho do dia, ainda alguns destes com outros, que es-

ta-

tavam folgados, aquella noite foram dar em huma aldeia, que estava dalli sete leguas ao longo da costa, parecendo-lhes que se acolleriam a ella os que escapáram das mãos dos nadadores, segundo alguns dos cativos affirmavam. Però elles hiam de maneira, que não sómente se affastáram da coísta do mar, mas ainda foram dar aviso aos outros, que viviam na aldeia, com que os nossos trabalháram de balde naquella ida; posto que quando tornáram ao outro dia, acháram huns cinco Mouros, que do dia passado, quando hiam fugindo, se embrenháram. E como o negocio a que eram idos áquella Ilha era já acabado, ao seguinte dia ajuntou o Capitão Lançarote todos os Capitães, e pessoas principaes d'Armada, e propoz-lhes estas palavras: *Bem sabeis, Senhores, e Amigos, que a principal tenção, por que aprouve ao Senhor Infante virmos todos em hum corpo, e eu por Capitão desta frota, foi, pera que levemente pudesse-mos destruir esta Ilha de Arguim, de que os nossos quando aqui vinham recebiam damno. Ora Deos seja louvado, vós o tendes feito tão honradamente, e tanto a seu serviço, e prazer do Infante, que vos he elle por isso em obrigação de honra, e merecê, o que todos deveis esperar cada hum em seu gráo, porque esta lei tem os servi-*

ços

cos acabados á vontade de quem os manda, principalmente quando o Senhor he grato, e liberal. Estas cousas por parte de vossos meritos estam ganhadas, e por parte da real condição do Infante concedidas; o que nos agora fica por fazer, he cumprir o que mais manda em seu Regimento: que feito este negocio, que temos acabado, cada hum se póde partir a fazer seu resgate, e proveito, onde lhe Deos ministrar. Eu d'hoje avante fico sem aquella superioridade, que o Senhor Infante me tinha da dcerca da governança deste negocio, a que principalmente viemos. E de mi lhe sei dizer, não por parte da honra, porque a Deos mercês com vossa ajuda, eu a tenho ganhada nesta terra pera poder ir contente pera o Reyno, mas por parte da pouca preza que levamos, segundo as caravelas são muitas, e os cativos poucos, minha tenção he não ir de cá tão boiante, se alguém quizer ir fazer seu proveito mais avante pela costa, eu lhe mantereí companhia. Sociro da Costa sogro delle Lancarote, Vicente Dias, Rodrigueanes, Martim Vicente, e o Picanço, por terem as caravelas mais pequenas de toda a frota, responderam, que elles não podiam esperar o inverno, que já lá começava; e que quanto o desejo os obrigava ir em sua companhia,

nhia, tanto a necessidade os constringia a se tornar ao Reyno. Gomes Pirez Capitão da caravela delRey, e Alvaro de Freitas, Rodrigueanes Travaços, Lourenço Dias mercador foram todos em hum proposito de seguir o Capitão Lançarote, com desejo de passar á terra Çahara dos Azenegues, e ver a de Guiné dos negros, por lhe dizerem ser mais fresca, e grossa em totalas cousas. Partidos per esta maneira, huns pera o Reyno, e outros pera Guiné, de que eram estas duas cabeças, Sociro da Costa, e Lançarote, tomou cada hum sua derrota. Sociro da Costa como era Alcaide mór de Lagos, a quem todos obedeciam na terra, por os mais delles serem daquella Villa, assi no mar lhe quizeram obedecer, cá os obrigou a que passassem pelo Cabo Branco; em o qual entrando per hum estreito em bateis obra de quatro leguas, deram em huma aldeia, de que sómente houveram nove Mouros, porque os mais se puzeram em salvo, por lhes ser dado aviso primeiro que chegassem á aldeia. E porque esta preza o não satisfez, (peró que fosse aconselhado que o não fizesse,) disse aos outros Capitães, que a elle lhe convinha muito tornar á Ilha Tider, porque entre aquelles cativos que levava, era huma Moura, e hum moço filho de hum homem principal, os quaes

pro-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

promettiam por si grande resgate. Soeiro da Costa espedido dos outros Capitães com este proposito, chegou á Ilha, onde logo acudiram alguns Mouros a este negocio do resgate; e por segurança d'ambas as partes, os Mouros entregáram por refens hum homem dos principaes delles, e Soeiro da Costa entregou o Mestre do seu navio, e hum Judeo, que do Reyno fora em sua companhia. E sendo já o moço do resgate posto entre os seus, vendo a Moura azo pera isso, confiada mais em nadar, que ella muito bem sabia, que na possibilidade dos seus, de quem esperava o grande resgate, que promettia por si, lançou-se ao mar, e poz-se em salvo. Os Mouros como lá tiveram a esta Moura, e o moço, não quizeram dar o Mestre, e o Judeo, que já tinham em poder, a troco do Mouro honrado, senão com mais outros tres. Sociro da Costa, posto que lhe foi grave cousa, todavia o fez por salvar o Mestre; e sem mais ganhar cousa que lhes fizesse perder o nojo deste aquecimento, se tornou a este Reyno. E vindo com proposito de caminho fizeram hum salto nas Canareas, topáram com a caravela de Alvaro Gonçalves de Taide, de que era Capitão João de Castilha; e quando souberam d'elle a via que levava, disseram que lhe parecia sua ida de balde, por quan-

quanto o feito de Arguim era acabado, e o inverno começava naquellas partes, com que corria risco de se perder: que elles levavam proposito de passar pelas Ilhas Canareas, e fazer hum salto na Ilha da Palma, onde esperavam fazer alguma preza de proveito, que elle devia tomar sua companhia, pois vinha tão tarde pera ir ás partes de Guiné. João de Castilha forçado das razões destes Capitães das caravelas, seguiu seu conselho, e o primeiro porto que tomaram, foi da Ilha Gomeira, onde logo os vieram receber dous Capitães, que governavam a terra, fazendo offertas aos nossos do que houvessem mister, dizendo serem devedores ao Infante D. Henrique de tudo o que por seu serviço fizessem; porque elles estiveram em casa delRey de Castella, e delRey de Portugal, e de nenhum delles recebêram tanto favor, e mercê, como d'elle Infante. Os Capitães das caravelas vendo que nestas offertas tinham ajuda, por saber serem os desta Ilha grandes inimigos dos da Ilha de Palma, que elles hiam buscar, descobriram-lhes seu proposito, pedindo-lhes que houvessem por bem de irem com alguma gente sobre aquelles seus inimigos, de quem o Infante estava mui escandalizado por ser má, e revel, e que elles iriam em sua companhia. Estes dous Capitães

tães Canareos , cujos nomes eram Piste , e Brucho , por mostrar o desejo que tinham de servir ao Infante , sem mais demora metêram-se em os navios com bom golpe de gente ; e feita véla , surgíram em rompendo o dia no porto da Palma ; e per conselho delles , os nossos ante de serem vistos saltáram em terra , e o primeiro encontro que acháram , foram huns poucos de pastores , que traziam grande facto de ovelhas ; os quaes tanto que houveram vista dos nossos , alli tinham costumado este gado , que a hum certo final de apupos que deram , começou todo correr pera hum valle , que estava entre duas serras de asperos rochedos , como se lhes disseram , aqui são os imigos. Os nossos , quando víram que os Canareos começavam trepar com seus Capitães per aquellas rochas trás os pastores , que fugiam , seguiram o seu modo ; mas como não eram costumados áquelles saltos , cahíram alguns per lugares de perigo , entre os quaes foi hum mancebo , que quando chegou abaixo da altura , donde cahio , veio feito em pedações ; e per este modo tambem perecêram alguns Canareos ; porque como eram conhecidos no uso daquelles lugares , corriam mais sem tento ; e dos nossos o que melhor se havia neste modo de prear acosso , foi Diogo Gonçalves moço da Camara do Infan-

fante, aquelle, que se lançou ao mar em Arguim contra os Mouros, que estavam fazendo algazarra na praia. Os Canareos, cujas eram as creações, tanto que sentiram a entrada de seus inimigos, acudiram com muita gente; però como sentiram as armas dos nossos, não ousavam de os esperar de perto, e embarravam-se em as penedias, donde faziam seus arremessos; e se lhe os nossos tiravam a si, eram leves em furtar o corpo, que de maravilha os podiam offender. Com tudo entre os tomados a cofso, e outros, que houveram, depois que se ajuntou a gente, foram dezeseite almas, entre as quaes vinha hum mulher de espantosa grandeza, a qual quizeram dizer ser Rainha de hum parte daquella Ilha. Tornados os nossos á Ilha Goineira, leixaram os Capitães Canareos em o lugar, onde os tomáram, e o que chamavam Piste faleceo depois neste Reyno, andando em negocios da Ilha, ao qual o Infante sempre fez gualhado, e mercê. João de Castilha, porque não vinha contente da pequena preza, que lhe coube em repartição, e tambem por se refazer da perda, que houve em não se achar no feito de Arguim, donde estoutros vinham, fez com elles que na mesma Goineira, onde estavam, fizessem alguma preza; e posto que a todos pareceo malda-

Tom. I.

G

de

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de cativar aquelles, de quem recebêram amizade, pode mais nelles a cubiça que esta lembrança; e como que per esta maneira ficavam menos culpados, passaram-se deste porto a outro da mesma Ilha, onde prearam vinte e huma almas, com que se fizeram á véla caminho deste Reyno; o qual engano sabido pelo Infante, ficou mui indignado contra os Capitães, e vestidos á sua custa, mandou depois, como se adiante verá, tornar todos os cativos onde os tomaram; porque como o Infante por esta gente das Canareas tinha feito grandes couças, segundo veremos neste seguinte Capitulo, sentia muito qualquer offensa que lhe faziam.

C A P I T U L O XII.

Como às Ilhas, a que ora chamam Canareas, foram descubertas per hum Fidalgo Francez, chamado Mosior João de Betancor: e depois o Infante D. Henrique teve o senhorio dellas; e converteo á Fé a maior parte dos seus povoadores, e d'alguns costumes dellas.

EM tempo del Rey D. Henrique o Terceiro de Castella, filho del Rey Dom João o Primeiro, veio de França a estas partes de Hespanha hum Francez por nome Mosior João de Betancor homem nobre, com

com tenção de conquistar as Ilhas das Canareas, por ter sabido serem povoadas de gente pagã; e segundo fama, a noticia dellas soube per huma não Ingleza, ou Franzeza, que lá esgarrou com tempo, vindo daquellas partes a estas de Hespanha; e posto que elle trouxe navios, gente, e munições pera esta conquista, em Castella, onde primeiro veio ter, se reformou de mais gente, com que subjogou estas tres Ilhas, Lançarote, Forte ventura, e a Ferro, e isto com tanto trabalho, e custo, que de cansado, e ter despezo todo o cabedal que trouxe, tornou a França a se reformar, deixando alli hum seu sobrinho chamado Maciot Betancor; mas elle não tornou mais: diziam alguns que por graves doenças que teve; e outros, que El Rey de França o impedio por causa da guerra, que então tinha com Inglaterra. Mosior Maciot Betancor, vendo que passavam tempos sem acudir seu tio a tão grande empreza como lhe leixára, a qual não podia sustentar, posto que em ausencia sua com ajuda d'alguns Castelhanos conquistára a Gouceira, concertou-se com o Infante D. Henrique sobre o que nellas tinha, e elle passou-se á Ilha da Madeira, onde assentou sua vivenda, porque começavam naquelle tempo florescer as cousas della; e os homens, que se lá passa-

vam a viver, engrossavam muito em fazer-
 da, como tambem aconteceu a este Ma-
 ciot, o qual com o que houve do Infan-
 te, que foram as faboarias, e outras ren-
 das na Ilha, e depois com sua industria ga-
 nhou tanto, que casou huma só filha que
 teve, chamada Dona Maria Betancor, com
 Ruy Gonçalves da Camara Capitão da Ilha
 S. Miguel, filho de João Gonçalves, pri-
 meiro Capitão da Ilha da Madeira da par-
 te do Funchal; e porque não houve filhos
 della, herdaram Henrique de Betancor, e
 Gaspar de Betancor sobrinho deste Maciot
 de Betancor a sua herança delle, da qual
 hoje possuem seus herdeiros boa parte, e
 quaes são Fidalgos mui honrados, e tem o
 seu appellido de Betancor. E porque de do-
 ze Ilhas que ellas são, ainda ficavam por
 conquistar estas, grão Canarea, Palma, Gra-
 ciosa, Inferno, Alegrança, Santa Clara,
 Roche, e a dos Lobos, determinou o In-
 fante D. Henrique, por louvor de Deos,
 de as mandar conquistar, e trazer ao Bap-
 tismo os seus moradores, pera a qual obra
 se fez huma Armada o anno de quatrocen-
 tos e vinte e quatro, em que foram dous mil
 e quinhentos homens de pé, e cento e vin-
 te de cavallo; e por Capitão mór D. Fer-
 nando de Castro Governador de sua casa,
 Padre de D. Alvaro de Castro Conde de
 Mon-

Monsanto, e Camareiro mór delRey Dom Afonso o Quinto deste nome. E porque a gente era muita, e a terra desfalecida de mantimentos, deteve-se D. Fernando mui pouco tempo nesta conquista, porque tambem era custosa ao Reyno; e sómente a passagem da gente, que foi a ella, segundo vimos nos livros das contas do Reyno, custou trinta e nove mil dobras; e nesse pouco tempo que esteve grande numero daquelle povo pagão recebeu o Baptismo. Depois pera favorecer estes Christãos contra aquelles, que não queriam vir á Fé, mandou o Infante alguma gente, e por Capitão della Antão Gonçalves seu guardaroupa. E passados alguns annos, que estas Ilhas per causa do descobrimento da Ilha da Madeira, e assi de Guiné, começaram ter nome, e fabor na opinião da gente de Hespanha, desistio o Infante dellas, porque se intrometteo nisso ElRey de Castella, dizendo, que lhe pertenciam; por quanto Moñor João Betancor, que primeiro conquistára as tres, no Reyno de Castella se armará, e alli recebêra todas as ajudas de gente, mantimentos, e munições pera as conquistar, e, depois de sua partida, Maciot seu sobrinho sempre recebêra as mesmas ajudas de Castella, e a Gomeira, que elle tinha conquistado com a gente de Castella fóra,

e aós Reys della dava obediencia, e reconheciam por Senhores ; e que se elle Maciô vendêra a fazenda, e terras, que tinha aproveitado, não podia vender o senhorio, e jurisdicção, que era da Coroa de Castella. O Infante, como sua tenção em conquistar estas Ilhas mais era por salvar as almas dos seus moradores pagãos, que por algum proveito que dellas tivesse, antes lhe tinham feito muita despeza em as conquistar, e suffer, não proseguio mais em o que tinha começado. Depois em tempo delRey D. Henrique o Quarto deste nome em Castella, quando casou com a Rainha Dona Joanna filha delRey D. Duarte de Portugal, Dom Martinho de Taíde Conde da Touguia, que a levou a Castella, houve delRey Dom Henrique estas Ilhas das Canareas per doação que lhe dellas fez, e elle as vendeo depois ao Marquez D. Pedro de Menezes o primeiro deste nome, e o Marquez as vendeo ao Infante D. Fernando irmão delRey D. Afonso; o qual Infante folgou de as comprar, porque como era filho adoptivo do Infante D. Henrique seu tio, que já tivera o senhorio destas Ilhas, parecia-lhe que as não comprava, mas que as herdava delle. E tanto que as houve, mandou tomar posse dellas, e a conquistar alguns reveis, ao qual negocio enviou Diogo da Silva, que

que depois foi Conde de Portalegre. Em meio do qual tempo veio a estes Reynos hum Cavalleiro Castelhana per nome Fernão Peraça, pedindo a ElRey D. Afonso, e ao Infante, que houvessem por bem de o restituir em posse das ditas Ilhas, por quanto elle as tinha comprado a hum Guilherme das Casas, o qual as comprára a Dom Henrique Conde de Nebla, em quem Matciot Betancor as traspassára per via de doação com procuração que tinha de seu tio João de Betancor, de que apresentava Escrituras, e Provisões dos Reys de Castella em confirmação das taes compras. E porque per ellas, e per outras razões ElRey, e o Infante víram a justiça delle Fernão Peraça, desistiram dellas; per morte do qual Fernão Peraça herdou esta herança hum sua filha per nome Dona Ignez de Peraça, com quem casou hum Fidalgo Castelhana chamado Diogo Garcia de Herrera. E entre os filhos que houye della, foi Dona Maria Dayala, com quem casou Diogo da Silva, estando ainda lá por parte do Infante na conquista, e governança dellas. E porque as Ilhas da Gomeira, e Ferro eram feitas em morgado, de que hoje he intitulado Conde D. Guilhem de Peraça seu filho, ficáram partiveis as Ilhas de Lançarote, e Forte ventura, em que D. João da

Silva segundo Conde de Portalegre por parte de sua madre a Condessa tem herança, que ao presente lhe renderá té trezentos mil reaes. Parece que permittio Deos que ficasse esta memoria em Portugal por os trabalhos, que o Infante D. Henrique levou na conversão, e conquista dos povos destas Ilhas, posto que o senhorio, e jurisdicção dellas fosse traspassado em Castella na maneira que dissemos. E por razão desta acção, que este Reyno tinha nestas Ilhas Canareas pola despeza que era feita na conquista, e conversão de seus povos, quando se fizeram as pazes entre Portugal, e Castella por causa das guerras, que houve entre ElRey D. Afonso o Quinto deste Reyno, e ElRey D. Fernando de Castella, nomeadamente em os capitulos das pazes com Castella a conquista, e senhorio destas Ilhas, e a conquista do Reyno de Grada, como com Portugal a do Reyno de Féz, e de Guiné, & cetera, (segundo se contém na Chronica deste Rey D. Afonso.) Este foi o fundamento da conquista, e conversão destas Ilhas, posto que em a Chronica delRey D. João o Segundo de Castella o Chronista, por dar posse a sua coroa, leve outro caminho na relação do descobrimento dellas; e tambem pôde ser que não teria noticia de todas estas cousas. E por louvor def-

deste Infante D. Henrique, trataremos dos ritos, e costumes que o povo pagão destas Ilhas naquelle tempo tinha, quando per industria sua foram trazidos ao Baptismo. Haveria naquelle tempo em todas estas Ilhas treze, ou quatorze mil homens de peleja; e posto que todos fossem pagãos, não convinham em huns ritos, e costumes, sómente em conhecimento de hum Creador de todas cousas, o qual dava galardão aos bons, e pena aos máos. Os moradores da grão Canaria tinham dous homens principaes, que os governavam, a hum chamavam Rey, e a outro Duque; e porém o regimento da justiça, e governo da terra era feito per numero de cento e noventa homens, sem poderem ser mais, ou menos. E como algum morria, logo era enlegido outro da linhagem daquelles que governavam, e estes tinham a sciencia, e os preceptos daquillo, que cada hum devia crer, e elles os davam ao povo; de maneira, que não sabiam mais dizer do que criam, e adoravam, sómente que naquillo que criam os seus cavalleiros, que eram estes cento e noventa homens. As mulheres não podiam casar sem primeiro as corromper hum destes cavalleiros; e quando lhas apresentavam, haviam de vir bem gordas de leite, que era a ceva, com que as cevavam pera isso;

e se eram magras, diziam que ainda não estavam em disposição pera calar, por quanto tinha o ventre pequeno, e estreito pera crear nelle grandes filhos, de maneira, que não haviam por aptas pera casamento senão as de grande barriga. A peleja delles era ás pedradas, e com páos curtos á maneira de regeitos de remesso, e ao tempo do pelejar era bem ardida, e esforçada. Seu vestido era os couros da carne sómente, e em os lugares deshonestos traziam huma maneira de bragas de folhas de palma tintas de cores. Entrelles não havia ferro, e a mingua delle rapavam as barbas com pedras agudadas: se haviam algum á mão era mui estimado, e faziam anzolos delle. Ouro, prata, nem outro metal não o queriam, antes haviam que era sandice desejar alguém o que lhe não servia de instrumento mecanico pera suas necessidades. Trigo, e cevada tinham em grande copia, e desfalecia-lhes engenho pera o amassar em pão, sómente comiam a farinha cozida com carne, e manteiga. Haviam por cousa mui torpe esfolar alguém gado, e neste mister de magarefes lhes serviam os cativos que tomavam; e quando lhe estes faleciam, buscavam homens dos mais baixos do povo pera este officio, os quaes viviam apartados da outra gente, e não os communicavam em aquelle mister.

As

As mães não creavam de boa vontade seus filhos ao peito; e quasi todos eram creados ás tetas das cabras. Os moradores da Gommeira em alguns ritos, e costumes se conformavam com estes; però seu comer geralmente era leite, hervas, e raizes de juncos, e toda a immundicia, assi como cobras, lagartos, ratos, e outras cousas desta qualidade. As mulheres eram quasi commuas, e quando se visitavam huns a outros, davam as mulheres por gazalhado, e boa hospedagem, donde se causava que não herdavam os filhos, senão os sobrinhos da irmã. O mais do tempo despediam em cantar, bailar, e uso de mulheres, que entrelles era estimado por o maior bem da vida. Os da Ilha Tanarife eram mais abastados de mantimentos, cá entrelles havia trigo, cevada, legumes de toda sorte, e grandes fatos de gado miudo, de cujas pelles se vestiam; e todos eram repartidos em oito, ou nove bandos de gerações, cada hum dos quaes tinha proprio Rey, e sempre havia de trazer consigo dous, hum morto, e outro vivo; e morto este, elegiam outro. E o primeiro defunto ao tempo que o queriam enterrar, havia de ser per o mais honrado homem, o qual o levava ás costas; e quando o punham na sepultura, todos a huma voz diziam: *Vai-te á salvação*. Tinham mulhe-

res proprias, todo seu exercicio eram bar-
dos; e isto os fazia ser gente mais guerreira
que os das outras Ilhas, e tambem vi-
viam com mais razão em todas suas cou-
sas. Os da Ilha da Palma seriam até qui-
nhentos homens, os quaes ácerca do juizo,
e uso das cousas eram mais bestiaes que os
das outras Ilhas; tendo tambem muita par-
te dos seus costumes, seu mantimento era
hervas, leite, e mel. É porque ao presente
toda esta gentildade barbara se perdeu, e
em seu lugar he recebida a Fé, e policia
Hespanhol, e as outras cousas dos frutos,
e disposição da terra são já mui notorias a
nós, basta o que dissemos por gloria de
Deos, e louvor do Infante D. Henrique,
que plantou este fruto na sua Igreja.

C A P I T U L O XIII.

*Como o Capitão Lançarote, depois que
leixou estas caravelas de sua conserva, que
se vieram pera o Reyno, com as outras que
o seguiram, descubrio o grande rio, a que
ora chamamos Canagá, e dahi foi ter a
humã ilheta pegada com o Cabo Verde.*

O Capitão Lançarote, depois que Socero
da Costa seu sogro se espedio delle,
começou de seguir sua viagem sempre ao
longo da costa, té passar a terra, a que os
Mou-

Mouros chamam Çahará, e os nossos corruptamente Zára, que he parte dos desertos de Libya, e veio ter as duas palmeiras, que Diniz Fernandes, quando alli foi, demarcou como cousa notavel, onde os da terra dizem, que se apartam os Azenegues Mouros dos Negros idólatras, però que nestes nossos tempos aqui já sejam todos da secta de Mafamede. E seguindo mais avante obra de vinte leguas, acháram hum rio mui notavel, a que nós ao presente chamamos Çanagá, por razão que o principal resgate, que pelo tempo em diante se alli começou fazer, foi com hum negro dos principaes da terra, chamado per este nome Çanagá; porque o verdadeiro nome do rio, logo alli na entrada he Ovedech, (segundo a lingua dos Negros, que habitam naquella sua foz;) e quanto mais se penetra o sertão per onde elle vem, tantos nomes lhedam os povos, que bebem as suas aguas, dos quaes nomes, curso, e nascimento d'elle se verá adiante. E não sómente pelo que os nossos então souberam d'elle, mas pela informação, que os Mouros Azenegues deram ao Infante de como vinha das partes Orientaes, correndo per grandes Reynos, e Provincias, houveram que era hum braço do rio Nilo. O Capitão Lançarote, depois que entrou a barra deste rio, lançando hum

batel fóra, metteo-se nelle Estevão Afonso pera sahir em terra, e descubrir o que alcançasse com a vista; e na primeira que tomou, onde se fazia hum inedão de arêa, vio estar huma cabana, que lhe pareceo ser de algum pescador, na qual foram tomados hum moço, e huma moça, ambos irmãos, mais pera sua salvação, que pera receber cativoiro; porque vindos a este Reyno o moço, mandou o Infante crear, e doutrinar em letras pera poder receber Ordem Sacerdotal, e tornar a esta parte a prégar o Baptismo, e Fé de Christo, e ante de chegar a madura idade faleceo; e a irmã já polos meritos de seu irmão teve creação, e vida mais de livre que cativa. E posto que alli não houvesse lingua, que entendesse estes dous irmãos pera delles tomar alguma informação, na idade delles entenderam que o pai, ou mãe não deviam ser muito longe; e começando descubrir derredor da casa contra onde se fazia hum arvoredado, ouviram pancadas, como que cortavam alguma cousa. E porque indo juntos podiam fazer rebuliço, disse Estevão Afonso, que o leixassem ir só pera mansamente espreatar quem era o que dava aquellas pancadas; e indo assi ao tom dellas, foi dar com hum negro, o qual estava tão attento no cortar de hum páo, que o não sentio, senão quando

do lançou mão d'elle. O qual atrevimento lhe houvera de custar a vida, porque como o negro era grande, e forçoso, e andava nú, e Estevão Afonso homem pequeno, e roupado do vestido, no primeiro bracejar, (peró que o negro ficou cortado com aquelle novo temor,) levou Estevão Afonso de baixo de si; e ainda que á peleja era a punho, e a dentes, elle passára mal, senão sobrevieram seus companheiros, com a vista dos quaes o negro escapulio, e fugio pera dentro do arvored. Estevão Afonso quando se vio desapressado com o favor dos companheiros, que corriam trás elle contra a mata, começou de o seguir, dizendo, que rodeassem o arvored té que viessem alguns cães do navio, que o lançassem fóra. Mas o negro como levava o cuidado nos filhos, ainda não entrou per huma parte, quando sahio pela outra; e não os achando na cabana, começou de seguir o rastro, que os nossos levavam contra a praia, onde Vicente Dias mercador senhorio do navio, cujo era aquelle batel, andava passeando tão seguro, como se estivera em Tavilla, donde elle vivia, tendo sómente por arma hum bicheiro, que tomou no batel por ajuda de bordão. O negro tanto que o vio, sem temor algum, com a fúria do amor que trazia dos filhos,

lançou-se a elle , depois que lhe rompeo hum a queixada com hum a azagaia de remesso ; e porém primeiro que viessem a braços , tambem levou hum a boa ferida com o bicheiro per cima da cabeça. E andando Vicente Dias em este perigo , (peró que trouxesse seu inimigo debaixo) sobreveio outro negro filho deste já homem valente , e assi se ajudáram ambos , que o traziam mui maltratado , se a vinda de Estevão Afonso , e de seus companheiros o não salvára ; porque os negros tanto que os víram correr contra si , como eram ligeiros , desapressáram a elle , e puzeram-se em salvo. Chegados aonde estava Vicente Dias , como já na companhia havia dous injuriados do negro , antre risco , e pezar de lhe assi escapulir das mãos , se tornáram á caravela , onde Vicente Dias foi curado ; e assi elle , como Estevão Afonso eram visitados da gente das outras caravelas , gracejando todos como o negro era melhor luctador que quantos havia no batel. Passado aquelle dia , tendo o Capitão Lançarote assentado com os outros Capitães pera irem per o rio affima descubrir , por ser a cousa que o Infante mais desejava , levantou-se hum tempo de maneira , que os fez a todos sair donde estavam , com o qual tempo se apartáram da companhia de Lançarote , Rodriguea-

gueanes Travaços, e Dinis Dias, que se vieram na volta do Reyno, onde chegarão a salvamento. Lançarote com cinco caravelas, correndo contra o Cabo Verde, foi surgir em huma ilheta pegada com a terra firme, em que acháram muitas cabras, que lhe foi mui bom refresco, e allí acháram pelles frescas d'outras, como que havia poucos dias que se fizera allí alguma matança dellas; e o que lhe certificou ser aquella obra dos nossos, foi acharem escrito em a casca de humas grandes arvores: *Este motto da divisa do Infante, Talent de Bien faire*, o qual final leixou Alvaro Fernandes sobrinho de João Gonçalves, Capitão da parte do Funchal na Ilha da Madeira, que veio allí ter, e pelejou com seis almadias de negros, que o vieram commetter, de que sómente tomou huma com dous delles, porque os mais se salváram a nado. E desta viagem passou ainda té onde ora chamam o Cabo dos Mastos, nome, que lhe elle então poz por razão de humas palmeiras secas, que á vista representavam mastos arvorados, e daqui se tornou pera o Reyno. O Capitão Lançarote em dous dias, que esteve com as cinco caravelas nesta Ilha, onde Alvaro Fernandes poz o motto, fez sua aguada, e matança de cabras, e de si passou-se á terra firme, com a vista do qual

Tom. I.

H

N I ACU-R E N S A
N A C I O N A L

acudiram á praia muitos negros. Gomes Pires, a quem o Capitão Lançarote mandou em hum batel, que fosse a elles, parecendo-lhe que os provocava mais a paz, que lhe o Infante muito encommendava em seu Regimento, lançou-lhes em terra hum bollo, hum espelho, e huma folha de papel, em que hia debuxada huma cruz. Mas elles estavam tão çafaros da cubiça daquellas cousas, e tão escandalizados do que lhe Alvaro Fernandes fez, que não sómente não quizeram, mas ainda as quebráram, e rompêram tudo, como se nellas fora alguma peçonha, ou peste, que lhes podia empecer, e sobre isso começaram de tirar ás frechadas ao batel. Vendo Gomes Pires que com elles não havia algum modo de paz, mandou a huns bésteiros, que comsigo tirassem, dando-lhes esta espedida. Os Capitães com esta mostra, que os negros deram de si, assentáram de ao outro dia dar nelle da maneira que costumavam dar nas aldeas dos Mouros; mas sobreveio fúritamente hum temporal, que os fez correr como cada hum pode marear seu navio. Lourenço Dias escudeiro do Infante foi ter ao lugar, onde o negro luctou com Vicente Dias; e vendo-se mal apercebido de mantimentos, armas, e outras cousas, que lhe

lhe convinham pera descobrimento do rio, não ousou de o commetter, e veio-se na volta do Reyno. Gomes Pires Patrão que era outro desta conserva de Lançarote, veio-se per o rio do Ouro, e alli tratou com os Mouros, dos quaes houve per resgate hum Negro, promettendo-lhe que ao seguinte anno se alli tornasse os acharia apercebidos de ouro, e escravos, com que pudesse cargar o navio, porque começavam já de gostar do proveito, que lhe os nossos davam com as cousas que haviam delles, de maneira, que os dias, que Gomes Pires alli esteve, vinham ao navio seguramente; e mais por amizade que per resgate, elles lhe deram huma boa somma de pelles de lobos marinhos, com que se veio pera o Reyno. Lançarote, Alvaro de Freitas, e Vicente Dias, assi como todos tres naquella tormenta, que lhe deo no Cabo Verde, mantiveram conserva, assi foram todos em confello, que de caminho dessem na Ilha Tider, onde tomáram sincoenta e nove almas, com que se vieram ao Reyno com mais proveito que os outros. Diniz Fernandes Capitão da caravela de D. Alvaro de Castro, e Palaçano Capitão da fusta, como ambos mantiveram companhia na ida das quatorze caravelas, que este anno partíram deste Reyno, quando chegáram a Arguim, e achá-

ram nova em as outras caravelas, que foram no feito da Ilha Tider, como as Ilhas eram já despejadas, determináram de passar adiante té o rio Çanagá, e entrar dentro na fusta, por Diniz Fernandes saber já aquella costa quando alli veio ter; e tendo passado a ponta chamada de Sancta Anna, que he áquem do rio Çanagá obra de sincoenta leguas, por levarem calmarias, quizeram lançar hum homeni fóra, que descobrisse se havia alguma povoação junto da praia; mas como o mar com a calmaria andava banzeiro, eram tão grandes as vagas, que não ouzava algum dos mareantes de se lançar a nado: com tudo movidos d'algumas palavrás, com que Palaçano quiz envergonhar doze homens mancebos, que sabiam nadar, levando sómente armas offensivas, puzeram o peito á agua. Tomada a praia per caminho, começáram de a seguir té irem dar ella, dos quaes tomáram nove, com que se tornáram recolher ao navio. E parece que o tempo os estava esperando que se recolhessem, porque sobre aquelle grande prater da preza que trouxeram, sobreveio tanto tempo supitamente, que abriu a fusta de Palaçano, e a grande dita se salvou toda a gente em o navio de Diniz Fernandes, o qual com a furia do temporal correu ao

Cabo Verde, onde não fez mais que haver vista dos negros, que defendiam a praia com frechas d'herva; e com outra mudança que fez o tempo tornou ao lugar onde perdeu a fusta, de que ainda acháram o casco, que os Mouros não quizeram desfazer com proposito que seria anagaça aos nossos, quando alli tornassem: como houvera de ser, senão sahíram com boa vigia, porque detrás de huns medãos estavam lançados obra de setenta Mouros em fila, os quaes não fizeram mais que receberem damno, perecendo a maior parte delles, e os outros que se salváram haviam de ter que curar. Acabado este feito, com que Diniz Fernandes, e Palaçano na honra delle recobráram a perda da fusta que lhe alli ficou, e da pouca fazenda que tinham havido per toda aquella costa, fizeram-se á véla, passando pela ponta de Lyra, onde sómente tomáram dous Mouros a cosso, por andarem já tão temerosos do ferro dos nossos, que tomavam os pés por armas de sua salvação: e daqui se fizeram na volta deste Reyno, onde chegaram a salvamento, e nelles se açabáram de recolher todas as caravelas, que aquelle anno partíram deste Reyno, de que sómente se perdeu a fusta de Palaçano, como disse-mos.

CAPITULO XIV.

Como Nuno Tristão, e dezoito homens foram mortos com herua das frechadas, que houveram em huma peleja com os negros em hum rio de Guiné, em que entráram: e como passou Alvaro Fernandes além do Cabo Verde cem leguas: e do que tambem aconteceu a cinco caravelas, que foram a este descobrimento.

O Anno de quatrocentos e quarenta e seis tornou Nuno Tristão em huma caravela per mandado do Infante a descobrir mais costa, além do que Alvaro Fernandes leixava descoberto, que foi té o Cabo dos Mastos; e como era diligente nestas cousas, passou além do Cabo Verde obra de sessenta e tantas leguas, té chegar onde ora chamam o rio Grande; e surto o navio na boca d'elle, metteo-se no batel com vinte e dous homens, com tenção de entrar pelo rio afima descobrir alguma povoação, por ter huma grande entrada; a qual entrada fez a tempo que a maré subia tão teza pera dentro, que em breve espaço os affastou da barra hum bom pedaço, té irem dar em meio de treze alnadias, em que haveria té oitenta negros, homens valentes, e que se recolhêram pera aquelle feito, como quem

tinha primeiro visto o pouso do nosso navio, e depois á entrada do batel pelo rio. Nuno Tristão quando vio as almadias juntas, e com sua chegada se apartarem humas pera humas parte, e outras pera outra, pareceo-lhe que de gente barbara, e não costumada a ver aquella maneira de homens fugiam pera terra, porque os negros mostravam que se queriam acolher a ella. Però como víram o nosso batel em meio delles, de maneira que huns ficavam abaixo, e outros assima, remettêram á força de remo todos com humas grandes gritas, e lançáram sobre elle humas chuvas de frechas, assi repartidos, e adestrados pera este modo de peleja, que quando o nosso batel remava contra huns, acudiam da outra parte outros, andando ás voltas com elle da maneira que se hão os genetes com a gente d'armas. E como as frechas eram hervadas, e a furia da peleja lhes accendia mais o sangue, começáram alguns dos nossos embarbascar, e cahir, que causou tornar-se Nuno Tristão ao navio a tempo que descia a maré. Mas pouco lhe aproveitou esta ajuda della, porque assi tinha lavrado a herba, que primeiro que chegassem ao navio, hiam a maior parte delles mortos, o que Nuno Tristão sentio tanto, que entre dor, e peçonha tambem os acompanhou na morte;

OS

os quaes mortos foram João Correa, Duarte d'Olanda, Estevão d'Almeida, Diogo Machado, todos homens de sangue, e que de moços se creáram na camara do Infante, e assi outros escudeiros, e homens de pé de sua criação, que com os mareantes podiam ser dezenove pessoas. E ainda para maior desventura, de sete que ficavam, dous entrando em o navio per cajão hama ancora os ferio de maneira, que acompanharam na morte aos outros. Alguns dizem, que este caso aconteceo em o rio, a que ora chamamos de Nuno, que he além do rio Grande vinte leguas, e que desta morte de Nuno Tristão lhe ficou o nome, que ora tem de Nuno. E o que neste caso se póde haver por mais maravilhoso, he, que cortadas as amarras, por não haver quem as levasse, não ficando em o navio mais que hum moço da camara do Infante, chamado Aires Tinoco natural de Olivença, que viera por Escrivão com quatro moços, per espaço de dous mezes, assi os ajudou Deos em governar o navio, que o trouxeram a Lagos; não tendo nenhum delles saber pera isso. O Infante, porque a este tempo estava naquella Villa, quando soube parte de tão desaventurado caso, ficou mui triste, porque a maior parte dos mortos creára de pequenos, e era Príncipe mui ma-
vic-

vioso pera os criados. Mas como em outra cousa lhes não podia aproveitar, mostrou o amor que lhes tinha em o amparo dos filhos, e mulheres daquelles que as tinham. E de quão defaistrado aquecimento foi este de Nuno Tristão, tão prospero aconteceo a Alvaro Fernandes, sobrinho de João Gonçalves Capitão da Ilha da Madeira, o qual neste mesmo anno tornou outra vez a Guiné, passando desta viagem mais de cem leguas além do Cabo Verde. E a primeira cousa que fez, foi dar em huma aldeia, o senhor da qual matou per suas proprias mãos, por elle como homem animoso vir ante os seus commetter os nossos, cuja morte assi os espantou, que tomáram por salvação os pés; os quaes como eram ligeiros, e despejados de roupa, não houve algum dos nossos, que se atrevesse aos alcançar, nem menos se quizeram metter no mato, onde se embrenháram, e tornando-se ao navio, tomáram duas negras, que andavam mariscando. Alvaro Fernandes como se queria aventajar dos outros descubridores, passou mais avante, té chegar á boca de hum rio, a que ora chamam Tabite, que será além do rio do Nuno trinta e duas leguas, onde o logo sinco almadias vieram receber. E porque o caso de Nuno Tristão os fazia temer estas entradas dos rios,

não

não se quiz metter em lugar estreito; e com tudo não se pode livrar de perigo, porque huma das almadias confiada em sua ligeireza tanto se chegou ao batel, té que fizeram seu emprego de setas em a propria pessoa de Alvaro Fernandes; o qual como já de cá hia provido pera esta herva, de que os negros alli usavam, a poder de triaga, e d'outras mezinhas escapou da morte, e alli maltratado, como era homem de anino, passou mais avante té huma ponta de arêa, onde quizera fahir, vendo a terra escampada, e descuberta pera isso; mas obra de cento e vinte negros, que lhe sahiram ao encontro, lha defendêram com muita frechada toda com herva. É porque o Infante commendava muito aos Capitães, que não rompessem guerra com os moradores da terra que descubrissem, senão mui forçados, e isto depois de lhes fazer suas amoestações, e requerimentos da fé, paz, e amizade; vendo Alvaro Fernandes que a sua sahida, segundo se os negros dispunham, e davam pouco pelos sinaes de paz, não podia ser sem custar a vida d'algun dos nossos, não os quiz aventurar á peçonha, de que elle já tinha experiencia, e contentou-se com ter descoberto mais terra, que quantos Capitães té então tinham ido áquellas partes; com a qual determinação partio pera este Reyno;

on-

onde foi recebido do Infante D. Henrique com muita honra, e assi do Infante D. Pedro seu irmão, que então era Regente, cada hum dos quaes lhe fez mercê de cem cruzados. Estas mercês, e honras animavam mais aos homens a seguir este descobrimento, do que os mettia em temor o caso de Nuno Tristão, de maneira, que neste mesmo anno se armáram dez caravelas, de que estes eram os Capitães, Gilianes cavalleiro morador em Lagos, Fernão Valarinho homem mui experimentado nas cousas da guerra, principalmente em Cepta, onde elle fez honrados feitos; Estevão Afonso, Lourenço Dias, e João Fernandes Piloto, todos homens mui honrados, e os mais delles criados do Infante, com os quaes hia tambem huma caravela do Bispo do Algarve, e outras tres dos moradores de Lagos; os quaes juntos em huma conserva per mandado do Infante passáram pela Ilha da Madeira pera tomar algum mantimento, e tambem porque com elles se haviam d'ajuntar duas caravelas mais, huma de Tristão Vaz Capitão de Machico, e outra de Garcia Homem genro de João Gonçalves Capitão do Funchal. E daqui da Ilha foram todos á Gomeira a levar os Canareos, que atrás dissemos, que João de Castilha, e os outros Capitães salteáram, os quaes hiam

em

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

em os navios de Lagos per mandado do Infante mui contentes, e satisfeitos das mercês, e dadivas que lhe deo. Com ajuda dos quaes quizeram os nossos fazer huma entrada na Ilha da Palma, e por serem sentidos não lhes succedeo a sahida como cuidáram, que foi causa de os Capitães das caravelas da Ilha da Madeira se tornarem dalli, por que parece serem sómente vindos a este feyto da Ilha da Palma, e os outros fizeram sua derrota caminho do Cabo Verde. Na qual parte por razão da terra ser mui apaulada, e cheia de arvoredos no modo de peleja, ajudavam-se dos negros tão mal, que sempre recebiam mais damno delles do que lhe faziam, como lhes aconteceu esta vez, perdendo cinco homens, que morreram ás frechadas por causa da herva de que usavam, e assi perdêram em hum banco d'areia a caravela do Bispo do Algarve. E por que sempre dos Mouros levavam mais victoria que destes negros, tornáram-se a Arguim, e no cabo do resgate em huma aldeia tomáram quarenta e oito almas; e como de caminho, (vindo-se os outros pera o Reyno,) passou Estevão Afonso pela Ilha da Palma, onde tomou duas mulheres, que houveram de custar a vida de quantos sahiram em terra, senão fora pelo esforço de Diogo Gonçalves; o qual vendo que hum ho-

homem de pé se embarcava com huma besta que tinha, tomou-lha das mãos, e assi se ajudou della, que derribou sete Cana-reos, entre os quaes foi hum Rey, que por insignias de seu estado real trazia hum ramo de palma na mão. E aprouve a Deos que desta feita, ficando elle morto com sua palma, os nossos leváram a vitoria, porque com a morte delle todos seus se puzeram em fugida, e os nossos em salvo em Portugal.

CAPITULO XV.

Como o Infante mandou Gomes Pires ao rio do Ouro, onde cativou oitenta almas: e assi mandou a Diogo Gil assentar trato em Meça, e Antão Gonçalves ao mesmo rio do Ouro: e como veio a este Reyno hum gentil-homen da Casa del Rey de Dinamarca, com desejo de ver as cousas de Guiné, e o Infante o mandou em hum navio, e lá pereceo.

Como vimos atrás, os Mouros, que no rio do Ouro deram as pelles dos lobos marinhos a Gomes Pires, promettêram-lhe de fazer com elle resgate de ouro, e escravos, se lá tornasse. O Infante, porque o tempo desta promessa era chegado, mandou-lhe armar dous navios, com os quaes chegando ao rio, achou que a verdade dos

Mou-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Mouros era conforme a sua Secta, porque em lugar de paz, e resgate que tinham promettido, armavam muitas traições, que causou tomar Gomes Pires emenda delles, per oitenta almas que cativou, com que se veio pera o Reyno no mesmo anno de quatrocentos e quarenta e sete, em que delle partio; e no seguinte mandou o Infante a hum Diogo Gil, homem de mui bom saber, que fosse assentar trato com os Mouros de Meça, que he doze leguas além do Cabo de Gue, e seis áquem do Cabo de Nam, tão pouco tempo havia tão temeroso na opinião dos mercantes, e isto porque os Mouros do rio do Ouro eram alevantados, e tinha por informação que estes de Meça desejavam nossa paz, e commercio; e pera se isto melhor fazer, dos Mouros que eram vindos daquellas partes, houve alguns da Comarca de Meça, que promettiam por si humna boa somma de negros; em companhia do qual foi João Fernandes, o que ficou entre os Mouros na terra de Arguim, per meio do qual, tendo já Diogo Gil resgatados sincoenta negros per dezoito Mouros que levou, de subito sobreveio tamanho vento travessão na costa, que se fez a véla, ficando João Fernandes em terra, e trouxeram hum Lião ao Infante, o qual elle mandou a hum Fidalgo Inglez grande seu

seu fervidor, que vivia em Galveu. Como a fama destes navios, que descobríram novas regiões, e povos, corria per toda a Christandade, foi ter á Corte delRey de Dinamarca, em casa do qual andava hum homem Fidalgo per nome Balarte, mui curioso de cousas novas; e desejando de se experimentar em as deste descubrimento, havendo licença delRey de Dinamarca, veio ter a este Reyno encommendado ao Infante D. Henrique. A requerimento do qual Balarte o Infante lhe mandou armar hum navio, e pelo mais honrar, mandou com elle hum Cavalleiro da Ordem de Christo, a que chamavam Fernão d'Afonso, o qual hia em modo de Embaixador ao Rey do Cabo Verde, levando dous negros por lingua, per meio dos quaes o Infante lhe mandava que trabalhasse por converter aquella gente pagã. Balarte, como era desejoso de ver a costa que os nossos tinham descuberta por ser povoada de Mouros, e negros, pediu a Fernão d'Afonso que fizessem sua viagem ao longo della; e assi a esta causa, como pelos tempos lhes serem contrarios, do dia que partíram té chegar ao Cabo Verde puzeram seis mezes. Os negros da terra por já serem costumados ver os nossos navios, tinham olho no mar, como quem se vigiava; e havendo vista deste, vieram a

el-

elle em suas almadias com mão armada, e
 tenção de fazer algum damno se pudessem.
 Mas quando acháram as linguas que lhes
 falláram, per as quaes souberam o funda-
 mento a que o Infante mandava o navio,
 e que vinha nelle Embaixador, e algumas
 cousas pera o seu Rey, ficáram com ani-
 mo menos indignado, respondendo a pro-
 posito, de maneira que foram levar recado
 ao Regedor da terra, por o Rey ser den-
 tro oito jornadas em huma guerra que ti-
 nha. Sabido este recado por o Governador
 da terra, a que elles chamam Farim, veio
 á praia mui acompanhado, onde Fernão
 d'Afonso, e Balarte assentáram paz, e se
 deram refens, em quanto elle enviava reca-
 do a ElRey da chegada dos nossos. Da sua
 parte se deo hum dos honrados da terra,
 e da nossa hum dos linguas, com que en-
 tre todos começou haver commercio; e en-
 tre as cousas, que se houveram dos negros,
 foram huns dentes de elefante, que alvor-
 çáram tanto a Balarte, que tratou com os
 negros se podia ver hum elefante vivo, e
 quando não, que lhe trouxesse a pelle, e
 ossada d'alguem, promettendo por isso gran-
 de premio. Os negros, como lhe promet-
 têram preço, disseram; que logo lhe trariam
 hum elefante ao lugar onde o visse, e tor-
 nados dahi a tres dias, vieram chamar Ba-
 lar-

larte , dizendo trazerem o que lhe tinham
 promettido. Balarte entrado no batel do ná-
 vio sómente com os marinheiros que o re-
 mavam , chegou á terra ; e sobre tomar
 huma cabaça de vinho de palma , que hum
 Negro dava a hum marinheiro , debruçou-se
 tanto no bordo do batel , que cahio o ma-
 rinheiro ao mar ; e na pressa de recolher o
 marinheiro , descuidáram-se do batel de
 maneira , que deram as ondas com elle em
 terra por o mar andar hum pouco empo-
 lado. Os Negros vendo que os nossos não
 podiam ser soccorridos do navio , deram
 sobrelles , dos quaes não escapou mais que
 hum que sabia nadar , o qual deo razão des-
 te caso , e que vindo nadando olhára pera
 trás , e vira estar Balarte em a popa do ba-
 tel pelejando como homem esforçado. Per
 esta maneira acabou este gentil homem com
 desejo de ganhar honra fóra de sua patria :
 tão remontado anda o desejo dos homens ,
 que sendo este Balarte nascido em Dina-
 marca , veio buscar per propria vontade sua
 sepultura em Guiné , terra a ella tão con-
 traria em totalas cousas. Com a morte do
 qual , (que todos muito sentíam , assi por
 sua pessoa , que o merecia , como por ir
 acompanhada de tantos) , Fernão d'Afonso
 se tornou pera o Reyno , ficando os Negros
 no proprio estado em que d'ante estavam.

Tom. I.

I

fem os nossos com elles poderem ter alguma prática , porque pela maldade que tinham feito nunca mais vieram almadias ao navio , nem os nossos puderam ir a terra por causa do batel que tinham perdido. E porque neste anno ElRey D. Afonso , forbrinho deste Infante , sahio da tutoria do Infante D. Pedro seu tio , e houve inteiramente posse do governo de seus Reynos em idade de dezefete annos , posto que o Infante viveo té o anno de quatrocentos fessenta e tres , sempre profeguindo neste descobrimento , entraremos com o novo Rey em os feitos , que em seu tempo passáram , pois já em seu nome o mesmo negocio procedia. Però ante que saíamos destes fundamentos da nossa Asia , aos quaes podemos chamar trabalhos , e industrias deste Infante , e posto que em as Chronicas do Reyno se póde ver parte dos seus feitos , aqui , como em lugar mais proprio , trataremos particularmente delle.

CAPITULO XVI.

Das feições da pessoa do Infante D. Henrique: e dos costumes, que teve em todo o decurso de sua vida.

Este excellente Principe foi filho terceiro delRey D. João o primeiro de gloriosa memoria, e da Raynha Dona Filipa sua mulher, filha do Duque João d'Alem Castro, e irmã delRey D. Henrique o Quarto de Inglaterra. E como da excellencia do sangue pela maior parte procedem todas as inclinações da pessoa, podemos crer que sobre este fundamento Deos edificou nelle as outras da alma, que em quanto viveo mostrou em suas obras. Dizem que a estatura de seu corpo era de compassada medida, e de largos, e fortes membros, acompañados de carne, a côr do qual era branca, e côrada, em que bem mostrava a boa combinação dos humores. Tinha os cabellos algum tanto alevantados, e o acatamento, á primeira vista, (por a gravidade de sua pessoa,) hum pouco temeroso a quem d'elle não tinha conhecimento; e quando era provocado a ira, mostrava huma vista esquiva, e isto poucas vezes, porque na maior força de qualquer desprazer que lhe fizessem, estas eram as mais escandalosas palavras que

dizia: *Dou-vos a Deos, sejais de boa ventura.* A continencia do seu vulto era asfocogada, a palavra mança, e constante no que dizia, e sempre eram castas, e honestas; e esta religião de honestidade guardou não sómente em as obras, mas ainda nos vestidos, trajos de sua pessoa, e serviço de casa. Todas estas cousas procediam da limpeza de sua alma, porque se creê que foi virgem. Em seus trabalhos, e paixões era mui soffrido, e senhor de si, e em ambas as fortunas humildezo, e tão benigno em perdoar erros, que lhe foi tachado. Teve grande memoria, e conselho ácerca dos negocios, e muita authoridade pera os graves, e de muito pezo. Foi magnífico em despender, e edificar, e folgava de provar novas experiencias em proveito commum, ainda que fosse com propria despeza de sua fazenda. Foi mui amador da creação dos Fidalgos por os doutrinar em bons costumes; e tanto zelou esta creação, que se pôde dizer sua casa ser huma escola de virtuosa nobreza, onde a maior parte da Fidalguia deste Reyno se creou, aos quaes elle liberalmente mantinha, e satisfazia de seus serviços. E era assi confiado da creação, e pessoa de cada hum delles, que em seu testamento, encommendando elle a ElRey D. Afonso, e ao Infante D. Fernando, que

elle adoptou per filho, que lhes aprouvesse que seus criados houvessem as tenças, e conças, que tinham d'elle, disse, que lhes pedia que recebessem seu serviço como de criados, porque a Deos louvores taes eram elles, que haveriam por bem empregada toda a mercê que lhes fizessem. E dado que em a honestidade de seu trajo, palavras, jejuns, rezar de Officio Divino, e institutos de sua Capella toda a sua vida pareceo huma perfecta religião, não lhe falecêram pensamentos de altas emprezas, e obras de generoso animo, quaes convem aos de Real sangue. Parte das quaes se víram, quando se achou em Africa, principalmente na tomada de Cepta, de que já tratámos na parte de Africa; e assi nesta empreza tão nova de descubrir o que té o seu tempo estava encuberto. Em que não sómente encomendou as confas ao bom succedimento dellas, mas ainda teve nelle muita industria, e prudencia pera conseguirem prospero fim; porque pera este descobrimento mandou vir da Ilha de Malhorca hum Mestre Jacome, homem mui docto na arte de navegar, que fazia cartas, e instrumentos, o qual lhe custou muito pelo trazer a este Reyno pera ensinar sua sciencia aos officiaes Portuguezes daquelle mester. E tambem pera a Ilha da Madeira mandou vir de Cicilia canas, d'a-

cu-

çucar, que se nella plantassem, e mestres deste labor, mostrando em estas, e outras cousas, que commetteo de bem commum, ter no coração plantada a vontade de bem fazer, como elle trazia per motto de sua divisa nestas palavras Francezas: *Talent de Bien faire*; pois ácerca das letras, não tratando das sagradas, que elle per devoção, e veneração muito amava, ácerca das humanas era mui estudioso, principalmente na sciencia da Cosmografia, de cujo fructo tem ora este Reyno o senhorio de Guiné, com todolos mais titulos, que depois se accrescentáram á sua Coroa. E não sómente aqui leixou este testemunho do amor, e inclinação, que tinha ás letras, mas ainda na liberalidade, de que usou com os estudos de Lisboa, dando suas proprias casas pera elles, com outras cousas, cuja memoria sempre nelles he celebrada em o principio de cada hum anno, passadas as vacações delle. Leixou em sua vida descoberto do Cabo Bojador, que está em trinta e sete grãos d'altura da parte do Norte, té a serra Lioa, que está em sete, e dous terços, que fazem de costa trezentas e setenta leguas, da qual serra o derradeiro descobridor foi hum Pedro de Cintra Cavalleiro de sua casa. E posto que nos principios deste descobrimento houve grandes difficuldades, e foi mui mur-

murmurado, como atrás dissemos, teve tanta constancia, e fé na esperanza, que lhe o seu espirito favorecido de Deos promettia, que nunca desistio deste descubrimento, (em quanto pode,) per espaço de quarenta annos. Começando em o de quatrocentos e vinte, (não contando os atrás, que foram sem fructo,) em que a Ilha da Madeira foi descuberta, té treze de Novembro de quatrocentos sessenta e tres, que em Ságres falleceo, sendo de sessenta e sete de sua idade. E foi sepultado em a Villa de Lagos, e dahi passado ao Mosteiro de Sancta Maria da Victoria, a que chamam a Batalha, na Capella delRey seu Padre; o qual Infante, e Principe de grandes emprezas, segundo suas obras, e vida, devemos crer que está em o Paraiso entre os eleitos de Deos.

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO II.

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o que se acha ser feito em tempo delRey Dom Afonso o Quinto deste nome em Portugal.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Afonso o Quinto deste nome houve posse da governança deste Reyno, por sabir da tutoria em que estava; però que o Infante D. Henrique em quanto viveo proseguio neste descobrimento, continuamos a historia com ElRey, e não com elle: e das causas que houve, porque não escrevemos mais feitos do tempo deste Rey.

COMO ElRey D. Afonso sabio da tutoria em que estava por sua tenridade, e começou governar, sendo de dezefete annos, logo mandou alguns navios a este descobrimento. Posto que o Infante per sua parte tambem nelle proseguisse, e ElRey em Santarem a dous de Setembro de

de quatrocentos quarenta e oito lhe passasse Carta, que nenhuma pessoa pudesse descobrir do Cabo Bojador em diante : e assi houvesse, em quanto fosse sua mercê, o quinto, e dizimo de tudo o que as partes de lá trouxessem, da qual doação o Infante usou em quanto viveo. Mas como logo no princípio que ElRey começou governar, antrelle, e o Infante D. Pedro seu tio, que fora Regente destes Reynos, houve a differença, que na parte de Europa relatamos, e assi idas de Africa, e Castella, que quasi occupáram a vida delRey, causou não levar o fio deste descobrimento tão continuado, como no tempo do Infante D. Henrique foi ; de escrever os quaes feitos teve cuidado Gomezeanes de Zurárai Chronista destes Reynos, homem neste mister da historia affás diligente, e que bem mereceo o nome do officio que teve ; porque se alguma cousa ha bem escrita das Chronicas deste Reyno he da sua mão, assi dos tempos, em que elle concorreo, como d'alguns atrás, de cousas de que não havia escritura : e estas que elle escreveu deste descobrimento do tempo do Infante D. Henrique, (segundo elle diz,) já as recbeo de hum Afonso Cerveira, que foi o primeiro que as poz em ordem, do qual Afonso Cerveira nós achámos algumas cartas escritas em Beny, estando.

do elle alli feiturizando por parte delRey D. Afonso. E posto que tudo, ou a maior parte do que té qui escrevemos, seja tirado da escriptura de Gomezeanes, e assi delte Afonso Cerveira, não foi pequeno o trabalho que tivemos em ajuntar cousas derramadas, e per papeis rotos, e fóra da ordem, que elle Gomezeanes levou no processo deste descobrimento. As cousas do tempo delRey D. Afonso, como elle prometteo, não as achámos, parece que teria a vontade, e não o tempo; ou se as escreveo, serão perdidas, como outras escripturas, que o tempo consumio. Por tanto o que escrevemos do tempo delRey D. Afonso não são mais que algumas lembranças, que achámos no Tombo, e nos livros da sua fazenda, sem aquella ordem de annos que seguimos atrás, sómente hums fragmentos deste descobrimento. Nas quaes lembranças achámos, que no anno de quatrocentos quarenta e nove deo ElRey licença ao Infante D. Henrique, que pudesse mandar povoar as sete Ilhas dos Açores, as quaes já naquelle tempo eram descobertas, e nelas lançado algum gado per mandado do mesmo Infante, per hum Gonçalo velho Commendador de Almourol junto da Villa de Tancos. E no anno de quatrocentos cincoenta e sete fez ElRey mercê ao Infante D.

D. Fernando seu irmão de todas as Ilhas, que té então eram descobertas, com jurisdicção de Cível, e Crime, e com certas limitações. E no de quatrocentos e sessenta fez o Infante D. Henrique doação ao Infante D. Fernando seu sobrinho, e filho adoptivo destas duas Ilhas, Jesus, e Graciosa, reservando sómente para si a espiritualidade, que era da Ordem de Christo, que elle governava, a qual doação confirmou El Rey em Lisboa a dous de Setembro do mesmo anno. E em o seguinte de quatrocentos sessenta e hum, porque ás Ilhas de Arguim concorria resgate de ouro, e negros de Guiné, mandou El Rey fazer o Castello de Arguim, que hoje está em pé, per Sociro Mendes Fidalgo de sua Casa, morador em Évora, ao qual deo a Alcaidaria mór para si, e para seus filhos. Neste mesmo tempo achámos também que se descobríram as Ilhas, a que ora chamamos do Cabo Verde, per hum Antonio de Nólle Genovez de nação, e homem nobre, que per alguns desgostos da patria veio a este Reyno com duas náos, e hum berinel, em companhia do qual vinha hum Bartholomeu de Nólle seu irmão, e Rafael de Nólle seu sobrinho, aos quaes o Infante deo licença que fossem descobrir; e do dia que partíram da Cidade de Lisboa a dezeseis dias foram ter á Ilha de

Maio, á qual puzeram este nome, porque a víram em tal dia; e no seguinte, que era de Sant-Iago, e S. Filippe, descobriram duas, que tem ora o nome destes Sanctos, no qual tempo eram tambem idos ao descobrimento dellas huns criados do Infante D. Fernando, os quaes descobriram as outras, que per todas são dez, chamadas per commum nome Ilhas do Cabo Verde, por estarem ao Ponente delle per distancia de cem leguas, e per os antigos Geografos as Fortunadas, de que em a nossa Geografia fallamos largamente, das quaes ElRey fez doação ao Infante D. Fernando seu irmão em dezenove de Setembro do anno de mil e quatrocentos sessenta e dous; e a primeira que se povoou foi a chamada Sant-Iago per o mesmo Infante D. Fernando, a quem ElRey deo as liberdades, que ora tem, per Carta feita a doze de Junho de quatrocentos sessenta e seis. Mas depois, porque os moradores usavam destas primeiras liberdades, ácerca de tratar em Guiné, com mais licença do que a vontade delRey queria, per outra Carta lhe deo a limitação dellas, conforme a tenção que teve quando lhe fez a primeira mercê.

CA-

CAPITULO II.

Como ElRey arrendou o resgate de Guiné a Fernão Gomes per tempo de cinco annos, com obrigação que neste tempo havia de descobrir quinhentas leguas de costa: e porque descobrio o resgate do ouro da Mina, foi dado a Fernão Gomes appellido da Mina com Armas desta nobreza.

A Este tempo o negocio de Guiné andava já mui corrente entre os nossos, e os moradores daquellas partes, e huns com os outros se communicavam em as couzas do commercio com paz, e amor, sem aquellas entradas, e saltos de roubos de guerra, que no principio houve. O que não pode ser d'outra maneira, principalmente ácerca de gente tão agreste, e barbara, assi em lei, e costumes, como no uso das couzas desta nossa Europa; a qual gente em quanto não gostou dellas, sempre se mostrou mui esquiva. Però depois que tiveram alguma noticia da verdade pelos beneficios, que recebiam, assi na alma, como no entendimento, e couzas pera seus usos, ficaram tão domesticos, que não havia mais que partirem os navios deste Reyno, e chegados a seus portos, concorriam muitos povos do sertão ao commercio de nossas mercado-

rias , que lhes davam a troco d'almas , as quaes mais vinham receber salvação que cativoiro. E andando assí estas cousas tão correntes , e ordinarias em as partes de costa já descuberta , como ElRey pelos negocios do Reyno andava occupado , e não havia por seu serviço per si mandar grangear esta propriedade do commercio , nem menos leixallo correr no modo que andava ácerca do que as partes pagavam , por lhe ser commettido em Novembro do anno de mil e quatrocentos e sessenta e nove , o arrendou por tempo de cinco annos a Fernão Gomes , hum Cidadão honrado de Lisboa , por duzentos mil reis cada anno. Com condição , que em cada hum destes cinco annos fosse obrigado descobrir pela costa em diante cem leguas de maneira , que no cabo de seu arrendamento dêsse quinhentas leguas descobertas ; o qual descobrimento havia de começar na terra Lioa , onde acabáram Pero de Cintra , e Soeiro da Costa , que foram ante deste arrendamento os derradeiros descobridores , porque depois este Soeiro da Costa descobrio o Rio , a que ora chamamos o de Soeiro , que está entre o Cabo das Palmas , e as tres pontas , vizinho á casa de Axem , onde se faz a feitoria do regate do ouro. E entre outras condições , que se continham neste contrato , era , que todo

o marfim havia de ser delRey a preço de mil e quinhentos reaes por quintal , e ElRey o dava a outro maior preço a hum Martimannes Boaviage , por lhe ser obrigado per outro contrato feito ante deste , a todo o marfim que se resgatasse em Guiné. E por cousa mui estimada naquelle tempo tinha Fernão Gomes licença pera poder resgatar em cada hum dos ditos cinco annos hum gato d'algalea , o qual contrato foi feito no anno de quatrocentos sessenta e nove , com limitação que não resgatasse em a terra firme defronte das Ilhas do Cabo Verde por ficar pera os moradores dellas por serem do Infante D. Fernando. Nem menos lhe foi concedido o resgate do Castello de Arguim , por ElRey o ter dado ao Principe D. João seu filho em parte do assentamento que delle tinha ; però depois houve o mesmo Fernão Gomes do Principe este resgate de Arguim por certos annos , por preço de cem mil reaes em cada hum delles. E foi Fernão Gomes tão diligente , e ditoso em este descobrimento , e resgate delles , que logo no Janeiro de quatrocentos setenta e hum descubrio o resgate do ouro , onde ora chamamos a Mina , per João de Santarem , e Pero Escovar , ambos Cavalleiros da Casa delRey : e eram Pilotos Martin Fernandes morador em Lisboa , e Al-

varo Esteves morador em Lagos, o qual Alvaro Esteves naquelle tempo foi o mais estremado homem, que havia em Hespanha do seu officio. O primeiro resgate do ouro, que se fez nesta terra, foi em huma aldeia chamada Sanná, que naquelle tempo seria de quinhentos vizinhos; e depois se fez mais abaixo contra, onde ora está a fortaleza, que ElRey D. João mandou fazer, (como veremos em seu lugar,) o qual lugar se chama pelos nossos Aldea das duas partes. E não sómente descobriu Fernão Gomes este resgate do ouro, mas chegaram os seus descobridores pela obrigação do seu contrato té o Cabo de Santa Catharina, que he além do Cabo de Lopo Gonçalves trinta e sete leguas, e em dous grãos e meio d'altura da parte do Sul, no qual tempo ganhou Fernão Gomes mui grossa fazenda, com que depois servio ElRey, assi em Cepta, como na tomada de Alcacer, Arzila, e Tangere, onde ElRey o fez Cavalleiro. E no anno de quatrocentos setenta e quatro, que foi o derradeiro de seu arrendamento, lhe deo nobreza de novas Armas, hum escudo timbrado com o campo de prata, e tres cabeças de negros, cada hum com tres arrieis d'ouro nas orelhas, e narizes, e hum collar d'ouro ao collo, e por appellido da Mina, em memoria do descobri-

men-

mento della, e disse lhe passou Carta a vinte e nove de Agosto do dito anno. Depois passados quatro annos o fez do seu Conselho, porque já neste tempo era o commercio de Guiné, e resgate da Mina de tanto proveito, e ajudava tanto em substancia ao estado do Reyno, pola boa industria de Fernão Gomes, que alli por este serviço, como por outros particulares de sua pessoa, merecia toda a honra, e mercê que lhe fosse feita. Neste tempo se descobriu tambem a Ilha Formosa per hum Fernão do Pó, a qual tem ora o nome de seu descobridor, e perdeu o que lhe elle então poz. E o derradeiro descobridor em vida deste Rey Dom Afonso, foi hum de Sequeira Cavalleiro de sua Casa, o qual descobriu o Cabo, a que chamamos de Catharina, nome, que lhe elle então poz polo descobrir em o dia desta Santa. E não sómente neste tempo por mandado del Rey, depois que começou governar, mas ainda per o mesmo Infante D. Henrique, que, como atrás vimos, viveo té o anno de quatrocentos sessenta e tres, sempre houve conquistas, e descobrimentos, assi como da costa, donde veio a primeira malagueta, que se fez per o Infante D. Henrique; da qual alguma que em Italia se havia, antes deste descobrimento, era per mãos dos Mouros destas partes de

Tom. I.

K

Gui-

Guiné, que atravessavam a grande região de Mandinga, e os desertos da Libya, a que elles chamam Çahará, té aportarem em o mar Mediterraneo em hum porto per elles chamado Mundi barca, e corruptamente Monte da Barca. E de lhe os Italianos não faberem o lugar de seu nascimento, por ser especiaria tão preciosa, lhe chamarão Grána paradisi, que he nome, que tem entrelles. Tambem se descubrio a Ilha de S. Thomé, Anno bom, e a do Principe per mandado delRey D. Afonso, e outros resgates, e Ilhas, das quaes não tratamos em particular por não termos quando, e porque Capitães foram descobertas; porém sabemos na voz commum serem mais cousas passadas, e descobertas no tempo deste Rey do que temos escrito: assi como huma Ilha, que ainda hoje per nós não he sabida, e foi achada no anno de quatrocentos trinta e oito annos; e por não parecer estranho o que digo, trarei hum testemunho, em que entram muitas testemunhas desta verdade. Atravessando o anno de quinhentos e vinte e cinco huma Armada de Castella, em quehia pera a costa do Brasil, da qual era Capitão mór Fr. Garcia de Loais, Comendador da Ordem de S. João, de que viagem nós houvemos hum roteiro, conta o Au-

o Author delle humas razões, que nesta paragem houveram hum D. Rodrigo da Cunha, Fidalgo Andaluz, Capitão da náó Sant-Iago daquela Armada, e Sant-Iago Guevara Biscainho, Capitão de huma patara chamada tambem Sant-Iago. Isto sobre competencia de quem levaria ante o Capitão mór hum navio Portuguez, a que ambos arribaram, o qual vinha da Ilha de S. Thomé carregado de negros; e de palavras vieram estes Capitães ás bombardadas, e com tudo a caravela foi levada ante o Capitão mór, o qual teve prática com o Piloto pera o levar consigo; mas leixou de o fazer por este navio em paragem, que carregaria sobre elle a morte de tantas almas, como nella vinham, por lhe não ficar pessoa que as foubesse navegar pera este Reyno, na qual determinação o trouxe hum dia consigo em perguntas das cousas do mar, té que o espedio sem lhe fazer damno algum: do qual Piloto, (segundo conta o Author do roteiro,) fouberam como os Portuguezes estavam em Maluco, onde tinham feito huma fortaleza; e que seguindo elles sua viagem, sendo dous grãos da parte do Sul, acháram huma Ilha despovoada de gente, chamada S. Mattheus, em que havia duas aguadas, huma muito boa, e outra não tal: e em duas arvores estava escrito, que havia

oitenta e sete annos que nella estiveram Portuguezes , e tinha maneira de ser já aproveitada por haver nella muita fruta , especialmente laranjas doces , palmeiras , e galinhas , como as destas partes de Hespanha , de que matáram muitas á bésta , que andavam per cima do arvored. Conta mais outras cousas que acháram nella , de que sómente tomei estas por testemunho do que affirma dissemos , terem os nossos mais terras descobertas naquelle tempo , do que achamos na escriptura de Gomezeanes de Zurara. E não he novidade achar-se esta memoria de escriptura em as arvores , porque os nossos naquelle tempo o costumavam muito : e alguns por louvor do Infante Dom Henrique escreviam o motto de sua divisa , que como vimos atrás era *Talent de Bien faire* ; porque sómente esta memoria escripta na casca dos dragoeiros haviam que bastava por posse do que descobríram , e algumas cruces de páo. Depois , (como adiante veremos ,) ElRey D. João o Segundo em seu tempo mandou poer Padrões de pedra com letreiro , em que diz o tempo , e per quem aquella terra foi descoberta , e per bastava por posse real , e ao presente ainda as fortalezas feitas na propria terra não bastam , porque veio a cubiça dos homens a inventar leis conformes a ella. E como ro-

dolos principaes a maior parte da vida gastaram nas obras de sua inclinação, veio El-Rey D. Afonso a se descuidar das cousas deste descubrimento, e celebrar muito as da guerra de Africa com a tomada das Villas de Alcacer, e Arzilia, e Cidade de Tanger, (segundo contamos em a nossa Africa,) as vezes que lá passou em pessoa: na qual guerra de Africa teve tanto contentamento, por as boas venturas que nelle houve, que empredeu, (se lhe os negocios do governo do Reyno deram lugar,) ir tomar per sua pessoa a Cidade de Féz, e todo seu Reyno, pera que tinha ordenado huma Ordem chamada da Espada. E assi mandou a Gomezeanes de Zurara seu Chronista mór á Villa de Alcacer Ceguer em Africa, pera que com fé de vista pudesse escrever os feitos daquella guerra; ao qual escreveu huma Carta de sua propria mão em louvor do trabalho que lá tinha por razão da obra que fazia: e isto não com palavras taxadas, e avaras, segundo o uso dos Principes, mas em modo eloquente, e de prodigo Orador, como quem se prezava disso; o qual Gomezeanes vendo a deleitação, que El-Rey tinha nas cousas desta milicia, escreveu a Chronica da tomada de Cepta, e outra Chronica dos feitos do Conde D. Pedro de Menezes, e do Conde D. Duarte seu filho,

relatando os feitos daquella guerra mui particularmente, e per estylo claro, e tal que bem mereceo o nome do officio que teve. E porque cada hum não perca seu trabalho, tambem escreveo a Chronica deste Rey D. Afonso, té a morte do Infante D. Pedro, e a Chronica del Rey D. Duarte seu Padre, as quaes Ruy de Pina, que o succedco no officio, fez suas, pelo que emendou, e accrescentou nellas, principalmente na del Rey D. Afonso, ácerca das cousas, que passáram depois da morte do Infante D. Pedro. Fez ainda Gomezeanes outra obra no Tombo deste Reyno, que alumeou muito as cousas delle, que foram os livros dos registros, recopilando em certos volumes as forças de muita escritura que andava solta, começando em El Rey D. Pedro té El Rey D. João de gloriosa memoria: isto por razão de ser Guarda mór do mesmo Tombo, officio mui proprio dos Chronistas, por ser huma custodia de toda a escritura do Reyno, a qual convem ser passada pelos olhos do Chronista delle, pera com mais verdade, e cópia de cousas poder escrever he official, porque aqui se acham Ordenações, Cortes, Casamentos, Contratos, Armas, Festas, Obras, Doações, Mercês, affi per registro da Chancellaria, e Fazenda,

como per contas de todo o Reyno, se elle quizer, e souber usar da cópia de tanta escritura. E verdadeiramente, (tornando a Gomezeanes, em quem concorreo Chronista, e Guarda mór da Torre do Tombo,) eu não fei quanto elle viveo, nem o tempo que teve estes officios; mas fei, segundo o que leixou feito per sua mão, que não foi servo sem proveito, mas digno dos cargos que teve, assi pelo estylo, como diligencia das cousas que tratou.

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO III.

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram
no descobrimento, e conquista dos
mares, e terras do Oriente: em
que se contém o que se acha
fer feito em tempo delRey
D. João o segundo.

CAPITULO I.

*Como ElRey D. João, succedendo no
Reyno per falecimento delRey D. Afonso
seu Pai, mandou logo huma grande Ar-
mada ás partes de Guiné a fazer o Cas-
tello, que agora chamamos de S. Jorge da
Mina, da qual Armada foi Capitão mór
Diogo d'Azambuja: e como se vio com Ca-
ramança Senhor daquelle lugar.*

ELREY D. João como já em vida del-
Rey D. Afonso seu Pai tinha o ne-
gocio de Guiné em parte do assen-
tamento da sua casa, e per experiencia del-
le sabia responder com ouro, marfim, es-
cravos, e outras cousas, que enriqueciam
o seu Reyno, e cada anno se descobriam
novas terras, e pòvos, com que a esperan-
ça do descobrimento da India per estes seus
ma-

mares se accendia mais nelle : com fundamentos de Christianissimo Principe , e Barão de grande prudencia , ordenou de mandar fazer huma fortaleza , como primeira pedra da Igreja Oriental , que elle em louvor , e gloria de Deos desejava edificar per meio desta posse real , que tomava de todo o descuberto , e por descubrir segundo tinha per doações dos Summos Pontifices , como atrás dissemos. E sabendo que na terra , onde acudia o resgate do ouro , folgavam os Negros com pannos de seda , de lã , linho , e outras cousas do serviço , e policia de casa , e que em seu trato tinham mais claro entendimento , que os outros daquella costa , e que no modo de seu negociar , e communicar com os nossos davam de si sinais pera facilmente receberem o Baptismo , ordenou que esta fortaleza se fizesse em aquella parte , onde os nossos ordinariamente faziam o resgate do ouro , porque com esta isca de bens temporaes , que sempre alli haviam de achar , recebessem os da Fé , mediante a doutrina dos nossos , o qual effecto era o seu principal intento. E dado que pera esta obra da fortaleza houvesse em seu Conselho contrarias opiniões , representando a distancia do caminho , e os ares da terra serem pestiferos á faude dos homens que lá estivessem , e assi os mantimentos da terra ,

e o

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

e o trabalho de navegar, houve ElRey por maior bem huma só alma, que por causa da fortaleza podia vir á Fé per Baptismo, que todos os outros inconvenientes, dizendo que Deos proveria nelles, pois aquella obra se fazia em seu louvor, e a fim pera que seus vassallos pudessem fazer algum proveito, e tambem o patrimonio deste Reyno fosse acrescentado. Assentado que se fizesse esta fortaleza, mandou aperceber huma Armada de dez caravelas, e duas urcas, em que fosse pedra lavrada, telha, madeira, e assi todas as outras munições, e mantimentos pera seiscentos homens, de que os cento eram officiaes pera esta obra, e os quinhentos de peleja; dos quaes navios era Capitão mór Diogo d'Azambuja pessoa mui experimentada nas cousas da guerra; e os outros Capitães eram Gonçalo da Fonseca, Ruy de Oliveira, João Rodrigues Gante, João Afonso, que depois matáram em Arguim, sendo Capitão daquella fortaleza João de Moura, Diogo Rodrigues Inglez, Bartholomeu Dias, Pero d'Évora, e Gomes Aires escudeiro delRey D. Pedro d'Aragão, o qual entrou em lugar de Pero d'Azambuja, irmão d'elle Diogo d'Azambuja, por morrer de peste primeiro que partissem de Lishoa, que a este tempo andava nella, todos os homens nobres, e criados delRey. E

Os Capitães das urcas eram Pero de Cintra, e Fernão d'Afonso; por levarem toda a munição desta fortaleza partíram diante alguns dias, e em sua companhia Pero d'Evora em hum navio pequeno, pera que se as urcas não pudessem chegar a fazer a pescaria no porto de Bezeguiche, onde haviam de esperar que este navio a fizesse, o qual negocio Pero d'Evora fez com muita diligencia, e outro mais principal, que foi fazer paz com Bezeguiche Senhor daquella costa, donde ficou o nome, que hoje tem aquelle porto. Diogo d'Azambuja acabando de confirmar esta paz, depois que alli chegou, que foi vespera de Natal do anno de quatrocentos oitenta e hum, havendo doze dias que partíra de Lisboa, tornou a sua derrota; e deo-lhe Deos tão boa viagem, posto que teve algum trabalho com hum urca, que fazia muita agua, que a dezenove de Janeiro d'aquelle anno seguinte chegou ao lugar, onde se havia de fazer o Castello, que naquelle tempo se chamava Aldea das duas partes; no qual lugar achou João Bernardes com hum navio delRey fazendo refgate d'ouro com Caramança Senhor daquella aldea; e per elle lhe mandou dizer, que era alli vindo com aquella grande frota, que elRey de Portugal feu Senhor mandava, em a qual vinha muita gente nobre pe-

ra bem, e honra de sua pessoa, como depois per elle mesmo faberia; que lhe rogava houvesse por bem de se verem ambos ao outro dia, em que elle esperava de ser em terra. Vinda a resposta de Caramançã, mostrando contentamento de sua chegada, sahio Diogo d'Azambuja em terra com toda sua gente vestida de louçainha, e suas armas secretas, se o tempo as pedisse. E da primeira cousa que tomou posse foi de hum grande arvore, que estava em hum teso, affastada algum tanto da aldea, lugar mui disposto pera se fazer a fortaleza; em a qual arvore mandou arvorar hum bandeira das Quinas Reaes, e ao pé della armar hum Altar, onde se celebrou a primeira Missa dita naquellas partes da Ethiopia, a qual foi ouvida dos nossos com muitas lagrimas de devoção, dando muitos louvores a Deos em os fazer dignos, que na força de tanta idolatria o pudessem louvar, e glorificar em sacrificio de louvor; pedindo-lhe pois lhe aprouvera serem elles os primeiros, que levantassem Altar de tão alto Sacrificio, que lhes dêsse saber, e graça pera attrahir aquelle povo idólatra á sua Fé, com que a Igreja que alli fundassem fosse duravel té fim do Mundo. Acabada esta Missa, que foi em dia de S. Sebastião, (em memoria do qual ficou este nome a hum valle,

le, per que corre hum esteiro, onde primeiro sahíram,) porque Diogo d'Azambuja esperava por Caramança, o qual abalava já de sua aldeia, poz em ordem a toda sua gente. Elle assentado em huma cadeira alta vestido em hum pelote de brocado, e com hum colar d'ouro, e pedraria, e os outros Capitães todos vestidos de festa; e assi ordenada a outra gente, que faziam huma comprida, e larga rua, pera que quando Caramança, como tambem era homem, que queria mostrar seu estado, veio com muita gente posta em ordenança de guerra, com grande matinada de atabaques, hozinas, chocalhos, e outras cousas, que mais estrugiam que deleitavam os ouvidos. Os trajos de suas pessoas eram os naturaes de sua propria carne, untados, e mui luzidos, que davam mais pretidão aos couros, cousa que elles costumavam por louçainha. Sómente as partes vergonhosas eram cubertas delles com pelles de bugios, outros com pannos de palma, e os mais principaes com alguns pintados, que per resgate houveram dos nossos navios, que alli hiam resgatar ouro. Porém geralmente em seu modo todos vinham armados, huns com azagaias, e escudos, outros com arcos, e coldres de flechas; e muitos, em lugar de arma da cabeça, huma pelle de bogio, o casco da qual

todo era encravado de dentes d'alimarias, todos tão disformes com suas invenções por mostrar ferocidade de homens de guerra, que mais moviam a riso que a temor. Os que entre elles eram estimados por nobres, como insignias de sua nobreza, traziam dous pages trás si; hum lhe trazia hum assento redondo de páo pera se assentar a tomar repouso onde quizesse; e outro o escudo da peleja, e estes nobres pela cabeça, e barba traziam alguns arrieis, e joias d'ouro. O seu Rey Caramança em meio de todos vinha cuberto pernas, e braços de barceletes, e argolas d'ouro, e ao pesçoço hum colar, do qual dependiam humas campainhas miudadas, e pela barba retorcidas humas vergas d'ouro, que assi lhe chumbavam os cabellos della, que de retorcidos os faziam coridos. A continencia de sua pessoa era vir com huns passos mui vagarosos pé ante pé sem mover o rosto a parte alguma. Diogo d'Azambuja, em quanto elle vinha com esta gravidade, esteve quedo em seu estrado, té que sendo já mettido entre a nossa gente abalou a elle, e ajuntando-se ambos, tomou Caramança a mão a Diogo d'Azambuja, e tornando-a a recolher deo hum trinco com os dedos, dizendo esta palavra, *berre, bere*, que quer dizer paz, paz, o qual trinco entre elles he o final da maior corte-

tezia, que se podia fazer. Affastado ElRey a huma parte, deo lugar que chegassem os seus fazer outro tanto a Diogo d'Azambuja; mas no modo de tocar os dedos fizeram esta differença delRey: molhado o dedo na boca, e de si limpo no peito, o tocaram, cousa, que se faz do menor ao maior em final de salva, que se cá toma aos principaes; porque dizem elles, que póde levar peçonha neste dedo, se ante o não alimpam per este modo. Acabadas estas ceremonias de cortezia, que duráram hum bom pedaço, por ser muita a gente que Caramançã trazia, e feito silencio, começou Diogo d'Azambuja per meio de huma lingua a lhe propoer a causa de sua ida, a qual era ter ElRey seu Senhor sabido a vontade, e desejo d'elle Caramançã ácerca das cousas de seu serviço, e quanto trabalhava de o mostrar no bom, e breve aviamento que dava aos seus navios que áquelle porto chegavam; e que por estas cousas procederem de amor, ElRey lhas queria pagar com amor, que tinha mais vantaje que o seu, que era amor da salvação de sua alma, cousa mais preciosa que os homens tinham, por ella ser a que lhe dava vida, entendimento pera conhecer, e entender todas as cousas, e per a qual o homem era diferente dos brutos. E aquelle, que a quizesse co-

nhecer , era necessario ter primeiro conhe-
 cimento do Senhor que a fizera , o qual era
 Deos , que fizera o Ceo , Sol , Lua , e Ter-
 ra , com todas as cousas que nella ha : aquel-
 le , que fazia o dia , e noite , chuvas , tro-
 vões , relampagos , e creava todas as novida-
 des , de que se os homens mantinham , ³⁰
 qual Deos , ElRey de Portugal seu Senhor ,
 e todos os outros Principaes da Christanda-
 de , (que era huma grande parte da terra do
 Mundo ,) reconheciam por Creador , e Se-
 nhor , e a elle adoravam , e nelle criam ,
 como aquelle de quem tinham recebido to-
 das as cousas , e a quem a sua alma havia
 de ir dar conta depois da morte do bem ,
 e mal que nesta vida fizera . Por ser hum Se-
 nhor tão justo , que aos bons levava ao Ceo ,
 onde elle estava , e aos máos lançava no
 abyssmo da terra , lugar chamado Inferno ,
 habitação dos diabos , atormentadores de
 tantas almas ; as quaes cousas pera elle Cara-
 vado em huma agua sancta , a que os Chri-
 stãos chamam Baptismo da Fé ; porque bem
 como as aguas do rio lavam os olhos pera
 melhor verem quando estam peçados d'al-
 gum pó , ou cousa que os cega , assi esta
 agua baptismal lavava os olhos d'alma pera
 ra poderem ver , e entender as cousas , que
 tratam da mesma alma ; e este Deos era o
 que

que ElRey D. João seu Senhor lhe mandava pedir que reconhecesse por seu Creador pera o adorar, protestando de viver, e morrer em sua Fé, e acceitando o Baptismo em testemunho della; o qual Baptismo, se elle Caramança acceptasse, e recebesse, elle Diogo d'Azambuja em nome delRey seu Senhor lhe promettia dalli em diante de o haver por amigo, e irmão nesta Fé de Christo, que professava, e de o ajudar em todas cousas, que delle tivesse necessidade: e que em final deste promettimento elle era alli vindo com toda aquella gente pera o que cumprisse a sua honra, e bem de seu estado; e não sómente per aquella vez acharia aquella ajuda, mas em todo o tempo, que elle permanecesse naquella Fé de Christo, Deos, e Senhor nosso, que lhe elle amocstava. E porque ao presente elle vinha bem provido de mercadorias, e cousas muíricas, que ainda alli não foram vistas, pe- ra guarda das quaes lhe era necessario fazer huma casa forte, em que estivessem recolhidas, e assi alguns aposentos, onde se pudesse agazalhar aquella gente honrada, que com elle vinha, lhe pedia que houvesse por bem que elle fizesse este recolhimento, o qual elle esperava em Deos que sería penhor pera ElRey ordinariamente mandar fazer alli resgate, com que elle Caramança

Tom. I.

L

se-
N I M P R E N S A
N A C I O N A L

seria poderoso em terras, e Senhor dos comarcões, sem alguém o poder anojár, porque a mesma casa, e o poder delRey que nella estaria o defenderiam. E dado que Bayo Rey de Sâma, e outros Principes seus vizinhos houvesse por grande honra ser esta fortaleza feita em suas terras, e ainda por isso faziam hum grande serviço a ElRey, elle houve por bem ser esta obra feita ante em sua terra, que pelo amor, e amizade, que elle Caramança tratava as cousas de seu serviço.

C A P I T U L O II.

Do que respondeo o Principe Caramança ás palavras de Diogo d'Azambuja: e do consentimento que deo a se fazer a fortaleza, com a qual ficou a troco do Comercio assentado em paz té hoje.

Caramança però que fosse homem bar-
 baro, assi per sua natureza, como pela communicação que tinha com a gente dos navios, que vinham ao resgate, era de bom entendimento, e tinha o juizo claro pera receber qualquer cousa, que estivesse em boa razão. E como quem desejava entender as cousas que lhe eram propostas, não sómente esteve prompto a ouvir quanto lhas a lingua resumia, mas ainda esguardava todas as con-

continencias que Diogo d'Azambuja fazia ; e em todo o tempo que isto passou , assi elle , como os seus estiveram em hum perpétuo silencio , sem haver quem sómente escarrasse ; tão obedientes , e ensinados os trazia. E como homem , que queria recorrer pela memoria o que ouvira , e considerar o que havia de responder , acabada a falla , pregou os olhos no chão per hum pequeno espaço , e de si disse : *Que elle tinha em mercê a ElRey seu Senhor a vontade que lhe mostrava , assi na salvação de sua alma , como em as outras cousas de sua honra ; e que certo elle lho merecia em o bom despacho dos seus navios , que áquelle porto vinham resgatar , sendo mui bem tratados com toda a fé , e verdade em seus commercios , e resgates , em o qual tempo nunca em a gente delles vira cousa , de que se pudesse tanto espantar , como daquella sua vinda ; porque em os navios passados via homens rotos , e mal roupados , os quaes se contentavam com qualquer cousa que lhes davam a troco de suas mercadorias , e este era o fim de sua vinda áquellas partes , e todo seu requerimento era que os despachasse sem logo , como quem fazia mais fundamental da sua patria , que da habitação das terras alheias ; mas nelle Capitão via outra cousa , que era muita gente , e muito*

mais ouro, e joias, do que havia naquellas partes, onde elle nascia, e com isto novo requerimento de querer fazer casa de vivenda em terra, donde conjeçturava duas cousas: a primeira, que elle não podia ser senão mui chegado parente del Rey de Portugal; e a segunda, que hum homem tão principal como elle era, não podia vir senão a grandes cousas, e taes como eram as que elle dizia do Deos, que fazia o dia, e noite, e de quem tantas cousas dissera, cujo servidor era o seu Rey. Porém querendo esguardar a natureza de hum homem tão principal, como elle Capitão era, e affi daquella luzida gente, que o acompanhava, via que homens de tal qualidade sempre haviam de querer cousas conformes a elles; e porque o animo de tão generosa gente, como era a sua, mal se poderia conformar com a pobreza, e simplicidade daquella barbara terra de Guiné, donde ás vezes podiam recrescer contendas, e paixões entre todos, lhe pedia houvesse por bem que os navios fossem, e viessem por sobiam, cá per esta maneira sempre estariam em paz, e concordia; porque os amigos, que se viam de tarde em tarde, com mais amor se tratavam, que quando se vizinhavam: e isto causava o coração do homem, por ser como as ondas do mar, que batiam na-

naquelle recife de pedras, que alli estava, o qual mar pela vizinhança que tinha com elle, e lhe impedir estender-se pela terra á sua vontade, quebrava tão fortemente no vizinho, que de bravo, e soberbo levantava suas ondas té o Ceo, e com esta furia fazia dous damnos, hum a si mesmo açanhando-se, e outro ao vizinho em o ferir. Que isto não dizia por se escusar de obedecer aos mandados delRey de Portugal, mas por aconselhar ao bem da paz, e á muita prestantça, que elle desejava ter com todos naturaes do seu Reyno, que áquelle porto viessem: e tambem porque havendo esta paz entre ambos, todo aquelle seu povo com mais amor folgaria de ouvir as cousas do seu Deos, que lhe elle vinha dar a conhecer; por isso em quanto o tempo mostrava a experiencia destes inconvenientes, lhe pedida que os evitassem, leixando correr o resgate no modo em que estava. A estas palavras, e dúvidas, que pareciam impedir fazer-se a fortaleza, respondeo Diogo d'Azambuja: Que a causa delRey seu Senhor o enviar com tão grande aparato áquella terra, fora desejar paz, e mais estreitada amizade com elle, do que té então tiveram; e como penhor deste desejo queria alli fazer casa, em que se puzesse sua fazenda, em a qual obra Sua Alteza mostra-

va a muita confiança que tinha nelle Caramançã, e em seus vassallos, porque ninguém punha sua fazenda em lugar suspeito de enganos: Que quando abi houvesse alguma cousa que temer, a elle Diogo d'Azambuja, e a toda aquella gente que o acompanhava convinha este temor, pois confiavam suas vidas, e fazendas da terra estranha, e mais tão alongada do adjutorio da sua; e posto que o coração do homem, como elle dizia, era per sua natureza livre, estes eram aquelles, que não tinham Rey tão amigo da justiça, como era ElRey seu Senhor, donde os seus vassallos assieram obedientes a seus mandados, que mais temiam desobedecer-lhe que a mesma morte: Que elle não era filho, nem irmão delRey, como elle cuidava, mas hum dos mais pequenos vassallos de seu Reyno; e tão obrigado a cumprir o que lhe mandava ácerca da paz, e concordia em a obra daquella casa, que antes perderia a vida, que traspassar seu mandado. Da qual palavra os Negros vendo que ElRey se espantava de tanta obediencia, e que segundo seu costume dava com huma mão na outra, elles por sinal de obedientes deram tambem outras palavras, com que rompêram a palavra de Diogo d'Azambuja; e ante que mais procedesse, acabado o rumor, Caramançã lhe

ata-

atalhou , tomando por conclusão que era contente fazer-se a casa que pedia , admoestando-lhe a paz , e verdade , porque fazendo os seus o contrario , mais enganavam , e danavam a si que a elle , porque a terra era grande , e onde quer que chegassem elle , e os seus , não lhe faleceriam huns poucos de páos , e rama , com que fizessem outra morada. Acabando ElRey sua conclusão sobre o fazer da casa , sem responder ao mais do Baptismo , que lhe foi amoestado , despedio-se do Capitão , tornando na ordem em que veio , e elle ficou com os mestres da obra , entendendo no eleger donde se fundaria a fortaleza. Ao seguinte dia começando os pedreiros quebrar huns penedos , que estavam sobre o mar junto , onde tinham elegido os alicerces da fortaleza , não podendo os negros soffrer tamanha injúria , como se fazia áquella sanctidade que elles adoravam por Deos , accendidos em furia , que lhe o demonio atigava pera todos alli perecerem ante do Baptismo , que depois alguns delles recebêram , tomáram suas armas , e com aquelle primeiro impeto deram rijo em os officiaes , que andavam nesta obra. Digo d'Azambuja como a este tempo estava com os Capitães fazendo tirar as munições dos navios , tanto que vio correr a gente contra a praia , acudio rijo ; e porque sou-

be

be da Lingua dos Negros, que a causa principal do alvoroço delles fora por ainda não terem recebido o presente que esperavam, e que maior mágoa tinham por a tardança, que por a injúria dos seus deoses, entreteve a gente o melhor que pode, de manciara que não houvesse sangue, e mandou a grão prefa ao Feitor, que trouxesse dobrados lanbeis, manilhas, bacias, e outras cousas, que tinha mandado que levasse a ElRey, e a seus Cavalleiros, por assi estar em costume; e ainda por mais comprazer aos Negros, publicamente entre elles bradou com elle, com o qual presente, depois que o receberam, assi ficáram contentes, e brandos da furia, que entregáram os filhos, quanto mais os penedos; tanto poder tem o dar, que, como dizem, quebrantou Diogo d'Azambuja as pedras, que eram os coraçõs daquelles Negros em sua indignação, e mais quebrou os penedos que elles defendiam. Porém em quanto a obra durou, sempre se teve grande vigia, e tento nelles, não se lhe antolhasse outra vaidade alguma, em fazer a qual obra se deo tal despacho, que em vinte dias puzeram a cerca do castello em boa altura, e a torre da menagem em o primeiro sobrado. E por a singular devoção que ElRey tinha neste Sancto, foi chamada esta fortaleza S. Jorge, a qual depois em

em o anno de quatrocentos oitenta e seis, a quinze de Março em Santarem ElRey a fez Cidade, dando-lhe per sua Carta Patente todas as liberdades, privilegios, e preeminencias de Cidade. Posto que por parte dos nossos, em quanto durou esta obra, se trabalhava não haver com os Negros rompimento, fizeram elles tantos furtos, e maldades, que conveio a Diogo d'Azambuja queimar-lhe a aldea, com que entre este castigo, e beneficios, que mais parte tinham nelles, ficáram em segura paz. Acabada a obra, e a terra corrente em resgate, espedio Diogo d'Azambuja os navios, e a gente sobrefelente, que se veio pera o Reyno com boa cópia d'ouro, que resgatáram, e elle ficou com sessenta homens ordenados á fortaleza, segundo lia per regimento del-Rey; e outros ficáram enterrados ao pé da arvore, onde se disse a primeira Missa, que ficou em adro da Igreja de vocação de São Jorge, em que hoje Deos he louvado, e glorificado, não sómente dos nossos, que vão áquella Cidade, mas ainda dos Ethio-pas da sua Comarca, que per Baptismo são contados em o numero dos feis. Na qual Igreja em memoria dos trabalhos do Infante D. Henrique, por ser auctor deste descubrimto, se diz huma Missa quotidiana por sua alma com proprio Capellão a ella

or-

ordenado. Em dous annos, e sete mezes, que Diogo d'Azambuja alli esteve, aprouve a Deos que na terra não houve tanta enfermidade como se receava; e assentou com tanta prudencia os preços, e modo do resgate das coufas, que ainda hoje dura a maior parte deste seu bom regimento, por onde quando veio ElRey o galardoou com accrescentamento de honra.

C A P I T U L O III.

Como foi descoberto o Reyno de Congo por Diogo Cam Cavalleiro da casa delRey: e além d'elle descobrio duzentas, e tantas leguas, em o qual descobrimento assentou tres Padrões, que foram os primeiros de pedra, das quaes terras trouxe algumas pessoas, que foram baptizadas por ElRey: e tambem foi descoberto o Reyno de Benij.

AO tempo que ElRey mandou fazer esta fortaleza de S. Jorge da Mina, já foi com proposito que per ella tomava posse de toda aquella terra, que habitavam os Negros, com a qual posse esperava de accrescentar á sua Coroa novo titulo de estado por haver a benção de seus avôs, cujos titulos elles sempre conquistáram da mão dos infieis. E tambem por haverem effecto ás doações, que os Summos Pontifices tinham con-

concedidas ao Infante D. Henrique seu tio, e a ElRey D. Afonso seu Padre, e a elle de todo o que descubrissem do cabo Bojador té as Indias *inclusivè*, (como atrás fica.) Però não quiz notificar este titulo de Senhor de Guiné em suas Cartas, e doações, senão dahi a tres annos, que este Castello de S. Jorge era fundado, que foi depois que Diogo d'Azambuja veio a este Reyno. Nem dahi por diante consentio que os Capitães, que mandava a descobrir esta costa, puzessem cruces de páo per os lugares notaveis d'elle, como se fazia em tempo de Fernão Gomes, quando descobria as quinhentas leguas de costa per condição do contracto que fez com ElRey D. Afonso; mas ordenou que levassem hum Padrão de pedra d'altura de dous estados de homem com o escudo das Armas Reaes deste Reyno, e nas costas d'elle hum letreiro em Latim, e outro em Portuguez, os quaes diziam, que Rey mandára descobrir aquella terra, e em que tempo, e per que Capitão fora aquelle Padrão alli posto, e em cima no topo huma cruz de pedra embutida com chumbo. E o primeiro descobridor, que levou este Padrão, foi Diogo Cam Cavalleiro de sua casa, o anno de quatrocentos e oitenta e quatro, indo já pela Mina, como lugar, onde se podia prover d'alguma necessidade,

e da-

e dahi foi demandar o Cabo de Lopo Gonçalves, que está hum gráo da banda do Sul. Passado o qual Cabo, e assi o de Catharina, que foi a derradeira terra, que se descubrio em tempo delRey D. Afonso, chegou a hum notavel rio, na boca do qual da parte do Sul metteo este Padrão, como quem tomava posse por parte delRey de toda a costa que leixava atrás. Por causa do qual Padrão, però que elle se chamava São Jorge, por a singular devoção que ElRey tinha neste Sancto, muito tempo foi nomeado este rio do Padrão, e ora lhe chamavam de Congo por correr per hum Reyno assi chamado, que Diogo Cam esta viagem descubrio, posto que o seu proprio nome do rio entre os naturaes he Zaire, mais notavel, e illustre per águas que per nome; porque o tempo que naquellas partes he o inverno, entra tão soberbo pelo mar, que a vinte leguas da costa se acham as suas aguas doces. Diogo Cam, depois que assentou o Padrão, por ver a grandeza que o rio mostrava em boca, e em cópia de aguas, bem lhe pareceo que tão grande rio havia de ser mui habitado de póvos; e entrando per elle affima hum pequeno espaço, vio que pela margem delle apparecia muita gente, da que era costumado ver pela costa atrás, toda mui negra com seu cabello revolto: e

poſto que levava algumas Linguas da gente que tinham deſcuberta, em nenhuma couſa ſe puderam entender com eſta, de maneira, que ſe converteo aos acenos, per os quaes entendeo terem Rey mui poderoso, o qual eſtava dentro pela terra tantos dias de andadura. Vendo elle o modo da gente, e a ſegurança com que o eſperavam, ordenou de enviar com alguns delles certos dos noſſos com hum preſente ao Rey da terra, dando por iſſo alguma couſa, como aquelles, que os haviam de encaminhar, com promeſſa que dali a tantos dias ſeria ſua tornada. Mas o termo do tempo, que elles tomáram, paſſou dobrado, ſem Diogo Cam ver recado algum; e em todo elle os que alli ficavam, e outros muitos, que concorrêram aos pannos, e couſas, que lhe elle mandava dar, aſſi entravam, e ſahiam em o navio tão ſeguramente, como ſe houvera muito tempo que ſe conheciam. Diogo Cam vendo quanto os outros tardavam, determinou de acolher alguns daquelles negros, que entravam em o navio, e vir-ſe com elles pera eſte Reyno, com fundamento que entender os noſſos lá onde eram podiam aprender a lingua, e ver as couſas da terra, e os Negros que elle trouxeſſe tambem aprenderiam a noſſa, com que ElRey poderia ſer informado do que havia entre elles. E por

que partindo-se elle sem leixar algum recado poderia danar aos nossos que ficavam, tanto que recolheu em o navio quatro homens delles, disse aos outros per seus accenos, que elle se partia pera levar a mostrar ao seu Rey aquelles homens, porque os desejava ver, e que dahi a quinze luas elle os tornaria, e que pera mais segurança elle leixava entre elles os homens, que tinha enviado ao seu Rey. Chegado Diogo Cam a este Reyno, folgou ElRey D. João muito em ver gente de tão bom entendimento, porque como eram homens nobres, assi aprendêram o que lhe Diogo Cam ensinou pelo caminho, que quando chegáram a este Reyno davam já razão das cousas que lhe perguntavam. ElRey por causa do tempo, em que Diogo Cam limitou sua tornada, por os nossos não padecerem algum mal, mandou que tornasse logo, levando muitas cousas a ElRey de Congo, e com ellas lhe encommendava que se quizesse converter á Fé de Christo. Chegado Diogo Cam á barra do rio do Padrão, foi recebido pelos da terra com muito prazer, vendo os seus naturaes que elle trouxera vivos, e tambem tratados como hiam. E pelo regimento que elle levava delRey D. João, mandou hum dos quatro negros com alguns da terra, que elle conhecia, com recado a El-

ElRey de Congo, fazendo-lhe saber como era chegado, e trazia os seus vassallos, que dalli levava, segundo lhe aquelle diria. Pedindo que por quanto lhe ElRey seu Senhor mandava que passasse mais avante per aquella costa a fazer algumas cousas de seu serviço, lhe enviasse os Portuguezes, que tinha per algum seu Capitão, ao qual elle entregaria os outros tres vassallos que trazia, e que da tornada que em boa hora viesse, elle lhe iria fallar algumas cousas, que ElRey seu Senhor mandava que com elle praticasse, e assi apresentar outras que lhe enviava. Vindo os nossos em poder de hum Capitão, que ElRey de Congo enviou, ao qual Diogo Cam entregou os seus com algumas dadivas pera ElRey, espedisse delles, entrando em seu descobrimento pela costa adiante, na qual viagem passou elle Diogo Cam além deste Reyno de Congo obra de duzentas leguas, onde poz dous Padrões, hum chamado Sancto Agostinho, que deo o nome do Padrão ao mesmo lugar, o qual está em treze grãos d'altura da parte do Sul, e outro junto da manga das arêas, por razão do qual se chama o lugar o Cabo do Padrão, em altura de vinte e dous grãos. E neste caminho fez alguns saltos na terra, nos quaes tomou algumas almas pera linguas do que descobrisse, como

levava per regimento ; e depois de ensinados, os tornáram alli, como veremos. Tornando Diogo Cam deste descobrimento ao rio do Padrão do Reyno de Congo, foi-se ver com ElRey, o qual pola informação que já tinha dos seus, que se conformavam com os nossos do que lhe tinham dito das cousas deste Reyno, quando vio Diogo Cam, alli polo que lhe disse, e deo da parte delRey D. João, não sabia que honra lhe fizesse, e era tão cioso delle, que o não fiava de ninguem. E no tempo que Diogo Cam esteve com elle, como já o Espírito Sancto começava obrar seus mysterios n'alma daquelle Rey pagão, alli andava namorado do que lhe Diogo Cam dizia das cousas de nossa Fé, que nunca o leixava, perguntando-lhe algumas de espirito já alumia-do. O que logo começou mostrar, mandando com Diogo Cam a este Reyno hum dos Fidalgos, que já cá viera, chamado Caçuta, e alli alguns moços em modo de embaixada, pedindo a ElRey que lhe aprovesse de lhe enviar Sacerdotes pera o baptizar, e a todo seu Reyno, e lhe darente doutrina de sua salvação. Que aquelles moços por serem filhos dos principaes do seu Reyno lhe pedia que os mandasse baptizar, e doutrinar em as cousas da Fé, pera per elles poder ser multiplicada entre os seus

naturaes, quando embora tornassem; e com este requerimento mandou a ElRey hum presente de marfim, e pannos de palma por em sua terra não haver outras policias. ElRey D. João vindo Diogo Cam com este requerimento de conversão de hum Principe senhor de tão grande povo, como este era o mais principal intento que tinha nestes descobrimentos, por mostrar o contentamento desta obra, e louvar a Deos nella, estando em Béja, levou o Embaixador Caçuta á pia ao fazer Christão, e assi aos moços, que com elle vieram, e a Rainha foi a Madrinha, vestindo-se ella, e ElRey de festa por mais solemnizar este acto: o qual Caçuta houve nome D. João por amor delRey, com appellido da Silva, do outro Padrinho, que foi Aires da Silva Camareiro mór delRey, e os moços tomáram os nomes, e appellidos dos Padrinhos que os apresentáram. E quanto fructificou em louvor de Deos a Christandade destes homens de Congo, pela conversão do seu Rey, (como adiante veremos,) tão pouco aproveitou o que ElRey fez em o requerimento delRey de Benij, cujo Reyno jaz entre o Reyno de Congo, e o Castello de S. Jorge da Mina; porque neste tempo em que Diogo Cam veio da primeira vez de Congo, que foi no anno de quatrocentos oitenta

ta e seis: tambem este Rey de Benij mandou pedir a ElRey, que lhe mandasse lá Sacerdotes pera o doctinarem em Fé. Sendo já vindo o anno passado hum Fernão do Pó, que tambem com esta costa descobrio a Ilha, que se ora chama do seu nome, que está vizinha á terra firme, a qual por sua grandeza elle chamou a Ilha Formosa, e ella perdeu este, e ficou com o nome do seu descobridor. Este Embaixador delRey de Benij trouxe-o João Affonso d' Aveiro, que era ido a descobrir esta costa per mandado delRey; e assi trouxe a primeira pimenta que veio daquellas partes de Guiné a este Reyno, a que nós ora chamamos de Rabo, pola differença que tem da outra da India, por nella vir pegado o pé em que nasce, a qual ElRey mandou a Frandes, mas não foi tida em tanta estima como a da India. E porque este Reyno de Benij era perto do Castello de S. Jorge da Mina, e os Negros, que traziam ouro ao resgate della, folgavam de comprar escravos pera levar suas mercadorias, mandou ElRey assentar feitoria em hum porto de Benij, a que chamam Gató, onde se resgatavam grande numero delles, de que na Mina se fazia muito proveito, porque os mercadores do ouro os compravam por dobrado preço do que valiam cá no Reyno. Mas

como ElRey de Benij era mui subjecto a suas idolatrias, e mais pedia aos Sacerdotes por se fazer poderoso contra seus vizinhos com favor nosso, que com desejo de Baptismo, aproveitaram mui pouco os Ministros d'elle, que lhe ElRey lá mandou. Donde se causou mandallos vir, e assi aos Officiaes da Feitoria, por o lugar ser mui doentio; e entre as pessoas de nome, que nella falecêram, foi o mesmo João Afonso d'Aveiro que a primeiro assentou. Porém depois per muito tempo, assi em vida delRey Dom João, como delRey D. Manuel, correo este resgate de escravos de Benij pera a Mina: cá ordinariamente os navios, que partiam deste Reyno, os hiam lá resgatar, e dahi os levavam á Mina, té que este negocio se mudou por grandes inconvenientes que nisso havia. Ordenando-se andar hum caravelão da Ilha de S. Thomé, onde corriam assi os escravos da costa de Benij, como os do Reyno de Congo, por aqui virem ter todalas armações, que se faziam pera estas partes, e desta Ilha os levava esta caravela á Mina. E vendo ElRey D. João o Terceiro Nosso Senhor, que ora reina, como esta gente pagá, que já estava em nosso poder, tornava outra vez ás mãos dos infieis, com que perdiam o merito do Baptismo, e suas almas ficavam eternalmente

perdidas , però que lhe foi dito que nisto perdia muito , como Principe Christianissimo , mais lembrado da salvação destas almas , que do proveito de sua fazenda , mandou que cessasse este trato delles. E per este modo ficáram mettidos em o conto dos fieis da Igreja mais de mil almas , que cada hum anno ante deste sancto precepto eram postas em perpétua servidão do demonio , ficando gentios como eram , ou se faziam Mouros , quando per via do resgate , que os Mouros fazem com os Negros da provincia de Mandiga , os haviam a seu poder. A qual obra por ser em seu louvor , Deos deo logo o galardão a ElRey ; por que como elle antepoz a salvação das almas destes pagãos ao muito ouro , que lhe diziam perder no resgate destes escravos , abriu-lhe outra mina abaixo da Cidade S. Jorge , donde começou a correr té hoje grande copia d'ouro , o somma do qual importa mais do que se havia por venda dos escravos.

CAPITULO IV.

Como ElRey , pelo que soube de João Afonso d'Aveiro , e assi dos Embaixadores , que elle trouxe do Reyno de Benij , mandou Bartholomeu Dias , e João Infante a descubrir ; na qual viagem descobriram o grande Cabo de Boa Esperança.

ENtre muitas cousas , que ElRey D. João soube do Embaixador delRey de Benij , e assi de João Afonso d'Aveiro , das que lhe contáram os moradores daquellas partes , foi , que ao Oriente delRey de Benij per vinte Luas de andadura , que segundo a conta delles , e do pouco caminho que andam , podiam ser até duzentas e sincoenta leguas das nossas , havia hum Rey o mais poderoso daquellas partes , a que elles chamavam Ogané , que entre os Principes pagãos das Comarcas de Benij era havido em tanta veneração , como ácerca de nós os Summos Pontifices. Ao qual per costume antiquissimo os Reys de Benij , quando novamente reinavam , enviavam seus Embaixadores com grão presente , notificando-lhe como per falecimento de Foão succedêram naquelle Reyno de Benij , no qual lhe pediam que os houvesse por confirmados. Em final da qual confirmação este Principe Ogané

né lhes mandava hum bordão, e huma abertura da cabeça da feição dos capacetes de Hespanha, tudo de latão luzente, em lugar de sceptro, e coroa: e assi lhe enviava huma Cruz do mesmo latão pera trazer ao pescoço, como cousa religiosa, e sancta, da feição das que trazem os Commendadores da Ordem S. João, sem as quacs peças o povo havia que não regnavam justamente, nem se podiam chamar verdadeiros Reys. E em todo o tempo que este Embaixador andava na Corte deste Ogané, como cousa religiosa, nunca era visto d'elle, sómente via humas cortinas de seda, em que elle andava mettido: e ao tempo que despachavam o Embaixador, de dentro das cortinas lhe mostravam hum pé, em final que estava alli dentro, e concedia nas peças que levava, ao qual pé faziam reverencia como a cousa sancta. E tambem em modo de premio do trabalho de tanto caminho, era dada ao Embaixador huma Cruz pequena da feição da que levava pera ElRey, que lhe lançavam ao collo, com a qual elle ficava livre, e izento de toda servidão, e privilegiado na terra donde era natural, ao modo que entre nós são os Commendadores. Sabendo eu isto, pera com mais verdade o poder escrever, (peró que ElRey D. João em seu tempo o tinha bem enquirido,) o anno

no de quinhentos e quarenta, vindo a este Reyno certos Embaixadores delRey de Benij, trazia hum delles, que sería homem de setenta annos, huma Cruz destas; e perguntando-lhe eu por a causa della, respondeo conforme ao assima escrito. E porque neste tempo delRey D. João, quando fallavam na India, sempre era nomeado hum Rey, mui poderoso, a que chamavam Preste João das Indias, o qual diziam ser Christão, parecia a ElRey que per via deste podia ter alguma entrada na India. Porque per os Abexijs Religiosos, que vem a estas partes de Hespanha, e assi per alguns Frades, que de cá foram a Jerusalem, a que elle encomendou que se informassem deste Principe, tinha sabido, que seu estado era a terra, que estava sobre Egypto, a qual se estendia té o mar do Sul. Donde tomando ElRey com os Cosinografos deste Reyno a taboa geral de Ptholomeu da descripção de toda Africa, e os Padrões da costa della, segundo per os seus descobridores estavam arrumados, e assi a distancia de duzentas e sincoenta leguas pera Leste, onde estes de Benij diziam ser o estado do Principe Ogané, achavam, que elle devia ser o Preste João, por ambos andarem mettidos em cortinas de seda, e trazerem o final da Cruz em grande veneração. E tambem lhe parecia que pro-

seguinto os seus navios a costa que hiam descobrindo, não podiam leixar de dar na terra, onde estava o Praso promontorio, fim daquella terra. Assi que conferindo todas estas cousas, que o mais ascendiam em desejo do descobrimento da India, determinou de enviar logo neste anno de quatrocentos e oitenta e seis dobrados navios per mar, e homens per terra, pera ver o fim destas cousas, que lhe tanta esperança davam. Armados dous navios de té sincoenta toneis cada hum, e huma naveta pera levar mantimentos sobreselentes por causa de muitas vezes desfalecerem aos navios deste descobrimento, com que se tornavam pera o Reyno, partíram no fim de Agosto do dito anno. A capitania da qual viagem deo a Bartholomeu Dias Cavalleiro de sua casa, que era hum dos descobridores desta costa, o qual hia em hum navio, de que era Piloto Pero d'Alanquer, e Mestre o Leitão, e João Infante outro Cavalleiro era Capitão do segundo navio, Piloto Alvaro Martins, e Mestre João Grego. E em a náo, que levava os mantimentos, hia por Capitão Pedro Dias irmão de Bartholomeu Dias, de que era Piloto João de Sant-Iago, e Mestre João Alves, todos cada hum em seu mister mui espertos. E posto que Diogo Caminha descoberto per duas vezes trezentas e

fetenta e cinco leguas de costa, começando do Cabo de Catharina té o Cabo chamado do Padrão, todavia passado o rio de Congo começou Bartholomeu Dias seguir a costa té chegar onde ora se chama a Angra do salto, por razão de dous Negros, que Diogo Cam alli salteou. Os quaes ElRey per elle Bartholomeu Dias já ensinados do que haviam de fazer, mandava tornar áquelle lugar, e assi levava quatro Negras d'estoutra costa de Guiné. A primeira das quaes leixou na Angra dos Ilheos, onde assentou o primeiro Padrão, e a segunda na Angra das voltas, e a terceira morreo, e a quarta ficou na Angra dos Ilheos de Sancta Cruz com duas, que alli tomáram, que andavam mariscando; e não as quizeram trazer, porque mandava ElRey que não fizessem força, nem escandalo aos moradores das terras que descobrissem. A causa de ElRey mandar lançar esta gente per toda aquella costa vestidos, e bem tratados com mostra de prata, ouro, e espeçarias, era porque indo ter a povoado pudessem notificar de huns em outros a grandeza do seu Reyno, e as cousas que nelle havia, e como per toda aquella costa andavam os seus navios, e que mandava descobrir a India, e principalmente hum Principe, que se chamava Preste João, o qual lhe diziam que habitava na-

quella terra, tudo a fim que pudesse ir ter esta fama ao Preste, e fosse azo pera elle mandar de lá de dentro donde habitasse a esta costa do mar, porque pera todas estas cousas os Negros, e Negras hiam ensinados, e principalmente as Negras, que como não eram naturaes da terra, ficavam com esperança de tornarem aos navios per alli, e as trazerem a este Reyno. Que entre tanto ellas entrassem pelo sertão, e aos moradores notificassem estas cousas, e aprendessem muito bem as que pudessem saber das que lhes eram encommendadas, e que podiam ficar seguras, porque como eram mulheres, com quem os homens não tem guerra, não lhes haviam de fazer mal algum. Além de assentarem os Padrões, que levavam nas distancias do comprimento da costa que lhe bem parecia, eram postos em lugares notaveis, assi como o primeiro Padrão chamado Santiago, no lugar a que puzeram nome Serra parda, que está em altura de vinte e quatro grãos, cento e vinte leguas além do derradeiro que poz Diogo Cam. Punham tambem os nomes aos cabos Angras; e mostrava da terra que descobriram, ou por razão do dia que alli chegavam, ou por qualquer outra causa, como a Angra a que ora chamamos das voltas, que por as muitas em que então alli andáram lhe deram este nome Angra

gra das voltas, onde se Bartholomeu Dias deteve cinco dias com tempos que lhe não deixavam fazer caminho, a qual Angra está em vinte e nove grãos da parte do Sul. Partidos daqui na volta do mar, o mesmo tempo os fez correr treze dias com as vélas a meio mastro; e como os navios eram pequenos, e os mares já mais frios, e não taes como os da terra de Guiné, posto que os da costa de Hespanha em tempo de tormenta eram mui feios, estes houveram por mortaes; mas cessando o tempo que fazia aquella furia do mar, vieram demandar a terra pelo rumo de Leste, cuidando que corria ainda a costa Norte-sul em geral, como té alli a trouxeram. Porém vendo que por alguns dias cortavam sem dar com ella, carregáram sobre o rumo do Norte, com que vieram ter a huma angra, a que chamáram dos Vaqueiros, por as muitas vacas que víram andar na terra guardadas per seus pastores. E como não levavam lingua que os entendesse, não puderam haver falla delles; antes como gente espantada de tal novidade, carcáram seu gado pera dentro da terra, com que os nossos não puderam saber mais delles, que verem ser Negros de cabello revolto, como os de Guiné. Correndo mais avante a costa já per novo rumo, de que os Capitães hiam mui contentes, chegaram a

hum ilheo, que está em trinta e tres grãos, e tres quartos da parte do Sul, onde puzeram o Padrão chamado da Cruz, que deo nome ao ilheo, que está da terra firme pouco mais de meia legua; e porque neste estavam duas fontes, muitos lhe chamavam o Penedo das Fontes. Aqui como a gente vinha cansada, e mui temerosa dos grandes mares que passáram, toda a huma voz começou de se queixar, e requerer que não fossem mais avante, dizendo como os mantimentos se gastavam pera tornar a buscar a náao, que leixáram atrás com os sobrefelentes, a qual ficava já tão longe, que quando a ella chegassem seriam todos mortos á fome, quanto mais passar avante. Que affás era de huma viagem descobrirem tanta costa, e que já levavam a maior novidade que se daquelle descobrimento levou: acharem que a terra se corria quasi em geral pera Leste, donde parecia que atrás ficava algum grande cabo, o qual sería melhor conselho tornarem de caminho a descobrir. Bartholomeu Dias por satisfazer aos queixumes de tanta gente, sahio em terra com os Capitães, e Officiaes, e alguns Marinheiros principaes; dando-lhes juramento, mandou-lhes que dissessem a verdade do que lhes parecia que deviam fazer por serviço delRey; e todos assentáram que se tornassem pera o Reyno,

no, dando as razões de cima, e outras de tanta necessidade, do qual parecer mandou fazer hum acto, em que todos assináram. Però como seu desejo era ir avante, e sómente quiz fazer este cumprimento com a obrigação de seu officio, e regimento del-Rey, perque lhe mandava que as cousas de importancia fossem consultadas com as principaes pessoas que levava, pediu a todos, quando veio ao assinar da determinação em que assentáram, que houvessem por bem correrem mais dous, ou tres dias a costa; e quando não achassem cousa que os obrigasse proseguir mais avante, que então fariam a volta; o que lhes foi concedido. Mas no fim destes dias que pediu, não fizeram mais que chegar a hum rio, que está vinte e cinco leguas avante do ilheo da Cruz em altura de trinta e dous grãos, e dous terços. E porque João Infante Capitão do navio S. Panteleão, foi o primeiro que sahio em terra, houve o rio o nome que ora tem do Infante, donde se tornáram por a gente tornar repetir seus queixumes. Chegados ao ilheo da Cruz, quando Bartholomeu Dias se apartou do Padrão que alli assentou, foi com tanta dor, e sentimento, como se leixára hum filho desterrado pera sempre, lembrando-lhe com quanto perigo de sua pessoa, e de toda aquella gente, de tão lon-

longe, vieram sómente áquelle effecto, pois lhe Deos não concedêra o principal. Partidos dalli, houveram vista daquelle grande, e notavel Cabo, encuberto per tantas centenas de annos, como aquelle, que quando se mostrasse não descubria sómente assi, mas a outro novo Mundo de terras. Ao qual Bartholomeu Dias, e os de sua companhia per causa dos perigos, e tormentas, que em o dobrar delle passáram, lhe puzeram nome Tormentoso; mas ElRey D. João, vindo elles ao Reyno, lhe deo outro nome mais illustre, chamando-lhe Cabo de Boa Esperança, pola que elle promettia deste descobrimento da India tão esperada, e per tantos annos requerida. O qual nome como foi dado per Rey, e tal que Hespanhá se gloria delle, permanecerá com louvor de quem o mandou descobrir, em quanto esta nossa lembrança durar: a descripção, e figura do qual descrevemos em a nossa Geografia por ser lugar mais proprio, però que aqui se espere. Bartholomeu Dias depois que notou delle o que convinha á navegação, e assentou hum Padrão chamado S. Filippe, porque o tempo lhe não deo lugar a sahir em terra, tornou a seguir sua costa em busca da náo dos mantimentos, á qual chegáram, havendo nove mezes justos que della eram partidos. E de nove homens que alli ficaram,

ram , eram vivos tres sómente , hum dos
 quaes a que chamavam Fernão Colaço , na-
 tural do Lumiar , termo de Lisboa , que era
 Escrivão , assi pasinou de prazer em ver os
 companheiros que morreo logo , andando
 bem fraco de enfermidade. E a razão que
 deram dos mortos , foi fiarem-se dos Negros
 da terra , com quem vieram ter communi-
 cação , os quaes sobre cubiça d'algumas cou-
 sas que resgatavam , os matáram. Tomados
 muitos mantimentos que acháram , e posto
 fogo á naveta , que já estava bem comesto
 do gusano , por não haver quem a pudesse
 marear , vieram ter á Ilha do Principe , on-
 de acháram Duarte Pacheco Cavalleiro da
 casa delRey mui doenté , o qual por não
 estar em disposição pera per si ir descubrir
 os rios da costa , a que o ElRey mandava ,
 enviou o navio a fazer algum resgate , on-
 de se perdeo , salvando-se parte da gente ,
 que com elle se veio em estes navios de Bar-
 tholomeu Dias. E porque já a este tempo
 era sabido hum rio , que se chama do Res-
 gate , polo que se alli fazia de Negros , por
 não virem com as mãos vafias , passáram
 per elle , e assi pelo Castello de S. Jorge da
 Mina , estando nelle João Fogaça por Ca-
 pitão , o qual lhe entregou o ouro que ti-
 nha resgatado , com que se vieram pera o
 Reyno , onde chegaram em Dezembro do

anno de quatrocentos e oitenta e sete, havendo dezeseis mezes, e dezeseite dias que eram partidos d'elle. Leixando Bartholomeu Dias descoberto nesta viagem trezentas e sincoenta leguas per costa, que he outro tanto como Diogo Cam descobrio per duas vezes. Em o qual espaço de setecentas e sincoenta leguas, que estes dous principaes Capitães descobríram, estam seis Padrões: o primeiro chamado S. Jorge em o rio Zaire, que he do Reyno de Congo; o segundo Sancto Agostinho está em hum cabo do nome do mesmo Padrão; o terceiro, que he o derradeiro de Diogo Cam, na Manga das arêas; o quarto em ordem, e primeiro de Bartholomeu Dias, na Serra parda; o quinto S. Filippe no grande, e primeiro Cabo de Boa Esperança; e o sexto Sancta Cruz no ilheo deste nome, onde se acabáram os Padrões, que poz Bartholomeu Dias, e acabou o derradeiro descobrimento que se fez em tempo delRey D. João.

CA-

CAPITULO V.

Como ElRey mandou per terra dous criados seus , hum a descubrir os portos , e navegação da India , e outro com cartas ao Preste João : e como de Roma foi enviada a ElRey hum Abexij Religioso daquellas partes , por meio do qual elle tambem enviou algumas cartas ao Preste.

Por causa das cousas , que atrás escrevemos , e da informação que ElRey Dom João tinha da Provincia em que o Preste João habitava , antes que Bartholomeu Dias viesse deste descobrimento , determinou de o mandar descubrir per terra. Tendo já a isso enviado duas pessoas per via de Jerusaleem , por saber que vinham áquella sancta Casa em romaria muitos Religiosos do seu Reyno ; mas não houve effecto esta ida como ElRey desejava. Porque hum Fr. Antonio de Lisboa , e hum Pero de Montaroyo , que elle mandou a isso , por não saberem o Arabigo , não se atrevêram irem em companhia destes Religiosos , que acháram em Jerusaleem. E vendo ElRey quão necessaria cousa pera fazer este caminho era a lingua Arabia , mandou a este negocio hum Pero de Covilhã Cavalleiro de sua casa , que era homem que a sabia mui bem , e em sua

Tom. I.

N

N I COM-ENS A
NACIONAL

companhia outro per nome Afonso de Paiva, os quaes foram despachados em Santarem a sete de Maio do anno de quatrocentos oitenta e sete, sendo presente ao seu despacho o Duque de Béja D. Manuel. E despedidos ambos delRey, foram ter á Cidade de Napoles, onde embarcáram pera a Ilha de Rodes; e chegando a ella, poufáram em casa de Fr. Gonçalo, e Fr. Fernando, dous Cavalleiros da Religião, que eram Portuguezes, os quaes lhe deram todo aviamento, com que se passáram a Alexandria, onde se detiveram algum tempo por adoecerem de febres á morte. Tanto que estiveram pera poder caminhar, passáram-se ao Cairo, e dahi foram ter ao Toro em companhia de Mouros de Tremeccem, e de Féz, que passavam a Adem; e por ser tempo da navegação daquellas partes, apartáram-se hum do outro, Afonso de Paiva pera a terra de Ethiopia, e Pero de Covilhã pera a India, concertando ambos que a hum certo tempo se juntassem na Cidade do Cairo. Embarcado Pero de Covilhã em huma náó, que partia de Adem, foi ter a Cananor, e dahi a Calecut, e a Goa, Cidades principaes da costa da India, e aqui embarcou pera a Mina de Cofala, que he na Ethiopia sobre Egypto. Tornado outra vez á Cidade Adem, que está situada na boca do

estreiro do mar Roxo, na parte de Arabia Felix, embarcou-se pera o Cairo, onde achou nova que seu companheiro Afonso de Paiva na propria Cidade havia pouco que era falecido de doença. E estando pera se vir a este Reyno com recado destas cousas que tinha sabido, soube que andavam alli dous Judeos de Hespanha em sua busca, com os quaes se vio mui secretamente, a hum chamavam Rabi Habrão natural de Béja, e a outro Josepe çapateiro de Lamego; o qual Josepe havia pouco tempo que viera daquellas partes; e como soube cá no Reyno o grande desejo que ElRey tinha da informação das cousas da India, foi-lhe dar conta como estivera em a Cidade de Babylonia, a que ora chamam Bagodad, situada no rio Eufrates, e que alli ouvira fallar do trato da Ilha chamada Ormuz, que estava na boca do mar da Persia, em a qual havia huma Cidade a mais célebre de todas aquellas partes, por a ella concorrerem todas as especiarias, e riquezas da India, as quaes per casilas de camelos vinham ter ás Cidades de Aleppo, e Damasco. ElRey, porque ao tempo que soube estas, e outras cousas deste Judeo, era já Pedro de Covilhã partido, ordenou de o mandar em busca delle, e assi o outro chamado Rabi Habrão: o Josepe pera lhe trazer re-

cado das cartas, que per elles mandava a
 Pero de Covilhã; e Habrão pera ir com
 elle ver a Ilha de Ormuz, e dahi se infor-
 mar das cousas da India. Em as quaes car-
 tas ElRey encommendava muito a Pero de
 Covilhã, que se ainda não tinha achado o
 Preste João, que não receasse o trabalho té
 se ver com elle, e lhe dar sua carta, e re-
 aquelle Judeo Josepe lhe escrevesse tudo o
 que tinha visto, e sabido, porque a este ef-
 fecto sómente o enviava a elle. Pero de Co-
 vilhã ainda que andava cansado de tanta na-
 vegação, e caminhos, como tinha visto, e
 sabido, além de escrever a ElRey, enfor-
 mou miudamente a Josepe. Espedindo-se do
 qual foi com o outro Judeo Habrão á Ci-
 dade Adem, onde ambos embarcaram pera
 Ormuz; e notadas todas as cousas della, lei-
 xou alli o Judeo Habrão pera vir per via
 das casilas de Aleppo, e elle Pero de Co-
 vilhã tornou-se ao mar Roxo, e dahi foi
 ter á Corte do Preste per nome Alexandre,
 a que elles chamam Escander, o qual o
 recebeu com honra, e gazalhado, estiman-
 do em muito Principe da Christandade das
 partes da Europa mandar a elle Emhaixa-
 dor, o que deo esperança a Pero de Covi-
 lhã poder ser bem despachado. Porém co-
 mo este Alexandre depois de sua chegada a
 pou-

poucos dias faleceo , e em seu lugar reinou Naut seu irmão , que fez mui pouca conta delle , e sobre isso ainda lhe não quiz dar licença que sahisse do seu Reyno , por terem costume , que se lá acolhem hum homem destas partes não o leixão mais tornar , perdeu Pero de Covilhã toda a esperança de mais tornar a este Reyno. Depois passados muitos annos , em o de quinhentos e quinze , reinando David filho deste Naut , reque-rendo-lhe por este Pero de Covilhã D. Rodrigo de Lima , que lá estava por Embaixador delRey D. Manuel , ainda lhe negou a vinda , dizendo , que seus antecessores lhe deram terras , e heranças , que as comesse , e lograsse com sua mulher , e filhos que tinha. E per via desta embaixada , que levou D. Rodrigo , (da qual em seu lugar faremos relação ,) viemos a saber todo o discurso desta viagem de Pero de Covilhã. Por que entre os Portuguezes que foram com elle , era hum Francisco Alvres Clerigo de Missa , a quem elle Pero de Covilhã deo conta de sua vida , e se confessou a elle ; do qual Francisco Alvres , e assi de hum tratado , que elle fez da viagem desta embaixada , que levou D. Rodrigo , soubemos estas , e outras cousas daquellas partes. E logo no anno seguinte , havendo pouco mais de nove mezes que Pero de Covilhã era par-

tido, por ElRey ter em todas as partes de Levante intelligencias pera este negocio, enviaram-lhe de Roma hum Sacerdote da terra do Preste, o qual havia nome Lucas Marcos, homem de que ElRey ficou mui satisfeito na prática que teve com elle por dar boa razão das cousas. E ordenou logo que da sua parte fosse ao Preste com cartas, cá por elle ser natural da terra, e conversado naquellas partes com os barbaros, podia fazer este caminho mais certo do que o faria hum seu mensajeiro, que o anno passado enviára a elle. Ordenou mais ElRey com o mesmo Marcos que trasladasse huma carta per tres, ou quatro vias, a qual mostrava ser delle Marcos enviada ao Preste, dando-lhe conta como era vindo a este Reyno á instancia delRey, e o desejo que tinha de sua amizade, e modo de sua navegação per toda a costa de Africa, e Ethiopia. E os Reys, e povos que tinha descoberto, e os sinaes das cousas que naquellas partes havia, e costumes que as gentes entre si tinham, e muitos vocabulos que usavam nas cousas geraes em sua linguagem, assi como Deos, Ceo, Sol, Lua, Fogo, Ar, Agua, Terra; porque per noticia dos taes vocabulos veria em conhecimento se estava perto da gente que os usava, a qual toda habitava na fralda da terra, que cerca o mar

Oceano , per'o qual navegavam os navios delRey. Na qual carta tambem particularizava todas as informações , que ElRey tinha da grandeza das terras de seu imperio ; e pera que o Preste lhe dêsse credito , se ante elle fosse a carta , nomeava-se Marcos por seu nome , e cujo filho era , e de que comarca , povoação , e freguezia. Feitas estas cartas , mandou ElRey a Levante , que as entregassem aos Religiosos da sua nação Abexij , as quaes però que não fossem per pessoas mui certas , alguma podia ir ter á mão do Preste , com que acreditasse a Pero de Covilhã , se lá fosse ter , quando d'outra couza não servissem. E per elle Lucas Marcos tambem escreveu ElRey ao Preste per o estylo das couzas que hiam nas cartas de Marcos , dando-lhe conta como mandára a Roma buscar este seu natural , a fim de lhe poder escrever per elle Lucas , ao qual podia dar fé como a vassallo. Pedindo-lhe que houvesse por bem enviar-lhe hum mensajeiro pera em sua companhia lhe poder enviar outro ; porque alguns , que lá eram , e as cartas derramadas per mãos de homens seus naturaes , não sabia se poderiam passar per as terras dos infieis , que se mettiã entre elle , e a Christandade da Europa. E como elle por causa da vizinhança que tinha com o Soldão do Cairo seguramente lhe manda-

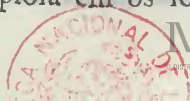
va seus Embaixadores, e dahi vinham a Jerusaleem, e a Roma, segundo este seu vassallo Lucas contava, podia ser este hum caminho pera per cartas, e embaixadas se conhecerem, e depois Nosso Senhor mostraria outro, com que sem impedimento dos Mouros imigos do nome Christão se podiam prestar com obras de irmãos, pois que o eram em Fé.

CAPITULO VI.

Como hum Principe das partes de Guiné chamado Bemoij veio a este Reyno, por causa de huma guerra que teve, em que perdeu seu estado: e como ElRey por o grande conhecimento que tinba delle, o recebeu, fazendo-lhe muita honra.

Sobre a vinda deste Lucas Marcos, sendo já a este tempo despachado delRey, e mui satisfeito das mercês que lhe fez, succedeo outra de outro Ethiopia de não menos contentamento delRey; porque estando em Setubal lhe veio nova como a Lisboa era chegado hum navio do Castello de Arguim, em o qual vinha hum Principe da terra de Jalof chamado Bemoij, acompanhado de parentes, e homens nobres daquela Provincia. ElRey como per as razões que abaixo diremos tinha muito conhecimento del-

delle, mandou a Lisboa a que o agazalhassem bem, e dahi o passassem honradamente ao Castello da Villa de Palmela, em o qual esteve alguns dias, em quanto elle, e os seus fossem vestidos, e encavalgados pera poderem ir antelle; sendo sempre servido em todas as cousas, não como Principe barbaresco, e fóra da lei, mas como podia ser hum dos Senhores da Europa costumado ás policias, e serviços della. E outro tanto lhe foi feito em o dia da sua entrada na Corte, vindo por elle D. Francisco Coutinho Conde de Marialva, acompanhado de muita Fidalguia. Pera o qual dia ElRey, e a Rainha se apercebêram com apparato de casas armadas cada hum em a sua: ElRey na sala em estrado alto com hum docel de brocado rico, acompanhado do Duque de Béja D. Manuel, irmão da Rainha, e alli de Condes, Bispos, e outras pessoas notaveis; e com a Rainha estava o Principe Dom Afonso seu Filho, e muitos dos Nobres da Corte, com todas as Damas vestidas de festa. E porque na falla, que Bemoij fez nesta primeira chegada, e vista delRey, segundo anda escrita per Ruy de Pina, Chronista mór que foi deste Reyno, alli na Chronica, que deste Rey compoz, a relação da fortuna deste Principe Bemoij está tão curta, quanto he copiosa em os louvores del-



Rey, e admirações, que elle Bemoij fazia de ver seu estado, leixaremos a eloquencia della nesta parte, e tomaremos o nosso intento, que he contar os fundamentos do seu desterro, e o que succedeo desta vinda, por isto ser proprio da historia. No princípio, quando o commercio de Guiné começou correr entre os nossos, e os povos da região de Jalof, a qual jaz entre estes dous notaveis rios Çanagá, e Gambea, havia hum Rey mui poderoso naquellas partes chamado Bór Byrão, o qual posto que fosse do sangue gentio dos Principes de Guiné, era já feito Mouro pela communicação que tinha com os Mouros chamados Azenegues. E entre os filhos, que leixou per sua morte de mulheres diferentes, (segundo seu uso,) foram Cybitah, e Cambá, que eram de huma mulher, e Byrão de outra, que já fora casada com outro marido, do qual marido ella tinha havido este Bemoij de que fallamos. E porque naquella terra as mais vezes, morto ElRey, o povo toma hum dos filhos que o governe, qual lhe mais apraz, elegêram por seu Rey a Byrão; o qual mettido em posse de governo da terra, fez mui pouca conta destes dous irmãos Cybitah, e Cambá, por serem seus competidores no Reyno por parte do pai, e muita estima de Bemoij seu irmão da

da parte da mãe, com quem não tinha competência desta herança; ao qual em odio dos outros não sómente deo o regimento de todo seu estado per officio, segundo seu costume, mas ainda se descuidou tanto do governo, e occupou em cousas de seu prazer, que o povo não conhecia, nem obedecia já senão á pessoa de Bemoij. E como elle era homem prudente, vendo que com os nossos navios, que andavam no resgate daquella costa, a terra engrossava com cavallos, e outras mercadorias, de que ella carecia, as quaes cousas se lhe viessem á mão o podiam fazer mais poderoso, leixou as terras do sertão, e veio buscar os portos do mar, onde nossos navios hiam fazer resgate. Na maneira de contratar com os quaes usava desta prudencia, mandar pagar qualquer cavallo que morria em o navio, e bastava por testemunho mostrarem-lhe o cabo d'elle; porque dizia que quando o tal cavallo se embarcára, já fora em seu nome, e que não era razão que os homens perdessem o seu, pois hiam tão longe a lhe levar o que elle havia mister. E não sómente tinha este modo de contentar as partes, mas ainda em as cousas do serviço delRey Dom João, em cujo tempo elle concorreo, como homem que esperava de se aproveitar de sua amizade, tanto que os seus navios

vinham ao porto, logo eram com diligencia despachados; e sobre isso mandava-lhe alguns presentes das cousas da terra. Com que ElRey, além do desejo geral que tinha de trazer á Fé todos aquelles Príncipes de Guiné, a este mais particularmente tinha afeição, por lhe tambem dizerem ter pessoa, engenho, e hum claro juizo para receber a doutrina Evangelica. E a esta causa sempre encommendava aos Capitães, que hiam ao resgate daquelles seus portos, que tivessem prática com elle sobre as cousas da Fé; e per algumas vezes lhe mandou mensajeiros com este requerimento, levando-lhe dadivas, e presentes, e muitas offertas da crescentamento de seu estado por o mais animar. Mas elle, ou porque no tal tempo não merecia a Deos tamanha mercê, ou porque lhe estava promettida per outros meios de mais sua honra, com que a sua memoria andasse em as Chronicas dos Reys deste Reyno, por então não acceptou o Baptismo, dando sempre de si muita esperança no contentamento que tinha em folgar de ouvir a quem lhe fallava nestas cousas da Fé. E esta prosperidade sua causou a morte a seu irmão, que lhe deo o governo do Reyno, e a elle ser desterrado; porque os dous irmãos Lybitab, e Cámba á traição matáram a ElRey Bór Birão, intitulado-se

por Rey Cybitah, que era mais velho, o qual cruamente começou fazer guerra a Bemoiij. E como a guerra necessita os homens, principalmente se he comprida, polo trabalho que Bemoiij nesta teve, perdendo algumas batalhas, começou descahir do poder que tinha; mas confiado nos serviços que fazia a ElRey D. João, em hum navio do resgate mandou a elle hum seu sobrinho, pedindo-lhe ajuda de cavallos, armas, e gente. Ao qual requerimento ElRey respondeo, que se elle algum adjutorio delle queria, recebesse o Baptismo, e então que o ajudaria como irmão per lei, e Fé, e como amigo por as obras que delle tinha recebido; porém polo consolar em sua necessidade, e animar a se converter, mandou-lhe sinco cavallos ajaezados pera sua pessoa, e o Duque de Béja D. Manuel lhe mandou hum, e arreios pera outros. As quaes cousas levou Gonçalo Coelho, que depois foi Escrivão da Fazenda dos Contos da Cidade de Lisboa, de quem nós soubemos a maior parte destas cousas; e em sua companhia foi o mensajeiro, que veio de Bemoiij, e assi alguns Clerigos pera praticarem com elle em as cousas da Fé. Com a qual ida de Gonçalo Coelho, alguma gente da que hia em os navios do resgate, tomou ousadia de entrar pela terra firme em sua companhia

pera poderem melhor vender suas mercadorias, porque já por razão da guerra não corria resgate costumado aos portos de mar. E foi este negocio de os nossos irem, e virem ao arraial de Bemoij em tanto crescimento, e elle por causa da guerra, pera a qual os havia mister, tomava tantos cavallos sem os poder pagar, que andava lá muita gente, huns por arrecadar o que lhe deviam, e outros por desbaratar o que não podiam vender em os portos de mar. Bemoij, como era homem sagaz, vendo que em a detença do despacho, assi Gonçalo Coelho, como as partes, que alli andavam, o favoreciam em os seus negocios da guerra, trouxe-o lá em esperança de sua conversão perto de hum anno. Gonçalo Coelho sentindo esta sua tenção, e mais vendo como se os homens perdiam em as mercadorias fiadas a Bemoij, escreveu a ElRey o pouco fruto que fazia, e o damno que causava a sua estada lá. ElRey vista a carta de Gonçalo Coelho, mandou que logo se viesse, esperando-se de Bemoij sem escandalo; e que notificasse as partes que lá andavam, que se viessem em sua companhia, sob graves penas não o querendo fazer. Bemoij quando lhe Gonçalo Coelho disse de sua vinda, ficou mui triste, porque via chegar-se sua perdição, por o grande favor que com el-

le recebia pera as cousas da guerra, e tambem porque lhe convinha, por não perder o credito; pagar o que devia ás partes. Porém vendo elle que não podia deter Gonçalo Coelho, com ajuda dos seus pagou o que devia, e mandou o mesmo sobrinho, que do Reyno viera com Gonçalo Coelho, que tornasse em sua companhia, enviando per elle a ElRey cem peças d'escravos bem dispostos dos que havia na guerra, e assi huma grossa manilha d'ouro, como carta de crença, segundo seu costume. E entre algumas causas, per que se mandou desculpar a ElRey de não acceptar o Baptismo, foi, que o povo que o seguia andava alevantado com a guerra, e que mudar elle lei, e modo de vida era necessario obrigar a todos que fizessem outro tanto. E como he cousa dura em breve tempo a gente barbara leixar os ritos, e usos, em que se creára, sería causa que per este modo primeiro leixariam a elle que a elles, donde se perderia azo de em outro tempo per elle todos poderem receber Baptismo, o qual tempo elle esperava em Deos que o daria com assocego daquelles trabalhos, em que andava com seus imigos. Finalmente parece que assi o queria Deos, que per esta fortuna, e trabalho viesse este Principe Bemoij ao Baptismo, porque assi ficou desbaratado,

e desemparedado dos seus em huma batalha que lhe deram: que tomou por emparo de sua vida vir ao longo do mar per espaço de mais de setenta leguas buscar a nossa fortaleza de Arguim, onde embarcou com aquelles poucos que o seguíram, posto na esperança da grandeza, e liberalidade del-Rey, de quem tanta offerta em palavras, e tanta honra, e mercê em obras tinha recebido. A qual confiança o não enganou; porque lembrando a El-Rey quanta verdade sempre achou em Bemoij em tempo de sua prosperidade, e tambem com desejo de trazer per taes beneficios ao Baptismo, sou recebello com tanta honra, e aparato; porque tambem grande consolação he aos tristes a facilidade, com que os recebem na primeira entrada de seu requerimento. E sendo elle já dentro na sala, onde El-Rey o estava esperando, como dissemos, sahio dous, ou tres passos do estrado com o barrete hum pouco fóra. Bemoij, segundo seu costume, tanto que se vio ante El-Rey com todos seus, se debruçou aos seus pés, mostrando que tomava a terra debaixo delles, e a lançava sobre sua cabeça em final de humildade, e obediencia, o qual El-Rey fez alevantar; e tornando-se ao estrado, encostou-se em pé a huma cadeira, mandando ao interprete que lhe dissesse que fal-

lasse. Bemoij como era homem grande de corpo, bem disposto, e de bom aspecto, e estava em idade de quarenta annos, com huma barba crescida, e bem posta, representava não homem de suas cores, mas hum Principe, a quem se devia todo acatamento; com a qual magestade de pessoa começou, e acabou sua oração com tantos affectos de provocar a se condoerem do caso miseravel de seu desterro, que sómente vendo estas noticias naturaes, ellas per si mostravam o que o interprete depois dizia. E acabando de relatar seu caso, como podia fazer hum natural Orador, pondo todo o remedio delle na grandeza delRey, em que se deteve hum bom pedaço, respondeo-lhe em poucas palavras tanto a seu contentamento, que logo este prazer deo a elle Bemoij outro rosto, outro animo, outro ar, e graça; e espedindo-se delRey, foi beijar a mão á Rainha, e ao Principe, a quem disse poucas palavras, no fim das quaes pediu que fossem seus intercessores ante ElRey, e dali foi levado a seu aponsentamento per toda aquella Fidalguia que o acompanhava.

CAPITULO VII.

Como o Principe Bemoij recebeu agua de Baptismo , e houve nome D. João Bemoij : e das festas , que ElRey por sua causa mandou fazer : e assi foram feitos Christãos todos os outros que vieram em sua companhia.

P Assado este dia da chegada de Bemoij ; depois per muitas vezes esteve ElRey com elle em prática particular , da qual ficou tão contente como da pessoa ; porque assi no que dizia , e perguntava , como no que respondia ao que era perguntado , mostrava ser dotado de mui claro entendimento. Entre as quaes cousas , as de que ElRey muito lançou mão , foram as que contava d'alguns Reys , e Principes daquellas partes , principalmente de hum , que elle chamava Rey dos povos Moses , cujo estado começava além de Tungubutu , e se estendia contra o Oriente , o qual não era Mouro , nem Gentio , e que em muitas cousas se conformava em costumes com o povo Christão : donde ElRey vinha a conjecturar , que o dizia por o Preste João , que elle tanto desejava descobrir , as quaes cousas muito aproveitaram pera o bom despacho de Bemoij polos fundamentos que sobre ellas fazia. E a pri-

a primeira, em que ElRey entendeu de seus negocios, foi entregallo a Theologos, que lhe praticassem as cousas da Fé pera estar mais disposto pera receber o Baptismo; o qual Sacramento recebeo a tres de Novembro deste anno de quatrocentos oitenta e nove huma noite em casa da Rainha, sendo ElRey, e Ella, o Principe, o Duque de Béja, hum Commissario do Papa, o Bispo de Tanger, e o de Cepta, que fez o officio, padrinhos d'elle, e d'outros dous Fidalgos dos principaes de sua companhia, e houve nome D. João por amor delRey. Ao outro dia sobre esta honra d'alma, que he eterna, houve outra temporal, fazendo-o ElRey Cavalleiro, e dando-lhe armas de nobreza: huma cruz d'ouro em campo vermelho, e as quinas de Portugal por orla: e elle em retorno desta honra fez omenage a ElRey de todo o estado que ganhasse, e tivesse; e per o Commissario do Papa lhe mandou sua obediencia em fórma, como qualquer Principe Christão. Depois d'elle receberam Baptismo vinte e quatro homens Fidalgos dos seus, pera o qual aucto se arrou de tapeceria a casa dos Contos da dita Villa; e em quanto duráram estas honras do Baptismo de D. João Bemoij, e dos seus, sempre houve festas de canas, touros, mommos, e grandes serões polo contenta-

mento que ElRey tinha de sua conversão. Elle D. João Bemioj, tambem a seu modo, quiz fazer as suas; porque como trazia alguns homens grandes cavalgadores, diante delRey corriam a carreira em pé, virando-se, e assentando-se, e tornando-se levantar, tudo em huma corrida: e com a mão no arção da sella saltavam no chão, correndo a toda força do cavallo; e tornavam-se á sella tão soltos, como o podiam fazer a pé quedo. E da mesma sella a grão correr apanhavam quantas pedras lhes puzham ao longo da carreira, e outras muitas desenvolturas mui apraziveis de ver, em que mostravam serem mais soltos a cavallo, e a pé, do que eram os Alarves de Africa, que se prezam muito destas solturas. Passados estes dias de festa, começou ElRey entender em o despacho pera o tornar a restituir em seu estado, sobre que houve alguns conselhos, em que se assentou mandar ElRey com elle vinte caravelas armadas de gente, e munições, alli pera sua restituição, como pera huma fortaleza, que se havia de fazer á borda do rio Çanagá. E porque a causa de ElRey mandar fazer esta fortaleza não foi por ser tão necessaria á restituição deste Principe, quanto por outro fundamento que fez; depois que d'elle soube o estado da terra, e o curso do rio, que

té aquelle tempo foi havido por hum braço do Nilo : primeiro que mais procedamos na armada, convem tratarmos delle, e assi desta Provincia de Jalof, porque se faiba com quanto fundamento de prudencia ElRey fez tão grande apparatus, e despeza.

C A P I T U L O VIII.

Em que se descreve a terra, que jaz entre os dous rios Çanagá, e Gambea, e do curso delles: e como Pero Vaz Bisagudo, que levou o Principe D. João Bemoiç, o matou mal, dizendo que armava traição, a qual morte ElRey muito sentio.

E Sta terra, que per comunum vocabulo dos naturaes he chamada Jalof, jaz entre estes dous notaveis rios Çanagá, e Gambea, os quaes pelo comprido curso que trazem, recebem diversos nomes, segundo os póvos que os vizinham. Porque onde o chamado Çanagá per nós, se mette no mar Oceano Occidental, os póvos Jalofos lhe chamam Dengueh, e os Tucurões mais assido corre per huma Comarca chamada Baganano, que he mais Oriental, chamam-lhe Zimbalá, donde ás vezes por causa delle á Comarca dam este mesmo nome, e no Reyno de Tungubutu lhe chamam Iça. E pos-

to que corre per muita distancia de terras, vindo das fontes Orientaes dos lagos, a que Ptholomeu chama Chelonides, Nuba, e rio Gir, quasi per direito curso té se metter no Oceano, em altura de quinze grãos e meio, não lhe sabemos o nome que lhe os outros povos dam. Acerca de nós geralmente he chamado Çanagá, do nome de hum Senhor da terra, com quem os nossos no principio do descubrimento d'elle tiveram commercio, cá lhe não sabiam chamar senão o rio de Çanagá. E sendo rio, que vem de tão longe, não traz tanto pezo d'agua, nem a maré sóbe tanto per elle, como o rio Gambea de Cantor. Faz algumas Ilhas, as mais dellas povoadas de animaes, e imundicias por sua aspereza; e em certos lugares se não leixa navegar com penedias que o atraveffava, principalmente obra de cento e sincoenta leguas da barra, onde se elle chama Colle, porque alli faz quasi outras catarractas, como as do Nilo. Ao qual lugar os moradores chamam Huaba, e per ellas corre tão tezo, e assi está cortada a pique a penedia sobre a terra, onde elle corre baixo a pé enxuto ao longo desta agrura da penedia: isto porém (segundo dizem os da terra) se póde fazer, quando venta de cima, e de baixo não, porque então o vento re-

bate as aguas contra a penedia de maneira, que impedem esta passagem, e a este lugar chamam os negros Burto, que quer dizer arco, polo que faz o jorro d'agua no ar, em quanto não cahe no chão. Mettem-se neste rio outros mui cabedacs em agua, que por virem per despovoado de gente, e multidão de animaes, entre os póvos, com que temos commercio, não tem nome, nem menos ácerca dos nossos: però que em as tavoadas da nossa Geografia situemos seu curso em graduação. Entre alguns rios, que nelle entram, he hum, que vem da parte do Sul das terras, a que os Negros propriamente chamam Guiné, ou Gennij, (como abaixo veremos,) o qual por vir per lugares barrentos traz suas aguas hum pouco vermelhas, e elle Çanagá tem as suas dalli pera fina brancas; e ao lugar, onde se ambos ajuntam, chamam-lhe os póvos Çaragolees Gufitembó, que quer dizer branco, e vermelho. Dizem elles que são ambos competidores, e contrarios; porque bebendo das aguas de hum, e logo do outro, fazem aravezar: o que cada hum per si só não faz, nem menos depois que se ajuntam, e correm. O outro rio Gambea do resgate de Cantor não tem tanta variação em nome, porque quasi todo elle té o resgate do ouro, onde vam os nossos navios, que será

da barra, por razão das suas voltas, cento e oitenta leguas, e per linha direita oitenta, chamam-lhe os Negros da terra Gambu, e nós Gambea. A maior parte do qual corre tortuoso em voltas miudas, principalmente do resgate pera baixo, té se metter no mar em altura de treze grãos e meio ao Sueste do Cabo, a que chamamos Verde. Traz maior pezo d'agua que Canagá, e muito mais profunda, porque se mettem nelle alguns rios barbaros mui cabedades, que tem seu nascimento no sertão da terra chamada Mandinga, e as principaes fontes suas são as do rio, a que Ptholomeu chama Niguer, e a lagoa Libya. Em vir tortuoso quebram as aguas de maneira, que não vem com impeto contra os nossos navios, quando sobem per elle; e quasi meio caminho, ante que cheguem ao resgate, faz huma ilheta, a que os nossos pelos muitos Elefantes que alli havia, lhe chamam dos Elefantes. Assim do resgate do ouro tem huma pedra, que por totalmente impedir a passagem, este Rey D. João de que fallamos, mandou lá officiaes pera a quebrarem, o que se não fez por ser cousa mui custosa, e de grande trabalho. Ambos estes rios Gambea, e Canagá, geralmente criam grão variedade de pescado, e animaes aquaticos, assi como cavallos, a que chamamos marinlios, e mui grandes la-

gatos, que em figura, e natureza são os crocodilos do Nilo celebrados per tantos Escriutores; e tambem serpentes, que tem as pequenas, e não tão monstruosas como pintam, e fabulam as gentes. Animaes terrestes, que bebem as suas aguas, he cousa sem numero a multidão, e variedade dellas, porque assi andam os Elefantes em manadas, como cá vemos os gados. Gazellas, porcos, onças, e todo genero de veação sem nome entre nós aqui se mostrou a natureza fecunda, e prodiga em a multidão, e variação della. A terra, que jaz entre estes dous rios, faz hum notavel cabo, a que os nossos chamam Verde, e Ptholomeu Arsinario promontorio; e posto que elle o situe em largura de dez grãos, e dous terços, e per nós seja verificado em quatorze e hum terço, segundo a figura delle, e as Ilhas, que ao Occidente lhe estam oppositas, (a que nós por razão delle per nome geral chamamos do Cabo Verde, e elle Hespiradas,) não pôde ser outro. E tambem por ficar entre dous notaveis rios, a que elle chama Darago, que he Çanagá, e Stachires Gambea, os quaes na entrada do mar quasi imitam a verdade que nós ora temos: però no curso de cada hum desfalecco, pois lhe dá o nascimento mui curto, e elles vem das fontes que assima dissemos, aos quaes Ptholomeu

não dá sahida , como mostra a sua taboa. Geralmente a terra , que jaz entre elles , estendendo-se contra o Oriente até cento e setenta leguas , se chama Jalof , e os seus povos Jalofos , posto que em si comprehendem muito mais gerações das que Ptholomeu terminou dentro nas correntes de Darado , e Stachio. A terra em si he grossa , e mui fertil na creação de todas as cousas , e assi forte , principalmente a que leixam regada estes dous rios no tempo de suas cheias , que quando vem no verão , com a força do Sol faz greta , que podem nella enterrar hum cavallo. E pera dar os milhos de mazaroca , a que chamamos zaburro , que he o commum mantimento daquelles povos , porque lhes possa nascer , depois de limpo , o cilco que leixou o enxurro , lançam a semente sem mais lavras , e com huma tona de arêa per cima o cobrem ; porque ficando enterrada com terra , faz huma côdea per cima tão dura , que a quentura do Sol aperta com a muita humidade debaixo , que não leixa sair a semente assima , o qual impedimento lhe não faz a arêa ; e basta pera a corrupção , e creação da semente o lastro da terra , que tem debaixo mui humido das aguas passadas , e os grandes orvalhos da noite , que traspassam a arêa. Trigo , e outras sementes , que temos nestas partes , não usam

usam dellas , nem parece que o clima as consentiria que viessem a madurecer , por serem terras mui humidas , principalmente as vizinhas a Gambia. Sómente em as terras , que habitam os povos Çaragolees , em algumas vargias já vizinhas aos desertos , colhem algum trigo mais hortado á enxada que lavrado com arado , muito mais grosso , e formoso que o de Hespanha , (segundo elles dizem.) E este rio Çanagá per a divisão nossa he o que aparta a terra dos Mouros dos Negros , posto que ao longo de suas aguas todos são mesticos , em côr , vida , e costumes , per razão da cópula , que segundo costume dos Mouros toda mulher acceptão. Però quanto á qualidade da terra , parece que a natureza lançou aquelle rio entre ambas , como marco , e divisão ; porque a que jaz da parte do Norte , que propriamente os Mouros habitam , começando no mar Oceano Occidental em largura de cem leguas , e ás vezes mais , e menos , á maneira de huma faixa , de que o rio Çanagá he a ourella , se vai extendendo contra o Oriente té ir beber nas aguas do Nilo ; e tomando alli alguma humidade da corrente dellas , torna com aquella seccura , e esterilidade , que leva té dar consigo em as aguas salgadas do mar Roxo. O qual deserto não he assi tão esteril per todo , que alguma

parte não seja povoado em empólas, que são os Abeses de que escreve Estrabo, e o mais he pastado de muitos Alarves, que per elle andam em cabildas; e por razão das qualidades que tem, lhe dam diferentes nomes. Porque a terra, que he toda arêa miuda, sem coufa verde, a esta chamam elles Çahel; e á que he cuberta de alguma herva, ou mata, como de charneca pobre, que he a parte que elles pastam, chamam Azagar; e á que he de pedregulho miudo em modo de grossa arêa, Çahará; e a esta causa os mais dos moradores desta triste terra se achegam a este rio Çanagá, e outros andam buscando as empólas que dissemos, que lhes ficam em lugar de pomares. Por razão do qual rio a terra mais povoada he a que jaz ao longo delle, onde ha algumas Cidades, a principal das quaes he Tungubutu, que está tres leguas affastada delle da banda do Norte, onde por causa do ouro, que vem ter a ella da grande Provincia de Mandinga, concorrem muitos Mercadores do Cairo, de Tunes, de Ourão, Tremcem, Féz, Marrocos, e de outros Reynos, e Senhorios de Mouros. E assi corriam á outra Cidade, que está nas correntes deste rio chamada Genná, a qual em outro tempo era mais célebre que Tungubutu; e ou que ella desse nome ao Reyno,

ou que o Reyno o désse a ella , daqui se chama ácerca de nós toda aquella região de Çanagá por diante Guiné, posto que entre os Negros huns lhe chamam Genná, outros Jannij, e outros Gennij. E como está mais Occidental que Tungubutu, geralmente corriam a ella os povos, que lhe são mais vizinhos: assi com os Çaragolees, Fullos, Jalofos, Azaueges, Brabaxijs, Tigurarijs, Luddayas, da mão dos quaes per via do Castello de Arguim, e de toda aquella costa vinha o ouro a nossas mãos, e outros povos do interior de Mandinga acudiam ao resgate de Cantor, a que vam os nossos navios per o rio Gambea. E não trazendo as áreas destes dous notaveis rios Çanagá, e Gambea tanto ouro, como as do nosso Téjo, e Mondego, está tão trocada a opinião dos homens, que menos estimam o que tem ácerca de si, que o que esperam per tantos perigos, e trabalhos, como passam em o ir buscar a estes dous rios barbaros. E por que destas, e d'outras cousas, de que copiosamente tratamos em a nossa Geografia, El-Rey D. João, de que fallamos, era já informado ante da vinda de Bemoij, e elle o confirmou mais nellas, pareceo-lhe cousa mui proveitosa a seu estado, e a bem de seus naturaes fazer fortaleza neste rio Çanagá, como porta, per que com ajuda destes povos

Jalofos , que elle esperava em Deos , ^{que} per meio deste Principe D. João Bemioj se converteriam á Fé , (como se converteo o Reyno de Congo ,) podia entrar ao interior daquella grão terra té chegar ao Preste , de quem elle tanto fundamento fazia pera as cousas da India. Tambem como per o Castello de Arguim , resgate de Cantor , Serra Lioa , e fortaleza da Mina , grande parte da terra de Guiné era sangrada do ouro , que em si continha : com esta fortaleza do rio Çanagá ficava sangrada do outro ouro , que corria as duas feiras que dissemos , por ambas estarem situadas ao longo das aguas d'elle , com que não iria ter ás mãos dos Mouros , os quaes o vinham buscar per tantos desertos em cafila de camelos , que muitas vezes ficavam enterrados em os areas da Libya , per que caminhavam. Assi que com estes fundamentos , e outros de muita prudencia , mandou ElRey fazer a Armada de vinte caravelas que dissemos , a capitania da qual deo a Pero Vaz da Cunha , d'alcunha Bisagudo , em que foi muita , e luzida gente , assi d'armas , como officiaes pera a obra da fortaleza , e pera a conversão dos barbaros alguns Religiosos , o maioral dos quaes era Mestre Alvaro Frade da Ordem de S. Domingos , e seu Confessor , pessoa mui notavel em vida , e letras. Mas pa-

rece que ainda aquelles povos não tinham merecido a Deos o merito do Baptifino; porque entrando Pero Vaz em o rio Çanagá com aquelle grão poder, que espantou a todos barbaros da terra, estando já na obra da fortaleza, (a qual segundo dizem foi elegida em máo lugar por razão das cheias do rio,) dentro em o seu navio matou Bemoijs ás punhaladas, dizendo que lhe ordenava traição. Alguns affirmam que Pero Vaz neste caso foi enganado, e que mais condemnou á morte D. João Bemoijs começar alguma gente adoecer, por ser lugar doentio, que elle Pero Vaz mais temeo que a traição, como quem havia de ficar na fortaleza, depois que fosse feita. Com morte do qual Principe Pero Vaz se tornou a este Reyno, do qual caso ElRey ficou mui descontente, e per aquella vez cessáram os seus fundamentos da fortaleza, que mandava fazer naquelle rio Çanagá, de que hoje (segundo alguns dos nossos dizem) ainda se mostra parte das suas paredes.

CAPITULO IX.

Como ElRey mandou o Embaixador, e moços, que vieram de Congo em tres navios, de que era Capitão Gonçalo de Sousa Fidalgo de sua casa; em companhia do qual hiam Religiosos, e Sacerdotes pera a conversão da gente daquella parte, da obra que fizeram té a tornada dos navios.

NEste tempo passava de dous annos, que era feito Christão o Embaixador delRey de Congo, e os moços que com elle vieram; e porque já entendiam bem a lingua, de que elles principalmente haviam de servir na conversão delRey, e de todo o Reyno de Congo, e tambem em as cousas da Fé estavam doctrinados, segundo a capacidade de seu entendimento, mandou ElRey que pera esta passagem delles, e dos Religiosos, que haviam de ministrar as cousas desta conversão, se fizessem prestes tres navios já no fim do anno de quatrocentos e noventa. A capitania mór da qual viagem deo a Gonçalo de Sousa Fidalgo da sua Casa, e dos outros dous navios eram Capitães Fernão do Avellar, e Afonso de Moura tambem Cavalleiro da sua Casa. Os quaes, porque ao tempo que partíram de Lisboa, faleciam nella de peste, que havia annos que

que andava, não se puderam tanto refguardar, que não fossem iscados della, de maneira, que no Cabo Verde faleceo Gonçalo de Sousa, e D. João de Sousa Embaixador, e o Escrivão da Armada, e outras pessoas, que fez grande confusão em todos; temendo que poucos, e poucos fossem morrendo todos por esse mar, e tambem pola differença que entre elles houve, qual dos Capitães succederia naquella cargo. E como os Pilotos eram Pero de Alenquer, e Pero Escovar, pessoas mui estimadas por razão de seu cargo, e cada hum favorecia seu Capitão, e com elles se hia toda a gente do mar, veio o caso a se poer em juizo diante de Fernão de Goes Capitão da Ilha Santiago polo Duque D. Diogo. Finalmente per favor delle, e por tirar escandalo entre os outros, vieram a fazer Capitão mór a Ruy de Sousa sobrinho de Gonçalo de Sousa defunto, posto que fosse naquella Armada sem cargo algum, sómente em companhia de seu tio. Com a qual eleição todas as differenças se acabáram; e tornando a sua derrota caminho de Congo, a primeira terra que tomáram delle, foi de hum senhorio, a que chamavam Sono, de que era Senhor hum tio delRey. O qual como soube da chegada dos nossos, e do que traziam, movido do espirito de Deos, acompanhado

Tom. I.

P

com

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

com grande numero de vassallos, estrondo de bozinas, atabaques, e outros tangeres a seu modo por festa, veio receber Ruy de Soufa, mostrando o contentamento de sua vinda, e do que trazia a ElRey seu Sobrinho. E per meio de hum dos moços doctrinados, pediu logo que lhe mandasse dar o Baptifimo; porque como era homem velho, e que na tardança de irem a ElRey tornarem a elle, podia correr risco de morte, não queria perder aquella mercê de Deos, que tinha em casa. Ruy de Soufa vendo a instancia do seu requerimento, deo logo ordem com que os Religiosos em meio de hum campo mandáram fazer huma grande casa de rama, que os mesmos criados de Mani Sono cortáram, onde se armáram tres Altares com ricos ornamentos, que levavam pera este sancto acto, sendo a elle presente todos os filhos que Mani Sono tinha, e os principaes da terra. Aos quaes ante que o baptizassem elle Mani Sono fez hum arreoamento, não de homem barba-ro, mas daquelle, a quem o espirito de Deos movia os beijos, representando o error em que té li estiveram, e a mercê, e piedade, que Deos com elle obrava em lhe mandar a sua casa doctrina de salvação; e que se elle tomava a salva della a ElRey seu sobrinho, era por ser tão velho, com que

que ficava desculpado ante elle; e que tambem em sua companhia havia de receber Baptismo aquelle filho, que tinha pela mão, por ter tão pouca idade, que per si o não podia pedir. Ouvindo isto seu filho maior, que tambem na vontade estava disposto para receber o Baptismo, começou de se queixar com seu pai, dizendo, que não lhe negasse aquella mercê de o acompanhar naquella honra que recebia de Deos, pois da herança que tinha na terra o deixava por seu herdeiro, e não quizesse antepoer a elle aquelle menino em outros maiores bens. Finalmente passadas muitas razões entre o filho, e o pai, elle o satisfez, dizendo, que assi convinha por então, pola obediencia que deviam a ElRey seu Sobrinho, a cuja instancia, e requerimento ElRey de Portugal mandava aquellas cousas que viam. Acabando suas razões, que em seu modo eram de homem alumiado, se entregou em mãos dos Sacerdotes que o baptizáram, e houve nome Manuel, por lhe dizerem que assi se chamava o maior Senhor do Reyno, que era Irmão da Rainha, e Primo com irmão delRey, e o filho houve nome Antonio. Os quaes depois pola nobreza do seu sangue tiveram o Dom, que responde em significando a este vocabulo, que anda entre elles, Mani, que quer dizer Senhor; e junto a

Sono , nome daquella Comarca de terra, quando dizem Mani Sono , se entende o Senhor de Sono , porque todas as nações tem seus termos de nobreza , e honra , causa dos maiores trabalhos da vida. O qual Baptismo foi o primeiro , que naquellas partes da idolatria se fez , dia de Pascoa a tres do mez de Abril do anno de quatrocentos noventa e hum , sendo a elle presentes passante de vinte e cinco mil homens vassallos deste Principe de Sono D. Manuel , que com elle estavam offerecidos a receber o Baptismo , se o elle não impedira por as causas que deo a seu filho. E como a nova deste Baptismo chegou a ElRey de Congo , que estava dalli sincoenta leguas , foi tão grande o contentamento que teve desta obra , que pera exemplo de todos , logo com as graças que mandou a seu Tio , tambem segundo seu uso lhe mandou huma doação de mais trinta leguas de costa , e dez pelo sertão em accrescentamento de seu estado. Com o qual sinal de contentamento , que ElRey mostrou polo que elle fez , se atreueo ao que lhe aconselhavam os Religiosos , que era queimar quantos idolos havia em sua terra , com acto solemne. E os dias que os nobres alli estiveram , em quanto não vinha recado delRey pera partirem , ouvia D. Manuel Missa , e Officio , que os Sacerdotes di-

diziam naquella Igreja de rama, mostrando elle em o modo de sua adoração finaes da obra, que nelle tinha feito o Sacramento do Baptismo. Porque como homem que desejava sua salvação, sempre perguntava das cousas de Deos; e como lhe poderia ser accepto naquelles derradeiros dias de sua vida em que estava, pois o principal de sua idade gastára em serviço do demonio. E trazia tanto o tento na doutrina que lhe davam, e na veneração das cousas de Deos, que acertando huns seus criados fazer á porta da Igreja hum arroido, os mandava matar, por o pouco acatamento que lhe tiveram, se os Religiosos o não impediram, por não dar causa a que a gente se escandalizasse, por estes culpados serem dos principaes da terra. Vindo o recado delRey pera irem a elle, leixou Ruy de Soufa a gente necessaria pera guarda dos navios, e com a outra se partio pera a Cidade, onde elle estava, indo em sua companhia hum Capitão do Principe D. Manuel com duzentos homens de sua guarda, e outros, que serviam de levar á cabeça toda a fardagem dos nossos, entre os quaes havia competencia a quem levaria as cousas que serviam no Altar, a que elles chamavam Sanctas. Sendo Ruy de Soufa em meio caminho da Cidade de Ambasse Congo, onde estava El-

Rey,

Rey , veio ter com elle hum Capitão seu acompanhado de muita gente , e mais adiante outro ; e no dia de sua entrada , duas leguas da Cidade , vieram outros tres já em mais ordenança. Cá estes vinham em tres batalhas armados a seu modo , com grande estrondo de atabaques , bozinas , e outros barbaros instrumentos , assi ordenados em feiras , e em modo de cantar , que pareciam virem na ordem das procissões da invocação , e peças dos Sanctos , cantando tres , ou quatro hum verso , e o corpo de toda a outra gente lhes respondia , assi entoadamente , que se delectavam os nossos em os ouvir. E de quando em quando davam hum ma grita , que parecia romperem os ares : as palavras do qual canto eram louvores delRey de Portugal por as cousas que mandava ao seu Rey. Tornando estes Capitães na ordem que vinham , e em meio de si aos nossos , foram levados ante ElRey , que os estava esperando em hum grande terreiro dos seus Paços , tão cuberto de povo , que com grande trabalho a gente dos Capitães podia fazer lugar pera que os nossos chegassem a ElRey. O qual em hum cadafalso de madeira tão alto , que podia ser visto de todas as partes , estava assentado em huma cadeira de marfim com algumas peças de páo lavradas ao seu modo muito bem :

bem: os vestidos do qual da cinta pera si-
 ma eram os couros da sua carne mui pre-
 tos, e luzidios, e per baixo se cubria com
 hum panno de damasco, que lhe dera Dio-
 go Cam; e no braço esquerdo hum brace-
 lete de latão, e neste hombro hum rabo de
 cavallo guarnecido, coufa tida entre elles
 por insignia real; e na cabeça hum barrete
 alto como mitra, feita de panno de palma
 muito fino, e delgado, com labores altos,
 e baixos, a maneira que ácerca de nós he
 a teccedura de cetim avelutado. Ruy de Sou-
 sa chegado a elle fez-se a cortezia ao mo-
 do deste nosso Reyno, e ElRey tambem a
 sua, segundo o seu, pondo a mão direita
 no chão, como que tomava pó d'elle, e cor-
 reo esta mão pelos peitos de Ruy de Sou-
 sa, e depois pelos seus, que era a maior
 cortezia que entre elles se podia fazer. Aca-
 bado este acto da chegada de Ruy de Sou-
 sa, com algumas palavras que disse a ElRey,
 como elle estava deseioso de ver as coufas
 sanctas, que lhe traziam pera o acto do seu
 Baptismo, quiz logo que diante daquelle
 povo lhe fossem mostradas, pera que todos
 tomassem fabor, e gosto na vista dellas, e
 o seguissem em seu proposito. A qual de-
 monstração se fez per mãos dos Religiosos,
 tirando peça a peça com grande reverencia,
 e acatamento. E porque quando vieram a

mostrar huma Cruz, todos os nossos fizeram aquella adoração de latria, que se lhe deve por seu significado, que he Christo Jesus, estava ElRey com tão bom tento em quantas continencias via fazer aos nossos, e os seus no que elle fazia, que quasi juntamente Christãos, e Pagãos ao levantar della se puzeram em gíolhos. Finalmente acabando de apresentar todas estas peças, sobre as quaes elle fez muitas perguntas, e assi sobre as que lhe ElRey mandava pera sua pessoa, recolheu-se da vista daquella multidão de povo pera os seus Paços, que eram de madeira lavrada no cabo daquelle grão terreiro, onde outra vez com sua mulher, filhos, e alguns Fidalgos mais acceptos, quiz muito de vagar ver estas peças. E já quando lhas mostráram esta segunda vez, assi lhe ficou na memoria o que os Religiosos diziam de cada huma, que elle mesmo declarou á Rainha muitas cousas da significação dellas, e ambos recebêram as que vinham pera suas pessoas. Na entrega das quaes, e declaração das outras da Igreja, porque elle perguntava mui particularmente, se passou todo o dia, e bom pedaço da noite, em que espedio os nossos, os quaes foram levados per hum seu Capitão ao lugar onde os tinham apouentados. Ruy de Souza com os Sacerdotes, e Religiosos, de

de que o maioral delles era Fr. João da Ordem de S. Domingos, (passados os primeiros dias de sua chegada,) ordenáram que se fizesse huma Igreja de pedra, e cal, segundo lhe per ElRey D. João era mandado, pera a qual obra traziam seus officiaes. E ainda que no sitio da Cidade não havia pedra, deo ElRey cuidado a hum seu Capitão, que com toda sua gente, donde quer que achasse, trouxesse a necessaria; e a outro deo da madeira, repartindo o trabalho per todos pera se fazer com mais brevidade. De maneira, que chegando os nossos á Cidade Ambasse Congo a vinte e nove dias de Abril, a tres de Maio foi posta a primeira pedra, e acabou-se o primeiro de Junho, cujo Orago he de Sancta Cruz, em memoria da festa da Invenção da Cruz, que a Igreja solemniza neste dia, em que esta se começou a fundar, a qual depois foi Sé Cathedral com Bispo da mesma gente. E porque quasi em chegando os nossos veio nova a ElRey, que os póvos Mundequetes, que habitam certas Ilhas, que estam em hum grande lago, donde sahe o rio Zaire, que corre per este Reyno de Congo, eram rebelados, e faziam muito damno em as terras a elles comarcans, a que cumpria acudir ElRey em pessoa, foi causa que se baptizasse ElRey, não com aquella solemnida-

dade que elle tinha ordenado depois que a Igreja fosse feita. O qual Sacramento pera sua salvação recebeu no proprio dia, que se poz a primeira pedra della; e por El Rey D. João ser auctor desta obra, quiz elle que lhe fosse posto o seu nome Joanne, sendo com elle baptizados seis principaes Fidalgos dos que haviam de ir áquella guerra, e juntas mais de cem mil almas que eram viuidos, assi por causa della, como da chegada dos nossos. Pera a qual guerra levou humma bandeira com humma Cruz, que lhe Ruy de Sousa entregou, em virtude do qual final lhe prometteo que havia de vencer seus inimigos, a qual bandeira lhe mandava El Rey, que era da Sancta Cruzada, que lhe concedera o Papa Innocencio Oçtavo pera a guerra dos infieis. A Rainha vendo que El Rey se partia, e que Fr. João o principal dos Religiosos era falecido, e outros estavam doentes por logo os apalpar a terra, começou de se queixar a El Rey, pedindo-lhe que houvesse por bem ante de sua partida ella ser baptizada; porque esperar que viesse o Principe, que estava na frontaria dos inimigos, como elle leixava ordenado, dizendo que a este tempo sería já a Igreja acabada, era este termo mui cumprido, e temia falecerem os Ministros deste Sacramento, segundo já começavam. El Rey ven-

vendo quanta razão ella tinha deste requerimento, houve por bem que fosse baptizada, e puzeram-lhe nome Lionor, como a Rainha de Portugal, mulher delRey Dom João, com que ambos marido, e mulher, ficando Christãos, ficáram com o mesmo nome que tinham estes dous Christianissimos Principes conjuntos per matrimonio, e sangue, como netos que eram delRey Dom Duarte, e autores desta Christandade. Partido ElRey pera aquella guerra, que o apressava, em a qual segundo diziam alguns dos nossos que lá foram, seríam juntos passante de oitenta mil homens, mais levemente houve victoria com a fé, e final que levava, do que foi o apercebimento de sua ida. E tornando á Cidade, espedio-se Ruy de Sousa pera este Reyno, leixando-lhe pera a conservação dos póvos Fr. Antonio, que era a segunda pessoa depois de Fr. João, e outros quatro Frades, e assi alguns homens leigos pera os acompanharem, e outros pera entrarem o sertão da terra com alguns naturaes, como ElRey D. João mandava pera descubrir o interior daquelle grão Reyno, e passarem além do grão lago que difscimos.

CAPITULO X.

Como entre ElRey D. João de Congo, e seu filho o Principe D. Afonso houve algumas differenças, que se acabáram per falecimento do dito Rey: e ficou por herdeiro pacífico do Reyno este Principe Dom Afonso, o qual té fim de seus dias fez obras de Christianissimo Principe.

PArtido Ruy de Sousa pera este Reyno, e o Principe filho delRey D. João de Congo vindo da frontaria dos imigos onde estava, sendo já a Igreja acabada, foi elle baptizado com muitos Fidalgos, affidos que andavam com elle, como outros que a este acto eram vindos; e por amor do Principe D. Afonso, filho delRey Dom João de Portugal, houve elle o mesmo nome. Mas como o demonio com estas obras de se baptizar cada dia muita gente, elle perdia grande jurisdicção, traballhou por lhe ficar em penhor alguma pessoa Real, per a qual pudesse cobrar o perdido, e foi hum filho delRey chamado Panso Aquitimo, o qual não queria receber agua de Baptismo, affastando-se da conversação de seu pai, e recolhendo pera si alguns daquelles, que eram conformes a seu proposito. Accrescentou mais o demonio a esta dureza do filho hum

hum novo estímulo a ElRey, polo quere-
 rem obrigar os Religiosos que se apartasse
 das muitas mulheres que tinha, e ficasse com
 huma só, como mandava a Igreja, as quaes
 porque com este precepto dos Religiosos
 perdiam o estado de mulheres de Rey, ti-
 nham seus meios com outras mulheres dos
 privados delRey, que tambem polo que
 lhes tocava trabalhavam com seus maridos
 que aconselhassem a ElRey que tal não con-
 sentisse. ElRey como era homem velho,
 entregue a conselho dos seus, e muito mais
 inclinado á vida passada, começou de se es-
 friar daquelle primeiro fervor que mostrou,
 tornando a seus ritos, e costumes. O Prin-
 cipe D. Afonso, em quem as cousas da Fé
 estavam mais firmes, como não era conten-
 te desta mudança, e a todo seu poder de-
 fendia o que confessava, começaram aquel-
 les a quem elle reprehendia de indignar El-
 Rey contra elle, té que o lançaram de sua
 graça, e mettêram nella o filho pagão Pan-
 so Aquitimo, com fundamento que ficando
 este por Rey, viviriam em seus costumes
 passados. E como toda a gente desta Ethio-
 pia he mui dada a feitiços, e nelles está to-
 da sua crença, e fé, disseram a ElRey os
 ministros do demonio que teciam estas
 obras, que foubesse certo que seu filho Dom
 Afonso do Cabo do Reyno onde estava,

que eram oitenta leguas, todalas noites per artes, que lhe os Christãos ensináram vinha avoando, e entrava com suas mulheres, aquellas que lhe a elle tolhiam, com as quaes tinha ajuntamento, e logo á mesma noite se tornava. E que além desta injúria que lhe fazia, sabia tanto que seccava os rios, e tolhia as novidades não serem boas, tudo a fim d'elle não haver tanto tributo do Reyno como soia, pera não ter que dar áquelles, que o serviam fielmente, e elle se levantar com o Reyno. ElRey com estas, e outras fabulas indignado contra o filho, tirou-lhe as rendas que lhe dava pera se manter; e como disso fosse reprehendido per alguns Fidalgos amigos do Principe, dizendo serem aquellas cousas engano, por quanto seu filho de dia, e de noite era visto nas terras onde estava; por se mais certificar na verdade ácerca do filho, ordenou ElRey hum feitiço que se ufava antre elles. Atado o qual feitiço em hum panno, o mandou per hum moço a huma das suas mulheres, em que elle tinha suspeita, chamada Cufua Coanfulo, dizendo da parte do Principe D. Afonso, que elle lhe mandava aquelle feitiço pera se livrar da morte que lhe ElRey ordenava, e assi a todalas outras suas mulheres. Mas ella como estava innocente da causa, porque lhe era aquelle presente

mandado, disse ao moço que puzesse o panno no chão, e foi-se a ElRey, notificando-lhe a offerta de seu filho, e outras palavras, com que ElRey vio sua innocencia, e assentou que quanto lhe diziam do filho era maldade. E dahi a poucos dias, não dando conta do caso a alguém, mandou vir o Principe, e o restituiu em suas rendas com mais accrescentamento de terras: e sobre isso lhe fez huma fala pública, sendo presente os movedores desta suspeita, que elle tivera pera maior sua confusão, os quaes logo mandou matar. Però não tardou muito, que o demonio buscou outro novo caminho; porque tornando-se o Principe a suas terras, como hia alumiado per Deos, e favorecido do pai, mandou lançar pregação, que qualquer pessoa a que fosse achado idolo em casa, que morresse por isso. O qual feito logo foi notificado a ElRey per os contrarios do Principe, aggravando tanto este caso, que lhe fizeram crer que andava o povo tão alvoroçado, que se a isso não acudisse; levantar-se-hia contra sua Real Pessoa. Chamado o Principe sobre este negocio á Corte, assentou elle ante perder a vida, que nesta parte obedecer a seu pai, e não leixou de profeguir na obra que era em louvor de Deos. E porque em sua companhia andava hum D. Gonçalo dos que

foram baptizados com elle , homem prudente , e Christão per fé , e zelo da honra de Deos , trabalhava ElRey por o haver á mão. Mas elle com sua prudencia , e o Principe com suas palavras , e Deos que os governava , assi ordenáram , e dilatáram sua ida , fingindo ora huma cousa , ora outra , tudo applicando ao serviço delRey , e occupações do governo da terra , e arrecadação de suas rendas que lhe mandavam , té que Deos quiz tirar esta perseguição ao Principe , dando tal enfermidade a seu pai de que falleceo. A qual morte tambem descansou os nossos , muitos dos quaes pola vida que ElRey tinha , e pouco fructo que com elle faziam , andavam lançados com o Principe , e per meio dos Religiosos tinha o Principe convertido , e baptizado grande parte do seu senhorio , a que chamam Ifundi , que era a causa de maior indignação a ElRey , e áquelles , que eram tornados a seu primeiro viver. Da qual indignação o Principe era sabedor , e por isso em quanto per alguns Fidalgos , que lhe davam conta como estava em termo de morte , e que seu irmão Panso se vinha chegando pera a Cidade com proposito de se apoderar della com a gente que trazia , nunca confiou nestes recados , parecendo-lhe ser esta doença

fingida pera o acolherem. Porém como foi certificado da morte delRey, em tres dias chegou á Cidade, porque já se vinha cercando a ella, depois que começáram enviar nova desta sua doença. E ante que entrasse nella, foi avisado pela Rainha sua mãe, que esta entrada fosse de noite secretamente sem estrondo de gente, e que quanta viesse em sua companhia, fosse pouca a pouca com cestos na cabeça, em que trouxessem suas armas, dizendo que era mantimento que vinha pera ella. Feita a entrada d'elle per este modo, ao outro dia sahio o Principe ao grande terreiro dos paços, onde mandou ajuntar os Principaes da terra, que eram na Cidade, e lhes fez hum arrazoamento. No fim do qual, elles, segundo seu costume, primeiro que se dalli mudassem, o levantáram por Rey com grande festa de tangeres, e gritas, de maneira, que este rumor foi ouvido nos alojamentos fóra da Cidade, onde estava seu irmão esperando mais gente pera per força d'armas se fazer Rey. E quando foi certificado da causa daquelle estrondo, e a pouca gente que seu irmão consigo tinha, sem mais aguardar pela gente que esperava, commetteo a entrada da Cidade. Eram a este tempo com ElRey D. Afonso trinta e sete Christãos sómente, e como homem industrioso naquella

Tom. I.

Q

N I M P L E N S A
N A C I O N A L

le mister da guerra, e mais governado per Deos, mandou aos seus que não bulissem comsigo, mas que esperassem a entrada do irmão naquelle grande curral, porque elle esperava em a piedade de Deos, em que elle cria, que lhe daria victoria de seus inimigos. A qual esperança lhe não faleceo, porque vinda a batalha do irmão, que foi a primeira que entrou no curral, da qual cho-viam fréchas, foi cousa milagrosa, que com aquelles poucos que acompanhavam EIRey, chamando todos polo Apostolo Sant-Iago, e elle o nome de Jesus por ajuda, nunca leixou de o invocar té que esta batalha do irmão lhe virou as costas, a qual foi dar na segunda, e huma desbaratou a outra. E por Deos dar inteira victoria a este Catho-lico Rey, nesta fugida que o irmão levava por hum mato, foi cahir em hum cepo, que estava armado pera alguma fera, onde foi tomado per aquelles que o seguiam, e com elle hum seu principal Capitão. O qual Capitão desconfiado de sua vida, ante de chegar a EIRey, lhe mandou pedir que polo Deos em que elle cria, lhe aprouvesse que fosse baptizado ante de sua morte, cá não queria perder alma, pois já tinha perdido o corpo, porque elle cria ser aquelle o verdadeiro Deos, que os homens devem adorar; por quanto ao tempo de sua peleja el-

le víra muita gente a cavallo armada, que seguia hum final tal, como aquelle que adoravam os Christãos, causa de todo seu estrago, por esta ser a gente que pelejava. El Rey sabendo a penitencia deste, e como pedia o Baptismo, não sómente lho mandou dar, mas ainda lhe perdoou; e por memoria deste feito, elle, e todos de sua linhagem ficáram obrigados de varrer, e alimpar a Igreja, e trazer agua pera se baptizarem todos Pagãos. O qual penitencia-do foi entregue áquelle honrado, e catholico barão D. Gonçalo, que muito ajudou a este Rey nas cousas da Fé; e porque ao tempo que se baptizou este Capitão, tomou o nome d'elle D. Gonçalo, elle o fez Capitão d'alguma parte das suas terras em o recolhimento de suas rendas. Panso Aquitino irmão delRey assi das feridas do cepo em que cahio, como de nojo do seu caso, faleceo em sua indignação. ElRey, assentadas suas cousas, ficou pacífico em seu Reyno, posto que teve muito trabalho com alguns Principaes d'elle, que per muitas partes se rebelavam por razão da idolatria; mas Deos lhe deo sempre victorias delles. Ao qual Nosso Senhor deo tanta vida naquelle estado Real, que regnou sincoenta e tantos annos, e faleceo em idade de oitenta e cinco; e em todo o tempo, depois que recebeo

a Fé, té o ultimo dia de sua vida, mostrou não sómente virtudes de Christianissimo Principe, mas ainda exercitou officio d'Apostolo, prégando, e convertendo per si grande parte do seu povo, zelando per si a honra de Deos, que neste exercicio empregou o mais de sua vida. E pera melhor exercitar este officio de prégador, apprehendeo a ler a nossa linguagem, e estudava per a vida de Christo, e seus Evangelhos, vidas dos Sanctos, e outras doutrinas Catholicas, que elle com alguma enffinança dos nossos Sacerdotes podia apprehender, declarando tudo áquelle seu barbaro povo. Mandou tambem a este Reyno de Portugal filhos, netos, sobrinhos, e alguns moços nobres apprehender letras, não sómente as nossas, mas as Latinas, e Sagradas, de maneira, que de sua linhagem houve já naquelle seu Reyno dous Bispos, que exercitando seu officio, servíram a Deos, e deram contentamento aos Reys deste Reyno de Portugal, a cujas despezas todas estas obras eram feitas. E por memoria desta miraculosa victoria, que Nosso Senhor concedeo a este Rey D. Afonso, em o qual os seus inimigos víram o final da Cruz, e a cavalleria celeste dos Anjos em companhia do Apostolo Sant-Iago; e assi porque em dia da Invenção da Cruz seu Padre recebeu agua de

de Baptifmo ; e tambem porque mediante este final , que lhe ElRey D. João mandou , (como atrás fica ,) elle houve grandes victorias dos povos Mundequetes , tomou por armas huma Cruz branca de prata florída em campo vermelho , e o chefe do escudo azul , e em cada canto do chefe duas vieiras d'ouro , por memoria do Apostolo Santiago , e o pé de prata , com mais hum escudo dos sinco de Portugal , que he azul , com sinco visantes de prata em aspa , & cetera.

C A P I T U L O X I.

Como a este Reyno veio ter hum Christovão Colom , o qual vinha de descubrir as Ilhas Occidentaes , a que agora chamamos Antilhas , por ser lá ido per mandado del-Rey D. Fernando de Castella : e do que El-Rey D. João sobre isso fez , e depois per o tempo em diante succedeo sobre este caso.

PROcedendo per esta maneira as cousas deste descubrimento , estando ElRey o anno de quatrocentos noventa e tres a seis de Março em Val do Paraiso junto do Mosteiro de Nossa Senhora das Virtudes , Termo de Santarem , por razão da peste , que andava per aquella Comarca , foi-lhe dito que ao porto de Lisboa era chegado hum Christovão Colom , o qual dizia , que vi-

nha da Ilha Cypango, e trazia muito ouro, e riquezas da terra. ElRey, porque conhecia este Colom, e sabia que per ElRey D. Fernando de Castella fora enviado a este descubrimto, mandou-lhe rogar que quizesse vir a elle pera saber o que achára naquella viagem; o que elle fez de boa vontade, não tanto por aprazer a ElRey, quanto por o magoar com sua vista. Porque primeiro que fosse a Castella, andou com elle mesino Rey D. João, que o armasse pera este negocio, o que elle não quiz fazer por as razões que abaixo diremos. Chegado Colom ante ElRey, però que o recebeo com gazalhado, ficou mui triste, quando vio a gente da terra, que com elle vinha, não ser negra, de cabello revoltado, e do vulto como a de Guiné, mas conforme em aspecto, cor, e cabello, como lhe diziam ser a da India, sobre que elle tanto trabalhava. E porque Colom fallava maiores grândezas; e cousas da terra do que nella havia, e isto com huma soltura de palavras, accusando, e reprehendendo a ElRey em não acceptar sua offerta, indignou tanto esta maneira de fallar a alguns Fidalgos, que ajuntando este avorrecimento de sua soltura, com a mágoa que viam ter a ElRey de perder aquella empreza, offerreceram-se delles que o queriam matar, e

com isto se evitaria ir este homem a Castella. Cá verdadeiramente lhe parecia que a vinda d'elle havia de prejudicar a este Reyno, e causar algum desalçoço a Sua Alteza, por razão da conquista que lhe era concedida pelos Summos Pontifices, da qual conquista parecia que este Colom trazia aquella gente. As quaes offertas ElRey não acceptou, ante as reprehendo como Principe Catholico, posto que deste feito de si mesmo tivesse escandalo: e em lugar disso fez mercê a Colom, e mandou dar de vestir de grã aos homens, que trazia daquelle novo descobrimento, e com isto o espedio. E porque a vinda, e descobrimento deste Christovão Colom, (como então alguns prognosticáram,) causou logo entre estes dous Reys, e depois a seus successores algumas paixões, e conterdas, com que de hum Reyno a outro houve embaixadas, assentos, e pactos, tudo sobre o negocio da India, que he a materia desta nossa escriptura; não parecerá estranho della tractar do princípio deste descobrimento, e do que d'elle ao diante succedeo. Segundo todos affirmam, Christovão Colom era Genoez de nação, homem esperto, eloquente, e bom Latino, e mui glorioso em seus negocios. E como naquelle tempo humas das potencias de Italia, que mais navegava por razão de suas mercado-

rias, e commercios, era a nação Genoez: este, seguindo o uso de sua patria, e mais sua propria inclinação, andou navegando per o mar de levante tanto tempo, té que veio a estas partes de Hespanha, e deo-se á navegação do mar Oceano, seguindo a ordem de vida que ante tinha. E vendo elle que ElRey D. João ordinariamente mandava descubrir a costa de Africa com intenção de per ella ir ter á India, como era homem Latino, e curioso em as cousas da Geografia, e lia per Marco Paulo, que fallava moderadamente das cousas Orientaes do Reyno Cathayo, e assi da grande Ilha Cypango, veio a fanteziar que per este mar Oceano Occidental se podia navegar tanto, té que fossem dar nesta Ilha Cypango, e em outras terras incognitas. Porque como em o tempo do Infante D. Henrique se descobríram as Ilhas terceiras, e tanta parte de terra de Africa nunca sabida, nem cuidada dos Hespanhoes, assi poderia mais ao Ponente haver outras Ilhas, e terras, porque a natureza não havia de ser tão desordenada na composição do orbe universal, que quizesse dar-lhe mais parte do elemento da agua, que da terra descuberta, pera vida, e criação dos animaes. Com as quaes imaginações, que lhe deo a continuação de navegar, e prática dos homens desta

ta profissão, que havia neste Reyno mui es-
 pertos com os descobrimentos passados, veio
 requerer a ElRey D. João que lhe dêsse al-
 guns navios pera ir descobrir a Ilha Cy-
 pango per este mar Occidental; não con-
 fiado tanto em o que tinha sabido, (ou por
 melhor dizer sonhado,) d'algumas Ilhas Oc-
 cidentaes, como querem dizer alguns Es-
 critores de Castella, quanto na experiencia
 que tinha em estes negocios serem mui acre-
 ditados os Estrangeiros. Assi como Anto-
 nio de Nolle seu natural, o qual tinha des-
 cuberto a Ilha de Sant-Iago, de que seus
 successores tinham parte da capitania; e hum
 João Baptista Francez de nação, tinha a
 Ilha de Mayo, e Jos Dutra Framengo ou-
 tra do Fayal. E per esta maneira, ainda que
 mais não achasse que alguma Ilha herma,
 segundo logo eram mandadas povoar, ella
 bastava pera satisfazer a despeza que com el-
 le fizessem. Esta he mais certa causa de sua
 empreza, que algumas ficções, (que como
 dissemos,) dizem Escriitores de Castella, e
 assi Jeronymo Cardano Medico Milanez,
 barão certo, docto, e ingenioso, mas em
 este negocio mal informado. Porque escre-
 ve em o livro, que compoz de Sapiencia,
 que a causa de Colom tomar esta empre-
 za, foi d'aquelle dito de Aristoteles, que
 no mar Oceano, além de Africa, havia ter-

terra, pera a qual navegavam os Cartaginen-
 ses; e por Decreto público foi defezo, que
 ninguem navegasse pera ella, porque com
 abastança, e mollicias della se não apartaf-
 sem das cousas do exercicio de guerra. El-
 Rey, porque via ser este Christovão Colom
 homem fallador, e glorioso em mostrar suas
 habilidades, e mais fantastico, e de imagi-
 nações com sua Ilha Cypango, que certo
 no que dizia, dava-lhe pouco credito. Com
 tudo á força de suas importunações, man-
 dou que estivesse com D. Diogo Ortiz Bis-
 po de Cepta, e com Mestre Rodrigo, e
 Mestre Jofepe, a quem elle commettia estas
 cousas da Cosmografia, e seus descobrimen-
 tos; e todos houveram por vaidade as pa-
 lavras de Christovão Colom, por tudo ser
 fundado em imaginações, e cousas da Ilha
 Cypango de Marco Paulo, e não em o que
 Jeronymo Cardano diz. E com este desen-
 gano espedido elle delRey, se foi pera Cas-
 tella, onde tambem andou ladrando este re-
 querimento em a Corte delRey D. Fernan-
 do, sem o querer ouvir, té que per meio
 do Arcebispo de Toledo D. Pero Gonçal-
 ves de Mendoza, ElRey o ouviu. Finalmen-
 te, recebida sua offerta, ElRey lhe mandou
 armar tres caravelas em Palos de Moguar,
 donde partio a tres dias de Agosto do an-
 no de mil quatrocentos noventa e dous: e
 def-

deste dia a dous mezes e meio, que foram a onze de Outubro, víram a Ilha, a que os da terra chamam Guanahani, que he huma daquellas, a que ora os Castelhanos chamam as Ilhas Brancas dos Lucayos, e elle lhe poz nome as Princezas por serem as primeiras que se víram. E a esta Guanahani chamou S. Salvador, e dalli se passou á Ilha Cuba, e della á que os da terra chamam Hayte; e os Castelhanos Hespanhola. E porque elle perguntava aos moradores por Cypango, que era a Ilha do seu proposito, e elles entendiam por Cibão, que he hum lugar das minas da Ilha Hayte, o leváram a ella, onde foi mui bem recebido do Rey da terra, a que elles chamam Cacique. E porque acháram nelle, e na gente muita facilidade, leixou alli trinta e oito homens em hum acolhimento de madeira em modo de fortaleza; e trazendo consigo dez, ou doze naturaes daquella terra, fez-se na volta de Hespanha, e chegou a Lisboa a seis de Março do anno seguinte, como dissemos. El Rey D. João com a nova do sitio, e lugar, que lhe Colom disse da terra deste seu descobrimento, ficou mui confuso: e creio verdadeiramente que esta terra descuberta lhe pertencia, e assi lho davam a entender as pessoas de seu conselho. Principalmente áquelles, que eram officiaes

deste mister da Geografia, por a pouca distancia que havia das Ilhas terceiras, a estas, que descobrira Colom, sobre o qual negocio teve muitos conselhos, em que apresentou de mandar logo a D. Francisco d'Almeida, filho do Conde de Abrantes D. Lopo, com huma Armada a esta parte. Da qual Armada sendo ElRey D. Fernando certificado per seus mensajeiros, e cartas, se mandou queixar a ElRey, requerendo-lhe que a não enviasse té se determinar se era da sua conquista, e que pera prática do caso podia mandar seus Embaixadores. ElRey como sua tenção nesta Armada que fazia era por lhe parecer que no descoberto tinha justiça, por comprazer a ElRey Dom Fernando, mandou cessar della té primeiro se determinar. E pera isso mandou a Castella logo no Junho seguinte deste mesmo anno ao Doctor Pero Dias, e Ruy de Pina Cavalleiro de sua casa, estando ElRey Dom Fernando em Barcelona, ao tempo que per ElRey Carlos de França se fez a segunda concordia, e entrega de Perpinhão, e Condado de Ruylhão. Com que ElRey Dom Fernando ficou tão prospero em seus negocios, que estas pessoas, que ElRey tinha mandado a elle, se vieram sem conclusão, sómente que elle lha enviaria per seus Embaixadores, os quaes estando ElRey em

Lis-

Lisboa vieram : a hum chamavam Pero Dayala , e a outro D. Garcia de Carvajal , irmão do Cardeal Sancta Cruz. E como a tenção delRey D. Fernando era dilatar este caso té lhe virem outros navios , que tinha enviado a estas Ilhas , que descobríra Colom , pera que segundo a qualidade da couza assi fazer a estima della ; começaram os Embaixadores tratar em outras materias com tanta variedade , por se deter , que entendendo ElRey D. João o caso , disse que aquella embaixada delRey seu Primo não tinha pés , nem cabeça. Alludindo isto a Pero Dayala , que era manco de hum pé , e a D. Garcia por ser homem hum pouco enlevado , e vão , e sem outra conclusão se tornáram pera Castella. Pera o qual caso se acabar de concluir , enviou ElRey a Castella Ruy de Sousa , e seu filho D. João de Sousa , e Aires d'Almada Corregedor da sua Corte , e a Estevão Vaz , que depois foi Feitor da Casa da India , por Secretario da Embaixada ; e vistas as razões , e justiça d'ambos os Reys , foi assentado , e determinado este descobrimento não pertencer a este Reyno , mas ser proprio de Castella. E por evitar escandalos , e debates , que ao diante podiam recrefcer do que cada hum descobrisse , ou seus successores , demarcáram , e partíram todo o universo em

duas partes iguaes per dous meridianos, hum opposito ao outro, dentro dos quaes ficasse a demarcação de cada hum. O primeiro meridiano se lançou vinte e hum grãos ao Ponente das Ilhas do Cabo Verde, em que se embebessem trezentas sessenta e tantas leguas pera Aloeste; e deste meridiano té o outro a elle opposito pera a parte do Ponente ao respecto daquelles que vivemos em Hespanha, ficasse a terra, Ilhas, e mares, que se entre ambos contém da Coroa de Castella. E a outra parte, que está ao Oriente della, tambem ao respecto da nossa habitação, em que se incluye toda a India com o grande numero das Ilhas Orientaes, ficasse á Coroa de Portugal com todas as clausulas, e condições, que se nos contractos contém. Os quaes foram jurados pelos ditos Reys, e os houveram por firmes, e válidos per si, e per seus successores; e promettêram serem pera sempre guardados sem algum outro novo entendimento. Com o qual concerto este negocio ficou na vontade destes dous Principes por acabado, sem de hum Reyno ao outro esta materia ser mais praticada té o anno de mil quinhentos vinte e cinco, que entre El-Rey D. João o Terceiro Nosso Senhor, e o Emperador Carlos Quinto Rey de Castella houve algumas differenças, por razão de

de huma Armada, que per via de Castella levou ás Ilhas de Maluco, que eram deste Reyno, hum Fernão de Magalliães natural Portuguez em odio delRey D. Manuel, por se ir aggravado delle a Castella, como veremos em seu lugar.

C A P I T U L O XII.

Do que succedeo por causa da grande Armada, que ElRey mandou em ajuda do Principe D. João Bemoij, assi nas lianças, e amizades, que ElRey teve com alguns Senhores do Sertão d'aquelle Guiné, como no descobrimento que teve delle per alguns homens, que lá mandou té o Nosso Senhor levar desta vida.

Ainda que a morte do Principe D. João Bemoij, (como atrás contámos,) mudou todolos fundamentos, que ElRey fazia com sua ida, e fortaleza que mandava fazer, não leixou de mandar que se continuassem os resgates do rio Çanagá, e Gambia, como ordinariamente antes deste caso em cada hum anno se fazia. E per os navios que de lá vieram soube, que a Armada, que enviou a Çanagá, não foi tão sem fructo como elle cuidava; cá senão servio á restituição de Bemoij, aproveitou a bem dos resgates, e a se melhor descobrir o ser-

tão daquella terra do que ante se podia fazer. Porque os Principes daquellas partes, como eram costumados ver sómente hum, ou dous navios em seus portos, em que havia gente do mar pobre, e mal roupada, tinham pequena opinião do estado delRey, posto que os linguas lhe dissessem o que havia cá no Reyno. Porém quando elles vieram tantos navios, tanta, e tão luzida gente, e tamanho apparatus de guerra, como foi naquella Armada, alli os espantou, que de huns em outros per todo aquelle Guiné correo aquella fama, com que alevantaram mais a estima ácerca da amizade delRey. E como os mais delles andavam em grandes contendas, e guerras entre si, vendo que ElRey sómente pera restituição de Bemoij mandava tão grossa Armada, sem da parte d'elle Bemoij haver mais meritos ante elle, que o bom despacho dos seus navios, quando vinham ao resgate, movidos de seu interesse, com fundamento de poderem achar em ElRey outra tal ajuda, se lhe necessaria fosse, ou com temor de o anojarem, começaram todos cada hum em seu modo a quem o faria melhor no despacho dos navios, e enviar presentes, e recados a ElRey de grandes offeras. Donde procedeo haver tanta entrada naquella terra, que começou ElRey já mais seguramente

te per seus mensageiros mandar recados aos maiores Principes della , e intervir em os negocios , e guerras , que huns com os outros traziam , como amigo conhecido , e estimado delles. Porque neste tempo mandou Pero d'Evora , e Gonçaleanes a ElRey de Tucuról , e assi a ElRey de Tungubutu , e per outras vezes mandou a Mandi Mansa per via do rio Cantor , o qual Principe era dos mais poderosos daquellas partes da Provincia Mandinga. Ao qual negocio foi hum Rodrigo Rabello escudeiro de sua casa , e Pero Reinel moço d'esporas , e João Colaço bêsteiro da camara , com outros homens de serviço , que faziam numero de oito pessoas. E levaram-lhe de presente cavallos , azemalas , e mulas com seus arceios , e algumas sortes de cousas estimadas entrelles , por já lá ter mandado outra vez. E de todos estes escapou Pero Reinel por ser homem costumado andar naquellas partes , e os mais falecêram de doença , vindo este Rey fazer guerra a outro Rey dos Fullos chamado Temalá. E assi ficou desta , e doutras idas , que ElRey lá mandou , tanta amizade entre os nossos , e este Rey Mandi Mansa , que enviando eu por razão do meu cargo de Feitor destas casas de Guiné , e Indias , o anno de mil quinhentos trinta e quatro a hum Pero Fernandes a este Reyno

Tom. I.

R

de

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

de Mandi Mansa, em nome delRey Dom João o Terceiro Nosso Senhor, que ora reina, por razão do resgate de Cantor, estimou o Rey muito este recado, que lhe foi dado da parte delRey; dizendo que havia em boa ventura ser-lhe enviado este mensageiro, porque a seu avô, que tinha o seu proprio nome, fora enviado outro mensageiro doutro Rey D. João de Portugal. Tanta memoria sem terem letras havia entre estes barbaros das cousas delRey D. João. E não sómente per estes, e per Pero d'Evo-ra, mas ainda per hum Mem Royz escudeiro de sua casa, e per Pero de Astuniga seu moço d'esporas, que elle levava por companheiro, mandou ElRey algumas vezes recados a ElRey de Tungubutu, e ao mesmo Temalá, que se chamava Rey dos Fullos. O qual Temalá nestes tempos foi naquellas partes hum incendio de guerra, levantando-se da parte do Sul em huma Comarca chamada Futa com tanto numero de gente, que seccavam hum rio, quando a elle chegavam; e assi era esquivo, e barba-ro este açoute d'aquella gente pagã, que assolava quanto se lhe punha diante. E como com esta ferocidade tinha feito grande danno em os amigos, e servidores delRey, principalmente a ElRey de Tungubutu, Mandi Mansa, Uli Mansa, mandou-lhe per al-

algumas vezes seus recados de amizade, e outros de rogo sobre os negocios da guerra, que tinha com estes. Tambem neste mesmo tempo escreveo per hum Abexij chamado Lucas, que foi per via de Jerusaleem a ElRey dos Mósés, nome mui celebrado entre os Negros destas partes de Guiné de que fallamos, o qual Principe naquelle tempo fazia guerra a ElRey Mandi Mansa. E segundo a noticia que ElRey D. João tinha deste Rey dos Mósés, e de seus usos, e costumes, havia presumpção ser algum vassallo, ou vizinho do Preste João, ou a gente dos Nobis; por elle, e os seus terem modo de Christandade, cá os mais delles se nomeavam per os nomes dos Apostolos de Christo, o qual elles confessavam. Tambem per via da fortaleza da Mina mandou a Mahamed, bem Manzugul, e neto de Mussa Rey de Songo, que he huma Cidade das mais populosas daquella grão Provincia, a que nós communmente chamamos Mandinga, a qual Cidade jaz no parallelo do Cabo das palmas, mettida dentro no sertão per distancia de cento e quarenta leguas, segundo a situação das taboas da nossa Geografia. O qual Rey Mouro, respondendo a este recado delRey, quasi como espantado de tal novidade, (segundo vimos em as cartas destas mensajes que te-

mos em nosso poder,) dizia, que nenhum dos quatro mil quatrocentos e quatro Reys de que elle descendia, ouvio recado, nem vio mensajeiro del Rey Christão, nem elle tinha noticia de mais Reys poderosos que destes quatro: del Rey de Alimaem, del Rey de Baldac, del Rey do Cairo, e del Rey de Tucuroi. Neste mesmo tempo que El Rey D. João se visitava, e carteava com estes Principes barbaros, mandou tambem por via do Castello de Arguim á Cidade Huádem, que está ao Oriente delle obra de setenta leguas, assentar huma feitoria com os Mouros por alli concorrer algum resgate de ouro, ao qual negocio foram Rodrigo Reinel por Feitor, Diogo Borges Escrivão, e Gonçalo d'Antes por homem da Feitoria, onde estiveram pouco tempo por a terra ser mui deserta, e sómente virem a ella os mesmos Alarves, que ás vezes vinham ao Castello de Arguim, que são Azenegues, Ludaias, e Brabarijs, dos quaes não se podia haver informação do interior da terra, de que elle desejava ter noticia, porque sua tenção nestas feitorias, que mandava fazer era fertão, tanto era por saber as cousas delle, e poder penetrar as terras do Preste João, e Oriente, como por o resgate do ouro que a ellas concorria. As pessoas de que se El Rey servia neste mister de recados, e des-

cubrimento per dentro do sertão, eram os que nomeámos, e assi Rodrigo Rabello, João Lourenço seus criados, e Vicente Annes, e João Bispo linguas, aos quaes elle agalardoava de seus trabalhos, posto que não conseguissem o fim principal a que os mandava. E não sómente per estes seus naturaes, mas ainda per estrangeiros, assi como Abexijs, e alguns Alarves, que vinham ao Castello de Arguim, commettia este descubrimento do sertão, por lhe não ficar cousa alguma por tentar. Tão occupado, e solícito o trazia este negocio, principalmente depois que vio, e gostou de muitas cousas, de que os antigos Escritores não tiveram noticia, fallando desta parte de Africa, que não lhe repousava o espirito. E bem como hum lião faminto, a quem a caça se esconde com temor d'elle, em meio d'alguma grande, e espinhosa balsa, a qual elle rodea, e commette per muitas partes, e ferido, e espinhado das entradas, e faldas, já cansado se lança com o sentido, e tento posto na prea escondida: assi ElRey commettendo per muitas partes, e vezes esta grão balsa de Guiné, que té hoje se não leixou penetrar, cansado desta continuação, e despeza de sua fazenda, e assi dos grandes cuidados que lhe deram os negocios do Reyno, principalmente no tempo das trai-

ções, se leixou algum tanto repouzar deste fervor que trazia. Não porém que leixassem os navios ordinarios de fazerem suas viagens, té que aprouve a Deos de o levar pera si, e lhe succedco no Reyno o Duque de Béja D. Manuel seu primo, que (como veremos) no segundo anno de seu reinado conseguio na primeira viagem a esperança de setenta e cinco annos, em que seus antecessores tinham trabalhado. Parece que affi o ordena aquella Divina Prudencia, que huns prantem, e outros colhão o fructo da planta. E que isto vejamos algumas vezes, não temos licença pera julgar estes juizos de Deos, sómente podemos crer que ninguém perde o merito de suas boas obras, aqui per fama, e na outra vida per gloria. Por tanto pois lhe a elle aprouve que não per officio, mas per indignação, não por premio, mas de graça, e mais offerecido que convidado, eu tomasse cuidado de esquecer as cousas que passáram neste descobrimento, e conquista do Oriente: não permitirá que eu perca algum premio, se deste trabalho o posso ter, trocando, ou negando os meritos de cada hum. A qual fé, e verdade guardando nós ao que El Rey D. João fez em todo o decurso de sua vida ácerca deste descobrimento, posto que particularmente atrás fica escrito, aqui em

somma queremos notar tres cousas, que lhe este Reyno deve: huma trata de louvor de Deos, outra da gloria, e honra da Coroa Real, e outra do accrescentamento do seu patrimonio. Quanto ao louvor de Deos, que maior pode haver na sua Igreja, que per industria deste Principe, no mais remoto lugar da terra, e na gente mais çafára do nome de Christo, onde podemos crer que não chegou a prègação dos Apostolos, hoje em Sé Cathedral estarem Altares cheios de oblações, e sacrificios, offerecidos a elle mesmo Deos em nome de Christo Jesus nossa redempção, e seu Filho. O qual Christo Jesus crê, adora, e confessa hum Rey barbaro per fangue, e Catholico per fé, com tão grande povo como tem o Reyno de Congo, que havendo sessenta annos que está mettido na Igreja de Deos per Fé, e Baptismo, em todo este tempo sempre foi em accrescentamento do que professa, com termos d'elle Bispos, Sacerdotes, Theologos, e Ministros da publicação Evangelica. A segunda cousa que leixou a este Reyno, que trata da honra, e gloria da sua Coroa, são duas fortalezas: huma em Arguim acabada per sua industria, però que fosse começada em vida de Rey D. Afonso seu Padre; e a outra a de S. Jorge da Mina, no meio da grande região da Ethiopia. Por ra-

zão das quaes fortalezas, fundadas como posse real; e actual do que tinha descoberto, e esperava descobrir per este caminho, accrescentou á Coroa deste Reyno o senhorio de Guiné que ora tem. Na qual posse como prudente barão, e animoso Principe, por não leixar dúvidas a seus successores com os Principes da Christandade, logo se determinou com ElRey D. Fernando de Castella, assinando termos, e demarcações do que cada hum podia conquistar, como atrás fica, e mais copiosamente se contém nos assentos, e pactos, que se fizeram entre elles. Quanto ao accrescentamento do patrimonio Real, eu não sei em este Reyno jugada, portage, dizima, siza, ou algum outro direito Real mais certo; nem que regularmente cada anno assi responda, sem rendeiros allegarem esterilidade; ou perda, do que he o rendimento do commercio de Guiné: e tal, que se o soubermos agricultural, e grangear, com pouca semente nos responderá com maior novidade que os reguengos do Reyno, e liziras do campo de Santarem. E mais he propriedade tão pacífica, mansa, e obediente, que sem termos huma mão em o murrão accezo sobre a escorva da bombardas, e a lança na outra, nos dá ouro, marfim, cera, courama, açúcar, pimenta malagueta; e daria

mais cousas, se tanto quizeffemos della descubrir, como descubrimos além dos povos Jopões, que passão ácerca de nós por Antipodes, e Antichthones. Finalmente dá muito, e bom povo, fiel, catholico, serviçal, e que nos ajuda em nossas necessidades; e tão animoso pera com elle conquistar as outras regiões, que conquistámos, e que isto não dão, que se fosse creado na doutrina militar, de melhor vontade iria fazer gente á terra de Guiné, que á terra dos Soços; e ainda mal, porque os Mouros de Africa, e principalmente o Xerife de Marrocos neste nosso tempo em este uso de guerra se servem mais delles que nós. E não fallando em as policias, ou molicias de Asia, cuja gente he mui viciosa neste uso dellas, de que Salustio já chamou por serem causa da corrupção da modestia, e temperança do povo Romano, culpa em que a maior parte da nação Portuguez ao presente jaz; mas tractando dos fructos da natureza sem humano artificio, que esta terra da Ethiopia dá, bem lhe podemos chamar paraíso de naturaes delicias. Porque não sómente ella dá os necessarios, e proveitosos á vida humana; mas ainda dá almas creadas na innocencia de seus primeiros padres, que com mansidão, e obediencia mettem o pescoço per Fé, e Baptismo, debaixo do jugo Evan-

gelico. Mas parece que por nossos peccados, ou per algum juizo de Deos occulto a nós nas entradas desta grande Ethiopia, que nós navegamos, poz hum Anjo percussiente com hum espada de fogo de mortaes febres, que nos impede não poder penetrar ao interior das fontes deste horto, de que procedem estes rios d'ouro, que per tantas partes da nossa conquista sahem ao mar. Quanto á magestade da conquista da India, e á fama, que temos alcançado de tão illustres victorias, como della houemos, e os titulos que a Coroa deste Reino por isso conseguiu, depois do falecimento deste Rey D. João, nos livros seguintes o escrevemos.

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO IV.

Dos feitos que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém como a India foi descuberta per mandado delRey D. Manuel deste nome o Primeiro de Portugal.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Manuel no segundo anno do seu reinado mandou Vasco da Gama com quatro velas ao descobrimento da India.

FALECIDO ElRey D. João sem legítimo filho, que o succedesse no Reyno, foi alevantado por Rey, (segundo elle leixava em seu testamento,) o Duque de Béja D. Manuel seu Primo com irmão, filho do Infante D. Fernando irmão delRey Dom Afonso, a quem per legítima successão era devida esta real herança. Da qual reccebo posse pelo sceptro della, que lhe foi entregue em Alcacer do sal a vinte e sete dias de Outubro do anno de nossa Redempção de

mil quatrocentos noventa e cinco, sendo em idade de vinte e seis annos, quatro mezes, e vinte cinco dias, (como mais particularmente escrevemos em a outra nossa Parte intitulada Europa, e assi em sua propria Chronica.) E porque com estes Reynos, e Senhorios tambem herdava o proseguimento de tão alta empreza, como seus antecessores tinham tomado, que era o descobrimento do Oriente per este nosso mar Oceano, que tanta industria, tanto trabalho, e despeza, per discurso de setenta e cinco annos tinha custado; quiz logo no primeiro anno de seu Reinado mostrar quanto desejo tinha de accrescentar a Coroa deste Reyno novos titulos sobre o senhorio de Guiné, que por razão deste descobrimento ElRey D. João seu Primõ tomou, como posse da esperança de outros maiores estados, que per esta via estavam por descobrir. Sobre o qual caso, no anno seguinte de noventa e seis, estando em Monte mór o novo, teve alguns geraes conselhos, em que houve muitos, e differentes votos, e os mais foram que a India não se devia descobrir; porque além de trazer consigo muitas obrigações por ser estado mui remoto pera poder conquistar, e conservar, debilitaria tanto as forças do Reyno, que ficaria elle sem as necessarias pera sua conservação. Quanto mais, que

sendo descuberta podia cobrar este Reyno novos competidores, do qual caso já tinham experiencia, no que se moveo entre ElRey D. João, e ElRey D. Fernando de Castella sobre o descubrimento das Antilhas: chegando a tanto, que vieram a repartir o Mundo em duas partes iguaes pera o poder descobrir, e conquistar. E pois desejos de estados não sabidos movia já esta repartição, não tendo mais ante os olhos que esperança delles, e algumas mostras do que se tirava do barbaro Guiné, que sería vindo a este Reyno quanto se dizia daquellas partes Orientaes. Porém a estas razões houve outras em contrario, que por serem conformes ao desejo delRey, lhe foram mais acceptas. E as principaes que o movêram, foram herdar esta obrigação com a herança do Reyno, e o Infante Dom Fernando seu Pai ter trabalhado neste descubrimento, quando per seu mandado se descubríram as Ilhas do Cabo Verde; e mais por a singular affeição que tinha á memoria das cousas do Infante D. Henrique seu Tio, que fora o autor do novo titulo do Senhorio de Guiné, que este Reyno houve, sendo propriedade mui proveitosa sem custo de armas, e outras despezas, que tem muito menores estados do que elle era. Dando por razão final áquelles, que punham os inconvenientes

tes a se a India descobrir : que Deos, em
 cujas mãos elle punha este caso, daria os
 meios que convinham a bem do estado do
 Reyno. Finalmente ElRey assentou de pro-
 seguir neste descobrimento, e depois estan-
 do em Estremoz, declarou a Vasco da Ga-
 ma Fidalgo de sua Casa por Capitão mór
 das vélas, que havia de mandar a elle; assi
 pola confiança que tinha de sua pessoa, co-
 mo por ter aução nesta ida, cá, segundo se
 dizia, Estevão da Gama seu pai já defunto
 estava ordenado pera fazer esta viagem em
 vida delRey D. João. O qual, depois que
 Bartholomeu Dias veio do descobrimento
 do Cabo de Boa Esperança, tinha manda-
 do cortar a madeira pera os navios desta
 viagem, por a qual razão ElRey D. Ma-
 nuel mandou ao mesmo Bartholomeu Dias
 que tivesse cuidado de os mandar acabar,
 segundo elle sabia que convinham, pera sof-
 frer a furia dos mares daquelle grão Cabo
 de Boa Esperança, que na opinião dos ma-
 reantes começava crear outra fabula de pe-
 rigos, como antigamente fora a do Cabo
 Bojador, de que no principio fallámos. E
 assi polo trabalho que Bartholomeu Dias
 levou no apercebimento destes navios, co-
 mo pera ir acompanhando Vasco da Gama
 até o pôr na paragem que lhe era necessaria
 a sua derrota; ElRey lhe deo a capitania
 de

de hum dos navios, que ordinariamente hiam á Cidade de S. Jorge da Mina. E sendo já no anno de quatrocentos noventa e sete, em que a frota pera esta viagem estava de todo prestes, mandou ElRey, estando em Monte mór o novo, chamar Vasco da Gama, e aos outros Capitães, que haviam de ir em sua companhia, os quaes eram Paulo da Gama seu irmão, e Nicoláo Coelho, ambos pessoas de quem ElRey confiava este cargo. E posto que per algumas vezes lhe tivesse dito sua tenção ácerca desta viagem, e disso lhe tinha mandado fazer sua instrucção, pola novidade da empreza que levava, quiz usar com elle da solemnidade que convem a taes casos, fazendo esta falla pública a elle, e aos outros Capitães, per ante algumas pessoas notaveis que crain presentes, e pera isso chamadas. *Depois que aprouve a Nossõ Senhor, que eu recebesse o sceptro desta real herança de Portugal, mediante a sua graça, assi por haver a benção de meus avós, de quem a eu herdei, os quaes com gloriosos feitos, e victorias, que houveram de seus inimigos, a tem accrescentado per ajuda de tão leaes vassallos, e cavalleiros, como foram aquelles, donde vós vindes, como por causa de agalardoar a natural lealdade, e amor, com que todos me servís: a mais*

principal cousa que trago na memoria, depois do cuidado de vos reger, e governar em paz, e justiça, he como poderei accrescentar o patrimonio deste meu Reyno, pera que mais liberalmente possa distribuir per cada hum o galardão de seus serviços. E considerando eu per muitas vezes qual seria a mais proveitosa, e honrada empreza, e digna de maior gloria, que podia tomar pera conseguir esta minha tenção, pois, louvado Deos, destas partes da Europa em as de Africa a poder de ferro temos lançados os Mouros, e lá tomando os principaes lugares dos portos do Reyno de Fés, que he da nossa conquista, achei que nenhuma outra he mais conveniente a este meu Reyno, (como algumas vezes convosco tenho consultado,) que o descubrimento da India, e d'aquellas terras Orientaes. Em as quaes partes, però que sejam mui remotas da Igreja Romana, espero na piedade de Deos que não somente a Fé de Nosso Senhor Jesus Christo seu Filho seja per nossa administração publicada, e recebida, com que ganharemos galardão ante elle, fama, e louvos ácerca dos homens; mas ainda Reynos, e novos estados com muitas riquezas vendicadas per armas das mãos dos barbaros, dos quaes meus avós com ajuda, e serviço dos vossos, e vosso tem conquistado este meu

meu Reyno de Portugal, e accrescentado á Coroa d'elle. Porque se da costa da Ethio-
pia, que quasi de caminho he descuberta, este meu Reyno tem adquirido novos titulos, novos proveitos, e rendas, que se pôde esperar, indo mais adiante com este descobrimento, senão pudermos conseguir aquellas orientaes riquezas tão celebradas dos antigos Escritores, parte das quaes per commercio tem feito tamanhas potencias, como são Vneza, Génova, Florença, e outras mui grandes communidades de Italia. Assim que consideradas todas estas cousas, de que temos experiencia; e tambem como era ingratição a Deos engeitar o que nos tão favoravelmente offerece, e injúria áquelles Principes de louvada memoria, de quem eu berdei este descobrimento, e offensa a vós outros que nisso fostes, descuidar-me eu d'elle per muito tempo, mandei armar quatro vélas, que como sabeis, em Lisboa estam de todo prestes pera seguir esta viagem de Boa Esperança. E tendo eu na memoria como Vasco da Gama, que está presente em todas as cousas, que lhe de meu serviço foram entregues, e encommendadas, deo boa conta de si, eu o tenho escolhido pera esta ida, como leal vassallo, e esforçado cavalleiro, mercedor de tão honrada empreza. A qual espero que lhe Nosso Se-

Tom. I.

S

IMPRENSA NACIONAL

nhor leixará acabar, e nella a elle, e a mim
 faça taes serviços, com que o seu galardão
 fique por memoria nelle, e naquelles, que
 o ajudarem nos trabalhos desta viagem; por-
 que com esta confiança, pela experiencia
 que tenho de todos, eu os escolhi por seus
 adjudadores pera em tudo o que tocar a
 meu serviço lhe obedecerem. E eu Vasco
 da Gama vo-los encommendo, e a elles
 a vós, e juntamente a todos a paz, e con-
 cordia, a qual he tão poderosa, que vence,
 e passa todos perigos, e trabalhos, e os
 maiores da vida faz leves de soffrer, quanto
 mais os deste caminho, que espero em Deos
 serem menores que os passados, e que per
 vós este meu Reyno consiga o fructo del-
 les. Acabando ElRey de propôr estas pala-
 vras, Vasco da Gama, e todas as notaveis
 pessoas lhe beijáram a mão; assi pola mer-
 cê que fazia a elle, como ao Reyno, em
 mandar a este descobrimento continuado per
 tantos annos, que já era feito herança del-
 le. Tornada a casa ao silencio que tinha an-
 te deste acto de gratificação, assentou-se
 Vasco da Gama em giolhos ante ElRey, e
 foi trazida huma bandeira de seda com hu-
 ma Cruz no meio das da Ordem da Caval-
 leria de Christo, de que ElRey era Gover-
 nador, e perpétuo Administrador, a qual
 estendendo o Escrivão da Puridade entre os
 bra-

braços em modo de omenagem, disse Vasco da Gama em alta voz estas palavras: *Eu Vasco da Gama, que ora per mandado de vós mui Alto, e mui Poderoso Rey meu Senhor vou descubrir os mares, e terras do Oriente da India, juro em o sinal desta Cruz, em que ponho as mãos, que por serviço de Deos, e vosso, eu a ponha estendida, e não dobrada, ante a vista de Mouros, Gentios, e de todo genero de povo aonde eu for: e que per todos perigos de agua, fogo, e ferro sempre à guarda, e defenda até morte. E assi juro, que na execução, e obra deste descubrimento, que vós meu Rey, e Senhor me mandais fazer, com toda fé, lealdade, vigia, e diligencia eu vos sirva, guardando, e cumprindo vossos regimentos, que pera isso me forem dados, até tornar onde ora estou ante a presença de vossa Real Alteza, mediante a graça de Deos, em cujo serviço me enviais.* Feita esta menagem, foi-lhe entregue a mesma bandeira, e hum regimento, em que se continha o que havia de fazer na viagem, e algumas cartas pera os Principes, e Reys, a que propriamente era enviado; assi como ao Preste João das Indias, tão nomeado neste Reyno, e a El Rey de Calecut, com as mais informações, e avisos, que El Rey

D. João tinha havido daquellas partes, se-

gundo já dissemos: recebidas as quaes cou-
 ras, ElRey o espedio, e elle se veio a Lis-
 boa com os outros Capitães.

C A P I T U L O II.

*Como Vasco da Gama partio de Lisboa:
 e do que passou té chegar ao Padrão,
 que Bartholomeu Dias poz além
 do Cabo de Boa Esperança.*

CHegado Vasco da Gama com os ou-
 tros Capitães a Lisboa na entrada de
 Julho do anno de mil quatrocentos noven-
 ta e sete: tanto que os navios foram noven-
 tes, recolheo sua gente pera se partir, sem
 guardar a eleição dos mezes, de que ora
 usamos pera ir tomar os ventos geraes, que
 cursam naquellas partes; porque naquelle
 tempo tão escura era a noticia da terra que
 hia buscar, como os ventos que serviam
 pera boa navegação. Mas parece que como
 a manifestação deste novo Mundo, tantas
 centenas de annos encuberto, Deos a poz
 neste termo, quando ElRey D. Manuel hou-
 vesse a herança deste Reyno; assi permittio
 que sem a ordem dos mezes naturaes desta
 navegação fosse a partida de Vasco da Ga-
 ma; porque entendamos que as cousas, que
 procedem do seu querer, elle que as orde-
 na pera algum fim que nós não alcançamos,
 dá

dá os meios pera se virem effectuar no tempo pera que as elle guarda. E como Vasco da Gama pera poder partir não esperava mais que navios prestes, e hum pouco de Norte, que naquelles mezes do verão he geral nesta costa de Hespanha; póstos os navios em rastello, lugar de ancoragem antiga, hum dia ante da sua partida foi ter vigilia com os outros Capitães á Casa de Nossa Senhora da invocação de Bethalem, situada neste lugar de rastello, a qual naquele tempo era huma Ermida, que o Infante D. Henrique mandou fundar, onde estavam alguns Freires do Convento de Thomar pera administrarem os Sacramentos aos marreantes. Ao seguinte dia, que era sabbado oito de Julho, por ser dedicado a Nossa Senhora, e a Casa de muita romagem; affi por esta devoção, como por se irem espedir dos que hiam na Armada, concorreo grande numero de gente a ella. E quando foi ao embarcar de Vasco da Gama, os Freires da casa com alguns Sacerdotes, que da Cidade lá eram idos dizer Missa, ordenáram huma devota procissão, com que o leváram ante si nesta ordem: elle, e os seus com cirios nas mãos, e toda a gente da Cidade ficava detrás respondendo a huma Laudainha, que os Sacerdotes diante hiam cantando, té os pôrem junto dos bateis, em

que se haviam de recolher. Onde feito silencio, e todos de giollios, o Vigairo da Casa fez em voz alta huma confissão geral, e no fim della os absolueo na fórma das Bullas, que o Infante D. Henrique tinha havido pera aquelles, que neste descobrimento, e conquista falecessem, (como atrás dissemos.) No qual acto foi tanta a lagrima de todos, que neste dia tomou aquella praia posse das muitas, que nella se derramam na partida das Armadas, que cada anno vam a estas partes, que Vasco da Gama lia descobrir: donde com razão lhe podemos chamar praia de lagrimas pera os que vam, e terra de prazer aos que vem. E quando veio ao desfraldar das vélas, que os mareantes segundo seu uso deram aquelle alegre principio de caminho, dizendo boa viagem, todos os que estavam promptos na visita delles com huma piedosa humanidade dobráram estas lagrimas, e começaram de os encommendar a Deos, e lançar juizos, segundo o que cada hum sentia daquella partida. Os navegantes, dado que com o fervor da obra, e alvorço daquella empreza embarcáram contentes, tambem passando o termo do desferir das vélas, vendo ficar em terra seus parentes, e amigos, e lembrando-lhes que sua viagem estava posta em esperança, e não em tempo certo,

nem lugar sabido, assi os acompanháram em
 lagrimas, como em o pensamento das cou-
 sas, que em tão novos casos se representam
 na memoria dos homens. Assi que huns
 olhando pera a terra, e outros pera o mar,
 e juntamente todos occupados em lagrimas,
 e pensamento daquella incerta viagem, tan-
 to estiveram promptos nisso, té que os na-
 vios se alongáram do porto. Seria a com-
 panha desta bem fortunada viagem, entre
 mareantes, e homens d'armas, até cento e
 setenta pessoas; e os tres navios pouco mais,
 ou menos de cento até cento e vinte toneis
 cada hum. Do primeiro chamado S. Ga-
 briel, em que hia Vasco da Gama, era Pi-
 loto Pero d'Alanquer, que fora no descu-
 brimento do Cabo de Boa Esperança; e Es-
 crivão Diogo Dias irmão de Bartholomeu
 Dias. Do segundo per nome S. Rafael,
 Capitão Paulo da Gama, era Piloto João
 de Coimbra, e Escrivão João de Sá. Do
 terceiro, a que chamavam Berrio, Capitão
 Nicoláo Coelho, era Piloto Pero Escolar,
 e Escrivão Alvaro de Braga. E da náó era
 Capitão hum Gonçalo Nunes criado d'elle
 Vasco da Gama, a qual hia sómente ama-
 rinhada, pera depois que os mantimentos
 dos navios se fossem gastando, tomarem os
 que ella levava sobreselentes, e a gente se
 passar a elles. Partidas estas quatro vélas, e

Bartholomeu Dias em sua companhia em o navio pera a Mina, como estava assentado, com bom tempo que tiveram em treze dias foram ter á Ilha de Sant-Iago, que he a principal das do Cabo Verde, onde tomáram algum refresco. Depois da partida da qual Ilha, Bartholomeu Dias os acompanhou té se pôr no caminho da derrota pera a Mina, Vasco da Gama na sua. E a primeira terra que tomou, antes de chegar ao Cabo de Boa Esperança, foi a baia, a que ora chamam de Sancta Helena, havendo cinco mezes que era partido de Lisboa, onde fahio em terra por fazer aguada, e assi tomar a altura do Sol; porque como do uso do astrolabio pera aquelle mister da navegação havia pouco tempo que os mareantes deste Reyno se aproveitavam, e os navios eram pequenos, não confiava muito de a tomar dentro nelles por causa do seu arfar. Principalmente com hum astrolabio de páo de tres palmos de diametro, o qual armavam em tres páos á maneira de cabrea por melhor segurar a linha Solar, e mais verificada, e distinctamente poderem saber a verdadeira altura daquelle lugar; posto que levassem outros de latão mais pequenos, tão rusticamente começou esta arte, que tanto fructo tem dado ao navegar. E por que em este Reyno de Portugal se achou

o primeiro uso d'elle em a navegação, (pê-
 ró que em a nossa Geografia largamente
 tratamos desta materia em os primeiros Li-
 vros della,) não será estranho deste lugar
 dizermos quando, e per quem foi achado,
 pois não he de menos louvor este seu tra-
 balho, que o d'outros novos inventores,
 que acháram cousas proveitosas pera uso
 dos homens. No tempo que o Infante Dom
 Henrique começou o descobrimento de Gui-
 né, toda a navegação dos mareantes era ao
 longo da costa, levando-a sempre por ru-
 mo, da qual tinham suas noticias per sinaes
 de que faziam roteiros, como ainda ao pre-
 sente usam em alguma maneira, e pera
 aquelle modo de descobrir isto bastava. Pe-
 ró depois que elles quizeram navegar o def-
 cuberto, perdendo a vista da costa, e en-
 golfando-se no pégo do mar, conhecêram
 quantos enganos recebiam na estimativa, e
 juizo das sangraduras, que segundo seu mo-
 do em vinte e quatro horas davam de ca-
 minho ao navio, assi por razão das corren-
 tes, como d'outros segredos, que o mar
 he mui certo mostrador. Però como a ne-
 cessidade he mestra de todas as artes, em
 tempo delRey D. João o Segundo foi per
 elle encommendado este negocio a Mestre
 Rodrigo, e a Mestre Josepe Judeo, ambos

seus Medicos, e a hum Martim de Boemia natural daquellas partes, o qual se gloreava ser discipulo de Joanne de Monte Regio, affamado Astronomo entre os Professores desta sciencia, os quaes acháram esta maneira de navegar per altura do Sol, de que fizeram suas taboadas pera declinação delle, como se ora usa entre os navegantes, já mais apuradamente do que começou, em que serviam estes grandes astrolabios de páo. Pois estando Vasco da Gama com os Pilotos prompto no tomar altura do Sol per este modo, deram-lhe aviso que detrás de hum tezo víram andardous Negros baixos á maneira de quem apanhava algumas hervas; e como isto era o principal que elle desejava, achar quem lhe dêsse alguma razão da terra, com muito prazer mansamente mandou rodear os Negros per huma encuberta pera serem tomados; os quaes como andavam curvos, e promptos em apanhar mel aos pés das montas com hum tição de fogo na mão, nunca sentíram a gente que os rodeava, senão quando remettêram a elles, dos quaes tomáram hum. Vasco da Gama, porque não tinha lingua que o entendesse, e elle de affombrado daquella novidade não acudia aos acenos, que a natureza fez communs a todolos homens, mandou vir dous gruntes,

tes, hum dos quaes era Negro, que se afentáram junto d'elle a comer, e beber, apartando-se delles por o defassombrar. O qual modo aproveitou muito, porque os grumetes o provocáram a comer; com que quando Vasco da Gama tornou a elle já estava defassombrado, e per acenos mostrou humas ferras, que seriam dalli duas leguas, dando a entender que ao pé dellas estava a povoação da sua gente. Vasco da Gama, porque não podia enviar melhor descobridor pera appellidar os outros, com alguns brincos de cascaveis, e contas de crystallino, e hum barrete, mandou que o soitassem, accenando-lhe que fosse, e tornasse com seus companheiros pera lhe darem outro tanto. O que elle fez logo, trazendo aquella tarde dez, ou doze, que vinham buscar o que elle levou, que tambem lhe foi dado; e de quantas mostras de ouro, prata, especiaria lhe apresentáram de dentro, já com estes vieram mais de quatro dias, tão familiares, que pedio hum homem d'armas chamado Fernão Veloso a Vasco da Gama, que o leixasse ir com elles ver a povoação, que tinham, pera trazer alguma mais noticia da terra do que elles davam, o que lhe Vasco da Gama concedeo quasi a rogo de Paulo da Gama seu irmão.

CAPITULO III.

Como Vasco da Gama foi ferido em huma revolta, que os Negros da baia de Santa Helena fizeram: e seguindo sua viagem, descubrio alguns rios notaveis té chegar a Moçambique.

PArtido Fernão Veloso com os Negros, e Vasco da Gama recolhido ao seu navio, ficou Nicoláo Coelho em terra a dar guarda á gente, em quanto apanhava lenha, e outros mariscavam lagostas por haver alli muitas. Paulo da Gama, por não estar ocioso, vendo que entre os navios andavam muitos balcatos trás o cardume do peixe miudo, ajuntou dous bateis pera andar com físga, e arpões a elles, o qual passatempo lhe houvera de custar a vida. Porque foram os marinheiros do batel, em que elle andava, amarrar duas arpoeiras das físgas, com que tiravam, nas tostes do batel, que estavam atochadas; e acertando de ferir hum baleato, assi barafustou com a furia da dor, que houvera de trebucar o batel, se a arpoeira não fora comprida, e o mar de pouco fundo, que causou dar o baleato em secco, sem mais poder nadar, o qual lhe servio de refresco. E sendo já sobre a tarde, querendo-se todos recolher aos na-

navios, víram vir Fernão Veloso per hum tezo abaixo mui apressado. Vasco da Gama como tinha os olhos em sua tornada, quando o vio com aquella pressa, mandou bradar ao batel de Nicoláo Coelho, que vinha da terra, que tornassem a elle ao recolher. Os marinheiros do batel, porque Fernão Veloso nunca leixava de fallar em valentias, quando o víram sobre a praia descer com passos a meio chouto, á cinte detiveram-se em o recolher. A qual detença deo suspeita aos Negros, que estavam em cilada esperando a sahida delles em terra, que o mesmo Fernão Veloso fizera algum sinal que não sahisses. E em querendo entrar ao batel, remettêram dous Negros a elle polo entreter, da qual ousadia sahiram com os fucinhos lavados em sangue, a que acudíram os outros; e foi tanta a pedrada, e fréchada sobre o batel, que quando Vasco da Gama chegou polos apaziguar, foi fréchado per humia perna; e Gonçalo Alvares Mestre do navio S. Gabriel, e dous marinheiros leváram cada hum sua. Vendo Vasco da Gama que com elles não havia meio de paz, mandou remar per os navios; e porém á espedida alguns bésteiros dos nossos empregáram nelles seu almazem por não ficarem sem castigo; e dahi a dous dias com tempo feito mandou

Vasco da Gama dar á véla , sem levar alguma informação da terra , como desejava. Porque Fernão Veloso não vio cousa que contar , senão o perigo que elle dizia passar entre aquelles Negros ; os quaes tanto que se apartáram da praia , o fizeram tornar , quasi como que o queriam ter nella por anagaça pera quando o fossem recolher commetterem alguma maldade , da maneira que mostráram. Seguindo Vasco da Gama seu caminho na volta do mar , por se desabrigar da terra , quando veio ao terceiro dia , que eram vinte de Novembro , passou aquelle grão Cabo de Boa Esperança com menos tormenta , e perigo do que os marinheiros esperavam , pela opinião que entre elles andava , donde lhe chamavam o Cabo das tormentas ; e dia de Sancta Catharina chegáram onde se ora chama aguada de S. Braz , que he além delle sessenta leguas. E posto que alli acháram Negros de cabello revoltado , como os passados , estes sem receio chegáram aos bateis a receber qualquer cousa que lhe lançavam na praia , e per acenos começáram logo de se entender com os nossos ; de maneira , que houve entre elles commutação de darem carneiros a troco de cousas que lhe os nossos traziam , nunca pudéram haver delles humia só

fô cabeça, parece que o estimavam; porque alguns bois mochos, que os nossos víram andavam gordos, e limpos, e vinham as mulheres sobre elles com humas albardas da tabua. E em tres dias que Vasco da Gama se deteve aqui, tiveram os nossos muito prazer com elles, por ser gente prazenteira dada a tanger, e bailar, entre os quaes havia alguns, que tangiam com huma maneira de frautas pastoris, que em seu modo pareciam bem. Do qual lugar Vasco da Gama se mudou pera outro porto perto daquelle, porque entre os Negros, e os nossos começou haver alguma perfia sobre resgate de gado, indo elles sempre á vista dos navios ao longo da praia té ancorarem. E porque quando chegaran hia já grande numero delles, mais em modo de guerra que de paz, mandou-lhes tirar com alguns berços, sómente por os assombrar, sem lhe fazer damno, e foi tomar outro pouso dahi duas leguas, onde recolheo todos os mantimentos que levava em a náo, e ella ficou queimada. Partido deste lugar dia de Nossa Senhora da Conceição, quando veio ao quarto, que era vespera de Sancta Luzia, saltou com elle tão grande temporal, que per outros tantos dias o fez correr arvore secca. E como esta era a primeira tormenta, em que os mareantes se tinham visto em

mares, e climas não sabidos, andavam tão fóra de si, que não havia mais acordo entre elles que clamar por Deos, curando mais na penitencia de seus peccados, que na mareagem das vélas, porque tudo era sombra da morte. Mas aprouve a piedade de Deos, que nestes casos consola com bonança, que os tirou de tanta tribulação, e os levou aonde ora chamam os Ilheos chãos, cinco leguas avante do da Cruz, onde Bartholomeu Dias poz o seu derradeiro Padrão, passando per elle, polo tempo lhe não dar lugar, té irem tomar os outros Ilheos. Na qual paragem por causa das grandes correntes andáram ora ganhando, ora perdendo caminho, té que dia de Natal passáram pela costa do Natal, a que elles deram este nome; e dia dos Reys entráram no rio delles, e alguns lhe chamam do cobre por o resgate delle em mánilhas, e assi marfim, e mantimentos, que os Negros da terra com elle resgatáram, tendo com os nossos tanta communicação, por Vasco da Gama os satisfez com dadas, que foi hum Martin Afonso marinheiro á aldeia delles per licença do Capitão; o qual veio mais contente do gazalhado que lhe fizeram, do que Fernão Veloso veio dos outros; porque não sómente o senhor da aldeia o recebeo com grande festa, mas ainda quando

do tornou ao navio polo honrar mandou com elle mais de duzentos homens. Depois este mesmo Senhor com outros mui acompanhados vieram ver os navios, e em seu tratamento mostravam habitar em terra fria, por virem alguns vestidos de pelles, e que tinham communicação com gente de boa razão; e por causa da muita familiaridade, que os nossos tiveram com elles em cinco dias, que Vasco da Gama se deteve neste lugar, lhe poz nome Aguada da boa paz. E daqui por diante começou de se affastar algum tanto da terra, com que de noite passou o Cabo, a que ora chamamos das correntes; porque começa a costa encurvar-se tanto pera dentro passado elle, que sentindo Vasco da Gama que as aguas o apanhavam pera dentro, temeo ser alguma enseada penetrante, donde não pudesse sahir. O qual temor lhe fez dar tanto resguardo por fugir a terra, que passou sem haver vista da povoação de Çofala, tão celebrada naquellas partes por causa do muito ouro que os Mouros alli hão dos Negros da terra per via do commercio, segundo elle adiante soube; e foi entrar em hum rio mui grande abaixo della sincoenta leguas, vendo entrar per elle huns barcos com vélas de palma. A entrada do qual rio, depois que viram o Genticio que habitava á borda delle,

Tom. I.

T

IMMENSAX
NACIONAL

deu grande animo a toda a gente, pera
 quão quebrado o levava, tendo tanto nave-
 gado sem achar mais que Negros barbaros,
 como os de Guiné, vizinhos de Portugal.
 E a gente deste rio però que tambem fosse
 da côr, e cabello como elles eram, havia
 entre elles homens fulos, que pareciam me-
 tiços de Negros, e Mouros, e alguns en-
 tendiam palavras do Aravigo, que lhe fal-
 lava hum marinheiro per nome Fernão Mar-
 tins, mas a outra lingua propria nenhum
 dos nossos a entendia; donde Vasco da Ga-
 ma suspeitava, que estes Negros assi na
 côr, como nas palavras do Arabio podiam
 ter communicação com os Mouros, da ma-
 neira que os Negros de Jalof tem com os
 Azenégues. E os mais delles traziam derre-
 dor de si huns pannos d'algodão tintos de
 azul, e os outros toucas, e pannos de se-
 da, té carapuças de chamalote de cores. Com
 os quaes sinaes, e outros que elles deram,
 dizendo, que contra o nascimento do Sol
 havia gente branca, que navegavam em
 náos, como aquellas suas, as quaes elles
 viam passar pera baixo, e pera cima em
 quella costa, poz Vasco da Gama nome a
 este rio dos Bons sinaes. Finalmente com
 estas novas, e segurança da gente na com-
 munição que tinham com os nossos per
 modo de commercio de mantimentos da

terra, quiz elle dar pendor aos navios por virem já mui çujos, no qual tempo com ajuda dos da terra poz hum Padrão per nome S. Rafael, dos que levava lavrados para esse descubrimto, da maneira dos outros, que ficáram postos do tempo delRey D. João. E però que neste rio dos Bons sinacs foi o maior final que té li tinham visto, e que lhe deo grande esperança do que hiam descubrir, por este prazer não ir pu- ro sem algum delconto de trabalhos, per espaço de hum mez que alli estiveram no corregimento dos navios, adoeceo muita gente, de que morreo alguma. A maior parte foi de herisipolas, e de lhes crescer tanto a carne das gengivas, que quasi não cabia na boca aos homens, e assi como crescia apodrecia, e cortavam nella como em carne morta; couza mui piedosa de ver, a qual doença vieram depois conhecer que procedia das carnes, pescado salgado, e biscouto corrompido de tanto tempo. Ti- veram mais sobre este trabalho té sahirem deste rio dos Bons sinacs dous grandes pe- rigos: hum foi, que estando Vasco da Ga- ma a bordo do navio de seu irmão Paulo da Gama em huma bateira pequena, sómen- te com dous marinheiros que a remavam, e tendo as mãos pegadas nas cadeias da en- xarcea, em quanto fallava com elle, descia

agua tão teza, que lhe furtou a badeira per baixo, e elle, e os marinheiros não tiveram mais salvação que ficarem dependurados nas cadeias, té que lhes acudiram. O outro perigo aconteceu a este mesmo navio o dia de sua partida, que foi a vinte e quatro de Fevereiro: sahindo pela barra do rio, foi dar em secco em hum banco d'arêa, onde estive em termo de ficar pera sempre; mas vindo a maré sahio do perigo, com que fez seu caminho sempre á vista da costa, té que dahi a cinco dias chegou a huma povoação chamada Moçambique, e foi poufear em huns ilheos apartados della pouco mais de legua ao mar. Surto nestes ilheos, os quaes ora se chamam de S. Jorge por causa de hum Padrão deste nome, que Vasco da Gama nelles poz, víram vir tres, ou quatro barcos, a que os da terra chamam zambucos, com suas vélas de palma, e a remo. A gente dos quaes vinha tangedo, e cantando, a mais della bem tratada, e entre elles homens brancos com toucas na cabeça, e vestido d'algodão a modo dos Mouros de Africa, que foi pera os nossos muito grande prazer. Chegados estes barcos ao navio de Vasco da Gama, levantou-se hum daquelles homens bem vestidos, e começou per Aravigo perguntar que gente era, e o que buscavam? Ao que Vasco da

Gama mandou responder per Fernão Martins lingua, que eram Portuguezes vassallos delRey de Portugal; e quanto ao que buscavam, depois que soubessem cuja aquella povoação era, então responderiam a isso. O Mouro que fallava, (segundo se depois soube,) era natural do Reyno de Féz; e vendo que o trajo dos nossos não era de Turcos, como elles cuidavam, creio que diziam verdade; e como homem sagaz, simulando contentamento de sua vinda, respondeo que aquella povoação se chamava Moçambique, da qual era Xeque hum Senhor chamado Çacoeja: cujo costume era, tanto que alli chegavam navios estrangeiros, mandar saber delles o que queriam; e se fossem mercadores, tratariam na terra; e sendo navegantes, que passavam pera outra parte, provellos do que houvesse nella. Vasco da Gama a estas palavras respondeo; que sua vinda áquelle porto era passagem pera a India fazer alguns negocios, a que ElRey seu Senhor o enviava, principalmente com ElRey de Calecut; e por quanto elle não tinha feito aquelle caminho, lhe pedia, que dissesse ao Xeque, que lhe mandasse dar algum Piloto daquellas partes, que elle o pagaria mui bem. E quanto ao negocio do tratar, elle não trazia mercadorias pera isso, sómente algumas pera a

tro-

troco dellas haver o que houvesse mister, e tudo o mais eram cousas pera dar aos Reys, e Senhores, de que recebesse bom gazalhadão; e porque elle esperava de o achar alli, segundo trazia por noticia, apresentasse ao Xequê alguma fruíta, que lhe queria mandar pera saber o que havia na terra, donde elle vinha. O Mouro como homem esperto respondeo attentamente, dizendo, que todas aquellas cousas elle as diria a seu Senhor; e que se alguma queria mandar, elle lha presentaria da sua parte; e quanto ao Piloto que descançasse, porque alli havia muitos, que sabiam a navegação da India. Vasco da Gama com esta facilidade que o Mouro mostrou, e nova que deo, mandou logo tirar algumas conservas da Ilha da Madeira pera o Xequê, e a elle deo hum capelhar de grã, e outras cousas desta sorte, com que se partio contente.

CAPITULO IV.

Como depois que Vasco da Gama assentou paz com o Xequé de Moçambique, e elle lhe prometter Piloto pera o levar á India, se rompeo a paz: e do que sobre isso succedeo.

PArtido o Mouro mui alegre das peças que levava, mais que por ver os nos-
 sos naquellas partes, começaram elles feste-
 jar a nova que deo, dando louvores a Deos;
 pois já tinha visto gente que lhe fallava na
 India, e sobre isso promettia Piloto pera
 os levar a ella. Vasco da Gama però que
 sem comparação alguma dava estes louvo-
 res a Deos, e mostrava maior prazer, assi
 pelo haver nelle, como por animar a com-
 panha dos trabalhos que tinham passado,
 todavia como quem esguardava as cousas
 com mais attenção, não ficou mui satisfeito
 dos modos, e cautelas, que sentio no Mou-
 ro, fallando com elle, porque entendeo
 não ficar tão contente como mostrou, quan-
 do soube que eram Portuguezes. E sem sa-
 ber que era do Reyno de Féz, escola mili-
 tar delles, do ferro dos quaes podia elle,
 ou cousa sua andar affinado, attribuiu que
 a tristeza que lhe vio sería por saber que
 eram Christãos; e por não desconfolar a

gente em tanto prazer como tinha, não quiz communicar isto que entendeu nelle com pessoa alguma. O Mouro tambem por que na diligencia de sua tornada mostrasse que lhe tinha boa vontade, veio logo, dizendo quão contente o Xequé estava com as novas que lhe deo de quem eram, e quanto estimára seu presente, trazendo em retorno algum refresco da terra. E assi lhe disse da parte do Xequé taes palavras sobre a estancia, que tinha mui longe da povoação pera se communicarem de mais perto, que moveo Vasco da Gama a entrar dentro no porto. E posto que nisso houve resguardo dos Pilotos do lugar, quando foi a entrada, levando diante o navio de Nicoláo Coelho, por ser mais pequeno, e elle a fonda na mão, deo em parte que lhe largou o leme fóra, e com tudo salvo o barco surgiram diante da povoação hum pouco afastados della, a qual estava assentada em hum pedaço de terra torneado d'agua salgada com que fica em Ilha, tudo terra baixa, e alagadiça, donde se causa ser ella mui doentia, cujas casas eram palhaças, fómente huma mesquita, e as do Xequé, que eram de taipa com cirados per cima. Os povoadores da qual eram Mouros vindos de fóra, os quaes fizeram aquella povoação como escala da Cidade Quiloa, que estava dian-

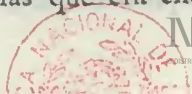
dante, e da Mina Çofala que ficava atrás, porque a terra em si era de pouco trato, e os naturaes, que eram Negros de cabello revolto, como de Guiné, habitavam na terra firme. A qual povoação Moçambique daquelle dia tomou tanta posse de nós, que em nome he hoje a mais nomeada escala de todo o Mundo, e per frequentação a maior que tem os Portuguezes; e tanto, que poucas Cidades ha no Reyno que de cincoenta annos a esta parte enterrassem em si tanto defunto, como ella tem dos nossos. Cá, depois que nesta viagem a India foi descuberta té ora, poucos annos passaram que á ida, ou á vinda que não invernassem alli as nossas náos, e alguns invernou quasi toda huma Armada, onde ficou sepultada a maior parte da gente por causa da terra ser mui doentia; porque como o sitio della he hum cotovello á maneira de cabo, que está em altura de quatorze grãos e meio, do qual convem que as náos, que pera aquellas partes navegam hajam vista pera irem bem navegadas, quando os ventos lhes não servem pera passar adiante á ida, ou vinda, tomam aquelle remedio de invernar alli; e desta necessidade, e d'outras, (como esta costa,) procedeo eleger-se pera toda esta escala de nossas náos hum lugar tão doen-

tio, e barbaro, leixando na mesma costa outros mais célebres, e nobres. Vasco da Gama, depois que tomou o pouso diante desta povoação Moçambique, ao seguinte dia em companhia do Mouro do recado, que o veio visitar, mandou o Escrivão do seu navio com algumas cousas ao Xequé; o qual presente obrou tanto depois que elle recebeu, que começaram logo de vir barcos aos navios a trazer mantimentos da terra, como gente que começava ter fabor no retorno que haviam destas cousas. E per espaço de dez dias, em que se detiveram esperando tempo, assentou Vasco da Gama paz com o Xequé, e em final della metteo na Ilha S. Jorge o Padrão deste nome que dissemos, e ao pé d'elle se poz hum Altar, onde se disse Missa, e tomáram todos o Sacramento, porque aqui fizeram o primeiro termo, e de maior esperança do seu descurbrimento, pera que convinha disporem-se com as consciencias em estado, que suas prezes fossem acceptas a Deos, e mais por ser tempo de Quaresma em que a Igreja obriga a isso. Neste tempo, entre alguns Mouros, que vinham vender aos navios mantimentos, vieram tres Abexijs da terra do Preste João; os quaes posto que seguissem o error dos Mouros, como foram creados naquella maneira de Religião, e Fé de Chri-

Christo, que seus padres tinham, ainda que não conforme a Igreja Romana; em vendo a Imagem do Anjo Gabriel pintada em o navio do seu nome, que era o de Vasco da Gama, como cousa nota a elles por em sua patria haver muitas Igrejas, que tem estas Imagens dos Anjos, e algumas do proprio nome, assentáram-se em gíolhos, e fizeram sua adoração. Quando o Capitão soube delles serem de nação Abexij, cujo Rey nestas partes era celebrado por Preste João das Indias, coufa a elle tão encommendada, começou de os inquerir per Fernão Martins lingua, os quaes posto que entendiam o Arabigo, a muitas palavras não respondiam ao proposito, como que differiam na lingua, e d'outras não davam razão, dizendo sahirem de sua terra de tão pequena idade, que não eram já lembrados. Os Mouros como entendêram que o Capitão folgava de fallar com elles, polo final que lhe via da Christandade, fizeram-se mui apressados pera se tornar a terra, e quasi por força leváram os Abexijs, e assi os escondêram, que por muito que Vasco da Gama trabalhou por tornar a fallar com elles, nunca mais os pode haver. Assi que por estes sinaes, e outras cautelas que usavam com elle, quiz saber se tinha certo os Pilotos que lhe promettêram, e mandou-os pedir

ao Xequé; o qual como tinha assentado o que esperava fazer, levemente lhe mandou dous Mouros, que ácerca da navegação a seu modo praticáram bem, dos quaes o Capitão ficou contente, e assentou com elles, que por premio de seu trabalho havia de dar a cada hum valia de trinta meticaes d'ouro, pezo da terra, que poderão ser até quatorze mil reaes dos nossos, e mais huma marlota de grã. As quaes cousas elles quizeram logo levar na mão, dizendo, que não podiam d'outra maneira partir, por quanto as haviam de deixar a suas mulheres pera sua mantença. Vasco da Gama pe-
 ró que se não fiava delles polos sinaes que já tinha visto, levemente o fez, assentando, que quando hum fosse em terra, ficasse outro em o navio, polo haver mister pera a prática da navegação. Passados dous dias, que Vasco da Gama tinha feito este concerto com elles, acertou mandar a manhã seguinte dous bateis buscar lenha, e agua, que os Negros da terra soião a pôr na praia com premio que lhes davam; no recolher da qual de subito sahiram a elles sete zambucos cheios de gente armada a seu modo, e com huma grande grita começaram de os frechar, de que houveram seu retorno com béstas, espingardas, que os nossos levavam por resguardo. Com **N**o qual rompimento de

de paz ficáram em tal estado , que nunca mais appareceo barco , e tudo se recolheo diante da vista dos nossos pera detrás da Ilha. Vasco da Gama temendo que per algum modo lhe impedissem seu caminho, havido conselho com os Capitães, e Pilotos , hum Domingo onze de Março sahio diante a povoação , e foi tomar o pouso na Ilha de S. Jorge ; e depois que ouviu huma Missa , se fez á véla caminho da India , levando consigo hum dos Pilotos , porque ao tempo do rompimento estava o outro em terra. E parece que os trabalhos , que alli haviam de passar , ainda não se acabavam com sua partida ; porque como ella foi mais por evitar outro maior defastre , que polo tempo ser bom pera navegação , aos quatro dias de sua partida acháram-se quatro , ou cinco leguas áquem do Cabo de Moçambique , polas aguas correrem tão tezas a elle , que lhe abatêram todo aquelle caminho. E vendo Vasco da Gama que lhe convinha esperar vento de mais força pera romper esta das correntes , a qual mudança seria com a Lua nova , (segundo o Mouro Piloto lhe dizia,) foi surgir á Ilha de São Jorge , donde partíra , sem querer ter comunicação com os de Moçambique. Porém porque a agua se lhe hia gastando , e havia já seis , ou sete dias que era chegado , per



conselho do Mouro Piloto, que prometteo levar de noite a gente a lugar onde fizesse aguada, mandou com elle dous bateis armados a isso. E ou que o Mouro queria dar muitas voltas pela terra per onde os levou, porque nellas tivesse algum modo de escapulir da mão de quem o levava, ou que verdadeiramente se embarçou por ser de noite, entre hum grande arvoredor de mangues, nunca pode dar com os poços que elle dizia, com que obrigou a Vasco da Gama mandar de dia a isso dous bateis mui bem armados, que a pezar dos Negros que a vinham defender tomáram agua. E porque nesta ida fugio a nado o Mouro Piloto, e hum Negro Grumete, ao seguinte dia com mão armada foi demandar a povoação, onde os Mouros em hum grande escampado, que estava ante ella, e a praia, lhe deram mostra de até dous mil homens, recolhendo-se logo detrás de hum repairo de madeira entulhado de terra, que fizeram naquelles dias. Vasco da Gama vendo seu máo proposito, mandou fazer final de paz, como que queria estar á falla por saber o que tinha nelles; e acudindo a isso o Mouro dos recados, começou elle de se queixar do que lhe era feito, e da pouca verdade que lhe tratáram; tomando por conclusão, que não queria proceder no mais que

que mereciam as taes obras; que lhe mandasse entregar hum Negro que lhe fugira, e mais os Pilotos, que tinha pagos pera aquella navegação, e com isto ficaria satisfeito. O Mouro sem outra palavra disse, que elle tornaria logo com resposta, a qual foi, que o Xeque estava muito mais escandalizado da sua gente; porque querendo os seus folgar com ella em modo de festa, segundo uso da terra, ao tempo que hiam buscar agua saltáram com elles, matando, e ferindo alguns, e mais mettêram-lhe hum zambuco no fundo com muita fazenda, das quaes cousas lhe havia de fazer emenda. E quanto aos Pilotos elle não sabia parte delles por serem homens estrangeiros, que se lhe alguma cousa deviam, bem podia mandar a terra homens que os fossem buscar, que a elle bastava-lhe tellos já enviados; e isto em tempo, que lhe parecia ser elle Capitão, e os seus gente segura, e que fallava verdade; mas ao presente o que tinha entendido era serem homens vadios, que andavam roubando os portos do mar. No fim das quaes palavras sem mais esperar resposta se recolheo pera o Xeque, donde sahio huma grita, e trás ella começaram de chover settas, chegando-se aos bateis por fazerem melhor emprego, como quem ainda não tinha experimentado a furia da

nos-

nossa artilheria. A qual dos primeiros tiros que lhe Vasco da Gama mandou tirar alli os castigou, que per detrás da Ilha, onde tinham os zambucos, se passáram á terra firme. Na qual passagem rodeando hum dos nossos bateis a Ilha pera-lhe defender o passo, tomou hum zambuco carregado de fardo; e de quanta gente hia nelle, sómente houveram á mão hum Mouro velho, e dous Negros da terra, porque toda a mais se salvou a nado. Desamparado o lugar per esta maneira, posto que Vasco da Gama lho pudera queimar, como sua tenção era afombrallos pera haver os Pilotos, e Grumete que fugio, não quiz por aquella vez fazer mais damno, que ficarem ante os pés do Xequo quatro, ou cinco homens mortos d'artilheria, que foi a causa de todos se pôrem em salvo. Tornado aos navios, fez logo per tormento perguntas ao Mouro, do qual soube a causa daquella fugida, e o tracto da terra ouro de Cofala, espeçaria da India, e que d'alli a Calecut, segundo ouvi-ra dizer, sería caminho de hum mez; e quanto aos poços pera fazerem aguada, e aquelles dous Negros, que eram naturaes da terra, podiam mui bem encaminhar a gente que lá houvesse de ir. Sabidas estas cousas, que foram pera Vasco da Gama de grande contentamento, por serem as mais certas,

tas, que té então tinha sabido, ante que o Xequé mandasse pôr guarda nos poços, mandou logo aquella noite os bateis apercebidos de todo o necessario, levando comsigo elle Mouro pera fallar aos Negros, e elles pera encaminhar a gente ao lugar dos poços, onde chegaram com assás trabalho por ser de noite, e per muitos alagadiços, de maneira, que quando tornáram era já alto dia.

CAPITULO V.

Como o Xequé veio em concerto com Vasco da Gama, e lhe deo hum Piloto, que o levou té a Cidade Mombaca, donde fugio a tempo que os Mouros da mesma Cidade lhe tinham ordenado huma traição, de que escapou, e dahi foi ter a Melinde.

O Xequé temendo que se negasse o que lhe pediam, indignaria os nossos a verem queimar a povoação, e navios, com que além da perda ficava elle entre os Negros da terra firme, que o podiam vir roubar, aconselhado deste temor, logo ao seguinte dia com algumas desculpas mandou pedir a Vasco da Gama paz, e concordia. E quanto aos Pilotos, que este fogo accendêram, hum delles era ausentado, e mettido pelo sertão, temendo o castigo que por isto lhe poderiam dar; e o outro estava já

Tom. I.

V

cas-

castigado pera sempre, por ser morto com artilheria; que as marlotas, e o mais que houveram tudo fora tomado a suas mulheres, e alli o mandava; e em lugar delles outro Piloto, homem que o havia de servir melhor, por ser mais exercitado naquele caminho da India, e alli o Negro fugido. Vasco da Gama vendo que o tempo não era pera muitas réplicas, e mais lhe convinha o Piloto que outra alguma emenda delles, com palavras conformes ao caso acceptou o Piloto, e as marlotas com o mais mandou que se tornassem ao caso pera as dar a quem quizesse, e soltou o Mouro, e Negros da terra vestidos a seu prazer. Acabando estas cousas, ao seguinte dia recolheo-se á Ilha de S. Jorge, onde ainda esteve tres dias esperando tempo primeiro de Abril que partio, levando consigo mais verdadeiramente hum mortal inimigo que Piloto. Porque aquelle que lhe foi dado, ou pelo odio que nos tinha, ou porque assi lho mandava o Xequê, deo com os navios entre humas Ilhas, affirmando-se que era huma ponta de terra firme. Por causa da qual mentira foi mui bem açoutado, donde ficou ás Ilhas nome *do açoutado*, que hoje tem entre os nossos, que serão adiante de Moçambique sessenta leguas. O Mouro como sobre hum odio natural se

lhe accrescentou estoutro do castigo, determinou metter os navios no porto da Cidade de Quiloa, por ser povo grosso, que poderia por força d'armas desbaratar os nossos navios. Pera fazer a qual maldade mais a seu salvo, disse a Vasco da Gama em modo de o querer comprazer, que adiante estava huma Cidade per nome Quiloa, a qual era meia povoada de Christãos Abexijs, e d'outros da India, que se mandasse elle o levaria a ella. Mas aprouve a Deos, que posto que Vasco da Gama lhe disse que o levasse a esta Cidade, não succedeo o negocio como o Mouro desejava, porque com as grandes correntes huma noite escorreo o porto; e com tudo ainda os metteo em outro perigo, que foi dar com o navio S. Rafael em secco em huns baixos, de que sahio com a maré, donde aquelle lugar se chama os baixos de S. Rafael, não tanto por esta vez, quanto porque á vinda se veio alli perder. Tornando a sua viagem aos sete dias de Abril, vespera do Domingo de Ramos, chegaram ao porto de huma Cidade chamada Mombaça, em a qual o Mouro disse, que havia Christãos Abexijs, e da India, por causa de ser mui abastada de todas mercadorias. A situação da qual Cidade estava mettida per hum estreito, que torneava a terra, faz endo dua

bocas , com que ficava em modo de Ilha tão encuberta aos nossos , que não houveram vista della senão quando anparáram com a garganta do porto. Descuberta a Cidade , como os seus edificios eram de pedra , e cal , com janellas , e eirados á maneira de Hespanha , e ella ficava em huma chapa , que dava grão vista ao mar , estava tão formosa , que houveram os nossos que entravam em algum porto deste Reyno. E posto que a vista della enamorasse a todos , não consentio Vasco da Gama ao Piloto que mettesse os navios dentro como elle quizerá , por vir já suspeito contra elles , e surgio de fóra. Os da Cidade tanto que houveram vista dos navios , mandáram logo a elles em hum barco quatro homens , que pareciam dos principaes , segundo vinham bem tratados : chegando a bordo , perguntáram , que gente era , e o que buscavam ? Ao que Vasco da Gama mandou responder , dizendo quem eram , e o caminho que faziam , e a necessidade que tinham de alguns mantimentos. Os Mouros , depois que mostráram em palavras o prazer que tinham , e teria ElRey de Mombaça de sua chegada , e fazerem offeras de todo o necessario pera sua viagem , espedíram-se delles , os quaes não tardáram muito com a resposta , dizendo , que elles foram notificar a El-

a El Rey quem eram, de que receboo muito prazer com sua vinda; e que quanto ás cousas, que haviam mister, de boa vontade lhas mandaria dar, e assi carga de especiaria pola muita que tinha. Porém convinha pera estas cousas lhe serem dadas, entrarem dentro no porto, como era costume das náos, que alli chegavam por Ordenança da Cidade, quando alguma cousa queriam della; e os que o não faziam, eram havidos por gente suspeitosa, e de máo trato, como alguns que havia per aquella costa. Aos quaes muitas vezes os seus com não armada vinham lançar dalli, o que podiam tambem fazer a elles, não entrando pera dentro; que lhes mandava este aviso como a gente estrangeira, que escolhessem ou entrar no porto pera lhes ser dado o que pediam, ou passassem avante. Vasco da Gama por segurar a suspeita que se delle podia ter, acceptou a entrada pera dentro ao seguinte dia; e pediu áquelles, que traziam este recado, que quando fosse tempo lhe mandassem algum Piloto pera o meterem dentro. E posto que se teve muito resguardo que o Piloto de Moçambique não fallasse á parte com elles, senão per ante Fernão Martins lingua, per qualquer modo que foi, elle lhe disse o que tinha passado com os nossos, a qual nova os Mouros dis-

simuláram; e como gente contente do galardado, que lhe Vasco da Gama mandou fazer, e dadas que recebêram, se despediram delle. Ao seguinte dia tornando hum batel a bordo com alguns Mouros honrados em modo de o visitar, mandou com elles dous homens, que levassem hum presente a ElRey, desculpando-se de não poder entrar aquelles dous dias, porque ácerca dos Christãos eram sollemnes, em que não faziam obra alguma por serem da sua Pascoa; mas a tenção sua era mandar per estes homens espiar o estado da Cidade, e povo della, e que navios havia dentro. Os Mouros ou que entendêram o artificio, ou porque sempre usam de cautelas, posto que leváram os homens, mostrando contentamento de o fazer, sempre foram trazidos per mão, e de passada notáram sómente o que se lhes offereceo á vista, que tudo foi a multidão do povo que concorreo polos ver, e a nobreza dos Paços delRey, e a maneira de como os recebeo. Vasco da Gama passados dous dias, por não dar má suspeita de si, quando veio ao terceiro, em que assentou sua entrada, vieram da Cidade muitos barcos com gente vestida de festa, e tangeres, mostrando que pelo honrar vinham naquelle acto de prazer repartindo-se pelos navios. E porque entre Vasco da

Gama, e os outros Capitães estava assentado, que não consentissem entrar em os navios mais que dez, ou doze pessoas, commettendo elles esta entrada, foram á mão aos muitos, dizendo, que pejavam a marreagem, que depois na Cidade tempo lhes ficava pera os verem. No qual tempo feito hum final, mandou Vasco da Gama desferir a véla com grande prazer de todos: dos Mouros, parecendo-lhe levar a preza que desejavam; e dos nossos, cuidando que em achar tão luzida gente, e as novas, que lhe davam da India, tinham acabado o fim de seus trabalhos: estando elles áquella hora em perigo de perderem as vidas, segundo a tenção com que eram levados. Mas Deos, em cujo poder estava a guarda delles neste caminho tanto de seu serviço, não permittio que a vontade dos Mouros fosse posta em obra, porque quasi milagrosamente os livrou, descobrindo suas tenções per este modo. Não querendo o navio de Vasco da Gama fazer cabeça por a véla tomar vento, começou de ir descachindo sobre hum baixo; e vendo elle o perigo, a grandes brados mandou soltar huma ancora. E como isto, segundo costume dos mareantes nos taes tempos, não se póde fazer sem per todo o navio correr de huma parte a outra aos aparelhos, tanto que os Mouros, que

estavam per os outros navios , víram esta revolta , parecendo-lhes que a traição que elles levavam no peito era descuberta , todos huns per cima dos outros lançáram-se aos barcos. Os que estavam em o navio de Vasco da Gama , vendo o que estes faziam , fizeram outro tanto : até o Piloto de Moçambique , que se lançou dos castellos de popa ao mar , tamanho foi o temor em todos. Quando Vasco da Gama , e os outros Capitães víram tão subita novidade , abrio-lhes Deos o juizo pera entenderem a causa della ; e sem mais demora assentáram logo de se partir ao longo daquella costa por terem já sabido ser mui povoada , e que podiam achar per ella navios de Mouros , de que houvessem algum Piloto. Os Mouros , por que entendêram o que elles haviam de fazer , logo aquella noite vieram a remo surdo pera cortar as amarras dos navios ; mas não houve effecto sua maldade por serem sentidos. Partido Vasco da Gama daquelle lugar de perigo , ao seguinte dia achou dous zambucos , que vinham pera aquella Cidade , de que tomáram hum com treze Mouros , porque os mais se lançáram ao mar , e delles soube como adiante estava huma Villa chamada Melinde , cujo Rey era homem humano , per meio do qual podia haver Piloto pera a India. Vendo elle que

perguntado cada hum destes á parte, todos concorriam na bondade delRey de Melinde, e que no seu porto ficavam tres, ou quatro navios de mercadores da India, per a pilotagem destes seguio a costa, com tenção de chegar a Melinde pera haver hum Piloto, pois em todos aquelles treze Mouros não havia algum que se atrevesse de o levar á India; porque se o achára, sem mais experimentar os Mouros daquella costa, rota batida houvera de atravessar a outra da India, que segundo lhe elles diziam, podia ser dalli té setecentas leguas per sua conta.

CAPITULO VI.

Como Vasco da Gama chegou á Villa de Melinde, onde assentou paz com o Rey della, e poz hum Padrão; e havido Piloto, se partio pera a India, aonde chegou.

SEguindo Vasco da Gama seu caminho com esta preza de Mouros, ao outro dia, que era de Pascoa da Resurreição, indo com todolos navios embandeirados, e companhia delles com grandes folias por solemnidade da festa, chegou a Melinde, onde logo per hum degredado em companhia de hum dos Mouros mandou dizer a El-Rey quem era, e o caminho que fazia, e

a necessidade que tinha de Piloto, e que esta fora a causa de tomar aquelles homens, pedindo que lhe mandasse dar hum. ElRey havido este recado, posto que ao nome Christão tivesse aquelle natural odio, que lhe tem todos os Mouros, como era homem bem inclinado, e sezudo, sabendo per este Mouro o modo de como os nossos se houveram com elles, e que lhe pareciam homens de grande animo no feito da guerra, e na conversação brandos, e caridosos, segundo o bom tratamento que lhe fizeram depois de os tomarem, não querendo perder amizade de tal gente com más obras, como perdêram os outros Principes per outros portos passáram, assentou de levar outro modo com elles, em quanto não visse final contrario do que lhe este Mouro contava. E logo per elle, e pelo degredado mandou dous homens ao Capitão, mostrando em palavras o contentamento que tinha de sua vinda; que descansasse, porque Pilotos, e amizade tudo acharia naquelle seu porto; e que em sinal de seguridade lhe mandava aquelle annel d'ouro; e lhe pedia houvesse por bem de sahir em terra pera se ver com elle. Ao que Vasco da Gama respondeu conforme á vontade delRey; peró quanto ao sahir em terra a se ver com elle ao presente não o podia fazer por El-Rey

Rey seu Senhor lho defender, té levar seu recado a ElRey de Calecut, e a outros Principes da India. Que pera elles ambos assentarem paz, e amizade, por ser a cousa que lhe ElRey seu Senhor mais encommendava, nenhum outro modo lhe parecia melhor, por não fahir do seu regimento, que ir elle em seus bateis té junto da praia, e sua Real Senhoria metter-se naquelles zambucos, com que ambos se podiam ver no mar; porque pera elle ganhar por amigo tão poderoso Principe, como era ElRey de Portugal, cujo Capitão elle era, maiores cousas devia fazer. Espedidos estes dous Mouros contentes do que lhe Vasco da Gama disse, e deo, com algumas peças, que tambem leváram pera ElRey, assi aproveitou ante elle o recado, e presente, que concedeo nas vistas da maneira que Vasco da Gama pedia, a qual facilidade os nossos attribuíram mais a obra de Deos que a outra cousa; porque segundo achavam os Mouros d'aquellas partes ciosos de suas terras, não podiam dar outra causa; pois hum Rey, sem ter delles mais noticia, que a que lhe dera o Mouro, e sem alguma necessidade, se vinha metter no mar tão confiadamente. E praticando todos sobre este caso, e do modo que teriam nestas vistas, assentou Vasco da Gama que seu irmão, e Ni-

coláo Coelho ficassem em os navios a bom recado, e tanto a pique, que pudessem acudir a qualquer necessidade; e elle com todos bateis, e a mais limpa gente da frota vestidos de festa per fóra, e armas secretas, com grande aparato de bandeiras, e toldo no batel, fosse ao lugar das vistas; a qual ordem se teve, quando veio ao dia dellas, partindo Vasco da Gama dos navios com grande estrondo de trombetas, o que tudo respondia com as vozes de gente, animando-se huns aos outros em prazer daquelle festa; porque como era na terccira octava da Pascoa, tempo em que elles cá no Reyno eram costumados a festas, e prazer, parecia-lhes que estavam entre os seus. Vasco da Gama indo assi neste acto, a meio caminho mandou suspender o remo, por ElRey não ser ainda recolhido ao seu zambuco, o qual vinha ao longo da praia mettido em hum esparavel de seda com as cortinas da parte do mar alevantadas, e elle lançado em hum andor sobre os hombros de quatro homens, cercado de muita gente nobre, e a do povo diante, e detrás bem affastada pera darem vista aos nossos, todos com grande aparato de festa, e tangeres a seu modo. Entrado ElRey no zambuco com algumas pessoas principaes, e mestres que tangiam, toda a mais gente que po-

podia se embarcou per outros barcos, cercando ElRey per todas as partes; sómente deixáram huma aberta, que tinha a vista pera os nossos, em modo de cortezia. E o primeiro sinal de paz, que lhe Vasco da Gama mandou fazer, calando-se os instrumentos de festa, foi mandar tirar os da guerra, que eram alguns berços espingardas, e no fim delles huma grande grita, ao que respondêram os nossos navios com outra tal obra té tirarem as camaras da artilleria; a qual trovoada como era cousa nova nas orelhas daquella gente, foi pera elles tão grande espanto, que houve entre todos rumor de se acolher a terra. Però sentindo Vasco da Gama a torvação delles, mandou fazer sinal com que cessou aquelle tom, que os assombrava, e de si chegou-se ao zambuco delRey, o qual o recebeu como homem, em cujo peito não havia má tenção; e em toda a prática que ambos tiveram, que durou hum bom pedaço, tudo foi com tanta segurança d'ambas partes, como se entre elles houvera conhecimento de mais dias. E desta prática, é modo, que Vasco da Gama teve com ElRey, ficou elle tão seguro, e contente de sua amizade, que logo quiz ir ver os nossos navios rodeando a todos; e por honra de sua ida lhe mandou Vasco da Gama entregar todos

los Mouros , que tomou no zambuco , os quaes guardou pera dar naquelle dia das vistas. O que ElRey muito estimou , e muito mais dizer-lhe Vasco da Gama como ElRey seu Senhor tinha tanta artilheria , e tantas maiores náos que aquellas , que poderiam cubrir os mares da India , e tantas quaes o poderia ajudar contra seus inimigos , porque fazia ElRey conta que a pouco custo per aquella via tinha ganhado hum Rey poderoso pera suas necessidades. Espedido Vasco da Gama delle , depois que o deixou desembarcado , tornou-se aos navios , e os dias que alli esteve sempre foi visitado delles com muitos refrescos , que deo causa a ser tambem visitado de huns Mouros , que alli estavam do Reyno de Cambaia em as náos , que lhe tinham dito os Mouros que tomou no zambuco. Entre os quaes vieram certos homens , a que chamam Baneanes do mesmo Gento do Reyno de Cambaia : gente tão religiosa na secta de Pythagoras , que até a immundicia que criam em si não matão , nem comem cousa viva , dos quaes copiosamente tratámos em a nossa Geografia. Estes entrando em o navio de Vasco da Gama , e vendo na sua camara huma imagem de Nossa Senhora em hum retavolo de pincel , e que os nossos lhe faziam reverencia , fizeram elles adoração com muito

to maior acatamento; e como gente que se deleitava na vista daquella imagem, logo ao outro dia tornáram a ella, offerecendo-lhe cravo, pimenta, e outras mostras de especiarias das que vieram alli vender, e se foram contentes dos nossos pelo gazalhado que recebêram, e maneira de sua adoração: tambeem elles ficáram satisfeitos do seu modo, parecendo-lhes ser aquella gente mostra de alguma Christandade, que haveria na India do tempo de S. Thomé, entre os quaes vinha hum Mouro Guzarate de nação chamado Malemo Cana, o qual affiço pelo contentamento que teve da conversação dos nossos, como por comprazer a El-Rey, que buscava Piloto pera lhe dar, acceptou querer ir com elles. Do saber do qual Vasco da Gama, depois que praticou com elle, ficou muito contente, principalmente quando lhe mostrou huma carta de toda a costa da India arrumada ao modo dos Mouros, que era em meridianos, e parallelos mui miudos sem outro rumo dos ventos; porque como o quadrado daquelles meridianos, e parallelos era mui pequeno, ficava a costa per aquelles dous rumos de Norte Sul, e Leste Oeste mui certa, sem ter aquella multiplicação de ventos, d'agulha commum da nossa Carta, que serve de raiz das outras. E amostrando-lhe

Vasco da Gama o grande Astrolabio de páo que levava, e outros de metal, com que tomava a altura do Sol, não se espantou o Mouro disso, dizendo, que alguns Pilotos do mar Roxo usavam de instrumentos de latão de figura triangular, e quadrantes, com que tomavam a altura do Sol, e principalmente da estrella, de que se mais serviam em a navegação. Mas que elle, e os mareantes de Cambaia, e de toda a India, però que a sua navegação era per certas estrellas, assi do Norte, como do Sul, e outras notaveis, que curfavam per meio do Ceo de Oriente a Ponente, não tomavam a sua distancia per instrumentos semelhantes áquelles, mas per outro de que se elle servia, o qual instrumento lhe trouxe logo a mostrar, que era de tres taboas. E porque da figura, e uso dellas tratamos em a nossa Geografia em o Capitulo dos instrumentos da navegação, baste aqui saber que servem a elles naquella operação, que ora ácerca de nós serve o instrumento, que ora mareantes chamam balhefilha, de que tambem no Capitulo que dissemos se dará razão d'elle, e dos seus inventores. Vasco da Gama com esta, e outras práticas, que per vezes teve com este Piloto, parecia-lhe ter nelle hum grão thesouro, e por o não perder, o mais em breve que pode, depois que met-

metteo per consentimento delRey hum Padrao per nome Sancto Espirito na povoação, dizendo ser em testemunho da paz, e amizade, que com elle assentára, se fez á véla caminho da India a vinte e quatro dias de Abril. E atravessando aquelle grande golfo de setecentas leguas que ha de huma á outra costa, per espaço de vinte dous dias, sem achar couza que o impedisse, a primeira terra que tomou foi abaixo da Cidade Calecut, obra de duas leguas; e daqui per pescadores da terra, que logo acudiram aos navios, foi levado a ella. A qual como era o termo de sua navegação, e na instrucção que levava nenhuma outra couza he era mais encommendada, e pera o Rey della nomeadamente levava cartas, e embaixada, como ao mais poderoso Principe daquellas partes, e Senhor de todas as especiarias, segundo a noticia que naquelle tempo neste Reyno de Portugal tinhamos delle, pareceo aos nossos, vendo-se diante della, que tinham acabado o fim de seus trabalhos. E posto que adiante particularmente descrevemos o sitio desta Cidade Calecut, e da região Malavar em que ella está, a qual região he huma parte da Provincia da India, aqui, por ser a primeira entrada em que os nossos tomáram posse deste descobrimento per tantos annos continuado,

Tam. I.

X

do, e requerido, faremos huma universal relação da Provincia da India pera melhor entendimento desta chegada de Vasco da Gama.

C A P I T U L O VII.

Em que se descreve o sitio da terra, a que propriamente chamamos India dentro do Gange, na qual se contém a Provincia chamada Malavar, hum dos Reynos da qual he o em que está a Cidade Calecut, onde Vasco da Gama aportou.

A Região, a que os Geografos propriamente chamam India, he a terra que jaz entre os dous illustres, e celebrados rios Indo, e Gange, do qual Indo ella tomou o nome; e os povos do antiquissimo Reyno Delij, cabeça per sitio, e poder de toda esta região, e assi a gente Parsca a ella vizinha, ao presente per nome proprio lhe chamam Indostan. E segundo a dilinição da Taboa, que Ptholomeu faz della, e mais verdadeiramente pela noticia que ora com o nosso descobrimento temos, per excellencia bem lhe podemos chamar a grão Mesopotamia. Porque se os Gregos deram este nome, que quer dizer, entre os rios, áquella pequena parte da região Babylonica, que abraçam os dous rios Eufrates, e Tigres; assi pela situação desta entre as cor-

ren-

rentes dos notaveis Indo , e Gange , que descarregam , e vafam fua aguas em o grande Oceano Oriental , por fazermos differença della mais notavel do que fe faz em dizer India dentro do Gange , e India além do Gange , bem lhe podemos chamar a grão Mefopotamia , ou Indoftan , que he o proprio nome que lhe dão os povos que a habitam , e vizinham , por nos conformarmos com elles. A qual região as correntes deſtes dous rios per huma parte , e o grande Oceano Indico per outra , a cêrção de maneira , que quaſi fica huma Chertonezo entre terras de figura de lijonja , a que os Geometras chamam rhombos , que he de iguaes lados , e não de angulos rectos. Cujos angulos oppoſitos em maior distancia jazem Norte Sul : o do angulo deſta parte do Sul faz o cabo Comorij , e o da parte do Norte as fontes dos meſmos rios. As quaes però que fobre a terra arredentem diſtinctas em os montes , a que Ptholomeu chama Ináo , e os habitadores delles Dalanguer , e Nangracot , são eſtes tão conjunctos huns aos outros , que quaſi queſcem eſconder as fontes deſtes dous rios. E ſegundo fama do gentio Comarcão , parece que ambos naſcem de huma vea commum , donde naſce a fabula dos dous irmãos que anda entre elles , a qual recitamos em a noſ-

fa Geografia. A distancia destas fontes ao Cabo Comorij a elles oppositos será pouco mais, ou menos per linha direita quatrocentas leguas; e os outros dous angulos, que per contraria linha jazem de Levante a Ponente per distancia de trezentas leguas, fazem as bocas dos mesmos rios Indo, e Gange, ambos mui soberbos com as aguas do grande numero dos outros que se nelles mettem. E quasi tanta he a parte da terra que elles abraçam, quanta a que per os outros dous lados cerca o mar Oceano, que ambos se ajuntam no Cabo Comorij a fazer aquelle agudo canto que elle tem, que fica a figura da lijonja que dissemos. E posto que toda esta Provincia Indostan seja povoada de dous generos de povo em crença, hum Idólatra, e outro Machometa, e mui yária em ritos, e costumes, e todos entre si a tem repartida em muitos Reynos, e estados; assi como em os Reynos do Mol-tan, Delij, Cospétir, Bengala, em parte, Orixá, Mando, Chitor, Guzarate, a que commummente chamamos Cambaya. E no Reyno Dacani dividido em muitos senhores, que tem estado de Reys com o de Par-se, que jaz entre hum, e o outro. E no grande Reyno de Bisnaga, que tem debaixo de si alguns regulos, com toda a Provincia do Malabar repartida entre muitos Reys,

Reys, e Principes de mui pequenos estados, em comparação dos outros maiores que calamos, parte dos quaes são izentos, e outros subditos destes nomeados. E segundo estes póvos entre si são bellicosos, e de pouca fé, já toda esta grande região fora subdita ao mais poderoso, se a natureza não atalhára a cubiça dos homens com grandes, e notaveis rios, montes, lagos, matas, e desertos, habitação de muitas, e diversas alimarias, que impedem passar de hum Reyno ao outro. Principalmente alguns notaveis rios, parte dos quaes não entrando na madre do Indo, e Gange, mas regando as terras, que estes dous abraçam com muitas voltas, vem salhir ao grande Oceano; e assi muitos esteiros d'agua salgada tão penetrantes á terra, que retalham a maritima de maneira que se navega per dentro. E a mais notavel divisão, que a Natureza poz nesta terra, he huma corda de montes, a que os naturaes per nome comum Gate, por o não terem proprio, chamam Gate, que quer dizer ferra; os quaes montes tendo seu nascimento na parte do Norte, vem correndo contra o Sul, assi como a costa do mar vai á vista delle, leixando entre as suas praias, e o sertão da terra huma faixa della chá, e alagadiça, retalhada d'agua em modo de leziras em algumas par-

tes , té irem fenecer no Cabo Comorij , o qual curso de montes se estende perto de duzentas leguas. Però começando no rio chamado Carnate vizinho ao cabo , e monte de Lij , mui notavel aos navegantes daquela costa , em altura de doze grãos e meio da parte do Norte , entra huma faixa de terra , que jaz entre este Gate , e o mar , de largura de dez té seis leguas , segundo as enseadas , e cotovelos se encolhem , ou bojam , a qual faixa de terra se chama Malabar , que terá de cumprimento obra de oitenta leguas , onde está situada a Cidade Calecut. Neste tempo que Vasco da Gama chegou a ella , posto que geralmente toda esta terra Malabar fosse habitada de Genticos , nos portos do mar viviam alguns Mouros , mais por razão da mercadoria , e tanto , que por ter algum estado na terra , por que todos os Reys , e Principes della eram do genero Gentio , e da linhagem dos Brammanes , gente a mais docta , e religiosa em seu modo de crença de todas aquellas partes. E o mais poderoso Principe daquelle Malabar era ElRey de Calecut , o qual por excellencia se chamava Camorij , que ácerca delles he como entre nós o titulo de Emperador. Cujá metropoli de seu estado , da qual o Reyno tomou o nome , e a Cidade Calecut , situada em huma costa brava ,

va, não com grandes, e altos edificios, sómente tinha algumas casaf nobres de mercadores Mouros da terra, e d'outros do Cairo, e Méca alli residentes, por causa do trato da especiaria, onde recolliam sua fazenda com temor do fogo; toda a mais povoação era de madeira cuberta de hum genero de folha de palma, a que elles chamam ola. E como nesta Cidade havia grande concurso de varias nações, e o Genticio della mui supersticioso em se tocar com gente fóra de seu sangue, principalmente os que se chamavam Brammanes, e Naires; destes dous generos de gente, sendo a mais nobre da terra, viviam nella mui poucos, toda a outra povoação era de Mouros, e Genticio mecanico. Pola qual causa tambem ElRey estava fóra da Cidade em huns pagos, que seriam della quasi meia legua, entre palmares, e a gente nobre apousetada per derredor ao modo que cá temos as quintas. E porque, (segundo dissemos,) adiante particularmente escrevemos as cousas deste Reyno Calecut, não procedemos aqui mais na relação dellas.

CAPITULO VIII.

Como Vasco da Gama mandou recado a El-Rey de Calecut, que era chegado ao porto de sua Cidade: e depois per sua licença se vio com elle duas vezes.

AO tempo que Vasco da Gama chegou a esta Cidade Calecut, que era a vinte de Maio princípio do Inverno naquella costa, não havia no porto o grão trátego, e numero de náos, que nelle estão á carga nos mezes de Verão; porque as estrangeiras, que alli costumavam vir, eram tornadas a suas terras, e as do mesmo Reyno de Calecut per os rios, e esteiros estavam mettidas em fossas cubertas com folha de palma, segundo costumam per toda aquella costa; e por esta chegada ser fóra do tempo da sua navegação, tanto espanto fez aos da terra, como a feição, e marcagem dos navios, e logo lhe pareceo gente nova, e não costumada navegar aquelles mares. Vasco da Gama, tanto que ancorou hum pouco largo do porto por causa de hum recife em que o mar quebrava, mandou em terra o Mouro Piloto, e hum degredado, notificando per elles a El-Rey sua chegada, e o recado que lhe trazia, pe-

dindo que lhe mandasse dizer quando havia por bem que fosse a elle, porque sem sua licença não sahiria dos navios. O Mouro Malemo Caná, como quem sabia a terra, foi-se logo aos Paços delRey; e porque achou nova que era em hum lugar que seria dalli sinco leguas, sem tornar aos navios com recado, se foi a elle. Vasco da Gama por lhe este Caná ter dito quão pequena distancia havia da Cidade aos Paços delRey, vendo que não vinha aquelle dia, e que era passado a maior parte do outro, começou tomar má suspeita delle; e principalmente porque de quantos barcos sahiam a pescar, todos se affastavam dos navios, como gente temerosa, ou per qualquer outra causa que fosse. Porém quando veio ao outro dia á tarde, tirou toda esta suspeita com a vinda delles, e de hum Piloto do Camorij, per o qual elle lhe fazia saber o contentamento que tinha de sua vinda; e que postos os navios em hum porto seguro, onde lhe elle mandava que os levariam por causa do Inverno, depois lhe mandaria dizer quando havia por bem que fosse a elle. Com o qual recado Vasco da Gama ficou mui satisfeito, principalmente na mudança dos navios daquella costa a lugar mais seguro, porque nisto mostrava ElRey per obra o que lhe mandava dizer per pala-

lavra ácerca do contentamento que tinha de sua vinda ; e que de tal acolhimento do primeiro recado que lhe mandava podia esperar ser bem despachado. E por mostrar maior confiança a este Piloto , que lhe El-Rey mandou , disse , que elle podia mandar naquelles navios o que quizesse , por que todos lhe obedeceriam , e assi se fez : cá pela ordenança do Piloto se passáram a hum porto chamado Capocate perto dalli , onde Vasco da Gama esteve esperando dous dias recado delRey , sem da terra virem aos navios , nem delles irem a ella. Ante que elle viesse com os navios a este porto , o dia que o Piloto delRey lhe trouxesse seu recado pera se mudar aqui , entre alguns Officiaes da arrecadação dos direitos delRey , que vieram com elle , foi hum Mouro per nome Monçaide , cujo officio era corrector de mercadorias ; o qual por ser conhecente do Piloto Malemo Caná , elle o agazalhou em sua casa , e assi o degredado a noite que dormíram em terra. Este Monçaide , (segundo elle depois contou ,) era natural do Reyno de Tunez , e tivera já communição com os Portuguezes em a Cidade Ourão , quando alli hiam as náos deste Reyno per mandado delRey D. João o Segundo buscar lambeis pera o resgate do ouro da Mina ; e ou que a lem-

lembrança destas partes do Occidente, onde nascêra, ou qualquer outra boa disposição, assi o demovêram, vendo, e praticando com os nossos per lingua Castelhana, que elle sabia, que da hora que entrou em os navios assi se fez familiar a Vasco da Gama, que se veio com elle pera este Reyno, onde morreo Christão. O qual como esperava acabar neste estado, era tão fiel a nossas cousas, que per meio d'elle foi Vasco da Gama avisado de muitas: e parece que Deos o trouxe áquellas partes pera proveito nosso, segundo o que passou, como veremos. E logo em dous dias, que Vasco da Gama esteve esperando por recado do Çamorij, este Monçaide o avisou de algumas cousas, por razão das quaes elle teve conselho com os Capitães do modo que teria em ir ao Çamorij, quando o mandasse chamar: e assentou que seu irmão, e Nicolao Coelho ficassem em os navios, dando-lhe regimento do que haviam de fazer. Vindo o recado do Çamorij que fosse, sahio Vasco da Gama com doze pessoas em terra, onde o recebeo hum homem no nome, a que elles chamam Catual, acompanhado de duzentos homens a pé delles que levarem o fato dos nossos, e delles que serviam de espada, e adarga, como guarda de sua pessoa, e outros de o trazer aos

hom-

hombros em hum andor, porque em toda aquella terra Malabar não se servem de bestas, hum dos quaes andores foi tambem apresentado a Vasco da Gama pera ir nelle. Posto o Catual, e elle em caminho pera Calecut, que sería dalli sinco leguas, começaram os doze que levava ficar de dous em dous; porque além de o caminho ser de arêa, e elles desacostumados de caminhar, era tão grande o curso dos que levavam o andor, que em todo o caminho foi Vasco da Gama sem elles, té á noite se ajuntarem em hum lugar, onde o Catual dormio. Quando veio ao outro dia, que tornáram caminhar, chegaram a hum grande templo do Gentio da terra, mui bem lavrado de cantaria com hum coruchéo cuberto de tijolo, á porta do qual estava hum Padrão grande de latão, e em cima por remate hum gallo. E dentro no corpo do templo estava hum portal, cujas portas eram de metal, perque entravam a huma escada que subia ao coruchéo; ao pé do qual, onde ficava o redondo delle em modo de charola, estavam algumas imagens da sua adoração. Os nossos como hiam crentes ser aquella gente dos convertidos pelo Apostolo S. Thomé, segundo a fama que cá nestas partes havia, e elles achavam per dito dos Mouros, alguns se assentáram em gio-
lhos

lhos a fazer oração áquellas imagens, cuidando serem dignas de adoração. Do qual acto o Gentio da terra houve muito prazer, parecendo-lhe fermos dados ao culto de adorar imagens, o que elles não viam fazer aos Mouros. Partidos deste templo, chegaram a outro junto de hum povoação, onde estava apouentado outro Catual, pessoa mais notavel, que vinha per mandado do Çamorij receber Vasco da Gama. O qual quando sahio a elle era com muita gente de guerra, todos adargados a seu modo: tão postos em ordem com seus instrumentos de tanger pera os animar, que folgaram os nossos em os ver naquella ordenança, e mais sendo feita por honra de sua vinda. Chegado o Catual a Vasco da Gama, depois que segundo seu uso o recebeu com muita cortezia, mandou-lhe dar outro andor que trazia adestro, melhor concertado que aquelle em que vinha; e sem fazer mais detença, seguíram seu caminho aos Paços delRey, onde Vasco da Gama esperou polos seus, que não podiam aturar o curso daquelles que levavam o andor; e o maior damno que recebiam era do grande povo, que quasi os levava afogados polos ver. E ainda sobre isso á entrada de hum grande terreiro cercado era tanta preza por entrarem na volta delles, que veio o negocio ás

punhadas, e dahi ao ferro, em que houve feridos, e hum morto, primeiro que os Officiaes delRey apagassem o arroido; e porém sempre tiveram tanto resguardo em as pessoas dos nossos, que em toda a revolta não lhe foi feito algum defacatamento. Passado aquelle terreiro, entráram em hum pateo de alpenderes, onde acháram Vasco da Gama, e o Catual com alguma gente mais limpa esperando por elles; e sem tomar algum repouso daquella affronta em que vinham, entráram todos em huma grão casa terrea, em que estava aquelle grande Camorij da Provincia Malabar per elles tão desejado de ver. De junto do qual se alevantou hum homem de grande idade, que era o seu Brammane maior, vestido de humas vestiduras brancas, representando nellas, e em sua idade, e continencia ser homem religioso; e chegado ao meio da casa, tomou Vasco da Gama pela mão, e o foi apresentar ao Camorij, o qual estava no cabo da casa lançado em huma camilha cuberta de pannos de seda, posto em hum leito, a que elles chamam catle, e elle vestido com hum panno d'algodão burnido com algumas rofas d'ouro batido semeadas per elle, e na cabeça huma carapuça de brocado alta á maneira de mitra cerrada, cheia de perlas, e pedraria, e per os braços, e pernas, que

estavam descubertos, tinha braceletes d'ouro, e pedraria. E a huma ilharga deste leito, em que jazia com a cabeça posta sobre huma almofada de seda rasa com labores d'ouro á maneira de brossado, estava hum homem, que parecia em traje, e officio dos mais principaes da terra, o qual tinha na mão hum prato d'ouro com folhas de betelle, que elles usam remoer por lhes confortar o estomago. O Camorij, posto que no ar do rostro recebeo Vasco da Gama com graça, tinha tamanha magestade, e assi estava grave naquelle seu catle, que não fez mais movimento para elle quando lhe falou, que levantar a cabeça d'almofada, e de si acenou ao Brammane, que o fizesse assentar em huns degráos do estrado, em que tinha o catle, e aos de sua companhia em outra parte hum pedaço affastados, por ver que haviam mister tomar algum repouso, segundo vinham affrontados do caminho. E depois que per hum espaço grande esteve notando as pessoas, trajos, e actos delles, e praticando em palavras geraes com Vasco da Gama, recebidas d'elle duas cartas, que lhe mandava ElRey D. Manuel, huma escrita em Aravigo, e outra em lingua Portuguez, que era da mesma substancia, disse-lhe, que elle as veria, e depois mais de vagar ouviria a elle, que por então

tão se fosse a repouzar. Que quanto ao seu gazalhado visse com quem queria que fosse, se com Mouros, ou com os naturaes da terra, pois alli não havia gente da sua nação, segundo tinha sabido. Ao que Vasco da Gama respondeo, que entre os Mouros, e Christãos havia differença ácerca da lei que tinham, e outras paixões particulares; e que com os seus vassallos por elle, e os de sua companhia não saberem seus costumes, e temiam de os poder enojar, pedia a Sua Real Senhoria que os mandasse apouentar sem companhia alguma. O que approuve ao Çamorij, mandando ao Catual que o contentasse; e louvou Vasco da Gama de homem prudente, e cauteloso nas cousas da paz, segundo o Mouro Monçaide lhe veio contando pelo caminho té chegarem á Cidade Calecut já bem noite. E entre algumas cousas que o Catual fez, de que Vasco da Gama teve delle boa esperança pera seus negocios, foi mandar a este Monçaide que se não apartasse delle pera poder requerer o que houvesse mister, vendo que lhe era accepto por se entender em alguma maneira com elle; o que Monçaide acceptou de boa vontade, e quasi elle se offereceo a isso. Parece que o chamava Deos por alguma boa disposição que nelle havia pera se salvar, segundo logo mostrou

trou na verdade que tratava, e feis conselhos que deo, hum dos quaes foi este. Quando Vasco da Gama ao seguinte dia ir ao Çamorij a lhe dar a embaixada que levava, o Catual o entreteve, dizendo, que os Embaixadores, que vinham ao Çamorij, e a todos os Principes daquellas partes da India, tinham per costume não irem ante o Principe, senão quando elle os mandava chamar, e mais que primeiro repousavam alguns dias. No qual caso aconselhou Monçaide, pera esta ida ser mais prestes, dizendo, que o mais certo costume dos Principes daquellas partes era não ouvirem alguém, sem lhe primeiro levar alguma couza; e quanto o Embaixador era mais estranho, tanto maior presente esperavam; e que d'elle não ter isto feito, ElRey o não ouviu logo: por tanto se queria ser bem aviado, começasse de usar do costume da terra, por que ante o Rey não póde ir alguém com as mãos vazias. E tambem os seus Officiaes, per cuja mão os negocios corriam, convidava per este modo serem contentes: cá d'outra maneira seria tarde ouvido, e sobre isto mal despachado. Vasco da Gama, posto que não lhe esquecia ser esta a entrada, e sabida, com que se acabam os negocios em toda parte, não lhe pareceo que tardava em hum dia; mas sabendo per Monçaide

quanto lhe importava, mandou logo a El-Rey algumas cousas, as quaes foram com este recado de desculpa; que quando tıra de Portugal, por não ter certo que podia passar á India, e ver sua Real Pef-soa, não fora apercebido como devia; que aquellas cousas eram das que trazia pera seu uso, que lhas enviava, não tanto por sua valia, quanto por mostra das que havia em Portugal; e ainda aquellas escapáram da humidade do mar por haver muito tempo que andava nelle. Tanto que o Çamorij teve este presente, e os seus Officiaes foram satisfeitos, segundo o confelho de Monçaide, foi Vasco da Gama levado ante elle, ao qual recebeo já com mais honra em outra casa, e mandando-o assentar, lhe disse; que elle tinha visto huma das cartas, que lhe dera escrita em Aravigo, e nella se continha a boa vontade, e amor, que El-Rey de Portugal seu Senhor lhe mostrava ter, e assi enviao a elle pera algumas cousas, que faziam a bem de paz, e commercio d'antre ambos, que lhe elle diria, por tanto podia fallar nisso. Vasco da Gama havida esta licença, como já estava amoestado per Monçaide do uso daquelles Principes, que lie serem muito taxados em ouvir, e responder, e terem as orelhas mais promptas no seu proveito, que na

na eloquencia da embaixada, e mais quando he relatada per terceiro, os quaes interpretes geralmente dizem a substancia da causa, e não as vivas razões della, por se conformar com o modo da terra nestas palavras, resumio o que lhe era mandado: Que a causa principal, que movêra a El-Rey seu Senhor enviallo áquellas partes Orientaes tão remotas do seu estado, fora fer ante elle mui celebrada a fama da Real Pessoa d'elle Çamorij, e da grandeza do seu senhorio, e estarem em seu poder a maior parte das especiarias, que per mãos dos Mouros se navegavam pera as partes da Christandade: E porque elle tinha descubierto per seus Capitães novo caminho pera entre elles haver amor, prestança, e communicação de commercio, com que o Reyno d'elle Çamorij fosse mais rico por causa do muito ouro, prata, sedas, e outra muita sorte de preciosas mercadorias, de que o seu Reyno de Portugal era tão abastado, quanto o de Calecut de pimenta, elle Senhor Rey o enviava com aquelles tres navios a lhe notificar esta sua tenção; e sendo-lhe accepta, armaria mui grossas náos carregadas desta fazenda; e a ordem, e modo do commercio, e preço das cousas seria aquelle que fosse em proveito d'ambos. O Çamorij a estas palavras respondeo com

outras muito mais breves, em que mostrou ter contentamento da causa da vinda d'elle Vasco da Gama, e acabou dizendo, que elle o despacharia mui cedo, e com isto o espedio.

CAPITULO IX.

Da consulta, que os principaes Mouros de Calecut tiveram sobre a ida de Vasco da Gama daquellas partes: e como o Camorij por causa delles o espedio.

OS Mouros, assi naturaes da terra, como alguns estrangeiros, que estavam naquella Cidade Calecut por razão do trato da especiaria, (do qual negocio elles eram senhores, navegando-a per o mar Roxo,) quando víram que a embaixada de Vasco da Gama era a fim do commercio destas especiarias, ficáram mui tristes, principalmente sabendo o contentamento que o Camorij tinha de hum Rey de tão longe terra, como era o Ponente, lhe enviar embaixada, e que louvava os nossos, dizendo, que lhe parecia gente de boa razão, e que sería proveitosa vindo áquelle seu Reyno, pois eram senhores de tantas mercadorias, como diziam. Sobre o qual caso os principaes a que isto mais tocava, tiveram consultada; e entre muitas razões, que foram trazidas do grande damno, que todos receberiam, se

se entrassemos na India, foi o que contou hum delles, dizendo, que o anno passado sobre duas náos de Méca que tardavam, em que lhe vinha fazenda, fizera pergunta a algumas pessoas, que usam do officio de Astrologia, e d'outras artes, que daqui dependem: huma das quaes pessoas, que elle daria por testemunha, como actor da obra, em hum vaso d'agua lhe mostrára as náos perdidas, e mais outras á véla, que dizia partirem de mui longe pera vir á India, que a gente dellas seria total destruição dos Mouros daquellas partes. E porque em verdade ellas eram perdidas, como todos sabiam, pois a todos tocára esta perda, podia-se tomar suspeita do mais na vinda daquelles navios alli chegados, pois a gente delles era Christã, capital inimiga de Mouros. Finalmente com esta história, ora fosse fingida pera induzir os outros, (posto que sem ella elles estavam bem movidos contra os nossos,) ora que o Demónio lhe quiz representar aquelle seu futuro mal, a conclusão da consulta acabou, que buscassem todos modos possiveis pera sumir os nossos navios no fundo do mar; e que as pessoas como ficassem em terra, hum, e hum os iriam gastando, com que não houvesse memoria delles, nem do que tinham descoberto. Porém temendo que o Camorij se po-

dia escandalizar, se publicamente nisso fizese sem alguma coufa, pareceo-lhe mais seguro modo ser este caso commettido pelo executor de todas as más sentenças, que he o dinheiro, subornando com elle ao Catual, que tinha cargo dos nossos, pera que indignasse a ElRey contra elles com algumas razões apparentes, que lhe deram pera o caso, affirmando serem verdadeiras, e que convinham ao bem, e paz da terra. O Catual, como lhe enchêram as mãos, e as ordens, começou logo fazer seu officio, e a primeira obra foi não consentir que os nossos sahisses da casa em que estavam, por não verem a Cidade, nem o trato della, dando a entender a Vasco da Gama, que em quanto não fosse despachado, não tinham licença pera andar soltamente pela Cidade; e mais convinha a elle ser isto assi, por evitar algum escandalo, que podiam receber dos Mouros, pois entre todos havia paixões por razão do que cada hum cria ácerca das coufas de Deos. Com as quaes palavras, per que elle mostrava ordenar tudo a bem de paz em obras, negava-lhe o necessario que haviam mister, em que Vasco da Gama entendia parte da sua tenção, e começou logo requerer seu despacho sem outra carga de especiaria; porque tornando elle a este Reyno com nova do que tinha def-

descuberto, tempo ficava pera ElRey mandar frota, com que haveria quanta quizesse, sem temer as náos de Méca, com a ajuda das quaes o assombrava o Mouro Monçaide, dizendo serem grandes, e poderosas, de que poderia receber damno, por tanto trabalhasse por se expedir daquella terra ante que ellas viessem. Vasco da Gama como per estes, e outros avisos que tinha dado, entendo ser homem fiel, per elle escreveu a seu irmão Paulo da Gama, fazendo-lhe saber o que passava, e sentia dos Mouros, encommendando-lhe resguardo na communicação da gente da terra; que fossem a bordo dos navios, porque os Mouros tudo haviam de tentar pera os metter em odio com o Genticio da terra. O Cautal tanto que vio tempo pera isso, disse ao Camorij, que geralmente todos os homens do Ponente, que estavam naquella Cidade, diziam que aquelles, que alli eram vindos na sua propria terra, viviam mais deste officio de colfairos, que de trato, e mercadoria; e como homens perseguidos na terra de seus naturaes, se desterravam pera parte, onde não fossem conhecidos: Que as cartas, que lhe deram em nome de Embaixadores, que traziam, tudo era artificio pera encubrir a infamia de vagabundos; cá não estava em razão hum Rey de tão longe, como era

era o Occidente da terra da Franquia, mandar-lhe embaixada, que não trazia mais fundamento, que desejo de sua amizade, e que a mesma cousa per si mostrava não poder ser; porque huma das razões da amizade, era a communicação das pessoas, e prestação nas obras, e que estas entre elles eram mui contrarias; assi por razão da crença diferente que cada hum tinha, como por grande distancia de seus estados. E mais, que hum Rey tão poderoso, e rico, como elles diziam ser o seu, mal mostrava este poder no presente que lhe mandára, pois eram peças, que qualquer mercador, que vinha do estreito, as dava melhores. Quanto a dizerem ser enviados por razão da especiaría, elles não traziam mercadorias que dessem final disso; e ainda que tudo fosse como elles diziam, não devia querer perder proveito tão certo, como tinha nos Mouros, pelo que promettiam homens, que habitavam nos fins da terra, os quaes haviam mister dous annos de navegação. Quanto mais, que vendo os Mouros como sua Real Senhora favorecia homens novos, e de que se tanto mal dizia, e sobre tudo seus inimigos, era causa de grande escandalo para elles, e não seria muito perdellos; culpa, que elle devia muito temer, pois perdendo a elles, perdia vassallos, e não virem mais

mais a seu porto náos de Méca, Judá, Adem, Ormuz, e d'outras muitas partes, no commercio das quaes estava todo seu estado: Que elle em dizer isto, comprazia com a obrigação que lhe devia, que era representar-lhe as cousas de seu serviço; que além do seu, devia tomar parecer d'outras pessoas, apontando-lhe logo em alguns seus officiaes, que elle Catual sabia já estarem da parte dos Mouros, cá pelo testemunho destes ficavam suas palavras com maior fé. El-Rey, ainda que era homem prudente, e tinha tentado quanto proveito podia receber neste novo caminho, que os nossos abríram pera dar maior sahida ás suas especia-rias, tanto poder tiveram nelle estas palavras do Catual, que sem mais examinar a verdade, com os outros testemunhos, que lhe o mesmo Catual nomeou, depois que lhe pedio seu parecer, ficou assi trastornado, que teve os nossos na conta que lhe elles pintáram, de maneira que faleceo pouco de lhe ordenarem cousa com que nunca cá vieram. Mas como as que Deos ordena não se podem contrariar pelos homens, ainda que em alguma maneira pareça que as impedem, o modo que estes Mouros buscáram de os destruir, essa foi a causa de serem mais cedo despachados, ante que viessem as náos de Méca; porque tanto que o

Ca-

Camorij concebeo o que lhe diziam, mandou chamar Vasco da Gama, e disse, que lhe descobrisse huma verdade, que elle proanettia de lha perdoar, por ser cousa natural aos homens buscarem cautelas, e modos de sua abonação pera fazerem seu proveito; e que se andavam desterrados por algum caso, elle os ajudaria em tudo; cá, segundo tinha sabido d'alguns homens das partes da Franquia, donde diziam ser, elles não tinham Rey; ou se o havia na sua patria, o seu officio mais era andar pelo mar d'armada á maneira de coffairos, que por razão do commercio. Vasco da Gama quando ouviu tacs palavras, sem leixar ir ElRey mais avante com ellas, disse, que verdadeiramente elle não punha culpa cuidarem delles muitas cousas, porque grã novidade devia ser a todolos seus vassallos verem naquellas partes nova gente em religião, e costumes; e mais vindos per caminho nunca navegado, com embaixada de hum poderoso Rey, que não pertendia mais interesse que sua amizade, e communicação de commercio, pera dar nova sahida ás especiarias daquelle seu Reyno Calcut; porque homens, armas, cavallos, ouro, prata, seda, e outras cousas á humana vida necessarias no seu Reyno as havia tão abundantamente, que não tinha necessidade de as

ir

ir buscar aos alheios , e mais tão remotos como eram os da India ; porém sabendo elle Camorij o que ElRey seu Senhor quiz de mil e seiscentas leguas de costa , que elle , e seus antecessores mandáram descubrir ; haveria não ser nova cousa enviar mais avante per esta mesma costa té chegar a sua Real Senhoria , cuja fama era mui celebrada nas partes da Christandade. E nestas mil e seiscentas leguas que mandou descubrir , achando-se muitos Reys , e Principes do genero Gentio , nenhuma cousa quiz delles , sómente doctrinallos em a Fé de Christo Jesus Redemptor do Mundo , Senhor do Ceo , e da terra , que elle confessava , e adorava por seu Deos ; por louvor , e serviço do qual elle tomava esta empreza de novos descubrimentos da terra. E com este beneficio da salvação das almas , que ElRey D. Manuel procurava áquelles Reys , e povos , que novamente descubria , tambem lhes enviava navios carregados de cousas de que elles careciam , assi como cavallo , prata , seda , pannos , e outras mercadorias. Em retorno das quaes os seus Capitães traziam outras , que havia na terra , que era marfim , ouro , malagneta , pimenta , dous generos d'especiaria de tanto proveito , e tão estimada nas partes da Christandade , como a pimenta daquelle seu Reyno de Calecut. Com as

quaes commutações, os Reynos que sua
 amizade acceptavam, de barbaros eram fei-
 tos politicos, de fracos poderosos, e ricos
 de pobres, tudo á custa dos trabalhos, e
 industria dos Portuguezes. Nas quaes obras
 ElRey seu Senhor não buscava mais que
 a gloria de acabar grandes cousas por ser-
 viço de seu Deos, e fama dos Portugue-
 zes. Porém com os Mouros, por serem seus
 contrarios, contrariamente se havia, cá per
 força de armas nas partes de Africa, que
 elles habitam, lhe tinha tomado quatro prin-
 cipaes forças, e portos de mar do Reyno
 de Féz: por isso onde quer que se achavam,
 não sómente infamavam de boca o nome
 Portuguez, mas ainda maliciosamente lhe
 procuravam a morte, e não rostro a rostro
 por terem experimentado o seu ferro. O tes-
 temunho da qual verdade se vio no que lhe
 fizeram em Moçambique, e Mombaça, co-
 mo sua Real Pessoa já teria sabido do Pi-
 loto Caná; o qual engano, e traição nunca
 achára per quantas terras de Gentios tinha
 descoberto; porque estes naturalmente eram
 amigos do povo Christão por todos virem
 de huma geração, e serem mui conformes
 em alguns costumes, e no modo dos seus
 templos, segundo tinha visto naquelle seu
 Reyno de Calecut. Té os seus Bramanes
 na religião que tinham da Trindade de tres
 Pes-

Pessoas , e hum só Deos , que ácerca dos Christãos era o fundamento de toda sua fé , se conformavam com elles , (peró que per outro modo mui differente,) a qual cousa os Mouros contradizem. E delles saberem esta conformidade d'antre o povo Gentio , e Christão , trabalhavam que os Portuguezes ante elle Çamorij fossem infamados , e avorrecidos , sendo-lhe já tão obrigado aos defender ; pois não precedendo mais causas pera ElRey seu Senhor de-sejar sua amizade , que huma fama da grandeza delle Çamorij , folgára de o enviar a elle polas causas que lhe tinha dito. E isto não commettêra sómente aquelle anno , mas era já tão continuado per tantos , e ElRey tão deseioso de ter descuberto este caminho de Portugal pera a India , que ainda que elle Vasco da Gama per qualquer desastre não tornasse a Portugal , foubesse certo que ElRey havia de continuar tanto este descobrimento , té lhe levarem recado delle Çamorij. Por tanto lhe pedia , como a Emperador de toda aquella região Malabar , pois Deos a elle Vasco da Gama , e aos seus companheiros tinha feito tanta mercê , que fossem os primeiros que vieram antelle , quizesse metter a mão de seu poder neste odio , que lhe os Mouros tinham , e não consentisse serem elles causa d'algun grande in-

cendio de guerra naquellas partes, porque a gente Portuguez não dissimulava injurias, e principalmente a Mouros, dos quaes tinha havido grandes victorias. Mui attento esteve o Camorij a todas estas palavras de Vasco da Gama, olhando muito a continencia com que as dizia, como homem, que do fervor, e constancia que lhe visse, queria conjecturar a verdade dellas. E que de seu natural fosse homem prudente, e nos sinais que esguardou julgasse a verdade do caso, quiz comprazer em parte a tenção dos Mouros, que foi espedir Vasco da Gama, mandando-lhe que se tornasse aos navios, e que alli lhe mandaria o despacho de sua embaixada, dizendo, que por então isto lhe parecia convir a elle Vasco da Gama, pois confessava que entre elles, e os Mouros havia aquelles odios; porque ficando mais tempo na Cidade, per ventura hums com os outros travariam em palavras, que fosse causa d'elle receber contra sua vontade algum damno, de que elle Camorij teria desprazer, e com isto o espedio.

CA-

CAPITULO X.

Como per industria dos Mouros Vasco da Gama, e os que com elle estavam, foram reteudos; e depois de recolhido aos navios, e posto em terra Diogo Diás, e Alvaro de Braga, tambem foram prezos, té que o Camorij mandou prover nisso, e os espedio de todo.

OS Mouros quando souberam o que El-Rey mandava a Vasco da Gama, não ficaram mui satisfeitos, porque todo seu trabalho era ordenar que os seus navios fossem mettidos no fundo, com fundamento que ficando a gente em terra, poucos, e poucos os iriam gastando; e pera executar este proposito, fizeram com o Catual que os retivesse, e obrigasse a tirar os navios em terra pera de noite lhe pôrem fogo. O Catual como em tudo queria comprazer aos Mouros, levou Vasco da Gama fóra de Calecut, mostrando que o acompanhava té o meio caminho de sua embarcação, e secretamente tinha mandado aos Officiaes del-Rey, que estavam em Capocate, onde se espedio delle, que o retivessem, como homens que faziam aquillo por razão de seus officios. Quando elle vio que o retinham, bem lhe pareceo ser mais industria dos Mouros,

ros, que mandado pelo Camorij, e porque pudesse ir ter á sua noticia, começou de se queixar gravemente com os ministros do caso, os quaes respondêram, que elle se queixava mais sem cauza, do que a elles tinham em o reter, como officiaes que eram del-Rey, obrigados a olhar o bem, e segurança da terra, porque a elle não o retinham com tenção de o querer anojár, mas com receio de elle fazer algum nojo á gente da terra, depois que se visse em os navios, segundo se dizia que elles fizeram nos portos per onde vinham; que se elle, e os seus eram gente pacifica, deviam usar o costume d'aquellas partes, principalmente naquello tempo do inverno, varando seus navios em terra, e não estar sempre com a verga d'algum mal. Ao que Vasco da Gama respondeu, que os seus navios eram de quilha, e não de feição dos da terra, e por isso era cousa impossivel poderem ser varados, por não haver alli os aparelhos que no Reyno de Portugal havia, pera aquella necessidade. Finalmente tanto aperfiáram sobre o varar dos navios, ou que leixasse em terra alguns homens com mercadorias, e isto em modo de refens, em quanto o Camorij o não despachava, dizendo, que a gente do mar llo requeria, pera poderem ir pescar seguramente-

mente delles: que conveio a Vasco da Gama deixar em terra com alguma pouquidade disso que levavam pera compra de mantimentos a Diogo Dias por Feitor, Alvaro de Braga por Escrivão, Fernão Martins lingua, e quatro homens do seu serviço, té em que parava o despacho do Camorij. Os ministros desta obra tanto que per ella ficáram seguros, consentíram que Vasco da Gama se embarcasse; mas quanto a modo pera que Diogo Dias comprasse alguma cousa, tudo eram artificios pera o não poderem fazer; de maneira, que per espaço de seis, ou sete dias elles se haviam por prezos, e não por Feitores, té que á força de queixumes de Vasco da Gama acudido o Catual, que era o auctor destas cousas, e mandou-se desculpar a elle, fingindo não ser disso sabedor; e porém que os officiaes tinham razão, por quanto o Camorij o não tinha de todo despachado. É que por haver pouco que comprar, ou vender naquelle lugar, elle mandava levar os seus Feitores a Calecut, onde havia cópia de tudo: por tanto lhe parecia bom conselho que elle com os seus navios se fosse ao porto da Cidade por ser mais perto donde estava o Camorij pera seus negocios serem mais em breve despachados. Vasco da Gama, posto que sentisse, que todos estes arti-

Tom. I.

Z

fi-

fícios eram dilações pera o deter té a vinda das náos de Méca, segundo lhe tinha dito o Mouro Monçaide; (o qual já neste tempo escondidamente vinha communicar com elle;) todavia, porque estando mais perto delRey, per meio do mesmo Monçaide lhe poderia mandar algum recado, e mais saber o que se fazia com Diogo Dias, e Alvaro de Braga, foi-se com os navios poer ante a Cidade de Calecut, onde soube per Monçaide, que se os Mouros não temêram poder com isso indignar o Çamorij, já os tiveram mortos. Vasco da Gama vendo este negocio tão damnado, e que o Çamorij era mudado dos paços, donde lhe fallára, pera mais longe, sem haver commemoração de seu despacho, e que elles não tinham outro meio pera o requerer senão Monçaide, que já não ousava communicar com elles, senão dando a entender aos Mouros que era sua espia, ajuntou-se com Paulo da Gama, Nicolao Coelho, e os principaes da companhia dos navios, e teve conselho sobre o que deviam fazer. E determinarem-se que não deviam esperar mais resposta delRey que os defenganos, que lhe tinha dado em palavras, e no modo de os despedir, leixando-os em poder de seus inimigos tanto tempo sem lhe mandar resposta. Assentado este conselho, escreveu Vasco da Ga-

Gama per Monçaide a Diogo Dias , que
o mais secreto que pudessem pera tal dia
ante manhã se viessem á praia , porque alli
achariam bateis pera os recolher ; però co-
mo os Mouros tinham vigia sobre elles ,
tanto que os sentíram , saltáram com elles ,
e os prendêram , tomando-lhes quanta fa-
zenda levavam. Vasco da Gama vendo que
a maldade dos Mouros não se podia reme-
diar com a paciencia , e soffrimento que
com elles teve , nem tinha esperança d'al-
gum despacho delRey , houve á mão obra
de vinte tantos pescadores , que vinham pes-
car ao mar , e com elles se fez á véla , que
foi pera os Mouros grande prazer , vendo
alvorçado todo o Gentio com a grita , e
brados das mulheres destes pescadores. A
nova do qual caso tanto que foi ao Çamo-
rij , posto que os Mouros per seus meneos
o queriam indignar contra os nossos , di-
zendo , que per alli veria quem elles eram ,
todavia por ter sentido o odio que lhe ti-
nham , ante de se determinar em outra cou-
sa , mandou dous homens principaes dos
Gentios sem suspeita , que lhe viessem sa-
ber como aquelle negocio passava. Per os
quaes sendo informado , como aquillo pa-
recia ser mais repressaria por os seus ho-
mens , que lhe os Mouros prendêram , que
por outra causa , e mais que elle Capitão

andava á véla huma volta ao mar , e outra á terra , como quem queria fazer razão de si , se a fizessem com elle , tornou logo a enviar estes mesmos homens , que levavam ante elle Diogo Dias , e os outros , que com elle estavam , com os quaes teve prática sobre o modo de seu despacho. E mandou-lhe que escrevessem a Vasco da Gama , que tratasse bem os homens que tomára , porque elle , e seus companheiros estavam mui bem tratados em poder delle Camorij , e per elles , e lhe queria mandar o despacho. Vasco da Gama com esta carta ficou mui contente ; però temendo alguma malicia dos Mouros , duas , ou tres vezes se fez na volta do mar , e outras tantas surgio diante da Cidade , porque as partes a que tocava a liberdade da gente que tinha tomado , clamassem ao Camorij sua liberdade a troco dos nossos. Finalmente pela informação que teve da verdade , despachou Diogo Dias , mandando per elle a Vasco da Gama huma carta , que escreveo a ElRey D. Manuel , em que lhe dizia como recebêra outra sua , e ouvira seu Embaixador , e lhe respondêra ; e que a causa de sua partida per aquelle modo , foram differenças antigas d'ante Christãos , e Mouros. Que elle teria muito contentamento de sua amizade , e do commercio das cousas do

do seu Reyno , podendo ser sem aquelles
 escandalos , porque os Mouros elle os ha-
 ria por naturaes do seu Reyno por ser gen-
 te mui antiga naquelle acto do commercio.
 Com a qual carta , e algumas cousas , que
 deu a Diogo Dias , o espedio , mandando
 aquelles dous senhores Gentios que o entre-
 gassem a Vasco da Gama com a fazenda
 que lhe era tomada , e houvessem delle os
 pescadores que tinha em represaria. O que
 elles fizeram com algumas cautelas no mo-
 do da entrega , querendo ainda os Mouros
 usar de suas maldades ; mas com tudo re-
 colhidos todos os nossos , por causa d'algu-
 ma fazenda , que lhe não quizeram entre-
 gar , Vasco da Gama reteve certos Indios ,
 que trouxe consigo , e assim o fiel Monçai-
 de , partindo logo aquelle dia , que eram
 vinte e nove de Agosto , havendo setenta e
 quatro dias que chegára áquella Cidade Ca-
 lecut.

CAPITULO XI.

Como Vasco da Gama se partio do porto de Calecut , e foi ter á Ilha Anchediva , onde veio hum Judeo , o qual Vasco da Gama prendeo , e elle se fez Christão : e do mais que passou na sua viagem té chegar ao Reyno.

PArtido Vasco da Gama , não mui contente da espedida que houve em seu despacho , quando veio ao seguinte dia , andando em calma pouco mais de legua e meia de Calecut , vieram a elle obra de sessenta tonés , que são barcos pequenos atulhados de gente , parecendo-lhe que por ser muita tinham pouco que fazer com a nossa ; però como sentíram seu damno com a artilheria que ao longo os foi receber , e principalmente com hum trovoada que os derramou , elles tomáram por acolheita a terra , e os nossos o mar , seguindo seu caninho á vista da costa. E desejava Vasco da Gama metter nella hum dos Padrões que levava , porque outro que mandou ao Camorij per Diogo Dias pera se poer na Cidade , segundo ficava na vontade dos Mouros , era certo que não havia de estar muitas horas em pé , tanto se chegou á terra pera escolher lugar notavel , onde o puzesse , que veio

veio dar com elle hum toné de pescadores. Per o qual escreveo ao Çamorij per mão de Monçaide , em que se queixou dos enganos , que com elle ufáram na entrega da gente , e fazenda que tinha em terra , onde lhe ficava boa parte. E que não houvesse por mal levar elle comfigo alguns dos seus naturaes , porque não era a fim de reprefaria da fazenda ; mas pera ElRey seu Senhor per elles se poder informar de seu estado , e das cousas do seu Reyno , e elle Çamorij per o mesmo modo saber as de Portugal , quando elle Vasco da Gama , ou outro Capitão tornasse áquella sua Cidade , que sería o anno seguinte , como elle esperava em Deos , pera confusão dos Mouros. Espedido este barco , tornou seguir seu caminho com desejo de metter o Padrão que dissemos ; e por não achar lugar mais á sua vontade , em huns ilheos pegados com a terra metteo hum per nome Sancta Maria , donde os ilheos se chamam ora de Sancta Maria , os quaes estam entre Bacanor , e Baticalá , dous lugares notaveis daquella costa , e no arvorar delle se achou algum Gento da terra , que o fizeram com muito prazer , por o bom tratamento que lhe Vasco da Gama fazia , e cousas que dava. Assi que com este Padrão , que foi o derradeiro em tempo , leixou Vasco da Gama nesta viagem

pos-

postos cinco Padrões, S. Rafael no rio dos Bons Sinaes, S. Jorge em Moçambique, Sancto Espirito em Melinde, Sancta Maria nestes ilheos, e o ultimo per sitio em Calecut chamado S. Gabriel. Os quaes pe-
 ró que não sejam postos per nação tão glo-
 riosa de escrever, como foi a gente Grega,
 nem o nosso estylo possa alevantar a gloria
 deste feito no gráo que elle merece, ao me-
 nos será recompensado com a pureza da
 verdade que em si contém. Não contando
 os fabulosos trabalhos de Hercules em poer
 suas columnas, nem pintando alguma Argo-
 nautica de Capitães Gregos em tão curta,
 e segura navegação, como he de Grecia ao
 rio Faso, sempre á vista da terra, jantando
 em hum porto, e ceando em outro, nem
 escrevendo os erros de Ulysses sem sahir
 de hum clima, nem os varios casos de Eneas
 em tão breve caminho, nem outras fabulas
 da gentildade Grega, e Romana: que com
 grande engenho na sua escriptura assi decan-
 taram, e celebráram a empreza, que cada
 hum tomou, que não se contentáram com
 dar nome de illustres Capitães na terra aos
 auctores destas obras, mas ainda com no-
 me de Deoses os quizeram collocar no Cec.
 E a gente Portuguez Catholica per Fé, e
 verdadeira adoração do culto, que se deve
 a Deos, arvorando aquella Divina bandeira
 de

de Christo, final de nossa Redempção, de que a Igreja canta *Vexilla Regis prodeunt*, não sómente á vista dos Mouros de Africa, Persia, e India, perfidos a ella, mas diante de todo o paganismo destas partes, que della nunca tiveram noticia, e isto navegando per tantas mil leguas, que vem a ser antipodas de sua propria patria, cousa tão nova, e maravilhosa na opinião das gentes, que té doctos, e mui graves barões em suas escrituras puzeram em dúvida de os haver; nas quaes partes elles houveram victorias de todas estas nações, contentando com os perigos do mar trabalhos de fome, e sede, dores de novas enfermidades, e finalmente com as malicias, traições, e enganes dos homens, que he mais duro de soffrer: Assi são proprias todas estas cousas em a Nação Portuguez, e as tem por tão natural mantimento, depois que nascem, que os faz fastidiosos no trabalho de as querer contar, e escrever, como se tivesse a seus proprios feitos odio pera os ouvir depois que os faz, como são appetitosos pera os commetter, e apressados no acto de os fazer, e constantes em os segurar. Certo grave, e piedosa cousa de ouvir, ver huma Nação, a que Deos deo tanto animo, que se tivera creado outros Mundos já lá tivera mettido outros Padrões de victorias: assi he descuidada-

dada na posteridade de seu nome, como se não fosse tão grande louvor dilatallo per penna, como ganhillo pela lança. E tornando a Vasco da Gama auctor de tão illustre feito, que na distancia da terra, em que poz estes cinco Padrões per linha direita de Ponente a Levante, descubrio mil e duzentas leguas, começando do rio do Infante, onde acabou Bartholomeu Dias, té o porto da Cidade Calcut: tanto que leixou posto este Padrão Sancta Maria, foi ter per enculca do Gentio da terra, desejando de espalmar os navios em outros ilheos pegados com terra firme, aos quaes nós agora chamamos Angedivida, e os Canarijs Anche-diva, *anche*, quer dizer cinco, *diva*, Ilhas, por elles serem cinco, posto que o notavel he hum, de que ao diante faremos maior relação, por causa de huma fortaleza, que ElRey D. Manuel nelle mandou fazer. Na qual parte estando Vasco da Gama em trabalho de espalmar seus navios, e fazendo aguada, por ser a melhor de toda aquella costa, onde geralmente todalas náos, que per alli navegam, a vem fazer, e o Gentio dalli mui satisfeito polas causas que lhe mandava dar, veio a elle hum coffario por nome Timoja, que depois, como adiante se verá, foi grande nosso amigo. Este tanto que teve noticia dos nossos navios, e que a gen-

gente delles era estrangeira , sahio de hum lugar , onde elle vivia chamado Onor perto dalli ; e como homem sagaz , quiz commetter os nossos per este artificio , ajuntando oito navios de remo pegados huns em outros , todos cubertos de rama , que pareciam huma grande balsa della. Vasco da Gama quando vio que de terra esta balsa vinha contra elle , perguntou aos Indios , que alli andavam familiares , que visão era aquella : ao que elles respondêram , que não se espantasse della , que eram invenções de hum fraco cossairo , que costumava commetter alguns navios que per alli passavam. Todavia Vasco da Gama , ante que Timoja se chegasse mais a elle , mandou a seu irmão Paulo da Gama , e a Nicoláo Coelho , que o fossem salvar com a artilheria , como elles fizeram ; e foi a salva de maneira , que os barcos enramados se derramáram logo , acolhendo-se a terra ; na qual fugida Nicoláo Coelho tomou hum delles , em que acháram arroz , e outro mantimento da terra com alguma pobreza de suas provisões. Passado o dia deste cossairo Timoja , que per aquelle modo quizera commetter os nossos navios , como a terra era já chea da estancia , que elles alli faziam , sobreveio outro caso , que se fora avante lhe houvera de dar muito trabalho , e foi este. Hum senhor

Mou-

Mouro chamado Sabayo, cuja era huma Cidade per nome Goa, que ora he a Metropoli, que este Reyno tem naquellas partes, daquella Ilha de Anchediva té doze leguas, como era homem, que tinha consigo Arabios, Parscos, Turcos, e alguns Levantiscos arrenegados, com ajuda, e industria dos quaes tinha naquellas partes adquirido grande estado, tanto que soube como os nossos navios eram de gente destas partes da Christandade, desejando haver informação della, chamou hum Judeo natural de Polonia, que lhe servia de Xabandar, e perguntou-lhe se tinha sabido de que nação era a gente, que vinha naquelles navios: ao que este Judeo respondeo ter sabido que se chamavam Portuguezes, que habitavam nos fins da terra da Christandade, a qual gente sempre ouvira nomear por guerreira, soffredora de trabalho, e mui leal ao Senhor que serviam; que se ella era a que lhe diziam devia trabalhar pola haver a seu serviço, porque com os taes homens se podiam fazer grandes conquistas. O Sabayo ouvindo este louvor dos nossos, como procurava haver em seu serviço gente de guerra, mandou a este Judeo que fosse a elles, e os commettesse da sua parte com algum partido favoravel; e quando o não acceptassem, elle mandaria tres, ou quatro navios

ar-

armados, que estivessem em seu resguardo, pera que dando-lhe aviso, os viessem commetter, que se partisse elle, porque os navios iriam logo nas suas costas. Partido o Judeo com este fundamento, veio ter em hum pequeno barco junto de huma ponta da terra firme, que estava sobre os nossos navios; e posto sobre aquelle tezò, começou em altas vozes bradar que queria falar ao Capitão, e que o segurassem per aquelle final, mostrando huma Cruz de páo. Vasco da Gama quando vio a Cruz, fez-lhe em seu coração reverencia, dizendo, que debaixo daquelle final de sua Redempção elle não esperava engano, ou mal, que lhe fosse feito; e convertendo-se aos Gentios, que alli andavam familiares com elle, perguntou-lhes se conheciam aquelle homem que bradava; os quaes como andavam contentes do bem que lhe elle mandava fazer, disseram: *Senhor, não te fies deste, porque he soldado do senhor de huma Cidade chamada Goa, que está perto daqui; e como he Mouro, gente com que vós-outros estais em odio, per ventura virá com algum engano.* Vasco da Gama como teve esta noticia d'elle, mandou-lhe responder, que se queria alguma cousa, e elle era homem seguro, que o segurava. Ao que o Judeo respondeo, que elle vinha com muita verdade,

de , e que na confiança della se entregava em seu poder: com as quaes palavras desceo do lugar onde estava , e se veio a elle , mostrando huma seguridade , como quem não trazia no peito outra cousa ; mas Vasco da Gama de boa entrada lha descubrio logo , querendo-o metter a tormento. Quando o Judeo se vio naquelle estado , começou de pedir que por amor de Deos o não mandasse atormentar , que elle diria toda a verdade a que era vindo ; e que primeiro de vir a este caso lhe queria contar o principio de seu nascimento , e vida , per a qual , e pelo que ao presente sentia della , e da vinda delles naquellas partes , lhe parecia que não era sómente por salvação del- le , mas ainda pola de tantas mil almas , como havia no Gentio daquellas partes ; porque não estava em razão homens tão occidentaes , como era a gente Portuguez , os quaes viviam nos fins da terra , virem ás partes do Oriente per tanta distancia de mares , e caminhos não sabidos , senão pera algum grande mysterio , que Deos queria obrar per elles. Então começou a contar o principio de sua vida , dizendo , que no anno de Christo de mil quatrocentos e cincoenta , ElRey de Polonia mandára lançar hum pregão per todo seu Reyno , que quantos Judeos nelle houvesse , dentro de trinta dias

dias se fizessem Christãos , ou se sahisses
 do seu Reyno ; e passado este termo de
 tempo , os que achassem fossem queimados.
 Donde se causou que a maior parte dos Ju-
 deos se sahiram fóra do Reyno pera diver-
 sas partes , e nesta sahida fora seu pai , e sua
 mãe , que eram moradores em huma Cida-
 de chamada Bosna , os quaes vieram ter a
 Jerusalem , e dahi se passáram á Cidade Ale-
 xandria , onde elle nasceo ; e depois que
 chegou a perfecta idade , discorrendo per
 muitas partes , fora ter áquellas da Índia
 ao serviço do Sabayo Senhor de Goa , per
 cujo mandado era alli vindo provocar a el-
 le , e aos seus , que o quizessem ir servir a
 soldo , da maneira que com elle lá andavam
 alguns Levantiscos. E que este desejo tomá-
 ra ao Sabayo de os querer em sua ajuda ,
 por lhe elle gabar a gente Portuguez ; e que
 verdadeiramente esta era a causa de sua vin-
 da : que lhe pedia não recebesse mal delle ,
 e houvesse por bem de o receber , como
 a gente Christã costuma áquelles , que se
 chegam ao Baptismo , por quanto elle o
 queria acceptar , e morrer na Fé de Chri-
 sto. Vasco da Gama como vio nesta práti-
 ca , e em outras , que com elle teve , ser
 homem experto , e que mui particularmente
 dava razão das cousas daquellas partes , co-
 meçou de o consolar : e que quanto ao fi-

lho, e fazenda, que dizia ficar-lhe em Goa, que se não agastasse; porque ElRey seu senhor, tanto que elle chegasse com ajuda de Deos ao Reyno de Portugal, logo havia de mandar huma grossa Armada áquellas partes, em que elle tornaria, na qual viagem poderia cobrar seu filho, e muito mais fazenda nas mercês que lhe ElRey faria, que quanta leixava em Goa. Finalmente elle foi baptizado, e houve nome Gaspar, tomando por appellido Gama por causa de Vasco da Gama, que o trouxe áquelle estado; e per aviso d'elle logo ao seguinte dia, ante que viessem os navios, que o Sabyo havia de mandar, Vasco da Gama, por estar já prestes, se fez á véla via deste Reyno, atravessando aquelle grande golfo, que ha da costa da India a estoutra de Melinde na terra de Africa, em que lhe adoeceo, e morreo muita gente das enfermidades passadas por razão de grandes calmarias que teve. E a primeira terra que tomou, foi abaixo da Cidade Magadaxo situada na costa brava; per a qual passou sem fazer mais detença que salvalla com artilheria, por ver no aparato de seus edificios ser tão grande cousa, que não quiz fazer mais experiencia da verdade dos Mouros daquella costa. Però não se pode esperar sem algum encontro delles, cá sendo

tan-

tanto avante , como outra chamada Paté ,
 lhe sahíram ao caminho sete , ou oito zam-
 bucos da terra mui bem armados , com fun-
 damento de o commetter , aos quaes elle sal-
 vou de maneira com artilheria , que não o
 quizeram mais seguir. Chegado a Melinde ,
 onde elle levava posta a proa , foi recebido
 pelo Rey nosso amigo com muito prazer ;
 e a gente enferma que trazia recebeu re-
 feição com os refrescos da terra , posto que
 alguns ficáram alli enterrados em cinco dias
 que se deteve ; em tal estado vinham. E
 tornando a seu caminho , no lugar dos bai-
 xos , onde o navio S. Rafael tocou , (co-
 mo atrás dissemos ,) deo outro toque , com
 que ficou alli pera sempre : que não deo
 muita paixão a Vasco da Gama por vir já
 tão falecido de gente pera marear tres na-
 vios , que pera dous ainda toda a deste era
 pouca. A qual repartida per elles , chegá-
 ram aos ilheos de S. Jorge defronte de Mo-
 gambique , onde ao pé do Padrão chamado
 S. Jorge , que deo nome ao ilheo , dia da
 Purificação de Nossa Senhora , em seu lou-
 vor ouviram huma Missa , e outra na agua-
 da de S. Braz , e a vinte de Março dobrá-
 ram o grão Cabo de Boa Esperança , na
 qual paragem a gente começou a convales-
 cer pera poderem todos servir em a nave-
 gação. Chegados com affás trabalho junto

das Ilhas do Cabo Verde com hum temporal forte que alli tiveram, Nicoláo Coelho se apartou de Vasco da Gama; e cuidando elle que o trazia ante si, veio ter á barra de Lisboa a dez de Julho daquelle anno de quatrocentos noventa e nove, havendo dous annos que sahira per ella; e quando soube que Vasco da Gama não era ainda chegado, quizera fazer volta ao mar em sua busca. Però sabendo ElRey, que então estava na Cidade, da sua chegada, e como queria tornar em busca de seu Capitão, mandou que entrasse pera dentro. Vasco da Gama com aquelle temporal foi ter á Ilha de Sant-Iago; e por trazer seu irmão Paulo da Gama mui doente, leixou por Capitão em o seu navio a João de Sá, que se viesse a Lisboa; e elle por remediar a saude de seu irmão, em huma caravela que fretou, passou-se á Ilha terceira, onde o veio enterrar no Mosteiro de S. Francisco por vir já mui debilitado. A morte do qual deo muita dor a Vasco da Gama, porque além de perder irmão, tinha Paulo da Gama qualidades pera sentir sua morte quem delle tivesse conhecimento, e mais por falecer ás portas do galardão de seus trabalhos. Partido Vasco da Gama daquelle Ilha terceira, a vinte e nove d'Agosto chegou ao porto de Lisboa, e sem entrar na Cidade, teve hu-

humas novenas em a Casa de Nossa Senhora de Bethlem, donde elle partio a este descubrimto. E aqui foi visitado de todos os Senhores da Corte té o dia de sua entrada, que se fez com grande solemnidade; e por se mais celebrar sua vinda, houve touros, canas, mommos, e outras festas, em que ElRey quiz mostrar o grande contentamento que tinha de tão illustre serviço, como lhe Vasco da Gama fez: que foi hum dos maiores que se vio feito per vassallo, em tão breve tempo, e com tão pouco custo. Por causa do qual, como adiante se dirá, ElRey accrescentou á sua Coroa os titulos que ora tem de Senhor da conquista, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India. E na satisfação deste grande serviço mostrou ElRey quanto o estimava, fazendo logo, e depois mercê a Vasco da Gama destas cousas: Que elle, e seus irmãos se chamassem de Dom, e que no escudo das Armas de sua linhagem accrescentasse huma peça das Armas Reaes deste Reyno, e o officio de Almirante dos mares da India, e mais trezentos mil reaes de renda: e que em cada hum anno pudesse empregar na India duzentos cruzados em mercadorias, os quaes regularmente na especiaría, que lhe vem do emprego delles, respondem cá no Reyno dous contos e oi-

tocentos mil reaes , e tudo isto de juro , e assi Conde da Vidigueira , correndo depois o tempo , em que as cousas da India mostráram ser a grandeza dellas maior do que parecia nos primeiros annos. E se Valco da Gama fora de nação tão gloriosa , como eram os Romanos , per ventura accrescentára ao appellido da sua linhagem , posto que fosse tão nobre como he , esta alcunha , *da India* , pois sabemos ser mais gloriosa cousa pera insignias de honra o adquirido , que o herdado , e que Scipião mais se gloriava do feito que lhe deo por alcunha , *Africano* , que do appellido de Cornelio , que era da sua linhagem.

C A P I T U L O XII.

Como ElRey D. Manuel em louvor de Nossa Senhora fundou na sua Ermida de Bethlem , que estava em Rastello , hum sumptuoso Templo , que depois tomou por jazigo de sua sepultura.

O Infante D. Henrique , (como atrás escrevemos ,) por razão desta empreza , que tomou de mandar descubrir novas terras em as partes , donde as suas Armadas partiam a este descobrimento , por louvor de Nossa Senhora , mandava-lhe fazer huma Casa , huma das quaes foi a de Rastello em Lis-

Lisboa da invocação de Bethlem, na qual tinha certos Freires da Ordem da Milicia de Christo, de que elle era Governador, e Administrador, á qual Ordem elle tinha dado esta casa com todas as terras, pumares, e aguas, que para elle comprára. Isto com encargo, que o Capellão obrigado a ella cada sabbado dissesse por elle Infante huma Missa a Nossa Senhora; e quando fosse ao lavar das mãos, se volvesse ao povo, e em alta voz lhe pedisse quizessem dizer hum Pater noster, e huma Ave Maria pola alma delle Infante por mandar fazer aquella Igreja; e assi polos Cavalleiros da Ordem de Christo, e por aquelles a que elle era obrigado. O fundamento das quaes casas, e principalmente desta de Bethlem, era pera que os Sacerdotes, que alli residissem, ministrassem os Sacramentos da Confissão, e Communhão aos mareantes que partiam pera fóra; e em quanto esperavam tempo, (por ser quasi huma legua da Cidade,) tivessem onde ouvir Missa. El Rey D. Manuel, como imitador deste sancto, e catholico avoengo, vendo que succedêra a este Infante em ser Governador, e perpétuo Administrador da Ordem da Milicia de Christo, e assi em proseguir este descobrimento, tanto que veio Vasco da Gama, em que se terminou a esperança de tantos annos, que

era o descobrimento da India, quiz, como premicias desta mercê, que recebia de Deos em louvor de sua Madre, (a quem o Infante tinha tomado por sua Protectora para esta obra,) fundar hum sumptuoso Templo na sua Ermida da vocação de Bethlem. E acceptou ante este, que outro lugar, por ser o primeiro posto, donde haviam de partir todalas Armadas a este descobrimento, e conquista; e tambem porque como a causa que elle teve de fazer tamanha despeza, como se neste Templo tem feito, procedeo da mais notavel, e maravilhosa obra, que os homiens víram, pois per ella o Mundo foi estimado em mais do que se delle cuidava, ante que descobrissemos esta sua tão grande parte, convinha que huma tão memoria de gratificação fosse feita em lugar, onde as nações de tão varias gentes, como o mesmo Mundo tem, quando entrassem neste Reyno, a primeira cousa que vissem, fosse aquelle sumptuoso edificio fundado das victorias de toda a redondeza delle. E como o lugar de Rastello he o mais célebre, e illustre, que este Reyno de Portugal tem, por ser nos arrabaldes de Lisboa Monarca desta oriental conquista, e porta per onde haviam de entrar neste Reyno os triunfos della, nesta entrada convinha ser feito hum portico de pompa humana, nenhum

templo a Jupiter protector , como os Romanos tinham em Roma no tempo de seu imperio , a que offerciam as insignias de suas victorias ; mas hum Templo dedicado áquelle vivo , e divino Templo , que he a Madre de Deos da vocação de Bethlem ; porque como neste acto de ser Madre , e Virgem triumphou do principe das trévas , dando espirital victoria a todo Genero humano , assi era cousa mui justa que os triumphos das temporaes victorias , que per suas intercessões os Portuguezes haviam de haver dos principes , e reys das trévas da infidelidade de todo o Paganismo , e Mouros daquellas partes do Oriente , quando entrassem pela barra de Rastello com as náos carregadas delles , achassem casa sua tão grande pera os recolher , como ella fora liberal em conceder as petições delles nos actos de suas necessidades , á qual casa ElRey deo aos Religiosos da Ordem de S. Jeronymo pola singular devoção que tinha neste Sancto : e por a mesma causa a elego por jazigo de sua sepultura. E porque a Ermida com todas as propriedades da casa , (como dissemos ,) era da Ordem de Christo , por a ter dotada o Infante ao Convento d'elle , que está em a Villa de Thomar , per auctoridade Apostolica deo ElRey por ella ao mesmo Convento a Igreja de Nossa Senhora

da

da Conceição de Lisboa, a qual elle fez de esnoga, que era dos Judeos, onde ora residem Freires da mesma Ordem de Christo, e lhe applicou renda não sómente para os Freires, mas ainda para huma Comenda que fez daquella casa. E foi ainda El-Rey D. Manuel tão magnanimo na gloria da edificação deste Templo de Bethlem, que tomou para o lugar de sua Imagem, e da Rainha D. Maria sua mulher a porta mais pequena fronteira ao Altar mór: e mandou pôr a imagem daquelle excellente Principe Infante D. Henrique na porta travessa por ser mais principal em vista, armado como hoje apparece sobre a columna do meio. E mais por se não perder a memoria do que elle Infante mandava, que á sua Missa o Sacerdote pedisse ao povo que o encomendassem a Deos: per este mesmo modo são obrigados os Religiosos a outra Missa, que El-Rey ordenou que se dissesse per elle; que o Sacerdote peça tambem ao povo, que roguem a Deos pola alma do Infante D. Henrique primeiro Fundador daquella Casa, e assi por El-Rey, e por seus successores, com a qual obra fica o Infante D. Henrique louvado no que fez por louvor de Nossa Senhora, e El-Rey D. Manuel com muito maior, porque então se consegue elle dobrado ante Deos per gloria,

ria, e ácerca dos homens per fama, quando das nossas obras por razão d'alguma pequena parte que nellas outrem poz, lhe queremos dar o todo; e o contrario, quando queremos esconder o todo pola parte que nella puzemos.

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO V.

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram no descobrimento dos mares, e terras do Oriente, no qual se contém o que Pedralvares Cabral fez no anno de quinhentos, que deste Reyno partio com huma grossa Armada: e o que fez João da Nova no anno seguinte de quinhentos e hum com outra de quatro náos.

CAPITULO I.

Como ElRey por razão da nova, que Dom Vasco da Gama trouxe da India, mandou fazer huma Armada de treze velas, da qual foi por Capitão mór Pedralvares Cabral.

ELREY D. Manuel, como era Principe Catholico, e que todas suas cousas offerencia a Deos, por esta mercê que d'elle tinha recebido, dava-lhe muitos louvores, pois lhe aprouvera ser elle o instrumento per quem quizera conceder hum bem tão universal, como era abrir as portas d'outro novo Mundo de infieis, onde o seu nome

me podia ser conhecido, e louvado, e as chagas de seu precioso Filho Christo Jesus recebidas per Fé, e Baptismo pera redempção de tantas mil almas, como o demonio naquellas partes da infidelidade imperava. Pera gratificação da qual mercê que tinha recebida de Deos, e porque o seu povo se gloriaffe nella, escreveo a todas as Cidades, e Villas notaveis do Reyno, notificando-lhes a chegada de D. Vasco da Gama, e os grandes trabalhos que tinha passado, e o que aprouve a Nosso Senhor que no fim delles descubrisse, encommendando-lhes que solemnizassem tamanha mercê, como este Reyno tinha recebido de Deos, com muitas procissões, e festas espirituas em seu louvor. E como nos taes ajuntamentos sempre concorrem diversos pareceres em tão novos casos, leixando aquelles que perdêram pai, irmão, filho, ou parente nesta viagem, cuja dor não leixava julgar a verdade do caso, toda a outra gente a huma voz era no louvor deste descobrimento. Quando viam neste Reyno pimenta, cravo, canela, aljofre, e pedraria, que os nossos trouxeram, como mostra das riquezas daquella Oriental parte que descubríram, lembrando-lhes quão espantados os fazia alguma destas cousas, que as galés de Veneza traziam a este Reyno. As quaes práticas todas se conver-

tiam

tiam em louvores delRey, dizendo, que elle era o mais bem afortunado Rey da Christandade, pois nos primeiros dous annos de seu reynado descobrira maior estado á Coroa deste Reyno, do que era o patrimonio que herdára; cousa que Deos não concedêra a nenhum Principe de Hespanha, nem a seus antecessores, que nisso bem trabalháram per discurso de tantos annos, nem se achava escriptura de Gregos, Romanos, ou d'alguma outra nação, que contasse tamanho feito, como era tres navios com obra de cento e sessenta homens, quasi todos doentes de novas doenças, de que muitos falecêram, com a mudança de tão varios climas per que passáram, differença dos mantimentos que comiam, mares perigosos que navegavam, e com fome, sede, frio, e temor, que mais atormenta, que todas outras necessidades, obrar nelles tanto a virtude da constancia, e precepto de seu Rey, que pospostas todas estas cousas, navegáram tres mil e tantas leguas, e contendêram com tres, ou quatro Reys tão differentes em lei, costumes, e linguagem, sempre com victoria de todas as industrias, e enganos da guerra que lhe fizeram. Por razão das quaes cousas, posto que muito se devesse ao esforço de tal Capitão, e vassallos, como ElRey mandára, mais se havia de attribuir á boa for-

fortuna deste seu Rey, porque não era em poder, ou saber de homens, tão grande, e tão nova cousa como elles acabáram. El-Rey de todas estas práticas, e louvores do caso era sabedor, porque naquelles dias não se fallava em outra cousa, que era para elle dobrado contentamento, saber quão prompta estava a vontade de seu povo pera proseguir esta conquista. E porque pela informação que tinha da navegação d'aquellas partes, o principal tempo era partir daqui em Março, e por ser já muito curto pera no seguinte do anno de mil e quinhentos se fazer prestes a Armada, teve logo conselho no modo que se teria nesta conquista: cá, segundo o negocio, ficava suspeitoso polas cousas que D. Vasco da Gama passára, parecia que mais havia de obrar nelles temor de armas, que amor de boas obras. Finalmente asentou El Rey, que em quanto o negocio de si não dava outro conselho, o mais seguro, e melhor era ir logo poder de náos, e gente, porque nesta primeira vista que sua Armada d'esse áquellas partes, que já ao tempo de sua chegada toda a terra havia de estar posta em armas contra ella, convinha mostrar-se mui poderosa em armas, e em gente luzida. Das quaes duas cousas, os moradores d'aquellas partes podiam conjecturar, que o Reyno de

de Portugal era mui poderoso pera proseguir esta empreza; e a outra, vendo gente luzida, a riqueza delle, e quão proveitoso lhe sería terem sua amizade. E não sómente se assentou no Conselho o numero das náos, e gente d'armas, que havia de ir nesta Armada, mas ainda o Capitão mór della, que por as qualidades de sua pessoa foi escolhido Pedralvares Cabral filho de Fernão Cabral. Chegado o tempo que as náos estavam prestes pera poderem partir, foi El-Rey, que então estava em Lisboa, hum Domingo oito dias de Março do anno de mil e quinhentos com toda a Corte ouvir Missa a Nossa Senhora de Bethlem, que he em Rastello, onde já as náos estavam com seu alardo da gente d'armas feito. Na qual Missa ouve Sermão, que fez D. Diogo Ortiz Bispo de Cepta, que depois foi de Viseu, todo fundado sobre o argumento desta empreza. Estando no Altar, em quanto se disse a Missa, arvorada huma bandeira da Cruz da Ordem da Cavalleria de Christo, que no fim da Missa o mesmo Bispo benzeo, e de si El-Rey a entregou a Pedralvares Cabral, com aquella solemnidade de palavras, que os taes actos requerem, ao qual, em quanto se disse a Missa, El-Rey por honra do cargo que levava, teve consigo dentro na cortina. Acabado este acto, assi como es-

ta-

tava arvorada, com huma solemne Procissão de Reliquias, e Cruzes, foi levada aquella bandeira, final de nossas espirituaes, e temporaes victorias, a qual ElRey acompanhou, té Pedralvares com seus Capitães na praia lhe beijarem a mão, e despedirem delle. A qual espedida geralmente a todos foi de grande contemplação, porque a maior parte do povo de Lisboa, por ser dia de festa, e mais tão celebrado por ElRey, cubria aquellas praias, e campos de Bethlem, e muitos em bateis que rodeavam as náos, levando huns, trazendo outros, assi serviam todos com suas librés, e bandeiras de cores divisas, que não parecia mar, mas hum campo de flores, com a flor d'aquella mancebia juvenil que embarcava. E o que mais levantava o espirito destas cousas, eram as trombetas, atabaques, fêstros, tambores, frautas, pandeiros, e té gaitas, cuja ventura foi andar em os campos no apascentar dos gados, naquelle dia tomáram posse de ir sobre as aguas salgadas do mar, nesta, e outras Armadas que depois a seguiram, porque pera viagem de tanto tempo tudo os homens buscavam pera tirar a tristeza do mar. Com as quaes differenças, que a vista, e ouvidos sentiam, o coração de todos estava entre prazer, e lagrimas, por esta ser a mais formosa, e poderosa Armada, que

té

té aquelle tempo pera tão longe deste Rey no partíra. A qual Armada era de treze véllas, entre náos, navios, e caravelas, cujos Capitães eram estes: Pedralvares Cabral Capitão mór, Sancho de Toar filho de Martin Fernandes de Toar, Simão de Miranda filho de Diogo de Azevedo, Aires Gomes da Silva filho de Pero da Silva, Vasco de Taíde, e Pero de Taíde d'alcunha Inferno, Nicoláo Coelho que fora com Vasco da Gama, Bartholomeu Dias o que descubrio o Cabo de Boa Esperança, e seu irmão Pero Dias, Nuno Leitão, Gaspar de Lemos, Luiz Pires, e Simão de Pina. Seria o numero da gente que hia nesta frota, entre mareantes, e homens d'armas, té mil e duzentas pessoas, toda gente escolhida, limpa, bem armada, e provida pera tão comprida viagem. E além das armas materiaes, que cada hum levava pera seu uso, mandava ElRey outras espirituaes, que eram oito Frades da Ordem de S. Francisco, de que era Guardião Fr. Henrique, que depois foi Bispo de Cepta, e Confessor delRey, barão de vida mui religiosa, e de grão prudencia, com mais oito Capellães, e hum Vigairo pera administrar em terra os Sacramentos na fortaleza que ElRey mandava fazer, todos barões escolhidos pera aquella obra Evangelica. E a principal cousa do

re-

regimento que Pedralvares levava, era primeiro que commettesse os Mourós, e gente idólatra daquellas partes com o gladio material, e secular, leixasse a estes Sacerdotes, e Religiosos usar do seu espirital, que era denunciar-lhes o Evangelho com amoestações, e requerimentos da parte da Igreja Romana, pedindo-lhes que leixassem suas idolatrias, diabolicos ritos, e costumes, e se convertessem á Fé de Christo, pera todos sermos unidos, e adjunctados em caridade de lei, e amor, pois todos eramos obra de hum Creador, e remidos per hum Redemptor, que era este Christo Jesus, promettido per Profetas, e esperado per Patriarcas tantos mil annos ante que viesse. Pera o qual caso lhe trouxessem todas as razões naturaes, e legaes, usando daquellas ceremonias, que o Direito Canonico dispõe. E quando fossem tão contumazes, que não acceptassem esta lei de Fé, e negassem a lei de paz, que se deve ter entre os homens, pera conservação da especie humana, e defendessem o commercio, e commutação, que he o meio per que se concilia, e trata a paz, e amor entre todos os homens, por este commercio ser o fundamento de toda a humana policia, però que os contratantes differam, em lei, e crença de verdade, que cada hum he obrigado ter,

Tom. I.

Bb

e crer

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

é crer de Deos, em tal caso lhe puzessem ferro, e fogo, e lhe fizessem crua guerra; e de todas estas cousas levava mui copiosos regimentos.

CAPITULO II.

Como partido Pedralvares teve hum temporal na paragem do Cabo Verde; e seguindo sua derrota, descubrio a grande terra, á que communmente chamamos Brazil, á qual elle poz nome Sancta Cruz; e como ante de chegar á Moçambique, passou hum temporal, em que perdeu quatro vélas.

AO seguinte dia, que eram nove do mez de Março, differindo suas vélas, que estavam a pique, sahio Pedralvares com toda a frota, fazendo sua viagem ás Ilhas do Cabo Verde, pera ali fazer aguada, onde chegou em treze dias. Però ante de tomar este Cabo, sendo entre estas Ilhas, lhe deo hum tempo, que lhe fez perder de sua companhia o navio, de que era Capitão Luiz Pires, o qual se tornou a Lisboa. Junta a frota, depois que passou o temporal, por fugir da terra de Guiné, onde as calmarias lhe podiam impedir seu caminho, empêgou-se muito no mar, por lhe ficar seguro poder dobrar o Cabo de Boa Esperança. E

E havendo já hum mez que hia naquella grão volta, quando veio a segunda oitava da Pascoa, que eram vinte e quatro de Abril, foi dar em outra costa de terra firme, a qual, segundo a estimação dos Pilotos, lhe pareceo que podia distar pera Aloeste da costa de Guiné quatrocentas sincoenta leguas, e em altura do pólo Antartico da parte do Sul dez grãos. A qual terra estavam os homens tão crentes em não haver alguma firme occidental a toda a costa de Africa, que os mais dos Pilotos se affirmavam ser alguma grande Ilha, assi como as Terceiras, e as que se acháram per Christovão Colom, que eram de Castella, a que os Castelhanos commummente chamam Antilhas. E por se affirmar no certo se era Ilha, ou terra firme, foi cortando ao longo della todo hum dia, e onde lhe pareceo mais azada pera poder ancorar, mandou lançar hum batel fóra. O qual tanto que foi com terra, víram ao longo da praia muita gente nua, não preta, e de cabello torcido como a de Guiné, mas toda de côr báça, e de cabello comprido, e corrido, e a figura do rostro cousa mui nova, porque era tão amaçado, e sem a commum semelhança da outra gente que tinham visto, que se tornáram logo os do batel a dar razão do que víram, e que o porto lhe parecia bom.

surgidouro. Pedralvares, por haver noticia da terra, encaminhou ao porto, com toda a frota, mandou ao batel que se chegasse bem a terra, e trabalhasse por haver á mão alguma pessoa das que víram, sem os amedrentar com algum tiro que os fizesse acolher; mas elles não esperáram por isso, porque como víram que a frota se vinha contra elles, e que o batel tornava outra vez á praia, fugiram della, e puzeram-se em hum tezo soberbo, todos apinhoados, a ver o que os nossos faziam. Os do batel, em quanto Pedralvares surgia hum pouco largo do porto, por não amedrentar aquella nova gente mais do que o mostrava em se acolher ao tezo, puzeram-se debaixo em se mesmo batel; e começou hum Negro Grimete fallar a lingua de Guiné, e outros que sabiam algumas palavras do Aravigo; mas elles nem á lingua, nem aos acenos, e que a natureza foi commum a todas as gentes, nunca acudíram. Vendo os do batel, que nem aos acenos, nem ás cousas que lhe lançáram na praia acudiam, cansados de esperárem algum final de entendimento delles, tornáram-se a Pedralvares, contando o que víram. Tendo elle determinado ao outro dia de mandar lançar mais bateis, e gente fóra, faltou aquella noite tanto tempo com elles, que lhe conveio levar as ancoras, e

corrêram contra o Sul, sempre ao longo da costa, por lhes ser per aquelle rumo o vento largo, té que chegarã a hum porto de mui bom surgidouro, que os seguro do tempo que levavam, ao qual por esta razão Pedralvares poz o nome, que ora tem, que he Porto seguro. Ao outro dia, como a gente da terra houve vista da frota, posto que toda aquella fosse huma, parece que permittio Deos não ser esta tão esquivã como a primeira, segundo logo veremos. E porque em a quarta Parte da escriptura da nossa conquista, a qual, como no principio dissemos, se chama *Sancta Cruz*, e o principio della começa neste descobrimento, lá fazemos mais particular menção desta chegada de Pedralvares, e assi do fytio, e cousas da terra: Ao presente basta saber, que ao segundo dia da chegada, que era Domingo da Pascoa, elle Pedralvares sahio em terra com a maior parte da gente, e ao pé de huma grande arvore se armou hum Altar, em o qual disse Missa Fr. Henrique Guardiã dos Religiosos, e houve prégação. E naquella barbara terra nunca trilhada de povo Christão, aprouve a Nosso Senhor per os meritos daquelle Sancto Sacrificio, memoria de nossa Redempção, ser louvado, e glorificado, não sómente daquelle povo fiel d'Armada, mas &

ainda do pagão da terra, o qual podemos crer estar ainda na lei da natureza, com o qual logo Deos obrou suas misericordias, dando-lhe noticia de si naquelle Sanctissimo Sacramento, porque todos se punham em giolhos, usando dos actos que viam fazer aos nossos, como se tiveram noticia da Divindade a que se humildavam, e ao Sermão estiveram mui promptos, mostrando terem contentamento na paciencia, e quietação que tinham, por seguir o que viam fazer aos nossos, que foi causa de maior contemplação, e devoção, vendo quão offerecido estava aquelle povo pagão a receber doutrina de sua salvação, se alli houvera pessoa que os pudéra entender. Pedralvares vendo que por razão de sua viagem outra cousa não podia fazer, dalli espedio hum navio, Capitão Gaspar de Lemos, com nova pera El-Rey D. Manuel do que tinha descuberto; o qual navio com sua chegada deo muito prazer a El-Rey, e a todo o Reyno, assi por saber da boa viagem que a frota levava, como pola terra que descubríra. Passados alguns dias, em quanto o tempo não fervia, e fizeram sua aguada, quando veio a tres de Maio, que Pedralvares se quiz partir, por dar nome áquella terra per elle novamente achada, mandou arvorar huma Cruz mui grande no mais alto lugar de hu-

na arvore , e ao pé della se disse Missa , a qual foi posta com solemnidade de benções dos Sacerdotes , dando este nome á terra *Sancta Cruz* , quasi como que por reverencia do Sacrificio , que se celebrou ao pé daquella arvore , e final que se nella arvorou com tantas benções , e orações , ficava toda aquella terra dedicada a Deos , onde elle por sua misericordia haveria por bem ser adorado per culto de Catholico povo , posto que ao presente tão çafaro del-le estivesse aquelle Gentio. E como primicias desta esperanza , d'alguns degredados que hiam n'Armada , leixou Pedralvares alli dous , hum dos quaes veio depois a este Reyno , e servia de lingua naquellas partes , como veremos em seu lugar : per o qual nome *Sancta Cruz* foi aquella terra nomeada os primeiros annos , e a Cruz arvorada alguns durou naquelle lugar. Porém como o demonio per o final da Cruz perdeo o dominio que tinha sobre nós , mediante a Paixão de Christo Jesus consummada nella ; tanto que daquella terra começou de vir o páo vermelho chamado Brazil , trabalhou que este nome ficasse na boca do povo , e que se perdesse o de *Sancta Cruz* , como que importava mais o nome de hum páo que tinge pannos , que daquelle páo , que deo tintura a todos os Sacramentos per que

fomos salvos, por o sangue de Christo Jesus, que nelle foi derramado: e pois em outra cousa nesta parte me não posso vingar do Demonio, amocsto da parte da Cruz de Christo Jesus a todos os que este lugar le-rem, que dem a esta terra o nome que com tanta solemnidade lhe foi posto, sob pena de a mesma Cruz, que nos ha de ser mostrada no dia final, os accusar de mais devotos do páo Brazil, que della; e por honra de tão grande terra chamamos-lhe Provincia, e digamos a Provincia de *Sancta Cruz*, que soa melhor entre prudentes, que Brazil posto per vulgo, sem consideraçã, e não habilitado pera dar nome ás propriedades da Real Coroa. Tornando a Pedralvares, que se partio do porto seguro daquella Provincia *Sancta Cruz*, sendo elle na grande travéssa que ha entre aquella terra de *Sancta Cruz* ao Cabo de Boa Esperança, aos doze dias do mez de Maio appareceo nõ ar hum grande Cometa com hum raio, que demorava contra o Cabo de Boa Esperança, a qual foi vista per todos d'Armada per espaço de oito dias, sem se mover daquelle lugar: parece que prognosticava o triste caso que logo víram; porque como desappareceo, ao seguinte dia que foram vinte e tres de Maio, depois do meio dia, indo a frota já do dia passado com hum mar

grosso empolado, como que vinha feito de longe, armou-se contra o Norte hum negrume no ar, a que os marinheiros de Guiné chamam bulcão, com o qual acalmou o vento, como que aquelle negrume o forvêra todo em si pera depois lançar o folego mais furioso. A qual cousa logo se vio, rompendo em hum instante tão furiosamente, que sem dar tempo a que se mareassem as vélas, soçobrou quatro, de que estes eram os Capitães, Aires Gomes da Silva, Simão de Pina, Vasco de Taíde, e Bartholomeu Dias, o qual tendo passado tantos perigos de mar nos descobrimentos que fez, e principalmente no Cabo de Boa Esperança, (como atrás contámos,) esta furia de vento deo fim a elle; e aos outros, mettendo-os no abyssimo da grandeza daquelle mar Oceano, que naquelle dia encetou em nós, dando ceva de corpos humanos aos peixes daquelles mares, os quaes corpos podemos crer serem os primeiros, pois o foram em aquella incognita navegação, posto que o acto deste impeto do vento foi a todos a cousa mais espantosa, que quantas tinham visto, por se verem huns aos outros, junta, e tão miseravelmente perder, muito mais temeroso lhe pareceo verem sobre si huma escurissima noite, que a negridão do tempo deramou sobre aquella região do ar, de ma-

neira, que huns aos outros não se podiam ver, e com o assoprar do vento muito menos ouvir, sómente sentiam que o impeto dos mares ás vezes punha as náos tanto no cume das ondas, que parecia que as lançava fóra de si na região do ar, e logo subitamente as queria sorver, e ir enterrar no abyfmo da terra. Finalmente assi cortou o temor destas cousas o animo de todos, que no geral da gente não havia mais que o nome de Jesus, e de sua Madre, pedindo perdão de seus peccados, que he a ultima palavra daquelles, que tem a morte presente. E como as náos com a furia do mar, e fraqueza dos mareantes andavam á vontade das ondás, sem acudir a leme, as quaes com aquelles impetos muitas vezes pareciam cortarem pelo ar, e não pela agua, ajuntou-se a náo de Simão de Miranda com a de Pedralvares, e quiz a piedade de Deos que a mesma furia dos mares que as ajuntava, quando veio ao seguinte movimento, furtou-se cada huma pera sua parte, com que ficaram livres daquelle grande perigo. Porém por isso ellas, e as outras escapáram de muita fortuna, em que cada dia se lhe representava a morte, per espaço de vinte dias, que corrêram á arvore secca, sem neste tempo darem mais véla que sinco vezes commetterem metter algum bolso pequeno, mas

mas o vento não consentia ante si cousa que o impedisse. E porque cada hum per si passou tanto trabalho, que daria muito a nós em o escrever, e muito maior a quem o houvesse de ouvir, se particularizássemos os passos d'elle, basta saber que de toda esta frota Pedralvares se achou a dezeseis dias de Julho no parcel de Cofala com seis vélas tão desapparelhadas de mostos, vergas, vélas, e enxarcea, que mais estavam pera se tornar a este Reyno, se fora perto d'elle, que ir avante a conquistar os alheios. E ainda que a gente Portuguez naturalmente he soffredora, e mui pacienta em trabalhos, e nos casos de tanto perigo, e necessidade se sabe bem animar, como nesta primeira mostra da boa ventura que á India hiam buscar, á vista de seus olhos perdêram parentes, e amigos, era tamanha confusão em toda a gente não costumada a navegar, que per toda a náó de Pedralvares se apartavam os homens huns com outros, principalmente a gente commum, tratando de dúvida, e inconvenientes de proseguir aquelle caminho. A qual cousa sentindo Pedralvares, com palavra, e favor no que podia, animava, e conformava a todos, té que o tempo cessou, e lhe trouxe cousa ante os olhos que os alvoraçou, perdendo da memoria o temor passado; porque sendo tanto avante como

as Ilhas, a que ora chamam as Primeiras, houveram vista de duas náos, que lhe ficavam entre ellas, e a terra, as quaes vendo tamanha frota, começaram de se cozer com terra pera tomar algum porto. Pedralvares quando entendeu que o temor lhe fazia tomar aquelle caminho, mandou a ellas, e não pudéram os nossos navios fazer isto tão prestes, que quando chegaram, já humia tinha dado comfigo em terra, e a gente estava posta em salvo, e a outra foi tomada; na qual acháram hum Mouro, que deo razão a Pedralvares, que o temor d'elle os fizera varar em secco, e que daquellas duas náos vinha por Capitão hum Mouro principal chamado Xeque Foteima, que era tio d'ElRey de Melinde, o qual viera a Çofala fazer resgate com fazenda, que trouxera naquellas duas náos, e que se tornava pera Melinde. Sabendo Pedralvares vir alli peffoa tão principal, o mandou segurar, e veio a elle Xeque Foteima, homem de idade, e que em sua presença representava quem elle disse ser, ao qual Pedralvares fez honra, e gazalhado por ser tio delRey de Melinde, de quem D. Vasco da Gama, quando per alli passou, tinha recebido o gazalhado que atrás vimos, e però que elle confessasse vir da Mina de Çofala, como todos eram ciosos della, não descobrio o que se depois sou-

foube per outros, nem menos Pedralvares
 lhe quiz sobre isso fazer muitas perguntas,
 por lhe não dar mais suspeita; antes dan-
 do-lhe algumas cousas, o espedio de si com
 palavras de que foi contentê, e muito mais
 espantado, vendo quão bom tratamento lhe
 fizeram os nossos, tendo per aquella costa
 entre os Mouros fama de mui crueis, e que
 não perdoavam á fazenda, nem ás pessoas.
 Tornado Xeque Foteima á sua náao a se
 adjuntar com a outra, seguiu Pedralvares
 seu caminho té chegar a Moçambique a vin-
 te dias de Julho; onde foi mui bem rece-
 bido da gente da terra, por quanto damno
 que tinham feito a D. Vasco da Gama, e
 assi do que delle recebêram estavam tão te-
 morizados de lhe sobrevir outro maior, que
 mostráram grande prazer com sua chegada,
 e em seis dias que Pedralvares alli esteve, se
 repairou do damno que lhe a tormenta fez
 nas cousas da mareagem, e liouve Piloto
 mais facilmente do que se deo a D. Vasco
 da Gama, quando per alli passou.

CA.

CAPITULO III.

Como Pedralvares Cabral se vio com ElRey de Quiloa, e do pouco que acabou com elle, e depois foi ter a Melinde, onde ElRey o recebeu com muito prazer, e dahi se partio pera a India.

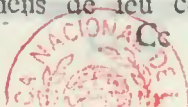
Partido Pedralvares de Moçambique com as seis vélas que lhe ficáram, veio sempre ao longo da costa com resguardo de não escorrer á Cidade Quiloa, onde chegou a vinte e seis de Julho, na qual reinava hum Mouro per nome Habrahemo, que per aquella costa era homem inui estimado, e a Cidade huma das mais antigas que se alli fundáram, (da qual ao diante faremos maior relação,) o qual polo trato de Çofala estar muito tempo debaixo de sua mão, se tinha feito rico, e poderoso, e com elle mandava ElRey a Pedralvares que se visse, e assentasse paz, e sobre isso lhe trazia cartas. Surto elle diante da Cidade, mandou em hum batel Affonso Furtado, que hia por Escrivão da Feitoria que se havia de fazer em Çofala, com recado a ElRey, fazendo-lhe saber como ElRey de Portugal seu Senhor lhe mandava que chegasse áquelle seu porto, e lhe dêsse certos recados, que lhe pedia houvesse por bem que se vissem

sem ambos, ao que ElRey respondeo com palavras de contentamento de sua chegada, e quanto a se verem ambos, elle era contente, e pera isso podia fahir em terra quando mandasse, e com este recado lhe enviou refresco de carneiros, e outros mantimentos da terra, pedindo-lhe perdão por o tomar em tempo que cila estava hum pouco secca, e mal provida pera tal pessoa. Pedralvares com os agradecimentos do presente, e retorno d'algumas cousas do Reyno, lhe mandou dizer, que quanto a elle fahir em terra pera se verem, o regimento del-Rey seu Senhor lho defendia, e sômente lhe era concedido fahir em terra pera dar huma batalha a quem não acceptasse sua amizade; porém por honra de hum tal Principe como elle era, o mais que faria naquelle caso de se verem ambos, sería elle Pedralvares fahir da sua não em algum navio, ou batel, e que elle se podia metter em hum zambuco, e que defronte da Cidade no mar se veriam. ElRey vendo este recado, per espaço de dous dias andou pairando com cautelas, e modos pera escusar esta vista; mas porque os recados, e réplicas de Pedralvares o apertáram muito, concedeo nisso, mais com temor, que com boa vontade, e o dia que havia de ser, quiz elle mostrar o apparato de seu estado, vindo

em dous zambucos junto hum ao outro com a principal gente, e o outro povo commum nos outros zambucos o acompanhavam, mas não que elle se affastasse da terra. Pedralvares tambem em seus bateis embandeirados, e gente vestida de louçainha, e ao longo das tostes dos bateis resguardo d'armas, chegou a ElRey, onde cessou o estrondo das trombetas, e atabales, e começaram entrar na prática, depois que se trataram as cortezias, e ceremonias da primeira vista. E porque Pedralvares gastou muitas razões ácerca de contentamento que ElRey seu Senhor teria em elle acceptar as cousas da nossa Fé, leixou ElRey de responder ás em que lhe apontou ácerca do trato de Cofala, e tomou argumento pera se espedir dellas, dizendo, que estas cousas por serem novas, e fóra do costume, e crença em que elle, e tódolos seus naturaes se creáram, compria pera poder responder a ellas ter mais tempo do que ambos alli tinham, e mais sendo de qualidade pera se haverem de communicar com os principaes de seu conselho; a maior parte dos quaes não era presente; que lhe pedia, que por aquelle dia houvesse por bem ser gastado em se ambos verem, e elle poder dizer per si o contentamento que tinha de ElRey de Portugal folgar de o ter por servidor. E

com

com estas palavras , concertando que dahi adous dias daria resposta do mais , se espediram. ElRey quando veio ao outro dia , por mostrar que estava contente da prática , mandou muito mais refresco da terra , e soltou que alguns Mouros viessem vender ás náos mantimentos , e isto mais em modo de espiar o numero da nossa gente , e poder que traziam , que a outro algum fim. Pedralvares como entendo nelles ao que vinham , mandou a todos os Capitães que tivessem suas náos como homens que estavam a ponto de sahir em terra cada hora que lho mandassem , e que aquelles Mouros tudo vissem armas ; porém que fossem bem tratados , e no modo de comprar , e vender se houvessem liberalmente com elles , porque esta maneira tinha com aquelles , que vinham á sua náos ; e ainda pera os mais segurar , se entre os que vinham vender mantimentos acertava de virem alguns , que pareciam homens honrados , dava-lhes algumas peças com que hiam contentes , mas não convertidos de seu máo proposito , porque mais podia o odio que nos tinham , que os dons que lhes davam. Finalmente em tres dias , que Pedralvares alli esteve depois das vistas , nunca pode haver d'ElRey conclusão alguma , e tudo eram escusas , que os principaes homens de seu conselho eram



idos a huma guerra, que tinha com os Cafres, que como viessem, tomaria determinação nas cousas em que praticáram: que lhe pedia, e rogava muito que se não agastasse, porque não podiam tardar por os ter já mandados vir. Porém nestes dias todo seu cuidado era metter muita gente dos Cafres dentro comsigo, e reparar a Cidade, como quem esperava de a defender, e que este havia de ser o fim de sua resposta, das quaes cousas Pedralvares era avisado, porque acertou d'estar alli com huma náó, fazendo mercadoria, hum Mouro chamado Xeque Homar irmão d'ElRey de Melinde, o qual era presente ás amizades, que Dom Vasco da Gama assentou com seu irmão, quando passou por Melinde, e daqui ficou tanto nosso amigo, e mais vendo o poder da nossa Armada, que foi Pedralvares avisado per elle do que passava dentro, e mais houve-lhe secretamente alguma agua, a qual ElRey tinha promettido, e depois indo os nossos por ella, acháram os calões, que são hums vasos de barro, em que os da terra a traziam, todos quebrados, e agua vertida á borda da práia, dizendo ser isto feito per hum Mouro chamado Abrahemo meio fandeu. Pedralvares quando per derradeiro vio que este negocio não se podia determinar senão com sahir em terra, posto o caso em

conselho, affentou-se nelle ser grande inconveniente, por castigar a maldade daquelle Mouro, aventurar gente em tão baixo emprego, e que era mais serviço d'ElRey seguir sua viagem, e leixar este castigo pera outro tempo. Posto que a Pedralvares fosse grande tormento leixar aquelle Mouro sem castigo, teve mais conta com seguir o principal intento, a que era mandado áquellas partes, que a sua paixão, e sem lhe mais mandar algum recado, ao terceiro dia das vistas partio-se pera Melinde, onde chegou a dous dias de Agosto, e foi mui bem recebido, e festejado d'ElRey; porque além da amizade que comnosco tinha, dobrou esta boa vontade a nova, que lhe deo Xequeteima da honra, que lhe Pedralvares fizera, e a razão porque: e mais com a nossa Armada ficou mui favorecido, porque pelo gazalhado que fizera a D. Vasco da Gama, ElRey de Mombaça estava com elle em guerra de fogo, e sangue, em que elle tinha perdido muita gente, e fazenda, por ElRey de Mombaça ser mais poderoso do que elle era. E ainda por não publicar tanto a amizade que tinha comnosco, escondo o Padrão de marmor, que D. Vasco da Gama alli leixára mettido, (como atrás fica,) porque indo João de Sá com hum recado a elle de Pedralvares no primeiro dia da

chegada, como homem, que fora alli com D. Vasco da Gama, a primeira cousa porque lhe perguntou foi polo Padrão, dizendo que o não via onde elle o ajudára metter. Ao que ElRey respondeo, que elle o tinha mui bem guardado em huma casa; e tomando João de Sá pela mão, o levou á casa, onde o tinha almagradas as armas de fresco, como que havia algum dia que fora feito, pera quando lhe fora pedido contra d'elle o mostrar assi, como cousa tida em veneração; dando-lhe por desculpa, que em quanto o tivera no lugar público, onde se elle metteo, foi tão perseguido d'ElRey de Mombaça, fazendo-lhe crua guerra, que lhe conveio mandallo esconder naquella casa per conselho de seus vassallos, com esperança de vir aquella Armada d'ElRey de Portugal, e lhe fazer queixume daquelle máo vizinho, que tanto damno lhe tinha feito; tudo por ser leal amigo aos Portuguezes. Tomado João de Sá com recado a Pedralvares, e sobre elle enviados per ElRey dous homens principaes com presente de refresco; ao seguinte dia mandou Pedralvares ao Feitor Aires Correa bem acompanhado com as cousas que levava pera este Rey, levando diante do presente muitas trombetas; o qual presente ElRey mandou receber com grão solemnidade, porque ao batel donde

Ai-

Aires Correa desembarcou, vieram dos mais principaes homens que ElRey tinha, e com muita honra, e festa o foram acompanhando té o presentarem ante ElRey: e em todas as ruas per onde hia, estavam ás portas perfumes cheirosos, mostrando todo o povo em seu modo tanto contentamento, como se aquella festa fosse feita ao proprio Senhor da terra: tanto estimou ElRey aquella lembrança, e conta que se com elle tivera. E foi tamanho o seu contentamento, depois que leo a Carta que lhe ElRey escrevia, (a qual era em Aravigo,) que não consentio que Aires Correa se tornasse á náó, e mandou dizer a Pedralvares, que lhe pedia houvesse por bem que Aires Correa ficasse lá aquella noite, e ao dia seguinte pera praticar nas cousas d'ElRey de Portugal. Que pera segurança da pessoa de Aires Correa lá ficar, elle mandava a sua mercê o anel do seu sinete, onde estava toda a verdade Real, posto que bem tinha mostrado sua fé nos trabalhos da guerra, que ElRey de Mombaça lhe fazia, por ser leal amigo, e servidor d'ElRey de Portugal, o qual rogo lhe Pedralvares concedeo polo comprazer, e tambem porque na prática, que Aires Correa com elle tivesse, pois havia de ser comprida, o confirmasse mais no amor, e lealdade, que mostrava ter ao serviço d'ElRey seu

seu Senhor, e assi foi, porque logo assentou como se ambos vissem no mar ao modo que se víra com ElRey de Quiloa, o que elle fez sem as cautelas que o outro teve. Na qual vista houve grandes confirmações de paz, e offertas delRey, dizendo elle, que todo seu estado, e pessoa daquelle dia pera sempre elle o submettia á vontade d'ElRey de Portugal, como do mais poderoso Principe da terra. E per espaço de dous dias, que depois desta visitaçãõ Pedralvares alli esteve, sempre de huma, e outra parte houve recados, e obras de grande amizade. Neste lugar leixou Pedralvares dous degredados dos que levava, e a causa de os aqui lançar, era, porque lhe mandava ElRey D. Manuel, que como fosse nesta costa, leixasse nella alguns dos degredados que levava, pera irem per terra descobrir o Preste João, por ter já sabido que per esta costa podiam ir ao interior da terra daquelle sertão, onde elle tinha seu estado; isto com grandes promessas de mercê se descubrissem este Principe tão desejado: hum havia nome João Machado, e o outro Luiz de Moura; mas elles tomáram outro caminho, como veremos em seu lugar. E o que João Machado fez foi de mais serviço d'ElRey naquelle tempo, que este do Preste que lhe mandavam fazer. Pedralvares lei-

leixando a estes dous homens a Provisão pera sua despeza, e Cartas d'ElRey D. Manuel pera o Preste, espedio-se d'ElRey de Melinde, o qual lhe deo dous Pilotos Guzarates pera o levarem á India, pera onde partio a sete d'Agosto.

C A P I T U L O IV.

Como Pedralvares chegou á Ilha de Anchediva, onde esteve alguns dias reparando-se do necessario, e dahi chegou a Calecut, onde per recados que teve com El-Rey, concertáram ambos que se vissem.

A Travessando Pedralvares Cabral aquelle grande golfão de mar de setecentas leguas, que póde haver de Melinde, que he na costa da terra de Africa, á costa da India, chegou a vinte e tres dias d'Agosto vespera de S. Bartholomeu á Ilha Anchediva, de que atrás fizemos menção, onde esteve quinze dias reparando as náos, e providendo-se d'agua, e lenha, principalmente tambem por esperar a passagem d'algumas náos de Méca, que com a mesma necessidade, e por melhor navegação, sempre hiam demandar aquella Ilha, das quaes náos muitas eram já passadas, e algumas estavam em Calecut, onde Pedralvares as achou, e outras per esses portos de Malabar, fazendo seus

seus proveitos. E os dias que esteve nesta Ilha, os Gentios da terra lhe traziam mantimento, e fruta da terra, folgando ter a communicacão dos nossos, porque como era gente pobre, e por qualquer cousa que traziam lhe davam muito, acudiam rantos que os haviam já por importunos. Muitos dos quaes, quando os nossos ouviam Missa, e recebêram o Sacramento da Communhão, estavam a estes Officios com attenção; mas como os Religiosos, e Sacerdotes d'Armada, a quem pertencia a conversão delles, não sabiam a lingua da terra, que era o principal instrumento pera vir a effeito a boa disposiçãõ que nelles estava, não se pode portanto mais fazer que preparallos com boas obras pera quando a oportunidade do tempo dêsse a isso lugar. Pedralvares partido dalli via de Calecut, chegou ao seu porto a treze de Setembro, onde logo ante de surgir foram derredor delle muitos barcos da terra, todos como gente que mostrava contentamento de sua chegada, e sobre elles veio hum zambuco, em que vinha hum mercador Guzarate, homem em seu traje, e presença de auctoridade, que da parte d'El-Rey visitou Pedralvares, o qual elle recebeu, e espedio com gazalhado, mandando a El-Rey as graças de sua visitaçãõ, e ao Mouro satisfez com algumas peças, por ser

costume da terra partirem os mensajeiros contentes da pessoa a que levam os taes recados. E como esta visitação foi ante de elle Pedralvares mandar salvar a Cidade, além de as náos chegarem muito embandeiradas, e per seu costume na chegada de tal porto tiravam alguma artilheria, aqui mandou dobrar a furia della, mostrando-se tudo por festa da visitação d'ElRey. A trovoada da qual não sómente avorreceo ao Mouro, que foi com a visitação, por a levar toda nas costas, astrogindo-lhe as orelhas, mas ainda na Cidade fez tamanho espanto, que estando a praia cuberta do povo na vista das náos, desampararam tudo, recolhendo-se muitos delles a suas casas. Passado aquelle dia, que todo se despendeu em amarrar as náos, e aperceber pera a segurança dellas, quando veio ao outro dia, mandou Pedralvares recado a ElRey per João de Sá, que sabia a terra, por ser hum daquelles, que foram com D. Vasco da Gama, e com elle hum lingua do Aravigo, pedindo-lhe dia pera lhe mandar certos recados, que trazia d'ElRey de Portugal seu Senhor, e isto té se ambos verem. Ao que ElRey respondeo com boas palavras; e quanto ao dia pera ouvir novas d'ElRey de Portugal, não podia mandar este recado tão cedo, que não fosse tarde pera elle, segundo o desejo que

ti-

tinha de ouvir novas de sua disposição. Pedralvares sem cautela alguma de refens, por não mostrar desconfiança d'ElRey, ao outro dia enviou a elle Aires Correa, e Afonso Furtado, e João de Sá, que o acompanhavam, e por lingua Gaspar da India. Per o qual Aires Correa lhe enviou dizer, que a principal cousa, que o trazia áquelle seu porto mais que a outra d'algum Rey, ou Principe da India, era o que já per outro Capitão d'ElRey seu Senhor tinha sabido, ser o seu nome tão celebrado nas partes Occidentaes da Christandade: que desejando ElRey de Portugal seu Senhor ter com elle amizade, e communicação per tracto de commercio, mandára a elle hum Capitão seu chamado Vasco da Gama, ao qual elle agalardoou com honra, e mercê, sómente por lhe levar tão boa nova, como era ter achado caminho pera se communicar com elle Camotij. Da qual nova procedêra mandar logo fazer huma Armada de treze náos, com que elle Pedralvares partira de Portugal, das quaes no caminho tinha perdido sinco com hum grande temporal que lhe dera. E pois elle, louvado Deos, com aquellas poucas era chegado ante aquella sua Real Cidade, que era o lugar, onde ElRey seu Senhor o enviava sobre esta amizade, e commercio que dizia, e isto eram

cou-

cousas de qualidade, que requeriam verem-se ambos, pedia a sua Real Senhoria ordenasse como, e quando podia fer. As quaes vistas fossem de maneira, que pudesse elle cumprir o que lhe ElRey seu Senhor mandava, que era em nenhum modo fahir em terra; e quando se não pudesse al fazer, fosse em parte tão pegada no mar, e com tantos refens, que não dizia a pessoa delle proprio Capitão, mas o mais pequeno homem, que viesse naquella Armada, estivesse mui seguro, e isto em Calecut, onde sabia haver Mouros, que procuravam traições aos seus. Porém pera castigar aos mesmos Mouros, quando cumprisse, não dizia elle pôr os pés em terra, mas que per todas as partes os perseguisse á força de ferro. ElRey a este recado, que lhe levou Aires Correa, toda a conclusão delle foi responder com palavras do contentamento da chegada delle Capitão; e que como elle estivesse em disposição pera se verem, tudo se faria no melhor modo que pudesse fer. Però Pedralvares como já sabia que a maneira de negociar d'ElRey daquellas cousas, que elle não fazia de boa vontade, tudo eram dilações, começou logo com outros recados apertar que se vissem. O qual posto que não podia soffrer dar os refens, que lhe Pedralvares pedia, e toda sua escusa era ferem homens

ve-

velhos, e da geração dos Brammanes, os quaes por razão de sua religião não podiam comer, nem dormir senão em sua propria casa, e quando se tocavam com gente fóra de sua geração, tinham suas purificações, e ceremonias, de que não podiam usar estando no mar, todavia houve de conceder em os dar, e assi no modo das vistas como Pedralvares quiz, porque o temor da gente, náos, e artilheria, que via ante si, lhe fizeram cumprir o que negava per vontade. E este modo, e lugar foi em hum cerame, que estava sobre o mar, que como hum eirado cuberto, armado sobre madeira muito bem lavrada, onde os Reys por seu passatempo, e recreação ás vezes vinham dar huma vista ao mar. O qual cerame ElRey mandou aparamentar de pannos de seda, segundo o uso, que elles tem nestes actos de vistas com pessoas de estado, e tudo mandou fazer de maneira, que parecesse vir elle áquelle lugar mais por seu prazer, e por folgar de ouvir aquella embaixada, que por outro algum temor. Pedralvares tambem por mais segurar ElRey, e não serem aquellas vistas com tanta desconfiança, que pera conciliar, e adquirir amizade era cousa perjudicial, não quiz que tudo fossem cautelas, e mais porque nellas mostrava temor. E como nesta segurança de que elle quiz usar,

o ma-

o maior risco era sua fazenda, e não em cousas de que pudesse dar conta, que tivera pouco resguardo em se confiar, no tempo que andáram estes recados de suas vistas, depois que assentou com ElRey onde haviam de ser, mandou-lhe pedir huma casa junto daquelle seu cerame, onde mandasse levar algum fato seu pera estar ahi esses dias que a prática dentre elles durasse, por não ir, e vir tantas vezes ao mar. A qual casa lhe foi dada, e a primeira cousa que Pedralvares mandou levar a ella, foi a sua prata, e cousas do serviço de sua pessoa, quasi á vista de todos, porque soubesse ElRey, que como homem confiado mandava aquellas cousas, e tambem que eram final que fazia tanto fundamento da terra, como do mar, posto que no modo de se verem, e refens que pediu, mostrava alguma desconfiança. Vindo o dia destas vistas, escolheu Pedralvares pera levar consigo os Capitães, e pessoas notaveis, leixando porém alguns com cuidado do que havia de fazer, quando algum caso não esperado sobreviesse; e estava alli ordenado, que em Pedralvares abalando das náos pera terra, de lá haviam de vir os arrefens, de maneira, que quando elles entrassem em as náos, elle chegasse ao cerame, os quaes em numero eram seis, todos apontados per Aires Correa per
rol,

rol, que de cá do Reyno levava per industria de Monçaide, por estes serem dos principaes da terra, segundo tambem confirmáram os Gentios, que D. Vasco da Gama comsigo trouxe, os quaes Pedralvares levou pera lá darem nova da grandeza de Lisboa, e trátego das mercadorias, e náos, que a ella concorriam, e hum destes arrefens era o Catual, que tanto trabalho deo a D. Vasco da Gama, (como dissemos atrás;) e os dous mais principaes, ambos Officiaes da fazenda d'ElRey, haviam nome Peringóra Raxemenoca, todos homens já de dias, e mui religiosos na sua gentilidade.

C A P I T U L O V.

Como passáram as vistas entre ElRey, e Pedralvares Cabral: e a represaria, que per fim dellas houve de huma parte a outra por razão de huns arrefens: e per derradeiro concertados, sabio Aires Correa em terra a fazer negocio.

COMO estas vistas, que Pedralvares tinha assentado com o Camorij eram huma mostra, per que se podia julgar a policia, e riqueza deste Reyno, mandou aos que estavam apontados pera sahir em terra com elle, que se vestissem, e atabiassem do seu, e do emprestado o melhor que pudessem.

sem. O que todos fizeram á competencia de quem levaria mais seda, mais joias, e nos bateis cada Capitão mais bandeiras, com todos os instrumentos de tanger, sem tiro algum d'artilheria, por não affombrar aquella gente no acto de tanta festa. E elle Pedralvares hia vestido com huma opa de brocado, e o mais que dizia com ella, trajo que naquelle tempo era mui usado neste Reyno. Chegado com esta pompa á praia, porque não podia sahir a pé enxuto, foi levado em cóllos de homens em hum andor dos da terra, té o metterem entre os Principaes do Gentio, que o Camorij mandou que o viessem receber á praia, o qual Camorij estava já no cerame em vista d'elle, esperando que viesse. E posto que elle Camorij não tinha tanto panno, seda, ouro, e opa de brocado, como os nossos levavam, e hum panno de algodão bornido com humas rosas de ouro de pão semeadas por elle, a que chamam purava, (trajo de Brammanes,) cubria seus couros entre baços, e pretos, a pedraria das orelhas, barrete da cabeça, pateca cingida, e bracelletes dos braços, e pernas, eram estas cousas de tão grande estima, que não haviam inveja ás joias dos nossos. Finalmente naquelle estado em que elle estava, assi em couros, e descalço, e fóra daquellas oparlandas de
mui-

muito panno que cá usamos, em seu modo cercado daquelles seus vassallos, elle representava bem a dignidade Real que tinha. Ao qual chegando Pedralvares, elle se levantou em pé de huma cadeira, em que estava chapada de ouro com alguma pedraria, e o veio receber, fazendo-lhe muito acatamento) té o lugar onde se assentáram. E passadas as ceremonias da primeira vista, deo-lhe Pedralvares a Carta, que levava d'El-Rey D. Manuel. O Çamorij, depois que lha interpretáram do Aravigo em que lha escrita, disse a Pedralvares, que por aquella Carta d'El-Rey de Portugal tinha entendido sua boa vontade; e como elle Capitão era enviado áquelle seu porto pera tratar cousas de paz, e amizade com elle, e assi do commercio das especiarias; e que ácerca destas, e outras cousas, que elle Capitão trazia em sua memoria, lhe podia dar fé, e por todas serem da vontade d'elle mesmo Rey seu Senhor, elle podia praticar em algumas, ou ficassem pera outro dia, se lhe a elle bem parecesse. Pedralvares por estar avisado que todo este Gentio he subjecto a muitos agouros, e se atravessa huma gralha, ou qualquer cousa que se lhe antolha, deixa tudo, dizendo, que não he boa hora pera negocio, principalmente quando lhe a elles não contenta, e sobre isso são mui taxados na prá-

prática, receando que lhe podia isto acontecer, em breves palavras disse, que a causa de sua vinda, e com quantas náos partira deste Reyno, e as que perdêra, e a mercê que ElRey fizera a D. Vasco da Gama por descobrir aquelle caminho. Finalmente, que aquellas náos vinham alli a dous fins: o primeiro, pera que se elle Camorij tivesse alguma necessidade de gente, ou armas pera defensão de seu Reyno, que ElRey seu Senhor mandava que lhas offerecesse: o segundo fim era pera as carregar de especiaria, pera compra da qual trazia ouro, prata, e muitas mercadorias de toda a sorte que naquellas partes serviam. E porque elle Pedralvares tinha sabido que sua Real Senhoria estava em paz com seus vizinhos, cessava a primeira causa da vinda das náos, e elle Camorij ficava na obrigação da segunda, pois já lhe era manifesto por duas Armadas, que ElRey D. Manuel tinha mandado áquelle seu porto, quanto nisso podia despender, tudo a fim de querer ter amizade, e commercio com elle. Por tanto lhe pedia por mercê, que ordenasse como lhe fossem dadas as casas, que lhe já dizzera Aires Correa, pera elle Feitor se vir a ellas com os Officiaes da fazenda delRey, e trazerem as mercadorias, que vinham em as náos pera aquelle mister, do qual negocio

cio Aires Correa, depois que esteve em terra, daria razão aos seus Officiaes pera elles sobre isso fazerem conta das especiarias, que haveriam mister pera a carga: que quanto ao preço, elle não queria novidade, sómente dar, e receber segundo costume da terra, conformando-se com os mercadores de Méca, que alli eram mais continuos. El-Rey a estas palavras respondeo com outras mais ao proposito do que elle desejava, que á conclusão do que Pedralvares lhe requeria, resomindo-se nisto, que a casa que pedia, elle a tinha mandado despejar; e por já ser tarde, e os homens, que lhe mandára á não em refens, eram velhos, e debilitados, e não podiam comer segundo sua lei, e costume, té serem limpos do tocamento que tiveram com gente fóra de sua geração, por esta ser huma das principaes partes de sua religião; lhe rogava que os mandasse logo vir. Acerca dos quaes refens, porque Pedralvares dilatava sua vinda, insistio El-Rey tanto que viessem, que lhe não valeo dizer que em nenhuma maneira podiam vir, senão indo elle mesmo Pedralvares a isso, porque os Capitães tinham consagrado em sua lei, ainda que fossem recados seus, não os darem senão depois que vissem a sua pessoa dentro em as náos. Da qual porfia veio a Pedralvares, por ver El-Rey meio ar-

ru-

rufado, e se despedir sem alguma conclusão, recolher-se em os bateis em que veio, dizendo, que elle os mandava logo, parecendo-lhe que todo este apertar d'ElRey era mais por razão das ceremonias gentilicas, de que elles são mui religiosos, que por outra alguma maldade. Mas segundo se logò vio, elles pertendiam mais engano que religião; e parece que assi o tinham os refens ordenado com ElRey, que quasi per fim da prática, tempo em que os das náos algum tanto se podiam descuidar delles, se lançassem ao mar, e se salvassem em os barcos da terra, os quaes pera isso andariam de redor das náos. E desta feita ainda que lhe não ficasse em terra mais preza que a fazenda do Capitão que lá estava, e os homens da guarda della, bastava pera fazerem suas cousas mais á sua vontadé; tudo isto eram industrias dos Mouros. O qual negocio como o tinham assentado, assi foi; porque quasi no tempo que ElRey se espedia de Pedralvares, os refens se lançaram todos ao mar, de que tres se salváram, e outros tres foram tomados, o que Pedralvares muito sentio quando chegou á náo, e o soubé, porque já aquelle modo de paz eram começos de guerra. E temendo que fizessem os tres que ficavam outro tanto, por os ter mais seguros, e menos mimosos, foram mettidos

no baixo da bomba, com homens que estivessem com elles, té ElRey fazer razão de si dos homens, e fazenda que elle Pedralvares mandára a terra. E como elle a este tempo andava quartanario, com estes concertos delRey, vinham-lhe dobradas ás feições, lembrando-lhe os trabalhos que passára no mar, e quanto maiores tinha por diante na terra, sobre o qual negocio por ficar daquella maneira defatado com ElRey, teve conselho com os Capitães d'Armada. No qual conselho assentáram, que per espaço de dous dias não se movessem, nem mandassem recado algum a ElRey, porque nisto lhe davam mais em que cuidar, e entre tanto se ordenassem como se ao outro dia houvessem de sahir em terra a destruir a Cidade, porque as cousas que o odio nega, o temor as concede. Parece que ou este modo de conselho aproveitou, ou que ElRey se arrependeo do que fez; e tambem podia ter outro conselho com os Gentios, que desejavam tanto nossa amizade, quanto detravavam os Mouros; porque quando veio, ao segundo dia mandou dizer a Pedralvares, que elle estava hum pouco descontente do dia em que se víram passarem algumas cousas, de que lhe parecia elle Capitão poder ter algum desprazer: por tanto lhe pedia que ambos se tornassem a ver naquelle lugar, e que

que não houvesse cautelas de refens por não haver azo de paixões, que procediam de homens fracos, e temerosos de se ver subjectos, sendo livres. Assentada esta vista, foi naquelle lugar do Cerame, entre o Camorij, e Pedralvares jurada a paz, e disse se passáram seus pactos, e fizeram contratos da especiaria, com a qual paz, e concerto, Pedralvares mandou logo a Aires Correa, que se fosse aposentar nas casas, que ElRey mandou dar junto da praia, levando consigo não sómente os Officiaes da Feitoria, e sessenta homens, que lhe Pedralvares ordenou pera lá estarem com elle, mas ainda Fr. Henrique com os seus Religiosos pera entenderem na prática, e conversão da gente, attentando este negocio com grande prudencia, por não mover algum escandalo entre gente tão çafara do nome de Christo, e tão costumada a seus ritos, e diabolicos usos, e sobre tudo induzidos contra nós per todos Mouros. E como todos estiveram em terra, que huns, e outros vinham á casa da Feitoria, Aires Correa tinha cuidado do que pertencia a seu officio; e Fr. Henrique, como carecia do principal instrumento, que era lingua Malabar, não podia usar do seu tão liberalmente como quizerá, posto que á casa concorria muita gente. Porém todo este concurso de ir, e vir á Feitoria,

mais

mais era a ver, que a comprar, nem receber doutrina, de maneira que se Fr. Henrique tinha pouco que fazer, Aires Correa menos; nem os nossos, que tinham licença pera andarem pela Cidade tão cautelosamente, se haviam com elles, que não achavam quem lhe quizesse vender mais pimenta publicamente, que pera comer hum pouco de pescado; e se alguma couza haviam, era do Gentio, que o não vissem os Mouros. Os quaes Mouros, (principalmente os estrangeiros de Méca,) assi tinham tecido as covilhas contra nós, que começando Aires Correa a praticar com os Officiaes, que lhe o Çamorij ordenou pera darem a especiaria, com que se haviam de carregar as náos, começaram elles mais descubertamente mostrar quanto engano nelles havia, buscando escusas por dilatar a carga, e gastar o tempo da partida dos nossos. Pedralvares como cada hora lhe vinham recados de Aires Correa, destes modos, e escusas que tinham com elle, as quaes sabia procederem mais dos Officiaes delRey, por serem peitados dos Mouros; que da vontade d'elle Çamorij, (como aconteceu a D. Vasco da Gama,) determinou de lho mandar dizer per o mesmo Aires Correa, pera melhor relatear o que faziam com elle. Entre os quaes queixumes era, que seus Officiaes por compra-

prazer aos Mouros, lhe não davam carga, e secretamente de noite a davam ás náos de Méca, que alli estavam, a qual cousa elle não podia crer ser mandado por elle Çamorij, porque as palavras de hum tal Principe não podiam desfalecer, e mais quando estavam obrigadas a juramento, como elle tinha obrigado as suas a dar carga ás suas náos, e não ás de Méca. ElRey como já tinha facilidade com Aires Correa por as vezes que foi a elle, por meio de Gaspar da India, que era o interprete, se começou a desculpar, dizendo, que os mercadores da pimenta não a tinham ainda recolhida da mão dos lavradores, por ser hum pouco cedo; cá eram costumados andar neste recolhimento com a monção das náos de Méca, e não com as nossas; e alguma pouca, com que elle Aires Correa tinha já quasi carregado duas náos, (segundo lhe os seus Officiaes disseram,) esta era pimenta velha, que ficára do anno passado, e não se podia mais fazer, segundo lhe diziam os Officiaes seus, a que tinha encommendado este seu despacho. Aires Correa como todas as palavras delRey eram desculpas, e a somma, e conclusão dellas acabava, dizendo, que se não podia mais fazer, desta, e d'outras vezes, que lá foi sobre o mesmo caso, não vinha contente d'elle; e quem lhe fazia ter maior ef-

escandalo delRey, e o mais indignava sobre este caso, eram paixões, e competencias, que entre si traziam dous Mouros, que se mostravam grandes amigos delle Aires Correa; e o caso era este.

CAPITULO VI.

Das paixões, e competencias, que havia entre dous Mouros principaes de Calecut, donde se causou os nossos irem tomar huma não carregada de Elefantes, que vinham de Cochij, e do que nisso passou.

HAVIA nesta Cidade de Calecut dous Mouros, homens mui principaes, a hum chamavam Coge Bequij, e a outro Coge Cemcerij, este tinha o governo das cousas do mar, e o outro das da terra. E como entre os Governadores de huma mesma Cidade pela maior parte se acham invejas, e paixões de jurifdicção, entre estes dous, pe-
ró que se fallassem, e tratassem por razão dos officios, havia no peito de cada hum odio mortal, e com a vinda dos nossos se accrescentou mais. Porque Aires Correa, depois que esteve em terra, por achar em Coge Bequij, em cujas casas elle pousava, mais verdade que no outro, folgava de o favorecer, o que Coge Cemcerij sofria mui mal, porque sentia que com esta amizade
seu

seu imigo recebia mais honra, e algum proveito que o mais magoava, a qual dor o fazia trabalhar que não se dêsse carga ás nossas náos, e ainda sobreveio cousa com que lhe pareceo que o seu desejo haveria melhor effeito; e o caso foi este. Soube elle que de Cochij, huma Cidade obra de vinte leguas dalli, era sahida huma náó, a qual vinha da Ilha Ceilão, e trazia sete Elefantes, que levava por mercadoria ao Reyno de Cambaya, e era de dous mercadores do mesmo Cochij, a que chamavam Mammale Mercar, e Cherina Mercar. Esta náó como havia de passar á vista das nossas, pareceo-lhe que com ella podia executar seu odio á nossa custa; porque per qualquer via que travassem com ella, por ser náó mui poderosa de até seiscentos toneis, receberiam os nossos muito damno; e quando o ella recebesse, ficavam em odio com os mercadores de Cochij, e de toda aquella costa, com que não achassem acolheita em porto algum. Com a qual tenção foi-se a Aires Correa, e simulando que lhe fazia nisto serviço, disse-lhe como elle tinha recado, que do porto de Ceilão partíra huma náó, a qual vinha carregada de toda sorte de especiaria, que bem poderia carregar duas das nossas, e hia pera Méca, e de caminho havia de tomar algum gengivre em Cananor. E por quan-

quanto a maior parte desta fazenda era de mercadores de Méca, de quem elle tinha recebido certas offensas, e o Çamorij deserviços, lhe confessava que teria contentamento de a tomarem, e o Çamorij folgaria muito com isso, principalmente por nella ir hum Elefante, que o mesmo Çamorij muito desejava, o qual lhe não quizeram vender, e o levavam pera baldear em Cambaya. E como isto eram appetites de Principes, e tambem haviam por affronta das terras de sua jurisdicção, levarem pera outras alguma cousa em seu desprazer, e mais desejando-a elle, verdadeiramente podia elle Aires Correa crer, se ordenasse como o Çamorij houvesse aquelle Elefante, daria por elle carga de pimenta a duas náos. E que deste aviso, que lhe dava, huma só mercê queria d'elle, que lhe mantivesse segredo, porque naquella Cidade de Calecut havia alguns mercadores, que tinham trato com estes de Méca; e sabendo como sua mercê era sabedor desta náos, lhe mandariam aviso com que se salvasse. E tambem não os queria ter por inimigos, sabendo ser elle o auctor disso; e que desta verdade que lhe descubria, não dava mais penhor de ser assi, senão a mesma náos, que sería alli ante de dous dias, como veria se a mandasse vigiar; e ainda teve tal modo, que fez com o Çamo-

morij, que mandasse hum recado a elle Aires Correa sobre este Elefante, dizendo quanto contentamento teria de o haver. Aires Correa, porque este Mouro desejava de se metter com elle, e sentia que as paixões d'antré elle, e Coge Bequij era grande parte favorecer mais ao outro que a elle, creio verdadeiramente que descobrir-lhe a vinda desta não tirava a duas cousas, a se vingar dos mercadores de Méca, com que tinha paixões, e a se congraçar com elle pera fazer seus negocios, e com o Çamorij por causa do Elefante. Do qual caso foi logo dar conta a Pedralvares, dando-lhe aviso que o guardasse em segredo té o dia que o Mouro dizia que a não seria alli. Pedralvares por as razões que lhe Aires Correa deo, bem lhe pareceo que o Mouro tirava aquelles dous fins, a se vingar de seus imigos, e a lhe darem por este aviso alguma coufa, e mais haver mercê do Çamorij, tomando-se o Elefante, coufa que elle tanto desejava; do qual Çamorij sobre o mesmo Elefante teve outro recado, que fez acreditar mais as palavras de Coge Cemecerij. Vindo este dia, em que se a não esperava, mandou Pedralvares ter vigia no mar, parecendo-lhe que se ella soubesse estarem alli, per ventura passaria tanto ao mar da nossa Armada, que não fosse vista. Mas como

mo elle era innocente desta trama, que tinha ordido Coge Cemecerij, e tambem confiado em sua grandeza, e na gente que trazia, ou per qualquer causa outra que fosse, não quiz perder seu caminho, e começou a parecer, vindo ao longo da costa, de maneira, que amparando com a nossa frota, ficasse entre ella, e a terra. Pedralvares, porque tinha já dado o cuidado de a ir demandar a Pero de Taide, Capitão do navio São Pedro, tanto que foi vista, mettêram-se com elle Vasco da Silveira, Duarte Pacheco Pereira, João de Sá, que fora com D. Vasco da Gama, e outras pessoas de qualidade que Pedralvares escolheo, e foram-se a ella. A não como entendeo que a liam demandar, porque vinha já emparando quasi com as nossas, começou de se metter mais na terra na volta de Cananor, porque tinha aviso de Coge Cemecerij, que tecia este negocio, que indo alguns nossos navios demandalla, se mettesse em Cananor; cá elle por amor de Mammale Mercar, e Cheri-
 na Mercar, que eram seus amigos, mandaria recado a Cananor que se mettesse alguma gente dentro pera a defenderem. E como tinha enviado este aviso á não, assi mandou recado a certos Mouros estantes em Cananor, que lhe pedia em toda maneira, chegando a não áquelle porto, de noite secreta-

tamente lhe mettésem a mais gente que pudessem, que elle pagaria a despeza que niffo fizesse, porque mais devia a Mammale Mercar, e a Cherina Mercar, cuja ella era. A não vendo que sómente hum navio a hia demandar, fez tão pouca conta delle, que mais se alvoroçou pera o metter no fundo, que temeo poder receber damno delle, e toda hia em cantares, e tangeres, sem dar por Pero de Taide, que lhe mandava que amainasse, quasi como quem o não tinha em conta. Porém depois que o navio a salvou com huma bombardá grossa ao lume d'agua, e per cima a varejou com artilheria miuda, não sómente os pelouros lhe fizeram muito damno, mas ainda as rachas, que leváram em sua passagem, feriam muitos homens, com que ella começou de se acolher ao abrigo da terra. Leixando ella tambem em o nosso navio per passando per elle, huma grossa chuva de settas, e alguns pelouros de humas bombardas de ferro, que feríram, e encraváram dos nossos. Pero de Taide quando viô que tão cedo lhe não convinha a chegar-se muito a ella, dahi té Cananor, onde se foi metter quasi sobre a noite, sempre a foi servindo já com mais furia polo damno, que recebeo della. A qual mettida dentro em a concha de Cananor, entre quatro náos que ahí estavam,

não

não a quiz Pero de Taíde mais affrontar, té saber de Pedralvares se havia por bem que a tomasse dentro naquelle porto, por ser d'ElRey de Cananor, do qual tinham sabido desejar nossa amizade, e per ventura haveria por injúria ser tomada no seu porto. Pedralvares como de noite houve este recado per hum tone da terra, que Pero de Taíde a grão pressa mandou, respondeo-lhe que não leixassem de a tomar, porque depois de a terem em poder, ahi lhe ficava lugar pera fazerem qualquer cumprimento com ElRey de Cananor. Pero de Taíde como teve este recado de noite, ordenou-se pera o outro dia pelejar com ella; mas teve nisso pouco que fazer, porque como do dia d'antes muita gente da que ella trazia, foi ferida, e morta, de noite todos feridos, e parte dos saos se acolheram a terra. E os que Coge Cemecerij mandava metter nella, vendo como estes sahiam bem feridos, não quizeram ir tomar experiencia doutro tal damno, e per este modo os nossos foram senhores da náó sem affronta, porque ainda alguns poucos que ficavam se renderam sem ella. Tirada esta náó do porto de Cananor, foi levada a Pedralvares, que a recebeu com muito prazer, por não ser tão custosa de sangue como esperava. E o que deo maior prazer á gente commum, foi hum

hum novo mantimento que alli comêram, que foi carne de Elefante, porque com artilheria, hum dos sete que a não levava foi morto; e como a gente estava desejosa de carne fresca, esta se repartio per todas as náos. Pedralvares vendo como era falso a não levar especiaria, e tudo se converteo naquelles sete Elefantes, ficou muito descontente, e mais quando soube não ser fazenda dos Mouros de Méca, senão de dous mercadores de Cochij, como atrás dissemos. E porque não respondia a carga da não com as informações, que Aires Correa tinha per Coge Cemecerij, e em seus modos o tinham por homem falso, sentio que tudo isto eram industrias suas, a fim que toda a terra estivesse mal connosco, posto que não soubesse os artificios que pera isto teve, e avisou a Aires Correa, que não confiasse mais de suas palavras. E se a tomada desta não não servio á malicia de Coge Cemecerij, servio pera temORIZAR aos Mouros de Calecut, e ao Çamorij, o qual com esses mais principaes, quando viram a grandeza da não, e souberam a gente que trazia, comparando isto ao navio S. Pedro, que seria de até cem toneis, ficáram mui affombrados, e sem esperança de nos poderem offender per guerra. E servio tambem pera se ganhar amizade com ElRey de Cochij, ordenando elle

le Coge Cemecerij de metter em odio os nossos per toda aquella costa ; porque sabendo Pedralvares ser a não daquelles mercadores de Cochij, mandou chamar o Capitão della, pedindo-lhe perdão do damno que era feito, porque sua tenção, quando mandára ir sobre ella, foi por lhe dizerem algumas pessoas de Calecut que era não dos Mouros de Méca, com os quaes os Portuguezes tinham guerra ; que em ser feito aquelle damno, elle Capitão tinha a culpa, porque se dissera donde, e cuja era a não, quando lhe foi perguntado, não recebêra algum mal ; mas pois o caso era feito,ahi não havia mais que tornar-lhe a entregar sua não pera fazer embora sua viagem, porque as cousas d'ElRey de Cochij, onde quer que as achasse, sempre delle receberiam boas obras, por a fama que tinha ser o mais verdadeiro Principe daquella terra. E que se lhe cumprisse alguma cousa pera sua viagem, elle folgaria de o favorecer : com as quaes palavras o Capitão se lançou a seus pés, e confessou elle ser o culpado, e com mercê, que lhe Pedralvares fez de algumas cousas, se espedio contente delle.

CA-

CAPITULO VII.

Como por causa de huma não dos Mouros, que os nossos tomáram, a qual estava no porto de Calecut, cuidando estar carregada de pimenta, saltou todo o Gentio da Cidade com o favor dos Mouros, e matáram Aires Correa na casa da Feitoria com a maior parte dos que estavam com elle: e do que Pedralvares fez sobre isso.

Pedralvares, porque eram já passados tres mezes de sua chegada áquelle porto, e não tinha havido carga mais que pera duas náos, e cada quintal de especiaria lhe custava huma quartã dobrada, por os vagares, e artificio com que se havia das mãos daquelles Officiaes, a que o Çamorij tinha mandado que o despachassem, e sentia claramente que tudo isto faziam os Mouros, principalmente Coge Cemecerij, mandou-se gravemente a queixar a ElRey per Aires Correa. E porque desta vez, que Aires Correa lá foi, repetio muitas vezes que os Mouros davam carga de noite ás náos de Méca, que estavam naquelle porto, vio-se o Çamorij tão apertado delle, que lhe disse, que se elle tinha por certo que os Mouros davam de noite carga ás náos de Méca, que a mandasse o Capitão mór tomar,

Tom. I. Ec por-

porque elle dava pera isso licença, e que per aqui cumpria com o Capitão mór nos queixumes, que lhe mandava fazer de seus Officiaes. Porque se assi era que elles davam azo a que os Mouros carregassem de noite, os Mouros perderiam a pimenta que tinham carregada, e seus Officiaes haveriam bom castigo, e com isto espedio Aires Correa; o qual como andava desta presumpção que as náos de Méca, que estavam no porto, tinham carga de pimenta, não cuidou que na licença que levava d'ElRey tinha pouco despacho. Do qual caso foi logo dar conta a Pedralvares, e assentou com elle, que ao seguinte dia, que eram dezeseis de Novembro, dessem em rompendo alva os bateis em huma náos, que havia suspeita estar carregada; e achando-lhe pimenta, a tirassem do porto, e levassem a bordo das náos pera a baldear nellas, com fundamento de a pagarem a cuja fosse, sem embargo de lhe ElRey dizer que a tomassem, por pena de elle ter mandado que ante das nossas náos haverem carga, nenhuma náos a tomasse; o qual negocio succedeo mui mal, porque a náos estava carregada de mantimentos, e tudo foi industria dos Mouros por indignarem a gente da terra contra nós, como fizeram, cá não houve mais detença, que entrados os nossos em a náos, como liam com

com aquelle alvoroço de gente de guerra, e mais com odio que tinham aos Mouros, però que não achassem pimenta, começaram de revolver a náó, da qual fugindo os Mouros, que nella estavam, deram rebate em terra, fazendo tamanho alvoroço na Cidade, que começaram matar alguns dos que estavam com Aires Correa, os quaes andavam seguros per ella. Aires Correa quando sentio a revolta, e vio vir hum tropel de gente sobre alguns, que se vinham amparando, acudio aos recolher já mui feridos da multidão dos Mouros, e Gentio, que os perseguiam; mas pouco aproveitou a elles, e a elle, antes foi causa de o matarem mais cedo, e a muitos dos que estavam com elle dentro das casas, porque entráram todos de volta, sem lhe darem tempo de se poder entreter com as portas fechadas, té que das náos lhe acudissem, posto que no alto da casa foi per hum dos nossos arvorada huma bandeira, que era sinal de haverem mister soccorro. Pedralvares a este tempo estava com a sezão das quartans; e quando lhe disseram que nas casas da Feitoria era arvorada bandeira, e que havia gente derredor della, pareceo-lhe que sería algum arroido dos nossos, e como a cousa particular, mandou dous bateis que acudissem. Però depois que lhe disseram que as casas es-

Ec ii

ta-

tavam todas cercadas, e que isto parecia fitor do povo, a grão preſta mandou os Capitães com todos os bateis, e a mais gente que pudessem levar. Mas foi a tempo que já nas caſas não havia vivo nenhum dos noſſos; e alguns, que ſe quizeram acolher ao mar, vinham os Mouros, e Gentios ás fréchadas, e lançadas pola praia, ſem lhes darem tempo pera embarcar. E ainda pera ſe melhor vingarem delles, os Mouros, que ordenáram eſta maldade, a noite paſſada tiveram eſta industria: mandáram fazer a praia em montes de areia, e covas, donde tiráram os montes; porque querendo-ſe os noſſos acolher aos bateis, quando viessem trás elles, iſto lhe foſſe impedimento pera ſe não recolher tão preſtes, e entre tanto os matariam ás fréchadas. Nefte recolhimento de tanto trabalho eſcapou Fr. Henrique com algumas feridas polas coſtas, o qual como puriſſimo Religioſo que era, as recebeu em lugar de martyrio, e aſſi eſcapáram quatro Frades dos ſeus. Nuno Leitão Capitão do navio Annunciada, vendo vir Antonio Correa filho de Aires Correa moço de até doze annos, do qual por ſua pouca idade os Mouros não faziam conta, metteo-ſe em meio delles, e polo ſalvar ás coſtas, foi primeiro mui bem ferido. E poſto que eſte Cavalleiro Nuno Leitão, (que depois al-

gus

guns tempos servio d'Almoxarife do armazem das Armas,) per si não vingasse este danno que aqui recebeo, Antonio Correa o fez em mui honrados feitos nestas partes, em que tambem vingou a morte de seu pai. E certo que se o impeto, com que os Mouros, e toda gente da Cidade commetteo a casa, elles seguiram alguns dos nosos, que tiveram lugar pera vir buscar a praia, não escapáram obra de vinte pessoas de sessenta que eram em terra. Mas como toda a furia parou em furtar a fazenda, que Aires Correa lá tinha, tiveram espaço pera escapulir da casa os que vieram demandar a praia, dos quaes ainda alguns ficáram ali mortos, e os outros mui mal feridos, e quatro, ou sinco se escondêram em casa de Coge Bequij nosso amigo. Quando Pedralvares vio ante si aquella gente tão mal ferida, e soube que tudo procedêra da tomada da náó per conselho de Coge Cemeccerij, e que elle accendêra aquelle fogo, havendo-se por aggravado de Aires Correa por algumas palavras, que lhe disse sobre o engano da náó dos Elefantes, disse áquelles Capitães, que eram presentes: *Louvado seja Deos! pois he mais poderoso pera vos destruir hum amigo simulado, que hum inimigo descoberto.* Aires Correa tinha por amigo aquelle Mouro Cemeccerij, e confiava

em

em suas palavras, e eu descançava nas suas, e assi elle morreo desenganado já delle, e eu morro, porque enganei a muitos, parecendo-me que acertava em seguir seu parecer. Verdadeiramente ainda que elle morreo como Cavalleiro, e os outros que com elle vam, e todos por servir ElRey Nosso Senhor acabáram em bom lugar, e eu lhe tenho mais inveja á sua morte, do que se póde ter a estas minhas quartans: todavia dera por huma hora de vida de Aires Correa dez annos da minha, sómente pera o poder arguir em algumas cousas destas que eu adivinhei, e me elle não cria. Porém, pois aprouve a Nosso Senhor que viessemos a estar com este Çamorij em peor estado do que estavamos ao tempo de nossa chegada, tomemos este desastre á conta dos mortos, pois acabáram nelle, e á nossa por principio de bom despacho, pois nos dá causa a não dissimular quantos enganos ha tres mezes que soffremos. Finalmente praticando Pedralvares com os Capitães o modo, que haviam de ter pera tomarem conclusão com o Çamorij, depois que se trouxeram muitos inconvenientes de huma, e d'outra parte, assentáram que nenhum outro conselho era mais proveitoso que as armas, cá dissimular enganos ainda que fizeram mal, não era tão manifesta injuria, como morte de tanta

ta gente. E vendo ElRey, e os da terra que não acudiam a isso com grande impeto de vingança, ante que arrefecesse o sangue daquelles, que alli perecêram, haveriam serem elles homens, que por injúrias faziam pouco, e por cubiça muito. Porém aquelle dia não podia ser, e era mais proveitoso ser ao outro, por duas causas: a primeira, por lhe darem azo a que se mettesse alguma gente em guarda das náos, e quanta mais fosse, mais culpados haveriam castigo; e a segunda, por lhe ficar o dia todo inteiro pera depois de queimadas as náos esbombardearem a Cidade. Posto este conselho em obra, foram queimadas mais de quinze vélas, que estavam juntas no porto, em que entravam oito náos grossas, a maior parte das quaes estavam carregadas de mantimentos daquella costa Malabar, em cuja entrada morreo muita gente, que estava em guarda dellas. Acabado este incendio das náos, começou outro da nossa artilheria, que foi varejar a Cidade, não fazendo aquelle dia, e o seguinte outra cousa, com que muita parte della ficou damnificada, e seguindo se depois soube em Cochij, assi desta artilheria, como em as náos, morrêram mais de quinhentas pessoas.

CA-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

CAPITULO VIII.

Como Pedralvares Cabral foi ter a Cochij, onde o Rey da terra lhe deo carga de especiaria; e estando já no fim della, veio sobre ella huma grossa Armada do Camorij de Calecut, e o que nisso fez.

FEito este estrago naquelles dous dias, quando veio o terceiro, mandou Pedralvares que se não fizesse mais damno, dando aquelle dia por tregoa, parecendo-lhe que enviasse ElRey algum recado; mas quando vio que estava mais indignado que arrependido do feito da morte de Aires Correa, e dos que com elle morrêram, fez-se á véla caminho de Cochij. O qual lugar he cabeça de hum Reyno assi chamado, que está abaixo de Calecut contra o Sul pela mesma costa trinta leguas, e nelle, segundo Gaspar da India affirmava a Pedralvares, havia mais pimenta que em Calecut, posto que o Rey fosse menos poderoso, e não tão rico como elle. E a causa era, por em Cochij naquelle tempo haver pouco trato, e poucos Mouros, que eram os que Pedralvares mais receava, por damnarem todas nossas cousas, do qual Reyno, e assi dos outros dest a costa Malabar, onde pelo tempo em diante fizemos fortalezas, e tivemos com-

commercio , em outra parte mais propria desta relação escrevemos particularmente. Posto Pedralvares em caminho via de Cochij , por esta informação , que lhe Gaspar da India deo , topou duas náos , que , segundo parecia , e se depois soube , vinham do mesmo Cochij , e dando-lhe caça pera saber se eram de Calecut , foram-se metter no rio de Panane doze leguas de Calecut entre outras náos , que ahi estavam furtas , as quaes elle leixou , temendo ser já aquelle lugar d'ElRey de Cochij , e fazendo-lhe algum damno , podia fazer outro segundo escandalo , como fez na tomada da náo dos Elefantes , que Coge Cemecerij maliciosamente fez tomar. Com a qual cousa elle hia temeroso , parecendo-lhe ter nisso offendido a ElRey de Cochij , e tomando estoutras , achallo-hia mais em termos de guerra que de paz. E se leixou estas , mais adiante na paragem de Cranganor tomou duas , que vinham com mantimentos pera Calecut ; e por saber per os Mouros que as navegavam , serem d'outros da mesma Cidade , com a qual ficavam em odio , as queimou. Chegado ao porto de Cochij , que seria dalli sinco leguas , porque soube que ElRey estava em huma povoação mettida pelo rio assima , mandou a elle hum Bramine dos daquella costa Malabar , o qual era

era de huns, que tomam por religião andarem em penitencia por todo o Mundo, nós, com humas cadeias derredor de si, cheios de bofta de vacas por mais desprezo de fuas peffoas; e geralmente os que tomam esta vida, se são do genero Gentio, chamam-lhes Jogues; e se são Mouros, Calandares; do qual modo de religião escreveremos adiante, e principalmente em os livros da nossa Geografia. Este, ou que o costume da vida de peregrinar per terras estranhas, ou que verdadeiramente o feu zelo era de fejar salvação, estando Pedralvares em Calecut, no tempo que Fr. Henrique procurava a conversão de alguns Gentios, veio-se a elle, dizendo, que queria ser Christão, e vir com elle pera este Reyno, ao qual deram Baptifmo, e houve nome Miguel. ElRey de Cochij, posto que já tivesse sabido muita parte das cousas, que os nossos passáram em Calecut, e tambem estivesse informado per os dous irmãos, cuja era a não dos Elefantes, do que Pedralvares fez, e disse ao feu Capitão; além desta informação, obrou tanto o que Miguel disse, que houve ElRey de Cochij que os Mouros de Calecut, e o Çamorij em lho consentir tinham feito grande traição contra os nossos, e muito damno a si, por ser gente, que se ganhava mais em os ter por amigos, que

ano-

anojados. Finalmente por esta razão, e outras de paixões, e differenças, que entre elle, e o Camorij havia, e principalmente por causa de seu proveito, que elle tenteou, houve que nenhuma cousa fazia mais a seu proposito, que dar carga de especiaria ás nossas náos, e estimou em muito irem ter a seu porto, porque com isto fazia duas cousas, ganhar nossa amizade pera nos ter contra o Camorij, quando lhe cumprisse, e a segunda, (que haveria das nossas mãos muitas, e boas mercadorias, e dinheiro em ouro, (segundo lhe contava Miguel,) que he o nervo, que sustem os estados no tempo de sua necessidade. Consultado o qual negocio entre os seus, não sómente este foi o parecer dos Gentios, mas ainda de alguns Mouros, principalmente dos dous irmãos, que tinham recebido aquella náo de Pedralvares, que foi huma obra, que muito ajudou a nosso despacho. Porque ElRey grande parte della poz á sua conta, sabendo que Pedralvares por sua causa a soltára, sendo tomada de boa guerra, e mais entre os Mouros irmãos, havia já presumpção dos artificios, que sobre esta náo tivera Cogecemecerij, quando souberam como em Cananor á sua propria custa mandára metter dentro gente nella pera a defender, não estando elles muito correntes na amizade. E

con-

conforme a esta determinação, trouxe Miguel resposta d'ElRey a Pedralvares, dizendo, que sua vinda fosse mui boa, e que lhe pezava muito dos damnos, e trabalhos, que tinha recebido em Calecut; que verdadeiramente se elle não fora informado per pessoas dignas de fé, que a culpa destas cousas procedêra do Çamorij, elle puzera muita dúvida em lhe dar acolheita naquelle seu porto, quanto mais carga de especiaria, por esta ser a lei de boa vizinhança, acudir ás injúrias dos vizinhos, e mais sendo feito per pessoas tão estranhas em religião, costumes, e patria, como eram os Portuguezes á gente Malabar. Mas como elle Rey ficava defobrigado deste adjutorio ao Çamorij, por ser em causas contra a lei, e verdade, que se deve aos estrangeiros, que trazem bem, e proveito ao proprio Reyno, elle Pedralvares podia seguramente esperar delle tudo em que o pudesse ajudar. Pedralvares, porque esta entrada de boas palavras sempre a ouvio naquelles Reys com que tiveram prática, ensinado do fim que com elles teve, usou com este de alguns resguardos sobre o negocio da carga da especiaria. Porém não quiz tratar com elle que se vissem, porque o tempo era mui breve pera se partir via deste Reyno, e elles nestas vistas serem mui supersticiosos ácerca da eleição

ção dos dias, em que devem contratar, assi que per evitar estes inconvenientes, com que podia perder muito tempo, veio logo com elle a conclusão de dar carga da especiaria que promettia. Finalmente, sem haver entre elles mais cautelas, mandou ElRey quatro pessoas honradas da linhagem dos Bramanes por arrefens de nove pessoas, que Pedralvares mandou a terra pera refeitorizar a carga, Gonçalo Gil Barbosa pera Feitor, Lourenço Moreno, e Bastião Alvares por seus Escrivães, e Gonçalo Madeira de Tanager por lingua, e os outros eram degredados, e homens da Feitoria; porque era aquella gente Malabar tão suspiciosa, que houve Pedralvares por mais seguro mandar menos gente que mais: e aprouve a Deos que assi se contentáram elles dos nossos, que geralmente todos, assi os Officiaes d'ElRey, que eram Gentios, como os mercadores Mouros, andavam a quem daria melhor aviamento á carga. A qual cousa dava muito contentamento a Pedralvares, posto que em alguma maneira os arrefens lha entretinham por causa de sua religião, que não haviam de comer em a náo, onde Pedralvares os tinha, té virem a terra a se lavar do tocamento que tiveram com os nossos; e em quanto hiam comer huns, vinham outros em seu lugar, cousa, que atormentava
mui-

muito a Pedralvares ver os vagares com que isto faziam. Com tudo, em espaço de vinte dias aqui, em Cochij, e no rio Cranganor, que será dalli sinco leguas mais affima contra o Norte, carregáram todalas náos muita pimenta, e algumas drogas, sómente gengivre, que depois foram tomar a Cananor. E neste porto de Cranganor acháram os nossos, que alli foram carregar, muitos Christãos de S. Thomé, por elle leixar naquelle lugar algumas Igrejas feitas no tempo que alli prégou o Evangelho, da qual denunciação, e gente, que converteo alli, e em Choromandel, onde foi a principal habitação sua, adiante faremos relação, e principalmente em a nossa Geografia. Dos quaes Christãos de Cranganor, dous chamados Mathias, e Josepe irmãos, segundo elles diziam, doctrinados per Bispos Armenios, que alli residiam, quizeram vir com Pedralvares a este Reyno pera passarem a Roma, e dahi a Jerusalem, e Armenia a ver o seu Patriarca. Porém o Mathias depois de ser neste Reyno, faleceo, e Josepe foi ter a Roma, e a Veneza, e do que lá disse da sua christandade, e costumes, os Italianos, que nisto são mais curiosos que nós, fizeram hum summario, que está incorporado em hum volume Latino, intitulado *Novus orbis*, onde andam algumas das

nossas navegações, escritas não como ellas merecem, e o caso passou. Tornando á carga da especiaria, que os nossos faziam per modo tão pacifico, neste tempo correo por toda aquella costa Malabar nova da nossa Armada, e das cousas que passáram em Calecut, a qual nova parece que não foi tanto em louvor do Çamorij, como nosso, havendo todos que usára de traição em mandar matar homens, que debaixo da fé delles estavam em terra tratando em cousas do commercio, e não de guerra, dizendo todos, que não mandára fazer tal insulto mais por lhe roubar a fazenda, que por outra alguma culpa. E porque, (segundo disse-mos,) este Çamorij era como Emperador naquella região Malabar, (de que ao diante mais particularmente diremos a causa,) e os outros Reys vizinhos soffriam mui mal esta sua potencia, principalmente ElRey de Cochij, que demarcava com elle pela parte debaixo contra o Sul, e ElRey de Cananor pela de cima do Norte, desejavam todos sua destruição, e haver ahi causa perra isso. A potencia do qual Çamorij, como procedia do commercio das especiarias, que se faziam no seu porto de Calecut, e elle tinha modos de avocar a si todas as náos dos Mouros, que vinham áquelle trato, do qual commercio estoutros Reys gostavam pouco,

por

por isso vendo as nossas náos na India, com a informação que tinha do proveito que dellas podiam receber, e odio, em que os nossos estavam com o Çamorij, cada hum desejava de os recolher pera si. Donde se causou, que ElRey de Cananor, e os Governadores de Coulaõ, Reyno que confina com Cochij pela parte de baixo contra o Sul, mandáram seus mensajeiros a Pedralvares Cabral, pedindo-lhe, que quizesse ir a seus portos, porque elles lhe dariam toda a carga de especiaria que houvesse mister. Aos quaes elle respondeo, dando-lhes agradecimento daquella offerta, e boa vontade, que mostravam ter ás cousas d'ElRey de Portugal seu Senhor; e podiam ser certos, que vindo elle a Portugal como esperava, o dito Senhor lhes gratificaria aquelle seu desejo, como elles veriam na primeira Armada que alli tornasse. Que ao presente elle não podia tomar carga pola ter já recebido d'ElRey de Cochij, no qual achára muito gazalhado, muita verdade, e poucas cautelas, o que não achára em Calecut, vindo elle primeiro áquelle porto, que a outro algum da India. Pola qual razão, e assi pelo proveito que elle trazia, o Çamorij não devêra tratar tanta traição como com elle usou, aconselhado da sua cubiça, e da maldade dos Mouros, as quaes cousas por se.

ferem mui publicamente feitas, seriam notorias per toda a India, e por isso lhe não fazia relação do caso como passára. Sómente elle Capitão mór tomava por testemunha da sua innocencia, ácerca do que passáram em Calecut, o agazalhado que achára em ElRey de Cochij, e as offertas que elles Principes lhe mandavam fazer, porque neftes claros, e verdadeiros sinaes se mostrava que as Armadas d'ElRey D. Manuel seu Senhor entráram naquella região da India com titulo de paz, e commercio, e não de guerra ácerca dos Principes, e povo Gento daquellas partes Orientaes; porque vendo-se ao diante outras Armadas d'ElRey seu Senhor naquellas partes a tomar encenda da maldade, que ElRey de Calecut commetio, que se soubesse ser elle a causa disso. Pedralvares posto que geralmente espedio estes mensajeiros que a elle vieram, escusando-se de ir tomar a especiaria, que lhe vinham offerecer, todavia em particular mandou dizer a ElRey de Cananor, que de caminho elle passaria pelo seu porto, e tomaria algum gengivre, que entre tanto lho mandasse ter prestes. Partidos estes mensajeiros, e Pedralvares tambem em vespers da sua partida, mandou-lhe ElRey de Cochij dizer, que elle tinha nova certa como de Calecut era partida huma grossa Armada,

Tom. I.

Ff

da,

da , que lho fazia saber pelo não tomar descuidado , e tambem pera que tivesse tempo de recolher alguma gente da que elle offerecia ; porque os seus naturaes estavam tão satisfeitos , e contentes do tratamento , e modo dos Portuguezes , que com amor levemente se offereciam á morte pelos defender de seus imigos. O que Pedralvares lhe mandou muito agradecer , dizendo mais , que os Portuguezes eram tão costumados a pelejar com Mouros , e haver victorias delles , e dos infieis ácerca de Deos , e dos homens , que os não tinham em conta , ante se deleitavam na milicia delles. Por tanto elle não tinha necessidade dos seus vassallos , e pola offerta delles , beijava as mãos a sua Real Senhoria , como a hum Principe tão conjunto a ElRey seu Senhor per razão de paz , e amor , como são aquelles , que nas partes da Europa elle accepta por seus irmãos em armas , que he ser amigo dos amigos , e inimigo dos contrarios. E quanto aos seus naturaes estarem promptos nesta ajuda , que queriam dar aos Portuguezes pelo contentamento que tinham de suas pessoas , elle se não espantava disso , porque a Lei de Deos era permittir. que o coração leal , e verdadeiro fosse pago com outro tal coração ; quanto mais que toda esta boa vontade dos seus procedia da que elles

les viam ter a sua Real Senhoria ás cousas d'ElRey seu Senhor. Que estas taes obras, elle Pedralvares ao presente não era poderoso pera as poder pagar, sómente em as levar na memoria em mais estima que todas as riquezas da India, pera as representar a ElRey seu Senhor, de quem elle podia esperar, tanto que em Portugal fosse, vir logo huma Armada em seu favor contra o Camorij, e todos os seus imigos, por ElRey seu Senhor ser hum Principe mui agradecido de beneficios, e muito temeroso, quando era offendido. Enviada esta resposta, quando veio ao seguinte dia a nove de Janeiro do anno de quinhentos e hum, em o Sol pondo, eis-aqui começa de apparecer esta Armada, que ElRey de Cochij, dizia mais me-donha em numero de vélas, que poderosa no animo de quem nella vinha, porque seriam até sessenta vélas de que vinte sinco eram náos grossas. A qual Armada não vinha a fim de pelejar, sómente mostrar-se, parecendo-lhe que por ser grande numero de vélas, tanto que fosse vista dos nossos, faria despejarem elles o porto, e vir-se caminho do Reyno sem carga de especiaria, que era todo o intento dos Mouros. Porque além de tomarem o pouso tanto ao mar das nossas náos, que sería huma legua, quando veio de noite, que Pedralvares se fa-

Ff ii

zia

zia prestes perá ante manhã com o terreno
 ir sobre elles per vigia que elles tinham,
 tiveram tal modo que ficáram pegados com
 terra, onde Pedralvares não podia ir, por
 lhe servir o vento mais ao mar, que pera a
 terra. E ou que o terreno o fez, ou esta-
 rem já com a carga, que haviam mister,
 ainda que Pedralvares quizerá ir aos inimigos,
 elle o não pudéra fazer, porque a náó de
 Sancho de Toar hia muito na volta do mar,
 e como era das mais poderosas, e as outras
 tambem a seguiam, e fez a Pedralvares pôr
 a proa nellas, apanhando huma, e huma té
 se fazer em hum corpo na volta de Cana-
 nor, ficando os inimigos muito satisfeitos com
 os verem partir, em que mostráram não irem
 a outro effeito. Na qual partida quiz Pedral-
 vares usar antes da prudencia, e cautelas de
 Capitão, que do officio de Cavalleiro que
 elle era, temendo que se commettêra os imi-
 gos, pudéra succeder cousa que lhe fizera
 perder a sua vinda, que importava mais ao
 serviço d'ElRey, e a bem de todo o Rey-
 no, que destruir aquella Armada, posto que
 com aquellas náos tão carregadas fora pos-
 sivel poder-se fazer.

CA-

CAPITULO IX.

Como Pedralvares foi ter a Cananor, onde ElRey lhe mandou dar a mais especiaria, que havia mister; e partido dalli, fez sua viagem pera Portugal: e do que passou no caminho té chegar a elle.

PArtido Pedralvares Cabral per este modo do porto de Cochij via de Cananor, passou á vista de Calecut; e a principal causa, que o moveo a fazer este caminho, foi ter mandado dizer a ElRey de Cananor, que havia de passar pela sua Cidade a tomar gengivre, e se o não fizera, ficava infamado ante elle de duas cousas, que não cumpria sua palavra; e mais que de assombrado d'Armada d'ElRey de Calecut, não ousára de vir áquelle seu porto; a qual presumpção tirava não sómente indo a cumprir o que lhe mandava dizer, mas com a mostra, que deo de si a Calecut. Tambem teve Pedralvares respeito a outra cousa, que lhe ficava por fazer, que muito importava a estima, e opinião em que eramos tidos ante ElRey de Cochij; e se com elle não fizera algum cumprimento, pelo modo de como se elle Pedralvares partio, sem se d'elle espedir, ficavamos ante elle mui infamados; e porque de Cananor esperava de o
fa-

fazer, por razão de todas estas cousas, conveio ir tomar aquelle porto, como tomou. Onde a primeira cousa que fez, foi per homens da terra, que lhe o Governador da Cidade deo, per duas, ou tres vias escrever a Gonçalo Gil Barbosa, e aos Officiaes, que com elle ficavam, dizendo, que como elles sabiam, leixallos em Cochij não fora per accidente, e acaso, mas por ordenança d'El-Rey seu Senhor. O qual, pelo Regimento que lhe dera de fazer Feitoria em Calecut, ou em qualquer outra parte, onde o Senhor da terra acceptasse sua amizade, mandava que ficassem elles por Officiaes, pera terem cargo de comprar as especiarias de seu vagar, e as terem prestes, quando as náos do Reyno lá chegassem, segundo se continha no Regimento, que lhe elle leixára. Sómente hia elle Pedralvares descontente pelo modo apressado de sua partida, o qual tolheo não lhe dar os derradeiros abraços, que se costumam entre os amigos nas taes espedidas, cousa mui racional, e que a mesma natureza obrigou aos homens, pera mostrarem hum final de paz, e amor, que entre elles havia. O qual final a elle Pedralvares convinha mais, que a outra pessoa alguma; porque como elle por razão do seu cargo era obrigado dar conta da vida, saude, e estado de cada hum daquelles, que levava de-

bai-

baixo da bandeira, que lhe ElRey seu Senhor entregára em Lisboa, na casa de Nossa Senhora de Bethlem, muito mais lhe convinha dar esta conta de suas pessoas, assi por razão dos cargos em que ficavam, que muito importava ao serviço d'ElRey, como por elle particularmente lhe ter muito amor. Porém como o serviço d'ElRey seu Senhor precedia a todos os effectos humanos, e por causa d'elle seus vassallos eram obrigados despir a natureza, e a vida se cumprisse, como elles sempre fizeram, conveio que elle se partisse per aquelle modo, quanto mais que a elles não foi cousa nova, nem escondida, pois com todos tinha consultado que assi se devia fazer por evitar os inconvenientes, e impedimentos, que lhe a Armada do Camorij podia dar em sua partida. Que quanto pera com elles, elle Pedralvares não levava nenhum escrúpulo, sómente ante ElRey de Cochij lhe parecia mui necessario fazer todo cumprimento, e por isso lhe escrevia aquella carta, que com a sua lhe enviava, e por ser de crença em que se elle reportava a elles, da sua parte lhe podiam dizer tudo o que convinha pera desculpa de sua partida, e a bem da honra dos Portuguezes. Tornando ao que ElRey de Cananor fez, quando Pedralvares appareceo á véla, como homem temeroso

que

que elle passasse de largo obra de duas leguas antes de chegar ao porto, mandou a elle dous zambucos. Em hum dos quaes hia hum homem principal, per que lhe mandou pedir que não passasse sem tomar aquelle seu porto, porque elle desejava tanto amizade delRey de Portugal, que estimaria muito, primeiro que se fosse daquella terra, querer levar alguma cousa sua. E tambem pois elle Capitão mór o tomava por testemunha da paz, com que os Portuguezes entráram na India, e assi do que lhe nella era feito, segundo lhe mandou dizer de Cochij, elle Rey de Cananor pelo mesmo modo o queria tomar por testemunha com obras mui differentes das que lhe foram feito em Calcut. Porque não queria que se dissesse nas partes da Christandade, que os Reys, e Principes da India, não eram dignos da amizade, e commercio dos Reys, e Principes della. Por tanto, tambem protestava ter elle Capitão mór naquella sua Cidade Cananor toda a especiaria, que houvesse mister, onde acharia gazalhado, amor, e verdade, como achou em ElRey de Cochij. Ao qual Pedralvares respondeo, que os Portuguezes de nenhuma cousa eram mais lembrados que dos beneficios que recebiam, e de cumprir sua palavra, por tanto sua Real Senhoria esperasse delle que ambas estas cou-
sas

fas iria cumprir , porque elle não passava ,
 mas vinha , como lhe mandára dizer. Che-
 gado Pedralvares logo nas costas deste men-
 sajeiro , assi tinha ElRey provído pera lhe
 dar carga de especiaria , que ainda elle não
 surgia fóra do porto , quando derredor das
 náos eram muitos paráos , e barcos carrega-
 dos de gengivre , e canella , parecendo-lhe
 que se logo o não avisassem , que faria seu
 caminho. E porque Pedralvares lha já tão
 carregado , que não pode tomar tanta espe-
 ciaria , quanta os Officiaes d'ElRey quize-
 ram , e sómente tomou huma somma de
 gengivre , e huma pouca de canella , man-
 dou-lhe dizer ElRey , que elle tinha sabido
 como em Calecut lhe roubáram muita fa-
 zenda , que se por ventura á mingua de não
 ter cabedal leixava de tomar mais especia-
 ria , não leixasse de a tomar , porque elle
 confiava tanto na verdade dos Portuguezes ,
 que esta bastava pera elle ser pago de quan-
 to lhe alli dessem na outra vez que tornas-
 se. Pedralvares por não leixar a ElRey com
 esta presumpção , que á mingua de cabedal
 não tomava mais carga , mandou mostrar
 aos seus Officiaes , que andavam neste nego-
 cio , dous , ou tres cofres cheios de dinheiro
 em ouro , dizendo , que elle tinha ainda tan-
 to dinheiro , que bem pudéra carregar cinco ,
 ou seis náos , que lhe o mar comêra ,
 por-

porque pera todas levava cabedal; mas como aquellas que alli trazia hiam já abarro-tadas com a carga que lhe dera ElRey de Cochij, não podia levar mais; nem sua vin-da áquelle porto fora por razão de carga, sómente por servir ElRey. Que quanto á confiança, que ElRey tinha na verdade dos Portuguezes, sua Real Senhoria no anno seguinte veria quanto ElRey de Portugal seu Senhor estimava esta confiança, porque em retribuição della mandaria huma gros-sa Armada com muito ouro, prata, e mer-cadorias de grão preço, e coraçõs mui ef-forçados, e leaes pera ajudarem a ElRey de Cananor contra seus inimigos, se lhe ne-cessario fosse; e bem assi pera tratarem, e commutarem suas mercadorias, com que fi-zessem aquella Cidade Cananor muito mais rica, nobre, e poderosa, do que era Cale-cut. Finalmente com este, e outros recados, que, per espaço de hum dia que Pedralvares se alli teve, passáram entre elle, e ElRey, assi ficou este Gentio confiado em nós, que sabendo como Pedralvares levava dous Em-baixadores d'ElRey de Cochij, mandou tambem outro com elle com alguns presen-tes pera ElRey D. Manuel, a substancia da qual einbaixada eram offerecimentos de sua pessoa, e do seu Reyno, e quanto desejava sua amizade, e commercio das cousas, que
em

em Portugal havia per commutação das que tinha o seu Reyno. Pedralvares leixando estes dous Reys de Cochij , e Cananor em tanta paz , e concordia , fez-se á véla caminho deste Reyno a dezeseis dias de Janeiro , dando louvores a Deos , pois partira da India mais contente do que chegára a ella , attribuindo a perda das náos a seus peccados , e as desavenças d'antre elle , e ElRey de Calcut a bem , e prosperidade das couzas delRey D. Manuel. Porque segundo aquelle Gentio Çamorij estava damnado com a communicação dos Meuros , que tinha em seu Reyno , parece que não merecia a Deos estar em nossa amizade , e permittira a morte de Aires Correa , e dos outros que com elle perecêram , pera elle Pedralvares ir buscar ElRey de Cochij , e depois ElRey de Cananor. Os quaes com estes Embaixadores , que enviáram a este Reyno , e depois per muito contentamento , que tiveram das obras d'ElRey D. Manuel , assi ficáram estes dous Principes os maiores do Malabar ; (depois do Çamorij ,) tão fieis , e leaes amigos a seu serviço , quanto no decurso desta historia se verá. Seguindo Pedralvares sua derrota via deste Reyno , não mui longe da costa de Melinde , topou huma náos mui grossa carregada de muita fazenda , a qual vinha do mesmo lugar de Melinde , e hia

pe-

pera Cambaya; e por ser de hum Mouro, segundo elle dizia, dos principaes daquelle Reyno, que se chamava Milicupij senhor de Baroche, elle a leixou ir em paz, dizendo-lhe que se fora de Calecut, ou dos Mouros de Méca, houvera de tomar nella emenda dos damnos, que delles tinha recebido; porém como não era delles, todalas outras nações da India sempre achariam nos Portuguezes paz, e amizade, e com isto a espedio, sómente lhe tomou hum Piloto Guzarate de nação, por delle ter necessidade pera aquella costa de Cofala. Tornando a seu caminho, e sendo já mui perto da costa de Melinde, saltou com elle hum tempo travessão, que deo com a náó de Sancho de Toar em hum baixo, onde se perdeu, salvando-se porém toda a gente; e porque ficava hum pouco descuberta da agua, mandou-lhe Pedralvares pôr fogo, porque os Mouros daquelle costa não viessem a ella, e se aproveitasssem d'alguma cousa. Mas com todas estas cautelas de Pedralvares, ElRey de Mombaça mandou depois a lhe tirar toda a artilheria de mergulho, e com ella nos fez guerra, como adiante veremos. E correndo com este tempo a povoação de Melinde, fez Pedralvares seu caminho a Moçambique, onde reparou as náos d'algum danno que levavam. E porque quando des-

te Reyno partio, ElRey D. Manuel ordenou que Bartholomeu Dias, e Diogo Dias seu irmão fossem á Mina de Çofala descobrir, e assentar aquelle resgate, o qual negocio não houve effecto por se perder Bartholomeu Dias no dia, que se perdêram outras tres vélas, e Diogo Dias era desaparecido, mandou Pedralvares a este negocio Sancho de Toar em hum dos navios pequenos, dando-lhe regimento do que devia fazer. Espedido Sancho de Toar, partio-se Pedralvares pera este Reyno, e a primeira terra que tomou foi a Ilha do Cabo Verde, onde achou Pero Dias, que era desaparecido, como affima dissemos. O qual entre muitas cousas, que contou a Pedralvares dos trabalhos, que teve em sua navegação, foi ir ter ao porto da Cidade Magadaxo contra o Cabo de Gadrafu, onde achou duas náos carregadas de especiaria, que alli eram vindas de Cambaya. Os Mouros das quaes, e assi os da Cidade, temendo que podiam receber algum damno delle pela artilheria, que lhe ouvíram, quando os salvou, foi de todos mui bem recebido, dando-lhe muitos mantimentos, e refrescos da terra. Porém depois que tiveram as náos descarregadas da fazenda que tinham, ordenáram de o tomar; e pera o poderem fazer mais a seu salvo, dilatáram isto pera hum

hum certo dia, em que elle Pero Dias quiz fazer aguada. Dizendo os Mouros da Cidade que a agua vinha de longe pela terra dentro, que pera isto se fazer mais em breve, mandasse tal dia o batel com as mais vasilhas que pudesse, e assi gente pera as encher, e chegando ao qual lugar com a confiança do bom gazalhado, que lhe tinha feito nos dias passados, não tiveram resguardo em si, com que o batel, e elles ficaram em poder dos Mouros. Os quaes Mouros logo incontinente, mui armados em alguns zambucos da terra, vieram sobre elle, na qual chegada elle Pero Dias se vio em tanta pressa, por não ter consigo mais de sete pessoas, que lhe conveio cortar as amarras, e fazer-se á véla via deste Reyno a Deos misericordia, sem Piloto, nem pessoa, que foubesse per onde vinham, té Deos o trazer áquelle lugar, onde o achára. Pedralvares, porque havia este navio por tão perdido, como os que soçobraram no dia da grão tormenta que teve, ouve que Deos lhe resuscitava todos aquelles homens. E pera maior seu contentamento, depois de ser chegado a Portugal, que foi vespera de S. João Baptista, chegaram outros dous navios, que ainda lá leixava: hum era de Pero de Taíde, que se delle apartou antes de chegar ao Cabo das Correntes com hum

ten-

temporal que alli teve; e o outro foi Sanchinho de Toar com nova do descobrimento de Cofala.

CAPITULO X.

Como ante que Pedralvares chegasse a Portugal o Março daquelle anno, tinha El-Rey enviado huma Armada de quatro náos: e o que passáram nesta viagem, e na India, onde carregáram de especiaria.

EL Rey D. Manuel antes da vinda de Pedralvares, posto que não tivesse recado do que lhe succedeo na viagem, (porque sua tenção era em cada hum anno fazer huma Armada pera este descobrimento, e commercio da India no mez de Março, pera ir tomar os temporaes, com que se naquellas partes navega,) neste anno de quinhentos e hum mandou armar quatro vélas. A capitania mór das quaes deo a João da Nova Alcaide pequeno da Cidade de Lisboa, Gallego de nação, e de nobre linhagem, por ser homem, que entendia bem os negocios do mar, e ter gastado muito tempo em Armadas, que se neste Reyno fizeram pera os lugares dalém, onde sempre andou em honrados cargos. Por razão dos quaes serviços, quasi em satisfação lhe foi dada Alcaidaria de Lisboa, que naquelle tempo era

era hum dos principaes cargos della, e andarem em homens Fidalgos, por ser huma só vara de toda a Cidade. Os Capitães dos outros navios eram Diogo Barbosa criado de D. Alvaro, irmão do Duque de Bragança, polo navio ser seu, e Francisco de No-vaes criado d'ElRey, e o outro era Fernão Vinet, Florentim de nação, polo navio em que elle lia ser de Bartholomeu Marchioni tambem Florentim, o qual era morador em Lisboa, e o mais principal em substancia de fazenda, que ella naquelle tempo tinha feito. Cá ordenou ElRey, pera que os homens deste Reyno, cujo negocio era commercio, tivessem em que poder tratar, dar-lhes licença que armassem náos pera estas partes, dellas a certos partidos, e outras a frete; o qual modo de trazer a especiaria a frete ainda hoje se usa. E porque as pessoas, a que ElRey concedia esta mercê, tinham per condição de seus contratos, que elles haviam de apresentar os Capitães das náos, ou navios que armassem, os quaes ElRey confirmava, muitas vezes apresentavam pessoas mais sufficientes pera o negocio da viagem, e carga, que haviam de fazer, do que eram nobres per sangue. Fizemos aqui esta declaração, porque se saiba, quando se acharem Capitães em todo o decurso desta nossa historia, que não sejam homens

mens Fidalgos, serão daquelles, que os armadores das náos apresentavam, ou homens, que per sua propria pessoa, ainda que não tinham muita nobreza de sangue, havia nelles qualidades pera isso, e tambem por darmos noticia do modo, que levamos em nomear os homens, que he este. Quando nomeamos algum Capitão, se he homem Fidalgo, e tão conhecido per sua nobreza, e criação na casa d'ElRey, logo em fallando nelle a primeira vez, dizemos cujo filho he, sem mais tornar a repetir seu pai; e se he homem Fidalgo, de muitos que ha no Reyno, destes taes não podemos dar tanta noticia, porque não vieram ao lugar onde se os homens habilitam em honra, e nome, que he na casa d'ElRey, por isso podemos perdoar; e tambem a dizer verdade, os escriptores dos individuos não podem dar conta; e quem muito procura por elles, quebra o nervo da historia, parte onde está toda a força della. Todavia nesta digressão duas cousas pertendemos: notificar a todos que nossa tenção he dar a cada hum, não sómente o nome de suas obras, mas ainda o de seu avoengo, se ambas estas duas vierem á nossa noticia; e a segunda, que quando fizermos algum grande catalogo de Capitães, (porque estes sempre hão de ser nomeados,) ora sejam de náos, ou navios,

Tom. I.

Gg

sem.

fempre devem entender que as pessoas mais principaes per fangue , e feitos , andavam nas melhores peças d'Armada. E tornando a João da Nova , e aos Capitães de sua conserva , por causa da qualidade dos quaes , pera maior declaração desta nossa historia , fizemos esta , tanto que foram prestes , se fizeram á véla do porto de Bethlem a cinco dias de Março do anno de quinhentos e hum. Na qual viagem passados oito grãos além da linha Equinocial contra o Sul , acháram huma Ilha , a que puzeram nome da *Concepção* , e a sete de Julho foram surgir da aguada de S. Braz , que he além do Cabo de Boa Esperança , onde Pero de Taíde foi ter , quando com o temporal , que naquella paragem deo a Pedralvares Cabral , se apartou d'elle. O qual Pero de Taíde metida em hum çapato no lugar da aguada , leixou huma carta escrita , em a qual dizia como elle passára per alli , e a causa porque ; e tambem avifava a todos os Capitães que fossem pera a India , do que Pedralvares lá passára , e que em Mombaça achariam cartas suas em mão de hum Antonio Fernandes degredado , que alli estava , e que a Feitoria de Çofala não se afentára , e a causa porque. João da Nova , e os outros Capitães , com as cousas que acháram nesta carta , foi para elles hum no-
vo

vo espirito , sabendo que na India tinham já dous portos tão pacíficos , e tão seguros , onde podiam tomar carga , como eram o de Cochij , e de Cananor , e mais tendo lá Feitoria com Officiaes pera isso ordenados. Porque como da India não tinham mais nova , que a que trouxera D. Vasco da Gama , e a navegação daquellas partes não era sabida , antes de toparem esta carta , hiam ás escuras , e mui confusos em sua viagem. Feita sua aguada , e resgate de gado com alguns Negros , que alli vieram ter , fizeram-se á véla caminho de Moçambique , onde chegaram na entrada de Agosto , e dahi foram ter á Cidade Quiloa , aos quaes o Rey da terra com palavras mais que com obras recebeo , e alli acháram Antonio Fernandes Carpinteiro de náos degredado , que Pedralvares leixou , e huma carta sua , que lhe enviou de Moçambique per hum zambuco de Mouros , quando per alli passou , vindo pera este Reyno , e alli outra carta pera qualquer Capitão , que per alli passasse , do teor da de Pero de Taíde. E entre algumas cousas , de que lhe Antonio Fernandes deo conta do que passava entre aquella barbara , e infiel gente , foi , que alli estava hum Mouro chamado Mafamede Anconij , que lhe tinha feito muita honra , e tanta , que se por elle não fora , alguns Mouros o matáram.

Gg ii

ram. Porém como elle era Eſcrivão da fazenda d'ElRey de Quiloa, homem poderoso na terra por amor d'elle, e tambem recando ElRey que por iſſo os poderia caſtigar, a gente civil não ouſára de o commetter, por eſta ſer a que o mais perſeguia. E que além deſte beneficio, que recebia de Maſamede Anconij, ſentia d'elle ſer homem fiel a noſſas couſas, por muitas de que lhe dava conta que faziam ao bem, e favor dellas, e que iſto ſentia d'elle Pedralvares Cabral os dias que alli eſtivera. João da Nova por tomar experiencia do que lhe Antonio Fernandes dizia deſte Maſamede, começou de lançar mão d'elle, o qual achou tão fiel, que ſegundo as traições, que lhe ElRey arrava pelo acolher, ſe per elle não fora avisado, ſempre lhe houvera de acontecer algum deſaſtre. E por não mostrar que deſconfiava d'elle, com a maior cautela que João da Nova pode, ſe eſpedio d'elle, e foi ter a Melinde, e dahi á India, e a primeira terra que vio della, foram os ilheos de Sancta Maria. Donde começou ir correndo a coſta, té que tanto avante como o monte de Lij, topou duas náos, huma das quaes por ſer melhor de véla, e já fobre a noite ſe poz em ſalvo, e a outra tomou elle; na entrada da qual lhe matou ſeſſenta homens, e depois de eſbulhada, lhe pu-

ze-

zeram fogo. Acabada a preza desta não, na entrada da qual alguns dos nossos ficaram frêchados, e feridos, foi-se pera Cananor, onde o Rey o recebeu com muito gazalhado; e como homem que temia o que João da Nova logo havia de fazer, que era ir tomar primeiro carga a Cochij por razão dos nossos, que lá ficaram pera este effeito de a feitorizar, quizeram deter alli em lhe dar primeiro as suas especiarias. Porém João da Nova com boas palavras se escusou, dizendo, que trazia por Regimento d'ElRey seu Senhor, que primeiro tomasse carga de especiaria no lugar, onde effivessem seus Feitores, que em outra parte alguma, por muitas cousas no Regimento apontadas. E que Pedralvares Cabral, (á capitania do qual elle vinha submettido pelo Regimento, se o ainda achasse na India,) per cartas, e recados seus, que achou em Moçambique, Quiloa, e Melinde, lhe mandava da parte d'ElRey que se fosse a Cochij, onde acharia o Feitor Gonçalo Gil Barbosa, a quem ficára fazenda, e cuidado pera ter feito parte da carga ás nãos, que sobreviessem do Reyno; e depois quando tornasse, viesse áquelle porto de Cananor, onde sua Real Senhoria lhe mandaria dar gengivre, e outras sortes de especiaria, que havia naquelle seu Reyno. Por tanto houvesse

se

se por bem que cumprisse o Regimento d'El-Rey seu Senhor ; e em quanto hia a Cochij , lhe mandasse ter prestes gengivre , canella , e algumas outras drogas té huma tanta quantia , porque estas veria alli receber pelo servir , as quaes tomaria menos em Cochij , posto que as lá houvesse. ElRey , ainda que estas razões de João da Nova lhe parecêram de Capitão obediente aos Regimentos de seu Rey , todavia aperfiou com elle , como quem queria que fizesse mais o que elle desejava , (que era tomar alli primeiro as especiarias , que em Cochij ,) que se conformasse elle João da Nova com o Regimento que levava. E ainda quando per esta via vio que o não podia obrigar , em tres , ou quatro dias , que se elle João da Nova alli deteve , mandou-lhe dizer , que lhe requeria polo amor que tinha ás cousas d'El-Rey de Portugal , que elle se não partisse pera Cochij : Por quanto tinha por nova mui certa , que em Calecut se fazia huma grande Armada de mais de quarenta náos grossas pera o aguardarem no caminho , que seu voto era elle se leixasse estar naquelle porto , onde se podia defender com gente , que lhe mandaria dar pera sua ajuda. Á qual Armada , segundo lhe era dito , os Mouros davam grão pressa , por razão de huma náos , que lhe levou nova , que hia fugindo d'elle , e
que

que outra sua companhia lhe ficava nas mãos. João da Nova, sendo certificado ser verdade o que ElRey dizia, depois que com os Capitães que levava teve conselho, refumio-se nesta determinação, que por honra do nome Portuguez não convinha mostrar aos Mouros de Cananor, que temiam a Armada do Çamorij, porque elles, e os de Calecut não queriam outra cousa pera se gloriar per toda a India, e que desta gloria tomariam ousadia pera os vir commetter dentro naquelle porto. Quanto mais, que tomando o conselho d'ElRey de Cananor, se a Armada de Calecut tivesse animo sobre ancora, e mais em lugar tão estreito, como era aquella concha de Cananor, a juizo de homens, mais tomados estavam que em outra parte. Mas este poder lhe não daria Deos, pois lho não concedeo em tão grande frota, como leváram contra Pedralvares, ante, segundo mostravam, todo seu poder estava mais em grande numero de vélas, que em animo de gente, nem em furia da artilheria. As quaes cousas, louvado Deos, nelles era por contrario; porque senão tinham muitas vélas, tinham muita, e mui boa artilheria, e mais todos eram costumados a pelejar com Mouros, e não temer seus alardos. E porque quanto se mais detivessem, mais tempo davam aos imigos pera se melhor

lhor aperceber , logo deviam partir pera Cochij ; porque se quando fossen achassem a Armada dos Mouros , e os viessem commetter , indo boiantes , hiam mais lestes pera se revolver com elles , que á tornada vindo carregadas. Finalmente assentado João da Nova nesta partida pera Cochij , mandou dizer a ElRey de Cananor , que lhe tinha em mercê a vontade , e amor , que mostrava ás cousas d'ElRey de Portugal seu Senhor com todolos offerecimentos de sua ajuda , e que elle os estimava tanto , como se os recebesse ; porém como os Portuguezes eram costumados áquelles grandes apparatus , e mostras , com que os Mouros faziam a guerra mais que com forças de animo , já nelles não faziam emprezas de temor algum , e por isso elle não leixaria seu caminho de Cochij pera ir fazer o que lhe ElRey seu Senhor mandava. Ante esperava em Deos , que quando embora tornasse , tão carregadas havia de trazer as náos da victoria daquella Armada de Calecut , como da pimenta de Cochij ; que entre tanto pedia a sua Real pessoa , que lhe mandasse fazer prestes a carga , que havia de tomar , quando embora tornasse de Cochij , pera penhor da qual vinda queria alli leixar quatro , ou cinco homens com alguma fazenda , pera que em quanto elle fosse , poderem comprar al-

gumas coufas. Com o qual recado ElRey ficou mui satisfeito, e muito mais contente, depois que vio que João da Nova lhe deixava cinco homens com nome de Feitores ao modo de como estavam em Cochij, que elle houve por grande honra, porque alli lho deo a entender João da Nova. Os quaes ainda que não eram Officiaes delRey, Feitores eram de partes, hum delles deixava Diogo Barbosa Capitão de hum navio de D. Alvaro, irmão do Duque de Bragança, ao qual chamavam Payo Rodrigues, com fazenda, que havia de feitorizar do mesmo D. Alvaro. E outro era hum Feitor de Bartholomeu Florentim, que o Capitão Fernão Vinet do seu navio pelo mesmo modo deixava alli feitorizando; e os tres, dous eram homens de serviço, e hum degredado, ficando todos debaixo da governança de Payo Rodrigues, a quem elle João da Nova deo poderes, e Regimento em nome d'ElRey pera aquelle caso. Feita a entrega destes homens a ElRey de Cananor, que elle com muitas palavras recebeu em sua guarda, e amparo, fez-se João da Nova á véla via de Cochij hum pouco afastado da costa, porque vindo a Armada d'ElRey de Calecut a elles, melhor se ajudassem della andando ás voltas, porque quatro vélas com obra de trezentos e cincoenta homens que elles

eram,

eram, não lhes convinha investir nenhuma nádo dos inimigos, nem menos chegar-se muito á terra, pois não tinham mais abrigo, nem defensão que a artilheria, com a qual havia de ser toda a sua peleja. O qual conselho aproveitou muito, porque indo ao mar hum pouco largo da costa, sendo na paragem de Calecut, como a Armada que se fazia prestes houve vista delles, alli os servíram os nossos com pilouros de sua furiosa artilheria aquelle dia té noite, e parte do seguinte, sem nunca perderem tiro, que mettêram no fundo sinco náos grossas, e nove paráos, em que morreo muita gente. As outras, vendo esta destruição, e damno que tinha recebido de muita gente, que lhes era morta, e ferida, seguiram os nossos até Cranganor, onde se leixáram ficar, e dali se foram pera Calecut. João da Nova, e os outros Capitães, vendo a mercê, que lhe Nosso Senhor fez em os salvar de tanta nuvem de fréchas, e assi de alguma artilheria fraca, davam-lhe muitos louvores em ficarem livres de tanto perigo, posto que per alguns dias muitos tiveram que curar nas fréchadas que alli houveram. Chegados a Cochij, foram recebidos de Gonçalo Gil, e dos outros, que com elle estavam, com muito prazer, tanto polos verem, como pola victoria que houveram, da qual

El-

ElRey de Cochij tambem teve grande contentamento por razão do odio , que lhe já o Çamorij tinha , e das nossas victorias dependia a segurança de seu estado. E porque a dilação da carga , que se devia de dar ás náos , daria causa a que o Çamorij apercebesse maior frota , mandou ElRey de Cochij com muita diligencia dar despacho a João da Nova. O qual tanto que se fez prestes , leixando com Golçalo Gil mais seis , ou sete homens , tornou-se a Cananor , no qual caminho tomou huma náó , que depois de esbulhada a queimou por ser de Calecut. ElRey de Cananor , quando vio João da Nova em tão poucos dias tornar com as náos , como elle dizia , tão carregadas de victorias , como de especiaria , tambem o quiz festejar com bom despacho , acabando de lhe dar toda a carga , que havia mister ; e ainda pera o mais contentar , mandou-lhe dizer que não cuidasse que tinha feito pouco damno ao Çamorij : cá , segundo tinha nova , naquella peleja lhe matára per conta quatrocentas e dezeseite pessoas , por causa das quaes todo Calecut era posto em pranto. A qual nova certificou hum Gonzalo Pexoto , que era dos que se acolhêram a casa de Coge Bequij , quando matáram Aires Correa , per o qual o Çamorij mandou dizer a João da Nova quão descontente es-

ta-

tava daquelle commettimento, que os Mouros fizeram, porque o seu animo sempre estivera puro pera os Portuguezes, e mui desejoso da amizade d'ElRey de Portugal; mas que o Demonio inimigo de toda paz ordena, que entre os Portuguezes, e os Mouros houvesse odios antigos, donde procedêram as cousas passadas. E porque elle Camorij tinha castigado os principaes, que foram causa de algumas cousas accidentaes, em que os Portuguezes tiveram culpa em lhe tomarem suas náos, lhe rogava que, esquecidas todas estas cousas, quizesse levar comsigo dous Embaixadores, que queria enviar a ElRey de Portugal pera assentar paz com elle. Porque esperava que esta paz, que nunca pudera assentar com seus Capitães, estes Embaixadores que mandasse a assentariam com ElRey; e que se per ventura tivesse algum escrupulo por razão de algumas cousas, que foram tomadas na casa, em que estava o Feitor Aires Correa, elle as queria pagar, e pera isso podia ir ao porto de Calecut, onde lhe entregaria tanta especiaria, quanta ellas valessem. João da Nova informado per Gonçalo Pexoto do que lhe mandava dizer Coge Bequij, que não confiásse nestas palavras do Camorij, porque tudo eram industrias, e artificios dos Mouros, não lhe quiz responder,

porque tambem Gonçalo Pexoto, vendo-se livre, disse, que não queria tornar ao cativoiro onde estava. Finalmente deixando João da Nova mais alguns homens a Payo Rodrigues a requerimento d'ElRey, partio-se de Cananor com a mais carga, que alli recebeo, e de caminho tanto avante com o monte de Lij, tomou huma náó de Mouros, que era de Calecut. Espedido João da Nova da costa da India com tantas victorias, e boas venturas, que lhe Deos deo, fez sua viagem caminho deste Reyno; e ainda neste caminho, passado o Cabo de Boa Esperança, teve outra boa fortuna, que lhe deparou Deos huma Ilha mui pequena, a que elle poz nome *Sancta Helena*, em que fez sua aguada, posto que da India té alli tinha feito duas, huma em Melinde, outra em Moçambique. A qual Ilha parece que a creou Deos naquelle lugar pera dar vida a quantos homens vem da India; porque depois que foi achada té hoje, todos trabalham de a tomar por terem melhor aguada de toda esta carreira, ao menos a mais necessaria que se toma, quando vem da India. E tanto que as náos, que alli vem ter, se hão por salvas, e navegadas, pola necessidade, que ellas trazem, polo muito refresco que nella acham, como adiante veremos, dando razão de quem foi causa disso.



fo. Partido da qual, João da Nova chegou a este Reyno a onze de Setembro de quinhentos e dous, onde o ElRey recebeo com grande honra pola muita que elle ganhou como Cavalleiro, e como prudente em os negocios que fez, e acabou.

FIM DO LIVRO V. DA DECADA I.



... AQUI se JOÃO DE BARCELONA
... da qual, João da Nova chegou
... a ilha de S. Paulo de Setembro de 1498
... e depois, sendo o REI regresso ao
... grande reino, pediu terras que lhe foram
... dadas em S. Paulo, e com o produto de
... as vendas que fez, e acabou.

FIM DO LIVRO V. DA DECADE I.

L
79443

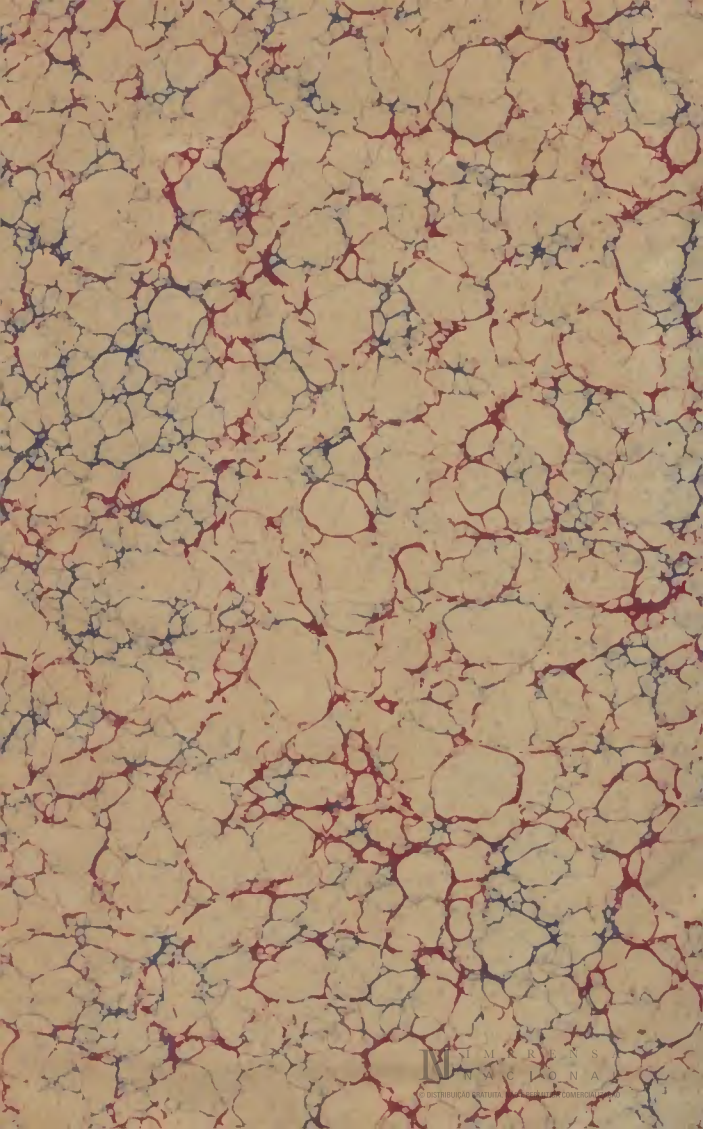


PRIMEIRO MERIDIANO

IMPRENSA NACIONAL

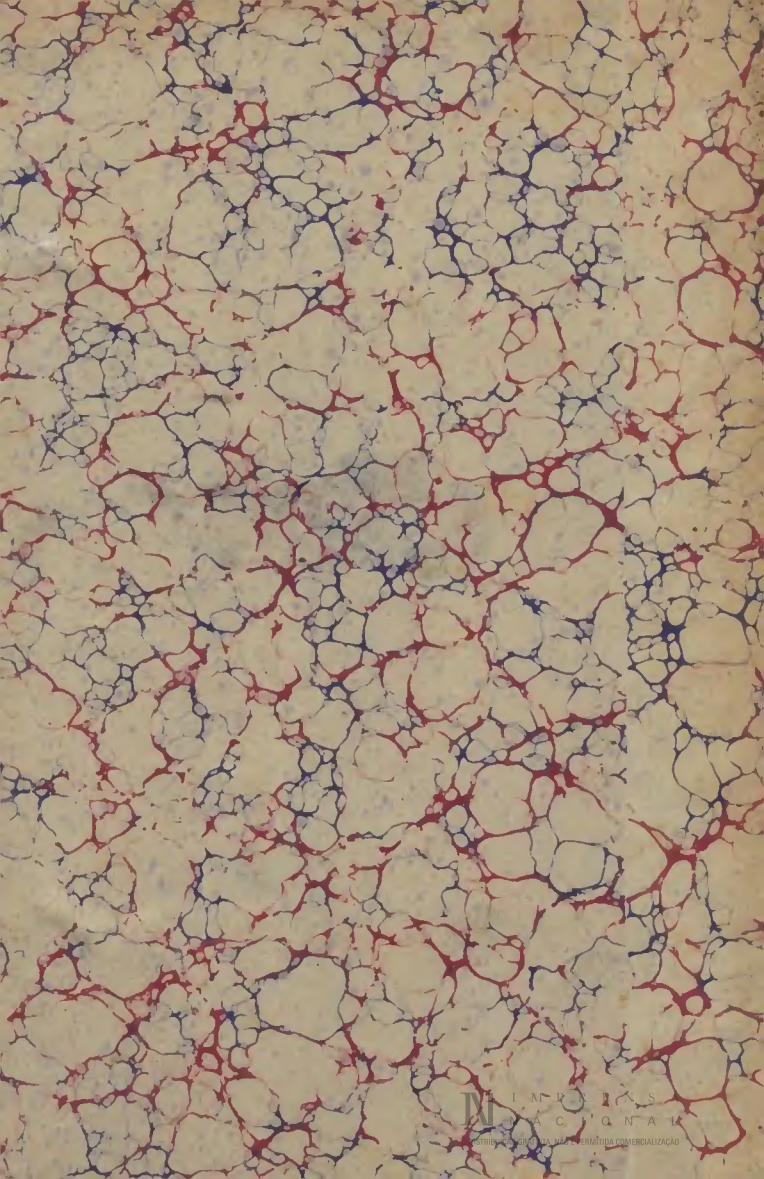
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Barros No Fim do T.I.P.I.



INSTITUTO
NACIONAL DE
COMERCIALIZAÇÃO

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - NÃO SE Vende em COMERCIALIZAÇÃO



NB



■EFC0000000171■